

A CHAVE PARA SALVAR O FUTURO PODE ESTAR NO NOSSO PASSADO



KEVIN EMERSON

O CÓDIGO PERDIDO

LIVRO UM DA TRILOGIA OS ATLANTES


Fantasy



Ficha Técnica

Copyright © 2012, Kevin Emerson.
Tradução para a Língua Portuguesa © 2015 by LeYa Editora Ltda.
Título original: *The Lost Code*

Preparação: A Florista Editorial
Revisão: Vivian Souza
Diagramação: Designios Editoriais
Capa: Rico Bacellar

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

(Angélica Ilacqua CRB-8/7057)

Emerson, Kevin
O código perdido / Kevin Emerson ; tradução de André Caniato. – São Paulo: LeYa, 2015.
352 p. (Os Atlantes, v. 1)

ISBN 9788544102046
Título original: *The Lost Code*

1. Literatura americana 2. Literatura fantástica 3. Literatura infantojuvenil I. Título II. Caniato, André

15-0133 CDD 813

Índice para catálogo sistemático
1. Literatura americana

2015
Todos os direitos desta edição reservados à LEYA EDITORA LTDA.
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP
www.leva.com.br

*Aos meus pais, por sempre me apoiarem em minhas atividades artísticas e
por terem me mandado a um acampamento de verão.*

*Antes do início, houve um fim
Três escolhidos para morrer
Para viver a serviço da Qi-An
O equilíbrio de todas as coisas
Três guardiões da memória das primeiras pessoas
Pessoas que se julgaram mestres de toda a Terra
Que foram longe demais e se perderam
Para a terra regurgitada
Para o dilúvio.
Três que esperarão
Até muito depois do desaparecimento da memória
E, caso a hora chegue mais uma vez,
Quando os mestres quiserem submeter a Terra à sua vontade
Os três despertarão para salvar a todos nós.*

PARTE I

*Boa noite, Mãe do Mar,
Boa noite, Pai do Céu,
Escondam de nós as casas submersas,
E os flutuantes rostos ao léu.*
— Tradicional canção de ninar da Grande Ascensão

*Vamos ao SoHo
Comprar antiguidades num barquinho.*
— Os Trilobites, “Nova ode a Manhattan”

1

Na manhã seguinte à minha chegada ao Acampamento Éden, eu me afoguei pela primeira vez. Já havia nadado três quartos da prova de natação da cabana quando a câibra que vinha me incomodando finalmente apertou. Fiquei paralisado, minhas pernas pararam de funcionar e eu afundei.

Bate as pernas!, ordenei em pensamento, desesperado, mas a ordem não chegou nem ao meu abdômen. A câibra era como um punho fechado, apertando cada vez mais forte, provocando uma dor sem fim. Estendi os braços em direção à superfície, mas só encontrei água e bolhas. Continuei me debatendo, tentando chamar a atenção do pessoal da minha cabana, que estava nadando lá em cima, porém ninguém percebeu nada.

Nunca deveria ter entrado na água, não deveria nem ter participado da prova. Sabia disso, mas fui tentar mesmo assim, por causa dela, da Lilly, salva-vidas e membro dos Conselheiros em Treinamento (CET). Não se consegue impressionar alguém como a Lilly sendo covarde demais para entrar na água e dar umas braçadas. E lá em cima, no deque, impressioná-la me pareceu ser mais importante.

Era possível vê-la, agora, um borrão vermelho, parado ali, nos observando. Observando todos os outros, pelo menos. Acho que não chamei atenção o suficiente para que ela me visse.

E isso não era novidade nenhuma.

Afundei mais, para as profundezas geladas. Meus braços pararam; os músculos estavam cansados demais e a dor da câibra me cegava. Pressão nos ouvidos. A luz enfraquecendo à minha volta.

Um sentimento começou a crescer no meu peito, uma certeza: *Owen, chegou a hora de respirar*. A ordem era um fato, como se houvesse pequenos operários com macacões amarelos dentro do meu corpo, monitorando todas as minhas funções em telas brilhantes. Sempre me senti assim, como se outras pessoas estivessem me controlando, como se eu só existisse por existir.

O operário que monitora as batidas do meu coração sussurrou para a vizinha, que cuida dos níveis de oxigênio do meu sangue. A tela dela piscou como um mau agouro. Os bipes persistentes a fizeram balançar a cabeça. *Não podemos fazer*

muito mais que isso, ela disse. *Vamos precisar de ar.*

O desejo cresceu, como um balão se expandindo no meu peito. Como se eu tivesse de respirar. Expirar. Inspirar. Mesmo cercado por água do lado de fora em vez de ar. Isso não parecia importante.

É tudo o que posso fazer, soltou outro operário, observando os últimos sinais de oxigênio abandonando meus pulmões.

Não! Eu não podia... Mas o corpo não passa de uma máquina, e não imagina que você vai estar debaixo d'água quando precisa de ar. É provável que pense que você não seria tão idiota assim. E se fosse, bom, aí há três bilhões de humanos restantes que provavelmente não cometeriam o mesmo erro, então, obviamente, não vale a pena passar seus genes adiante. A sobrevivência do mais forte, esse era o plano. Mas o planeta já teve *dez* bilhões de pessoas. Não sei se perder setenta por cento da espécie era parte desse grande projeto. Talvez fosse a hora de os genes voltarem para a mesa de projetos.

As entradas estão ficando sobrecarregadas, avisou outro operário.

Terá de ser feito, decretou o monitor do sangue.

Não... Não... Pressão por todo lado. Eu me esforcei para manter a boca fechada. Posso controlar a câibra, e aí nadar para cima...

RESPIRA!

Não! Tinha de me segurar, tinha de...

Mas a boca se abriu de qualquer jeito.

O ar explodiu em bolhas. Observei-as, impotente, rebolando até a superfície. A água entrou para substituir o ar e senti o peso de uma dor fria — *gelada!* — me empurrar para baixo. Meus pulmões se enchiam e, por um segundo, tudo aquilo doeu tanto...

Então, parou. A dor se foi, deixando um rastro silencioso, do mesmo jeito estranho que as chuvas de relâmpagos acabavam de repente lá em casa, e depois só ficava um silêncio, sem mais estrondos, sem mais vento, só o crepitar das cinzas na terra queimada e o assobio das pedras.

Calmo. Eu estava tão calmo. Quando já havia me sentido assim? Sem preocupações, sem pânico? Será que morrer era assim?

Senti tudo no meu corpo diminuindo de ritmo. Os operários estavam estudando as telas com uma leve surpresa. *Ora, isso foi inesperado*, comentou o monitor dos pulmões, observando, consternado, a inundação.

A mulher que observava as atividades do meu cérebro balançou a cabeça.

Provavelmente, mais alguns minutos, informou, *e então tudo estará acabado.*

Sabia o que ela queria dizer. Li que o cérebro pode viver por cerca de quatro minutos sem oxigênio. Até mais, se a água estiver muito fria, mas o lago dentro do Domo Éden Oeste era mantido a 22°C, o que, supostamente, era a temperatura

ideal dos verões passados. Sabia várias coisas desse tipo, mas saber das coisas não tinha me ajudado em nada. Músculos melhores, um abdômen sem defeito — essas eram as coisas que teriam me deixado mais apto a sobreviver.

Afundi na escuridão. Meus pés tocaram o fundo enlameado, criando nuvens de partículas marrons. Plantas escorregadias se agarraram aos meus tornozelos, dedos de criaturas invisíveis das profundezas. Caí de joelhos e joguei o corpo para trás, deixando minhas costas se apoiarem no muco frio.

A superfície parecia outro mundo. Lá estavam meus companheiros de cabana, deslizando em linha, mãos e pés batendo sem parar no espelho irregular que era a superfície da água. As linhas das raia vibravam em suas posições. Alguns deles estavam terminando a prova agora, subindo no deque flutuante.

Lá em cima estavam as Nuvens-cópia macias vagando gentilmente pelo azul nublado do Céu-cópia, a tarde iluminada pela luz morna das lâmpadas Sol-seguro. Mais um dia de verão perfeito na floresta temperada, do mesmo jeito que havia sido meio século atrás, antes da Grande Ascensão, época em que o aquecimento global e as mudanças climáticas saíram de controle. As temperaturas exorbitantes e o esgotamento selvagem da camada de ozônio transformaram a maior parte da América do Norte em um deserto. O degelo rápido das calotas polares fez com que os oceanos devorassem as costas. As antigas tecnópolis de Nova York, Xangai e Dubai afundaram, e bilhões de pessoas ao redor do mundo se tornaram refugiadas climáticas, deslocadas e destinadas a morrer com as guerras, as pragas e o caos que seguiram. Os únicos abrigos seguros eram as faixas estreitas de terra nas Zonas Habitáveis, a sessenta graus de latitude norte, e os cinco domos Éden, nos quais as pessoas podiam continuar vivendo como tinham vivido no passado.

Mesmo com a água escura à minha frente, eu conseguia enxergar até lá em cima, o teto de Éden Oeste. Quando cheguei na noite passada, saindo do trem-bala depois de um dia inteiro de viagem, da minha casa, no Centro Yellowstone, até aqui, onde costumava ser Minnesota, o domo tinha me parecido ainda mais impressionante que nas imagens que eu vira: uma curva infinita de um branco perfeito, um guardião impenetrável das pessoas que viviam ali dentro. Mas, daqui debaixo, era possível ver as marcas pretas nos lugares em que ele tinha sido danificado pela crescente radiação solar. Alguns dos painéis triangulares eram brancos, brilhantes, no entanto a maioria estava acinzentada e cheia de manchas. Consegui avistar também a estação de monitoramento no meio do telhado, uma espécie de olho no centro do domo cuja função era monitorar constantemente erupções solares, tempestades de areia ou chuvas de relâmpagos.

Ainda em casa ouvi rumores de que todos os domos Éden estavam falhando. A Federação Norte tinha medo de que fosse só uma questão de tempo. E então as

cidades modernas seriam história, só que, em vez de submergir, os Édens cozinhariam, e este laguinho secaria junto com todo o resto. Quando isso acontecesse, talvez eles encontrassem meus ossos no meio da lama rachada.

Mais um minuto, contou a operária que monitorava o meu cérebro. De novo, tentei mexer meus braços, minhas pernas, qualquer coisa. Inútil.

Praticamente todo mundo estava fora d'água agora. Todo mundo passando no teste e eu aqui, morto. Será que algum dos meus colegas já tinha notado o que havia acontecido? E a Lilly? Será que ela já havia se esquecido de mim? E do nosso momento no deque?

— Ei, você, você vai ficar bem? — Lilly perguntou pouco antes da prova de natação.

Todos os dez componentes da minha cabana estavam apinhados na frente dela em uma das beiradas do deque largo em formato de um H, ancorado a uma praia pequena e marrom. Dentro da metade anterior do H ficava a área rasa destinada à natação infantil. Presas à metade posterior ficavam as linhas das raia. Era lá que a prova acontecia. Os campistas mais velhos tinham de participar dela para conseguir um nível de nadador, que ia de Alevino a Tubarão. Você tinha de ser um Tubarão para fazer as coisas legais na água, como navegar, andar de caiaque ou nadar até a grande balsa azul que tem um trampolim, onde os CETs passavam o tempo e faziam acrobacias.

Eu não tinha nem percebido que a Lilly estava falando comigo, pois até então estava distraído. Olhava para a água, tentando me acostumar à visão de árvores para todo lado, ao toque do ar, que era úmido e pesado, com cheiro de flores e vida. E também a toda essa galera saudável e bem alimentada ao meu redor, agindo como se estar em um lugar assim, se sentir ao *ar livre* em um dia de verão, não fosse nada de mais.

Mas acho que o que me preocupava era a prova, e dava para notar.

— Ei — Lilly chamou mais uma vez.

Finalmente, eu me virei e vi que ela estava me encarando. O outro motivo para olhar o nada era que, assim, eu não ficaria olhando para ela com a mesma cara de bobo que a de todo o resto da cabana. Ela estava vestindo shorts verdes e largos com um maiô vermelho, as tiras finas destacando os ombros lisos. O cabelo castanho-escuro, caindo em tranças, tinha mechas tingidas de verde-limão e a pele cor-de-areia estava coberta do tom lavanda do filtro Radiação-zero, que tínhamos sido instruídos a passar por volta do meio-dia. Ela usava óculos escuros espelhados e chinelos azuis, e os dedos dos pés brilhavam com o esmalte perolado. Estava de pé com o quadril inclinado para um lado, uma mão apoiada nele e a outra girando um apito no indicador. Parecia impossível que ela fosse só

um ano mais velha do que a gente.

— Hã? — Minha voz estava falhando de leve.

Isso fez alguns membros da minha cabana rirem. Eles eram a unidade central da cabana, um grupo que se formou quase que imediatamente em volta de um rapaz a quem todos chamavam de Sanguessuga.

Lilly os ignorou.

— Só quero saber se você tá bem.

— Ah, tô legal — respondi rápido, tentando encarar os óculos de aros prateados em meio ao brilho da água e do sol e fazer meu olhar dizer: *Sim, eu consigo fazer isso*, mesmo tendo quase certeza de que não conseguia.

Fiz aulas de natação na infância, quando tinha água o suficiente para encher a única piscina do Centro Yellowstone. Eu não era ótimo, mas fui bem. Isso foi antes da hérnia que tive no ano passado, que é tipo uma doença de velho. Mas não fiquei surpreso, porque parecia que, se existia a chance de alguém se machucar fazendo qualquer coisa, esse alguém era eu. Asfixia temporária por causa dos esporos dos mofos de caverna nas salas de aula? Já tive. Pulso torcido jogando *paddleball*? Também. A hérnia provavelmente começou quando toda a minha sala foi forçada a mergulhar em cavernas, o esporte mais popular do Centro. Sempre pareceu que o meu corpo fosse feito de um material mais fraco, ou que eu tivesse sido criado para uma coisa diferente de tudo o que eu normalmente tinha de fazer.

Tecnicamente, uma hérnia começa com uma fissura na parede abdominal. Você pode ter uma sem nem saber direito, e foi isso o que aconteceu comigo. Acho que ela cresceu aos poucos. Até que um dia fui me curvar para pegar o sanduíche que havia caído no caminho para a mesa de almoço e um pedaço do meu intestino saiu do lugar. Aí fiquei com um inchaço estranho na pele e senti uma dor forte para caramba.

Tive de fazer uma cirurgia para consertar aquilo.

— Você vai precisar tomar mais cuidado com atividades pesadas por algum tempo — foi o que o médico me disse. E desde então tenho câibra toda vez que exagero um pouco.

Meu pai me colocou neste acampamento, mas parece que os salva-vidas não sabiam da história toda. E lá estava eu, sem contar nada para a Lilly.

— O Tartaruga já era — comentou Sanguessuga perto de mim. O grupo em volta dele riu de novo, como riam de todas as suas piadas.

Ele abriu um sorriso debochado, semicerrando os olhos pequenos e fazendo as sardas escuras aumentarem de tamanho. Pela aparência você não pensaria que ele era o líder da nossa cabana. Não era como se ele fosse um atleta incrível, um cara bonitão ou algo do tipo. Ele era baixinho e bem magrelo, coberto de sardas e com olhos assimétricos que sempre pareciam estar meio fechados. Mas tinha uma

coisa que ninguém mais ali tinha: ele estivera no acampamento nas duas últimas temporadas naquele verão, e por tantos anos quanto possível antes disso. E, só por esse motivo, ele era o rei, e uma das funções reais era dar apelidos.

Como “Tartaruga”, o que não fazia sentido. No entanto, como foi o Sanguessuga que criou, tinha de ser esse, e seus subordinados achavam que era hilário.

Mas Lilly se limitou a fazer uma cara feia. Aparentemente, os poderes do Sanguessuga não se estendiam aos conselheiros.

— Você... — ela começou a dizer. — Ah, espera. — Balançou a cabeça dramaticamente, como se estivesse resolvendo um grande mistério. — Você só está tentando ser engraçado.

Uma risada estourou de toda a cabana. Os amigos do Sanguessuga o cutucaram com os cotovelos e ele deu um sorriso sem graça.

— Eu sou engraçado — afirmou ele, mas a resposta não saiu tão empolgada assim. Era a primeira vez que eu o ouvia falar daquele jeito.

Mesmo ele sentia aquele sei-lá-o-quê que a Lilly tinha. Como se ela tivesse seu próprio domo Éden ao seu redor, algum tipo de campo de força. E era como se perto dela esse campo de força se estendesse até você, te deixando seguro. Tipo naquele momento, quando o Béquer, que na verdade se chamava Pedro e era uma das poucas pessoas que sofriam mais do que eu naquela cabana, chegou a rir alto da situação, em risadas bobas e compridas.

— Cala a boca — grunhiu um cara do bando do Sanguessuga, empurrando o Béquer para dentro d’água.

A mão de Lilly voou e pegou o apito no meio de um giro.

— Opa, qual é o seu nome, valentão?

— Jalen? — ele respondeu, como se a Lilly o tivesse feito questionar o próprio nome.

Ele era o mais alto de nós, com músculos que o faziam parecer mais velho. Não era aquela musculatura meio tosca que se via nos caras mais fortes do Centro. Os músculos do Jalen eram bem torneados e pareciam naturais, como se tivessem se desenvolvido sem esforço, como se tivessem sido inflados com um compressor de ar. Jalen tentou estufar o peito para parecer que não estava com medo.

Lilly fechou a cara para ele e olhou para além de nós.

— Ev! — ela gritou.

Outro CET, o Evan, olhou em nossa direção. Tirou a mecha de cabelo loiro-branco dos olhos e se virou, com um par de ombros que faziam os de Jalen parecer modelos iniciantes.

— E aí, Li?

Lilly apontou para o Jalen.

— Coloca esse garoto na caixa pra mim?

Já sabíamos que a caixa era a sombra que ficava embaixo da cadeira dos salva-vidas e tinha um formato de quadrado.

— Vai andando, babaca — ela disse, olhando para o Jalen. — Divirta-se com as outras crianças. — Os campistas pequenos estavam brincando na praia, em volta da caixa, correndo e gritando e jogando areia.

— Que seja — Jalen resmungou. — Isso é burrice.

— Opa! Não me faz pedir pro Ev bater em você — devolveu Lilly —, porque ele vai fazer tudo o que eu disser.

Jalen fez cara de quem tinha outra resposta, mas pensou melhor antes de dizer qualquer coisa. Ele se arrastou em direção à praia.

— Divirta-se! — Lilly gritou para ele. Ela se virou para nós. Todo mundo em um silêncio mortal. — Você está bem? — ela perguntou para o Béquer, que estava subindo no deque com todo mundo assistindo.

— Ótimo — ele respondeu, com cara de quem não estava nada ótimo.

Lilly olhou de relance para Sanguessuga e depois se voltou para mim.

— E aí, você vai ficar bem nisso aqui? — Ela balançou a mão, indicando a água.

— Vou — menti, tentando soar confiante.

— Qual é o seu nome?

— Owen Parker.

Ela sorriu.

— Não sou sua professora de Matemática. Não precisa falar o nome todo.

— Desculpa.

Ela levantou uma sobrancelha. Seus olhos eram um mistério por detrás dos óculos escuros, e calculei que ela me considerava uma causa perdida. Mas ela continuou olhando para mim e o sorriso continuou lá, me fazendo perceber que de repente estava muito difícil ficar parado sem fazer alguma coisa idiota, como tentar falar algo engraçado ou me jogar no lago.

Eu me perguntei se já tinha me apaixonado por ela, daquele jeito à primeira vista que era o único tipo de amor que eu conhecia de verdade. O tipo que você podia ter sem precisar contar a alguém, inclusive sem que a pessoa te conheça. O tipo que era perfeitamente seguro, sobre o qual você não tinha de fazer nada.

Ela desviou o olhar de mim. Eu me virei para o outro lado e encontrei Sanguessuga me encarando com um sorriso de escárnio, como se avisasse que agora eu estava em sua lista negra pelo que tinha acontecido com o Jalen.

— Então, onde estávamos? — disse Lilly. — Certo: a prova. Ela é bem simples. Cinco minutos flutuando, depois nado livre, costas, peito e borboleta, duas voltas cada. Pra ser um Tubarão, sua forma tem de estar perfeita. Entenderam?

Balançamos a cabeça de leve. Sim. Forma perfeita. Desde que a Lilly tinha nos deixado na extremidade do deque, notei todo mundo tentando melhorar a postura e arrumar o cabelo. Até eu, apesar de ter feito menos tentativas.

— Muito bem, então. Podem entrar.

Nós nos organizamos em uma fileira e pulamos. A água foi um choque, o frio me envolveu até os ossos e senti um gosto estranho, um pouco ácido; parecia que eu tinha colocado a língua em alguma coisa de metal. Era diferente do gosto químico do qual me lembrava lá da piscina do Centro.

Nós nos preparamos para a largada.

Lilly segurou um cronômetro que estava pendurado no pescoço dela.

— Valendo.

Comecei a bater os pés, a mexer os braços e a pensar: *Vai, você consegue fazer isso*. Mas já estava começando a sentir a câibra. Ainda assim, quando a Lilly soprou o apito, minha cabeça ainda estava fora d'água.

— Muito bem, nada mal, peixinhos. Agora venham pra cá e comecem a voltas.

Segurei firme no deque e tentei fazer meu estômago relaxar. *Agora você precisa sair*, pensei. Mas fiquei ali.

— Próximo — Lilly chamou.

De três em três, partíamos e começávamos o nado livre. E, mais uma vez, de alguma forma, consegui fazer tudo, e de costas, e até mesmo de peito. Dava para sentir meu corpo se contraindo, só que, por incrível que pareça, mesmo afundando mais a cada braçada, eu estava quase lá.

Mas, no fim, foi o nado borboleta, o estranho e inexplicável borboleta, com a batida esquisita de dois pés juntos e as investidas de braços abertos, que acabou comigo. Por que tínhamos de nadar daquele jeito? Era como um teste para eliminar os mais fracos. Bati os pés, insisti, o corpo falhou e afundei, para minha tumba escura e silenciosa.

* * *

Pisquei, sentindo a pressão da água nos meus olhos, a dor nos ouvidos, o frio no nariz e na garganta, o peso do líquido nos pulmões. Tudo estava dormente. Eu ouvia um gemido distante, parecia mecânico, e também o burburinho abafado das vozes lá longe, na superfície.

Agora que era tarde demais, tudo o que eu conseguia pensar era que devia ser uma droga estar morto. Era injusto e idiota e eu odiava isso. Eu nem queria vir para este acampamento, para começo de conversa! Mas aceitei, e era isso o que ganhava.

O escuro dominou minha visão, como uma névoa, cobrindo tudo. Os operários estavam checando os monitores uma última vez.

É isso, então, disse um, observando as batidas do meu coração ficando mais lentas até pararem.

A superfície foi desaparecendo aos poucos, até se tornar preta.

Adeus, Lilly, pensei.

Desligando, avisou a operária do cérebro.

Foi bom trabalhar com você, um disse para o outro, apertando as mãos.

Apagaram as luzes, fecharam as portas. Tudo ficou escuro.

Por um tempo.

Então, avistei uma luzinha distante. Era de um azul pálido, tremendo na escuridão.

Owen.

Hum?

A luz pareceu pulsar. Talvez essa fosse a última mensagem da minha mente à beira da morte, aquela que faz você pensar que é a luz no fim do túnel. Ou talvez fosse mesmo a luz no fim do túnel. Talvez eu estivesse prestes a me erguer ao céu, ou a ser pego por vultos que me levariam morto até os braços de Helíade-7, a deusa do sol que era venerada no Sul.

Porém, isso parecia mais... real. Como se os meus olhos estivessem mesmo abertos, e como se aquela luz estivesse deslizando pela água acima de mim. Era alongada e fluida, quase como se estivesse viva.

Você não chegou ao fim, ela disse.

Eu morri, pensei de volta.

Não. Este é apenas o começo. Parecia uma voz de menina. *Encontre-me. No templo abaixo da Aquinara.*

A luz se aproximou. Parecia ter uma forma. Um rosto. Um rosto bonito, talvez...

Templo?

O que é antigo será renovado. O que foi perdido será encontrado.

Quê?

Encontre-me, Owen...

A luz se apagou.

Escuro de novo.

Por um tempo.

Ei, Owen...

Quem é você?

— Owen.

Abri meus olhos. Luz demais. O frio agora não estava tão intenso. Em vez da

umidade do fundo do lago, eu estava sob uma areia dura e áspera. Em vez da pressão da água, eu sentia agora o nada do ar.

Eu estava deitado na praia, os campistas reunidos ao meu redor.

E aquele sentimento calmo de fim terminou com um ataque de tosse horrível. A água saiu do meu corpo, borbulhando para fora da boca, um redemoinho marrom de água do lago, vômito e catarro, caindo do meu peito na areia.

E lá estava Lilly. Suas mãos em punho no meu esterno. A cabeça se afastando como se...

RCP, pensei, o que quer dizer que a boca dela e a minha...

Para de pensar nisso! Que tal pensar em como você não tá morto?

Contudo, era estranho: o fato de eu não estar morto não parecia uma surpresa muito grande. Eu me sentei. Todo mundo se afastou. A sujeira saía de dentro de mim e pingava pelo queixo. Tinha um cheiro azedo e era quente.

— Deixem-me passar — uma voz adulta gritou por detrás do pessoal.

Olhei para baixo, para mim mesmo. Ainda havia plantas grandes e castanhas presas nas minhas pernas, nos meus braços. Agora eu via que elas tinham base plástica. De mentira. Meu abdômen estava coberto com manchas de lama e os restos de vômito do lago.

Caí para trás, apoiado nos cotovelos. Tentei falar, mas minha voz soou como um cochar, como um réptil.

— Hã...

Lilly se curvou, se aproximando. Sua trança molhada passou pelo meu braço.

— Não tente falar ainda.

Mas eu precisava. Soltei mais um tanto de água e catarro.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Você... — Lilly começou, mas aí o mar de pessoas se dispersou e meu conselheiro, Todd, apareceu. Atrás dele estava a Dra. Maria, médica do acampamento.

— Muito bem, nos deixem passar. — Eles se colocaram cada um de lado meu.

Eu me virei para Lilly. Seu olhar ainda estava tão estranho... Então ela se abaixou depressa.

— Não importa o que aconteça nos próximos dois dias, não conte nada para eles. Ainda mais sobre o tempo que você ficou lá embaixo.

— Quê? Quanto tempo eu...

Ela se aproximou mais, seus lábios roçando minha orelha, o hálito morno fazendo pressão no meu ouvido.

— Você ficou lá embaixo por dez minutos.

— Dez? Mas como... — Minha voz quase não saiu.

— Com licença, Lilly. — A Dra. Maria se curvou ao meu lado.

— Não se preocupe — Lilly sussurrou. — Esse é só o começo. Confia em mim.

Ela se afastou e ficou me encarando.

Esse é só o começo. Encarei-a de volta. Sem os óculos, seus olhos eram bem claros. Acenei com a cabeça. Decidi confiar nela.

Em seguida, a Dra. Maria estava se curvando sobre mim e a Lilly estava saindo dali e o Sol-seguro me fez semicerrar os olhos. Tossi mais água.

— Deite-se, Owen — pediu a doutora. Ela segurou um aparelhinho retangular em cima de mim. Ele tinha um ponto de vidro que começou a brilhar com uma luz verde quando ela o aproximou do meu rosto.

Fechei os olhos por causa de todo aquele brilho. Minha cabeça pareceu sair do lugar e tudo se apagou mais uma vez.

2

Houve mais escuridão, e então ouvi vozes.

Fragmentos de uma transmissão:

Boa tarde, aqui é a Teresa Alamos. Falando agora das últimas novidades da Rede Éden...

Novas imagens do Éden Centro mostram as chamas varrendo o Deserto Francês...

As lutas continuam na fronteira da Federação América-Canadá, enquanto a Aliança Nômade tem feito novos esforços coordenados para penetrar nas defesas do sexagésimo paralelo e atravessar a Zona Habitável...

O relatório mais recente liberado pelo Conselho de Climatologia da Federação Norte indica que o ritmo do aumento do nível do mar sofreu uma leve diminuição neste último ano. Os estudos apontam que sobrou pouco gelo na Groenlândia e, depois dos grandes desmoronamentos das plataformas de gelo que vimos na Antártica, a principal fonte de gelo continental aparentemente permanece estável. Ainda assim, apesar de o pior da Grande Ascensão já ter passado, suas consequências continuam a causar estragos, especialmente na Ásia. Hoje, o Éden Leste afirma haver mais violência na fronteira da Corporação do Povo da China, logo ao norte da atual costa do Oceano Índico. O sal continua a arruinar as terras cultiváveis da região, causando ainda mais sofrimento ao meio milhão de refugiados climáticos restantes no antigo subcontinente. E uma irrupção de um novo tipo letal de cólera-D resistente a antibióticos vai, certamente, piorar a situação...

Agora havia vozes falando baixinho, vindas de algum lugar próximo.

Dra. Maria:

— Ele parece estar se recuperando bem.

E uma voz masculina:

— Você já descobriu, exatamente, o que aconteceu?

— Pelo que os outros membros da cabana me disseram, passaram-se pelo menos cinco minutos, se não mais. Ele definitivamente se afogou, mas fiz um escaneamento mPET e a atividade cerebral parece normal.

— Algum dano físico?

— Só as marcas no pescoço que...

O homem a interrompeu.

— Ótimo. Parece bom. Vou ler o relatório. Mande-o vir me ver quando ele estiver se sentindo bem. Obrigado, doutora.

Para as condições climáticas locais, vamos falar com Aaron Cane, comandante das operações do observatório Olho de Águia...

Obrigado, Teresa. Bom, temos mais do mesmo aqui em cima. As temperaturas externas de hoje estão acima de 46°C, e é provável que isso seja só o começo do que julho nos reservou. Não é muito divertido para os humanos, mas as antilocapras daqui parecem gostar bastante.

Meus olhos finalmente se abriram, e encontrei a tela em um canto do quarto. O rosto de Aaron Cane, jovem, com óculos de aros finos e cabelos pretos e curtos, tinha sido substituído por uma visão de fora. A câmera deu um zoom na parte de baixo do exterior do domo, com a superfície coberta de areia e queimada pelo sol, e depois focou nos anéis concêntricos de milhares de painéis solares brilhantes, em seguida se virou para a terra árida e rachada que se estendia para todos os lados. Uma manada de antilocapras vagava por lá, pastando os restos de grama debaixo das saliências de xisto cinzento, seções alongadas de pavimentação revirada, fundações de casas desmoronadas e carcaças de carros viradas de cabeça para baixo. A única área regular na topografia destruída era a passagem curva do túnel do trem-bala, sua superfície pontuada aqui e ali por passagens de ar.

Criaturas bonitas, mas não as mesmas que seus trisavós caçavam aqui em Minnesota.

Voltando à monitoração solar, parece que teremos condições calmas para os próximos dias, então, espero que os níveis de Radiação UV estejam se regularizando. A integridade do domo (ID) ainda é avaliada em 86%, mas temos previsão de ozônio deteriorante para o final de semana, e podemos esperar níveis elevados de radiação e talvez uma diminuição de meio por cento na ID, apesar de a Radiação-defesa dizer que estão no processo de substituição de dois dos painéis Ozônio-cópia, então, talvez, aguentemos firme. E é esse o

relatório daqui de cima.

Meus olhos se fecharam, trêmulos, e perdi a noção das coisas mais uma vez.

Owen...

Água escura, alguma coisa se enrolando nas sombras, azul tremeluzente...

Encontre-me...

— Owen.

Olhei para cima e vi a Dra. Maria se curvando sobre mim.

— Ele está de volta — anunciou, com um sorriso que parecia amigável. A doutora tinha cabelos pretos e compridos com algumas mechas grisalhas. Estavam presos para trás com uma presilha. Usava um jaleco branco por cima de uma camisa de flanela e jeans. As roupas eram retrô, de antes da Ascensão, tendo até mesmo um botão aberto que deixava o pescoço exposto. Se fosse um médico do Centro, estaria vestindo um pulôver Radiação-baixa padrão e calças de cores escuras e superfícies cintilantes que refletem a luz do sol. O zíper estaria completamente fechado, os punhos seriam apertados. Mas aqui, na segurança do domo, o estilo retrô fazia parte do acampamento e, aparentemente, era possível relaxar um pouco.

— Oi. — Falar doía.

A Dra. Maria ajustou alguma coisa no meu pescoço. Levei as mãos até o local e encontrei curativos ali. A área ao redor deles coçava um pouco. Aquilo me surpreendeu. Não me lembrava de ter machucado o pescoço. Comecei a coçar, mas ela segurou minha mão.

— Cuidado. Esses ferimentos são delicados. Você precisa tentar não tocá-los.

— Ela se sentou e curvou a sobancelha. — Então, Owen, você se lembra do que aconteceu?

Tentei lembrar. As coisas estavam confusas na minha cabeça.

— Tive uma câibra — respondi. — Não consegui nadar no estilo borboleta.

— Hum. — Ela sorriu e balançou a cabeça. Pegou um tablet na mesa ao lado da minha cama e passou o dedo pela superfície. — Sempre achei esse estilo meio estranho — comentou. — Eu assistia às Olimpíadas e pensava: “Por que alguém ia querer nadar assim?”.

— Olimpíadas? — repeti.

— Ah, sinto muito — disse a doutora. — Revelando minha idade. É uma coisa de antes da Ascensão, havia muitos mais países, e havia jogos para os quais cada país enviava seus melhores atletas para competir. Tentaram continuar fazendo isso, mas vários países estavam muito endividados ou em situações caóticas. Acho que eu tinha por volta de dez anos quando as últimas Olimpíadas aconteceram. De qualquer forma, nadava-se borboleta. É estranho pensar que,

com tanta perda, uma coisa tão boba assim fosse continuar. — Ela suspirou. — Mas, se formos ver, é esse o propósito do Éden Oeste, fazer tudo ficar como era antes. — Pensei ter ouvido uma nota de desaprovação em sua voz quando ela terminou de falar, mas não tinha certeza.

Ela segurou um estetoscópio no meu peito e ficou ouvindo por um momento.

— Parece bom. Mas, então, alguma ideia de como machucou o pescoço desse jeito?

— Não, nenhuma — respondi.

— Talvez você tenha ficado preso nas raíais ou algo assim antes de afundar...

Balancei a cabeça.

— Acho que não.

Ela pôs uma mecha de cabelo de volta atrás da orelha e trouxe uma luz para a frente do meu olho.

— Bom, não foram ferimentos profundos o suficiente para precisar de pontos, então passei um antibiótico tópico. — Meu olho esquerdo ficou cego com o *flash* branco. Ela foi para o outro olho. — Gostaria que você viesse amanhã para trocar os curativos. E você não deve entrar na água de novo até que os ferimentos melhorem, apesar de que eu aposto que você não pretende fazer isso tão cedo. — Ela sorriu.

— Não. — Sorri de volta. Aquilo me pareceu razoável. Quanto mais eu pensava sobre as feridas, mais elas coçavam e esquentavam, como se a pele estivesse sendo cozinhando aos poucos.

— Talvez alguma coisa tenha machucado o seu pescoço no fundo do lago — sugeriu a Dra. Maria. — O Lago Éden deve ter um ecossistema inteiramente funcional... sabe, com peixes e sanguessugas e esse tipo de coisa. Você provavelmente não quer ouvir falar disso.

— Não.

Pensei sobre as plantas falsas que se agarraram a mim. Mas isso não quer dizer que elas não eram criaturas de verdade também, como em um aquário, e se fiquei lá embaixo por dez minutos mesmo, como a Lilly disse...

Lilly.

Eu me lembrei de seus lábios na minha orelha. Qual era a dela? O que ela queria dizer com: “Não importa o que aconteça nos próximos dois dias, não conte nada pra eles”? O que, exatamente, ela pensava que ia acontecer? Eu me afoguei, talvez tenha ferrado o meu pescoço e fui salvo no último minuto. Só que dez minutos depois não são o último minuto. Não era praticamente impossível eu ter sobrevivido? Talvez a Lilly tenha exagerado. A Dra. Maria disse que foram poucos minutos. É uma diferença bem grande, em termos de afogamento. Mas tinha mais uma coisa...

Encontre-me, Owen. Aquela luz, aquela voz. O que tinha sido aquilo? Provavelmente só algum tipo de alucinação, meu cérebro viajando sem oxigênio.

— Acho que já podemos tirar isso — a Dra. Maria estava dizendo. Ela se curvou sobre o meu braço esquerdo, onde havia um tubo que saía do meu cotovelo e terminava em uma bolsa cheia de líquido. Tirou o tubo do gancho e segurou meu antebraço. — Você vai sentir uma picadinha. — Ela puxou e o tubo escorregou, seguido por uma gota de sangue. Senti a picada, mas a dor sumiu depressa. — Prontinho.

Ela pôs um curativo redondo no local. Percebi, então, suas unhas pretas, o que me pareceu meio moderno demais para uma médica de acampamento, e quando seus dedos macios cor de amêndoa apertaram meu braço eu me lembrei da minha mãe. Isso era a cara dela: o toque de modernidade. Talvez a Dra. Maria fosse um pouco mais velha. Mas é difícil ter certeza. A mãe em quem eu estava pensando era a de oito anos atrás, quando ela foi embora. Era provável que estivesse diferente agora. Onde quer que estivesse. Nunca nos contou. Enviou cartas por algum tempo, mas nunca com local ou data. E há uns três anos, mais ou menos, ela parou de escrever.

— Muito bem — disse a doutora. — Acho que podemos ir. Se você prometer manter as mãos longe das feridas, libero você pra voltar para a cabana.

— Não posso ficar? — Imaginei meus colegas me olhando dos beliches como predadores esperando a minha chegada, prontos para atormentar a pobre Tartaruginha afogada.

A Dra. Maria arrumou o cabelo mais uma vez e suspirou.

— Sinto muito, Owen. Eu sei que eles são complicados.

— Às vezes.

— Bom — ela continuou —, os primeiros dias de uma temporada são sempre os mais difíceis. Muitas coisas mudam em um mês. Você ficaria surpreso com as pessoas que acabam se tornando amigas no fim. — Ela tocou a tela do seu tablet. — Ah, quando terminar de se vestir, o diretor gostaria que você desse uma passada por lá. No fim do corredor. Nós nos vemos amanhã, está bem? — Ela sorriu e saiu da sala.

— Combinado.

Alguém tinha trazido uma bermuda, uma camiseta e um tênis para mim. Saí da cama e comecei a tirar o roupão de hospital. Meu peito doía, minhas costelas reclamavam a cada inspiração. O lado direito do meu corpo, o da cãibra, ainda estava dolorido. Passei um dedo sobre a cicatriz rosada de quatro centímetros da cirurgia de hérnia, logo embaixo da minha cintura. Era um queloide macio.

Um espelho no canto mostrava o meu eu nada inspirador, magrelão, um filho do racionamento, nem um pouco parecido com os meninos do Éden, mas também sem

ter nada a ver com as pessoas acampadas na fronteira da Federação América-Canadá (AC). Posso não ter muitos músculos, com as clavículas e as costelas visíveis, mas pelo menos o encaixe dos ombros e os ossos do quadril não apareciam tanto. Ter um pai que trabalhava para a Companhia de Aquecimento Geotermal do Centro significava ter comida o suficiente. Os genes dele, e não a fome, eram os maiores culpados pela minha magreza. Além de o fato de que as coisas que ajudam a desenvolver seu corpo de verdade eram também as coisas nas quais nunca fui muito bom.

Meu pai me dizia que eu podia malhar mais na academia da escola, ou até mesmo me juntar à equipe de escavação. Eu sabia que ele queria o meu bem, e que provavelmente estava certo. Eu conseguiria músculos melhores se tentasse, mas parecia que levaria uma eternidade para isso — quase como se, para ganhar um tipo de físico, você precisasse já *ter* um físico bom. E nunca tinha me sentido mais distante disso do que naquele dia na escola obrigatória, quando todo mundo teve de vestir uma roupa apertada de neoprene, igual às que os escavadores vestiam, e tentar praticar o esporte. Odiava ficar exposto daquele jeito. Usar uma sunga hoje de manhã tinha sido tão ruim quanto. Talvez eu fosse até de uma espécie diferente de pessoas como o Evan, aquele CET que ganhou um apelido de uma sílaba da Lilly.

Terminei de vestir as roupas, tomando cuidado ao passar a camiseta pelo pescoço. Os curativos pareciam um colar cervical. Passei os dedos por cima, e esse toque de leve foi o suficiente para atíçar a coceira ali embaixo. Minhas unhas começaram a arranhar a parte inferior, cavando sob o tecido macio, desesperadas para coçar. *Não, para. Ela te disse pra não fazer isso.* Tirei os dedos dali. As pontas trouxeram sangue com elas. Tratei de limpá-las na roupa, e deixei manchas. A coceira aumentou, pulsando. Tentei ignorar enquanto saía da sala.

Do lado de fora, o corredor era pintado com uma cor pêssego-cereja. Fotos em preto e branco emolduradas mostravam montes cheios de pinheiros a intervalos regulares nas paredes. Havia outras cinco portas de consultórios, todas abertas. Ouvi a Dra. Maria falando suavemente dentro de um deles, mas não pude entender o que ela dizia. À direita, o corredor terminava em uma porta vermelha sólida com um teclado numérico. Ela parecia estranha e moderna, se comparada a todo o resto ali. Era meio como ver os painéis do domo de debaixo d'água, um vislumbre dos bastidores. À direita, havia uma porta de aparência antiquada com uma janela de vidro fosco. Entrei ali, indo parar em uma sala escura com paredes feitas de painéis de madeira.

Havia uma porta em cada parede, cada uma com uma janela igual. Uma delas dava para fora. As outras tinham letras douradas dizendo “Escritório” e

“Diretor”. Aquela pela qual eu tinha passado dizia “Enfermaria”. Havia poltronas de couro rachado nos cantos e mesas de café com pilhas de revistas velhas de papel.

Era como estar em uma dessas exposições do museu de história de Yellowstone, aquelas que explicam sobre os Estados Unidos de antes da Ascensão, de antes da Guerra dos Recursos Justos, quando o país invadiu o Canadá e criou a Federação América-Canadá. O nome faz soar como algo pacífico, como se os dois países tivessem se juntado de forma feliz, mas meu pai dizia que era uma mentira. A invasão e a ocupação tinham sido sangrentas e horríveis.

Passei pela porta do diretor. Lá avistei uma mesa larga no fim da sala, uma cadeira preta e alta atrás dela e duas cadeiras de tecido na frente. A mesa era antiquada, contudo o topo tinha sido substituído por um monitor de vidro. Arquivos brilhavam por toda a superfície. Na parede atrás da mesa, um quadro de avisos estava coberto com mapas que pareciam ter sido desenhados por um especialista, mostrando litorais complexos e cadeias de montanhas. Eu me perguntei se o diretor os tinha desenhado pessoalmente.

Havia uma lareira grande na parede à esquerda, feita de pedras cinzentas gigantes e sujas de fuligem. A cabeça de algo que eu tinha certeza de que era chamado de bisão estava presa em cima dela. Na parede à direita ficavam estantes altas de livros gastos e um sofá de couro. A sala cheirava a pinho e fuligem, um cheiro do qual me lembrava vagamente das minhas roupas e dos meus lençóis na época do Incêndio Trienal, que acabou com as últimas florestas do oeste americano. Começou quando eu tinha quatro anos, e durante um ano e meio mal vimos o sol.

A parede atrás de mim estava coberta com fotos que emolduravam a porta. Eram imagens do acampamento, ano a ano. As mais antigas eram em preto e branco, depois mudavam para sépia. Grupos de meninos e meninas de cabelos rebeldes. Nada em especial separava as décadas, só o tamanho e a cor das pessoas. Foram de magrelas e majoritariamente brancas para mais roliças e com uma variação maior de cores de pele. E nas fotos recentes ficaram mais magras de novo. Nas últimas poucas fotos elas não estavam mais bronzeadas do sol, suas peles estavam vermelhas de protetor solar Radiação-zero.

— Fascinante, não é? — Um homem me observava da porta. Ele entrou e estendeu a mão. — Meu nome é Paul. Sou o diretor. E você... você deve ser o Owen. — As palavras soaram quase como se eu fosse uma celebridade ou coisa do tipo.

— Oi. — Apertei sua mão. Era fresca, com a pele macia ao toque.

Ele era um pouco mais alto que eu e era velho, devia ter uns cinquenta. Como

as da Dra. Maria, suas roupas eram retrô, acho que do jeito que as de um diretor de acampamento de verão teriam sido, com jeans, uma camisa azul de botões até o colarinho, e um colete com as iniciais C e E, Corporação Éden, bordadas. Tudo era bem folgado, menos a gravata listrada, que estava firmemente presa, e tinha um nó perfeito. Seu cabelo era grisalho e ondulado e seu rosto era fino, cheio de sardas e pontinhos pretos sobre a pele bronzeada do tempo passado no sol.

A única coisa moderna nele eram seus óculos de armação quadrada e preta. As lentes cintilavam em uma sombra escura que indicava proteção contra a Radiação. Tinha quase certeza de que aquele tipo de coisa podia ser desligada em óculos assim, ou suavizada, pelo menos. Mas Paul continuava a usá-la no máximo, mesmo estando dentro da sala, então eu não podia ver seus olhos. Ele parecia estar sorrindo, mas os óculos deixavam o sorriso estranho, incompleto.

Ele fechou a porta e apontou para as fotografias.

— Há quase duzentos anos os campistas passam por aqui... bom, isso sem contar a pausa de quinze anos para construir o domo.

— Ah.

— Costumavam chamar esse lugar de Acampamento Aasgard — Paul continuou. Sua voz era baixa, com palavras lentas e homogêneas. — Havia uma temática viking por causa dos achados arqueológicos que ocorreram aqui perto. O Lago Éden na verdade costumava ser uma parte do Lago Superior, antes de o grande lago secar. Imagine, vikings por aqui.

— Isso é muito legal — comentei com sinceridade. Era interessante tentar imaginar um lugar como foi antigamente, tipo Yellowstone, que costumava estar sempre cheio de pessoas dirigindo em casas sobre rodas, procurando por animais no meio dos bosques, sem ligar para mais nada.

— Muito. — Meu interesse pareceu animá-lo um pouco. — Aparentemente, os vikings subiam os canais vindos do Atlântico, e desciam pelos da Baía de Hudson. A maioria das pessoas não sabe disso — ele acrescentou mais suavemente —, mas a maioria das pessoas não sabe sobre muitas coisas.

— Hum.

Notei que todas as fotos à esquerda da porta traziam *Acampamento Aasgard* em letras engraçadas no topo, com chapéus de Viking dos dois lados. As fotos à direita estavam identificadas com *Acampamento Éden*.

— E isso não é tudo — Paul continuou. — Se esse tipo de coisa lhe interessa, o Éden tem mais algumas surpresas.

— Tipo o quê? — perguntei, ainda interessado, mas também tentando soar educado.

— Bom, para começar, há minas de cobre nesta região, com quase dez mil anos de idade. Isso nos faz refletir sobre quem esteve aqui e o que eles estavam

fazendo? Acho esse tipo de reflexão muito intrigante.

— Uau.

Havia cidades antigas no Centro, todas abandonadas, mas elas tinham só uns quarenta anos. Dava para imaginar as pessoas vivendo lá, como fantasmas, vivendo a vida pré-Ascensão com carros, gramados e coisas do tipo. Nossa vida era majoritariamente subterrânea, mas mesmo assim era parecida. Ainda tínhamos tecnologia como canais de vídeo e telefones sub-rede e luzes elétricas por pelo menos uma parte do tempo, e tínhamos até mesmo coisas novas, como tecnologia holográfica.

— Também temos o nosso próprio estudo arqueológico aqui. — Paul apontou para as fotos do acampamento. — O mundo lá de fora mudou muito, como tenho certeza de que você já sabe, mas a vida por aqui continuou a mesma, com grupos de adolescentes sorrindo, aproveitando a vida. É bom saber que isso ainda é possível... — Ele se voltou para a mesa. — Se você fizer o que for preciso. — Ele se sentou em sua cadeira e fez um gesto para mim. — Sente-se.

Obedeci. Paul tinha juntado as pontas dos dedos e estava me encarando, mas sem dizer nada até então. Depois de alguns segundos, eu me perguntei se ele estaria esperando que eu dissesse alguma coisa. Ele estava tão parado, sentado ali. Fiquei incomodado por não poder ver seus olhos. Comecei a me sentir estranho, como se eu estivesse sendo examinado.

— A Dra. Maria me disse para vir ver o senhor — eu disse, finalmente.

— Sim. — Mais um segundo se passou, e ele continuou a me encarar... Então ele se endireitou e virou de costas. Pegou uma jarra e um copo de metal de um armário atrás dele. Os lados da jarra estavam esfumaçados por causa da condensação. — Refresco? — ofereceu.

— Claro.

O “refresco” do Acampamento Éden era só um suco de frutas. O típico suco em pó, do tipo que a gente tinha em casa. Só que havia mais sabores por aqui, cada um de uma cor diferente, sempre brilhante, e o gosto também não era igual, mas, no fim, todos acabavam tendo gosto de refresco. Eu tinha experimentado aquele antes. Era roxo e se chamava Explosão Concord. Ouvi falar que Concord era um tipo de uva, mas tiraram a palavra “uva” do nome porque não usavam mais uvas de verdade, e talvez nem tivesse mais gosto de uva — não que eu soubesse, já que nunca tinha comido uma, na verdade.

Paul me entregou o copo. Tomei um gole. Mais ácido do que doce. Ainda assim, igual a todos os outros. Gostosinho, até.

— Obrigado.

— De nada.

Seu rosto ficou sem movimento mais uma vez. Talvez sorrindo, mais ou menos.

Era impossível saber com aqueles óculos.

Em seguida, ele se curvou para frente e passou a mão pela superfície do monitor da mesa. Arquivos deslizaram por ali.

— Então, Owen, o principal motivo de eu querer ver você era dizer que sinto muitíssimo pelo que aconteceu hoje. Todos do Acampamento Éden estão felizes por você estar melhor.

— Estou bem.

— Aparentemente. — Paul estava estudando um arquivo. Parecia uma tabela de números. — Seus testes me pareceram normais — seu dedo tocou o arquivo e parte dele aumentou de tamanho, mas, como tudo estava de cabeça para baixo, não pude entender o que estava escrito —, *melhores* que o normal. Você possui níveis de hemoglobina visivelmente altos.

— Isso é estranho? — perguntei. Não me lembrava de ter ouvido isso de nenhum médico antes.

Paul não respondeu de cara. Ele continuou lendo, arquivos se movendo rapidamente pelos seus óculos. Até que se endireitou e me encarou mais uma vez.

— Não — respondeu —, está completamente dentro da variação esperada. E você se sente normal, apesar desses ferimentos no seu pescoço?

— Sim.

— Ótimo. Muito bem, pode ficar tranquilo, nós conversamos com a salva-vidas que te perdeu de vista. Certificamo-nos de que ela ficasse ciente de seu erro.

— Não foi culpa da Lilly — intervi imediatamente. — Tive uma câibra. — Não queria que a Lilly se encrencasse por isso, por mim.

— Certo — disse Paul. — E, para ser justo com a jovem Srta. Ishani, ela não havia sido informada de sua condição. — Paul passou o dedo por outro arquivo. — Uma hérnia... Mais uma vez, minhas desculpas. Esta informação deveria ter chegado aos salva-vidas.

— Eu queria ser um Tubarão.

Paul balançou a cabeça.

— É claro que queria. E gosto de seu espírito. Sem medo de se arriscar para conseguir o que quer.

Eu não teria me descrito assim.

Ele tocou o monitor mais uma vez.

— Falei com seu pai e o avisei do que aconteceu e de que você está bem. Ele me parece um bom homem.

— Sim. — Eu me perguntei se meu pai estava preocupado e, por um segundo, pensei: *Bem feito pra ele*. A ideia de me colocar no grupo para vir para cá foi dele. Ele vivia falando em como um mês no Acampamento Éden era um mês que eu não precisaria passar no Centro, um mês no qual não teria de ajudá-lo com seu

problema respiratório, com as embalagens de nebulizadores e com o catarro bege que nunca parecia descer completamente pelo ralo, um mês no qual eu poderia me divertir do jeito que as pessoas se divertiam antigamente. Não queria me inscrever, porém vi o quanto ele queria que eu tivesse essa experiência, e, além disso, as chances de eu ser escolhido eram muito fracas. Mas aí eu fui.

— Vocês dois se dão bem? — Paul quis saber.

— A-hã. — Balancei a cabeça afirmativamente. A gente se dava bem. — Não conversamos muito — expliquei —, mas não de uma forma ruim.

Paul pareceu sorrir de novo. Sua boca se alargou, pelo menos.

— Pais e filhos não costumam se dar bem — comentou. — Mas parece que ele não te pressiona muito. — O sorriso desapareceu. Eu me perguntei se ele estaria pensando sobre o próprio pai.

— Não é isso — retruquei. — A gente meio que tem o nosso jeito. — Era estranho responder perguntas sobre o meu pai. Quase me senti como se o estivesse defendendo ou algo do tipo. E eu não precisava fazer isso. Meu pai pegava no meu pé, às vezes, mas nunca chegamos a brigar de verdade. Na maioria das vezes ele chegava em casa bem tarde, com a respiração pior que nunca, e sempre estava cansado, e eu descongelava um jantar para nós. Parei para pensar em que dia era hoje... Terça-feira. Noite da pizza com jogo de futebol da Liga Ártica. Eu me lembrei de quando conferi a tabela e vi que seriam Cidade de Baffin e Ilha Helsinque. Ele sempre perdia a primeira metade, então, quando chegava, eu passava um resumo dos principais acontecimentos. Ele teria de adivinhar sozinho hoje à noite. Desejei que ele não tivesse problemas com o jantar, e que sua tosse não estivesse muito ruim.

Paul checkou meu arquivo.

— E são só você e seu pai, pelo que vejo.

— Sim.

Esse comentário também fez eu me sentir estranho. Como se Paul estivesse apontando defeitos. Não queria que ele soubesse de todas essas coisas, mas é claro que toda a minha situação estava estendida na tela diante dele. Talvez ele só estivesse tentando ser solidário, se conectar, como adultos tentavam fazer às vezes.

— Não há informações de contato de sua mãe, aqui.

— Não temos nenhuma. — Dizer isso me deu um aperto forte no estômago. Era sempre esse o sentimento que pensar na minha mãe parecia criar.

— Meus pais se separaram quando eu tinha cerca de quinze anos — disse Paul. — Eu via os dois brigando, então não foi uma surpresa, mas foi, ainda assim, desafiador. É difícil aceitar que nossos pais são apenas pessoas, e às vezes é ainda mais difícil aceitar quem são essas pessoas.

— É. — Estava na defensiva mais uma vez. Claro que eu pensava sobre a partida da minha mãe e ficava bravo com isso, às vezes, mas não estava gostando da ideia de Paul julgá-la. No entanto, talvez ele não estivesse fazendo isso. O tom era tão estável que não se podia saber o que ele queria dizer sem ver toda a sua expressão.

Ficamos sentados ali por um segundo.

— A vida no Centro é bem desafiadora — Paul continuou.

— Acho que sim. — Não queria mais conversar, porém talvez ele tivesse razão. Pensei sobre a vida lá de casa. Viver em um apartamento no complexo de cavernas, as luzes fluorescentes escurecendo toda hora que a carga geotermal acabava. A escola era legal, normal, mas só se comparada com o resto que eu conhecia. Muita gente tinha asma por causa dos gases, mas eu não. Nunca tinha pensado que minha vida e família eram ruins, contudo, acho que eram, se comparadas com as coisas por aqui.

Paul bateu palmas que ecoaram agudas e secas pela sala.

— Muito bem, Owen, todas essas são boas razões para finalmente tê-lo aqui. Você é exatamente o motivo de eu ter começado a fazer as listas para convidar pessoas de fora do Éden Oeste para ser parte do nosso acampamento.

— Obrigado — agradei, ficando ainda mais na defensiva. Não gostava de ser um dos casos de caridade, o pobre forasteiro a quem era dada uma chance maravilhosa.

— Não, *eu* que agradeço — ele retrucou, com um tom que me pareceu quase sarcástico, mas talvez fosse só impressão minha. — Ouça — ele continuou —, pode não ter parecido até agora, porém sua estada no Acampamento Éden pode mesmo mudar sua vida. Na verdade, no seu caso, acho que posso até garantir isso. — Outro sorriso. Cada um me fazia ter mais vontade de ir embora.

— Certo.

— Então... — Ele misturou as imagens em sua mesa. — Eu o inscrevi no Salão de Ofícios nas atividades optativas. Você estará com pessoas mais novas, mas tudo correrá bem. E marquei “não” em seus arquivos para quaisquer tipos de atividades que poderiam ser uma ameaça para você, como o nado urso polar. Não queremos que você saia por aí se machucando.

Não tinha ideia do que ele estava falando. Ursos polares? Eles estavam extintos há quase trinta anos. Será que o Éden tinha um por aqui? Talvez isso estivesse anunciado no panfleto do acampamento e eu não tinha lido. E por que ele estava falando de mim como se eu fosse uma mercadoria valiosa? Talvez ele não fosse isso o que ele queria dizer, mas era assim que soava.

— Bom, isso deve bastar. — Paul juntou os dedos novamente. — A Dra. Maria deixou anotado sobre seu retorno para o acompanhamento, amanhã.

— Sim.

— Neste caso, pode voltar à sua cabana, agora.

Balancei a cabeça e me levantei. Paul também.

— Ouça, Owen. Eu posso ser o diretor daqui, mas também quero ser seu amigo. Se precisar de alguma coisa, ou ficar preocupado sobre qualquer coisa...

— ele deu a volta na mesa e veio em minha direção — venha falar comigo antes, combinado?

— Hum, claro — respondi, tentando acabar com a conversa.

— Especialmente — a voz de Paul diminuiu quase para um sussurro — sobre esses...

Ele levantou a mão, e seus dedos foram em direção aos curativos no meu pescoço. Alisou o tecido com gentileza. As feridas começaram a pegar fogo daquele jeito que coça, então me encolhi e dei um passo para trás.

— Lamento — ele disse, baixinho. Não tinha ideia se ele estava sendo sincero, porém seu sorriso nunca esteve tão largo, como se ele não lamentasse muito verdadeiramente. De repente, eu precisava sair dali.

— Preciso ir. — Fui em direção à porta e a escancarei, tentando ficar calmo, mas tinha vontade de sair correndo.

— É claro. — Paul não me impediu. — Owen?

Eu me virei e o vi parado, com postura tranquila e as mãos nos bolsos.

— Lembre-se de que já vi de tudo. Quanto mais você me contar, mais vou poder ajudar.

— Certo, hum, obrigado.

E saí.

3

Do lado de fora estava escurecendo. A temperatura estava amena, a brisa era como uma mão suave. A umidade do ar fez minha pele ficar pegajosa. Era uma sensação estranha, mas, se comparada a Paul, era um alívio.

A intensidade das lâmpadas Sol-seguro foi diminuída e agora o brilho era laranja, e as Nuvens-cópia estavam roxas. O vento tinha sido desligado e os insetos faziam um monte de sons diferentes: zumbidos e chiados e barulhos intermitentes. No Centro a gente só via os insetos que não davam a mínima para a Grande Ascensão, como formigas e moscas, e as baratas, que tinham se adaptado e ficado do tamanho de uma mão, competindo com as cobras pelo suprimento de roedores.

A ideia é que Éden Oeste tenha todos os animais que costumavam viver nesta parte do país, com exceção de mosquitos e de moscas que mordem, que, com razão, não haviam sido incluídos no pacote. Estava passando por arbustos altos de flores roxas perto do refeitório, flores que Todd tinha chamado de rododendros, e vi insetos listrados de amarelo e preto zumbindo pelo local. Abelhas. Abelhas de verdade. Até que fez sentido. Já havia ouvido histórias de como eles tinham coisas como mel de verdade nos Édens, igual às coisas que existiam na Zona Habitável, ao norte.

Parei para vê-las trabalhando, voando até uma flor, depois tremendo as delicadas estruturas das pernas e dos abdomens para retirar pólen. Parecia tão incrível que criaturas assim, tão pequenas e complexas, trabalhassem no mesmo mundo que oferecia coisas gigantescas como oceanos, ou um Incêndio Trienal, ou até mesmo este domo exorbitante.

Algo se moveu no ar, aproximando-se do arbusto como se estivesse sendo controlado por um manipulador de marionetes. Eu me encolhi, mas depois vi que era só uma borboleta, outra criatura que não passava de lembrança no Centro e na maior parte do mundo. Suas asas eram azuis-cobalto e verdes com espirais pretas. Ela tremulou em volta do arbusto, como se estivesse procurando por uma flor desocupada. Aproximei meu braço e ela se balançou, para depois pousar bem em cima do meu pulso. Mal dava para sentir suas patinhas.

Aproximei o inseto do meu rosto para poder olhar melhor, as asas se mexendo

devagar para cima e para baixo, as patas se reajustando até que ela quase parecia estar me olhando diretamente. Tinha um abdômen longo e fino, duas antenas delicadas e olhos brilhantes. Só que o olho era um só. E não era nem um olho... Era uma câmera. Agora eu percebia um zumbido baixinho e cliques quando as patas se moviam.

Um robô.

A cauda era uma antena de verdade. Olhei para cima, para o Céu-cópia lavanda, e me perguntei se alguém lá no Olho de Águia estaria controlando essa coisa. Ela saiu da minha mão e tremelicou para longe de mim e do arbusto, sem chegar a precisar do néctar das flores para sua bateria.

Comecei a descer a colina, seguindo a direção dos campos de atividades. A coceira no meu pescoço tinha recomeçado, queimando mais. Apesar do aviso da Dra. Maria, meus dedos encontraram o lado de fora dos curativos e começaram a esfregar de leve. Ajudou um pouco.

As cabanas dos meninos ficavam no lado sul do acampamento, no bosque entre os campos de atividades e o Monte Aasgard, que não era uma montanha de verdade, e sim uma colina alta com um grupo de pedras descobertas no cume, que se destacavam e quase tocavam a superfície curva do domo. O granito brilhava na luz cor-de-rosa do pôr do sol.

Avancei pelos pinheiros em um caminho coberto de lascas de madeira. A floresta estava calma, menos nas proximidades de um dos controladores de ar. Um acorde constante de sons de insetos zumbia ao fundo, e fiquei na dúvida se o som era mesmo real ou se estava sendo transmitido por alto-falantes escondidos.

Cheguei ao conjunto de cabanas dos meninos. As das meninas ficavam do outro lado dos campos, perto da praia. Cada cabana tinha o nome de uma criatura extinta, e já dava para ouvir os gritos e os baques selvagens vindos da minha, a Hienas-malhadas, antes mesmo de ela entrar no meu campo de visão.

Cheguei na porta e senti os nervos se agitarem, como sempre. Já odiava aquele lugar, e tinha certeza de que não passaria por aquela transformação incrível da qual o Paul e a Dra. Maria me falaram.

Entrei na sala de estar. Todd estava deitado em sua cama, a aba curva do boné abaixada sobre os olhos. Ele estava lendo um livro de papel. Outro costume do lugar.

— Oi, Owen, é bom ver você de volta. Está se sentindo bem?

— A-hã. — Passei por ele e fui para o dormitório. Os beliches de madeira ficavam nas paredes, com uma janelinha do lado de cada um. Uma parede era reservada para os armários. Todo mundo estava fazendo alguma coisa, alguns meninos jogavam dados no chão de madeira, outros riam, alguns estavam sentados nas camas altas com as pernas penduradas para fora. Fui direto para a minha, que

era num canto distante, ao lado da saída.

Estava quase subindo a escada quando uma meia embolada e com cheiro de suor passou pela minha cabeça e foi bater na parede.

— Olha só, o Tartaruga tá vivo!

Olhei para trás e Sanguessuga me encarava da cama dele, onde estava apoiado no cotovelo, estendido como realeza, sem dar nenhuma indicação de ter sido ele a jogar a meia. Todos pararam quando o ouviram falar, e começaram a me olhar também.

— Achamos que você tinha morrido — disse Jalen, parecendo desapontado.

Queria dizer alguma coisa, mas, o quê? Sanguessuga era o líder incontestável, era inútil lutar contra isso. Quando chegamos ao dormitório, cada um pondo sua bolsa nas camas sem nada e enfiando as malas debaixo delas, a cama do Sanguessuga já tinha sido decorada com pôsteres, fotos e desenhos, as coisas dele já estavam penduradas nos nichos. Ele estava vestindo a camiseta pintada à mão da temporada anterior, assinada pelos outros campistas e até mesmo pelos conselheiros, como se fosse uma espécie de manto para o rei que ele era. Já tinha mostrado que conhecia todo mundo da equipe pelo nome, e todos o conheciam também. Até mesmo os cozinheiros o cumprimentavam.

Ele começou a apelidar as pessoas logo no primeiro jantar, na noite anterior. Eu estava ocupado comendo massa de trigo de verdade pela primeira vez, e tinha também uma planta folhosa chamada espinafre, que era mais verde do que qualquer coisa que eu já tinha visto e tinha um gosto amargo e cheiro de pedra molhada. As pessoas estavam fazendo discursos de boas-vindas para todo o acampamento, quando ouvi Sanguessuga falar.

— Que tal... — Ele coçou o queixo com o indicador e o dedão, como um cientista trabalhando duro. Jalen e seus outros capangas já estavam chegando mais perto. — Ah, já sei! — E apontou teatralmente para os dois meninos do lado oposto da mesa. — Bunsen e Béquer. — Sua gangue gargalhou, apesar de eu não ter certeza se eles sabiam de onde aqueles apelidos vinham. Eu não sabia. — Quem mais? — Sanguessuga passou os olhos semicerrados pela mesa. Pararam em mim. Ele balançou a cabeça e sorriu: — Tartaruga. — Mais risada dissimulada.

— Quê? — Foi minha resposta, porque eu não sabia nem o que ele queria dizer com aquele apelido. Nunca achei que eu parecesse muito com uma tartaruga, já que não sou gordo, então fiquei pensando se não seria por causa de como as tartarugas de Yellowstone viviam em tocas, e eu também vivia debaixo da terra.

— Tartaruga — ele repetiu. E acho que o fato de eu ter ousado questionar sua autoridade fez o sorriso diminuir. — É o seu nome.

O motivo para o meu apelido acabou sendo ainda mais burro do que eu tinha

pensado. Fiquei sabendo mais tarde que foi só porque eu estava *usando* uma camisa de gola rulê, o que lembrava o pescoço de uma tartaruga. Ninguém nem chamava mais aquilo de rulê. Eu nunca nem tinha ouvido a palavra. Era só um pulôver Radiação-baixa, do tipo que todo mundo usava lá no Centro. Era parte do uniforme da minha escola, onde os níveis de Radiação eram um problema diário.

E o motivo para Sanguessuga conhecer uma palavra antiga como *rulê* era que ele era um Crio. Ele tinha sido congelado durante a Grande Ascensão e colocado de forma segura dentro de Éden Oeste pelos pais dele, que não tinham dinheiro para que eles mesmos fossem. Depois que as coisas se acalmaram, os Crios foram acordados em lotes. Ele e os outros viviam no Lar Crio, que era como um lar adotivo localizado na cidade principal do Éden Oeste. Todos os Crios tinham vindo para o acampamento, mas o restante dos meninos era aparentemente normal, netos dos habitantes originais do Éden Oeste, então isso era só mais uma parte de suas vidas cheias de luxo. Não que eu os culpasse por isso. Ter crescido aqui não era culpa deles. Não dava para esperar que soubessem como é estar do lado de fora, tratar o sol como um inimigo, nunca ter provado espinafre.

Comi sem fazer barulho naquele jantar, pensando: *Ótimo, ainda tenho vinte e nove dias para ficar aqui e já fui identificado, categorizado e selado.* E as coisas só pioraram com o passar da refeição. Fiquei em silêncio pela maior parte do tempo, menos quando Todd me perguntou alguma coisa, e fiquei assistindo amizades se formarem ao meu redor, uma pessoa gravitando em direção à outra, aquela coisa natural que as pessoas faziam, a não ser eu, um satélite solitário com órbita própria. Era como na escola, e eu nunca soube como isso acontecia, como se fazia aquela mágica que te tornava parte de um grupo, e parecia que, mais uma vez, já era tarde demais antes mesmo de começar.

Havia dez pessoas na nossa cabana. Logo na primeira noite, soubemos o básico: Sanguessuga, Jalen e Xane eram os Crios. Mike, Carl, Wesley, Bunsen e Béquer viviam com suas famílias em Éden Oeste. Noah e eu éramos os forasteiros. Ele era de Dallas Beach, ao longo da costa do Texas. Era como o Centro: um pequeno estado satélite da Federação AC, o que significava que, a não ser pelas unidades militares que iam e vinham para escoltar os suprimentos, o lugar estava largado à própria sorte. Podia-se imaginar que isso teria feito com que nos tornássemos amigos, mas o Noah já tinha deixado claro que queria se juntar ao Jalen e ao Mike como um dos capangas do Sanguessuga. Acho que poderia ter feito o mesmo, mas nunca cheguei a pensar nisso. E tinha ficado óbvio pelo final do jantar naquela primeira noite que nenhum outro convite para aquele clubinho seria expedido. Além disso, tinha certeza de que eu não gostava dele desde o primeiro momento em que nos vimos.

Jalen e Sanguessuga começaram imediatamente a integração, fazendo

referências a programas de TV, quadrinhos e porcarias antigas, da pré-Ascensão, falando em código e fazendo o restante se sentir inferior. Quando Sanguessuga começou a apelidar todo mundo no jantar, Jalen foi o único que riu. Xane entendeu as piadas, mas não entrou na deles. Foi ele quem me disse o que Tartaruga significava depois.

— O que aconteceu com o seu pescoço? — Béquer perguntou quando cheguei à escada do meu beliche. A cama dele ficava embaixo da minha. Sanguessuga tinha dois armários, mesmo que, em teoria, devesse ter um só, então todos os sapatos e as roupas do Béquer estavam enfiados debaixo de sua cama.

A simples menção ao meu pescoço fez com que a coceira parecesse aumentar.

Estava prestes a responder quando a voz do Sanguessuga explodiu pelo quarto.

— Béquer! Achei que tinha te falado pra ficar quieto!

Béquer suspirou em silêncio e encolheu os ombros.

— Boa, Béquer — disse Sanguessuga.

Havia ficado estabelecido que Bunsen e Béquer estavam no degrau mais baixo da cadeia alimentar da nossa cabana, onde tudo o que você fazia te tornava um alvo. Eu parecia estar no segundo nível, onde você era só invisível, o bastante para se afogar sem que ninguém percebesse.

— Você pode falar, se quiser — Bunsen disse baixinho para o Béquer. Ele estava deitado no beliche ao lado, digitando uma carta em um tablet, a luz azul refletia nos óculos redondos grandes. A cabana só tinha um computador. Não era permitido trazer o seu próprio para que a experiência fosse preservada. Mas você podia escrever uma carta para casa no tablet da cabana, e aí o acampamento mandava as cartas pelo link gama toda noite.

— Ô, mijão! — Noah gritou, levantando a cabeça de um antigo jogo de tabuleiro chamado Stratego que ele estava jogando com o Mike. Estava chamando o Bunsen. Jalen tinha dito que vira o Bunsen chorando e trocando os lençóis no meio da noite. Ninguém podia confirmar o boato, porém Sanguessuga e sua gangue tinham decidido que era divertido acreditar que sim, então era verdade. — Cala a boca e tenta não se molhar!

— Seu... — o Bunsen começou.

— Cuidado aí, mijão — Sanguessuga alertou.

Subi para a minha cama e me deitei, olhando para o teto. Meu pescoço estava começando a queimar de verdade. Esfreguei os curativos com os nós dos dedos.

— Muito bem, garotos. — Todd apareceu na porta. — Hora de ir para o refeitório.

Todo mundo parou o que estava fazendo e começou a sair.

Eu me sentei, mas me senti meio tonto e deitei de novo. A coceira aumentou como uma onda.

— Owen, como você está? — perguntou Todd.

— Não sei — respondi.

— A Dra. Maria disse que talvez você precisasse descansar um pouco. Se quiser ficar aqui, tudo bem.

— Tá, tá bom.

— Trazemos um pouco de comida pra você.

— Obrigado.

Fiquei ouvindo o pessoal sair, uma comoção de passos embaralhados, ombros se empurrando e risos e gritos. Depois, o barulho parou. Assim, o zumbido dos insetos se infiltrou pela janela, pois a cabana estava silenciosa e em paz.

Peguei no sono por um tempo, mas a queimação do pescoço me acordou. Precisava de uma distração, então peguei o tablet e comecei a escrever uma carta pro meu pai:

Oi, pai.

Está tudo bem por aqui. Acho que você ouviu falar do meu acidente na natação, mas, no geral, estou bem.

Parei, sem saber mais o que dizer. Não queria contar sobre o pescoço. Não porque a Lilly tinha me falado para não contar para ninguém, mas porque não queria que ele se preocupasse. Será que eu deveria falar que as coisas eram horríveis na minha cabana? É provável que isso o preocupasse também.

É terça-feira. Como foi no serviço? Como foi o jogo?

Tentei pensar em mais coisas para escrever. Talvez perguntar o que ele tinha comido. Pensar no meu pai e em como ele estaria se virando sozinho me fez pensar em como minha mãe sempre tirava sarro dele por ele não gostar de cozinhar. Ela dizia que ele estaria perdido sem ela. Mas ela não pareceu pensar nisso quando foi embora.

A coceira estava piorando, tanto que eu mal conseguia pensar direito.

Certo, escrevo de novo em breve.

Owen.

Enviei a mensagem e coloquei o tablet no lugar. Deitei de novo e tentei manter as mãos longe do curativo. Talvez se pensasse na Lilly, em seus lábios na minha orelha quando ela cochichou para mim, em como ela estava perto quando se curvou sobre mim e na visão que tive dela com o maiô — e isso fez coisas

queimarem em outro lugar... Mas nem isso pôde competir com as pontadas no meu pescoço.

Passei os dedos pelo curativo. Estava mais quente. Comecei a sentir um impulso estranho. Não sabia o que era, só sabia que eu não podia mais ficar deitado ali. Tinha de me levantar. Tinha de fazer alguma coisa. Era quase como se eu não estivesse no controle de mim mesmo.

Desci da minha cama, agora me contraindo, arquejando de dor, e comecei a tirar as roupas enquanto pensava: *O que você tá fazendo?*

Não se preocupe, disse um operário novo em um macacão vermelho brilhante. *Você quer que a coceira pare, não quer?*

Sim, era o que eu queria. Queria muito.

Muito bem, ele disse enquanto observava ocupado uma tela nova, *então apenas continue*.

Tirei as roupas, peguei a toalha no meu armário, a enrolei na minha cintura e fui em direção ao banheiro.

Liguei o chuveiro, só água gelada. A Dra. Maria tinha me dado instruções explícitas para ficar fora d'água. Mas eu não estava pensando nisso. Não estava pensando em nada, na verdade.

Vá em frente, disse o novo operário.

A água saiu do chuveiro com um chiado. Entrei debaixo dela. A segunda corrente bateu no meu peito e senti um tremor gigantesco. Depois veio a calmaria. Como se tudo estivesse relaxando. As feridas ainda coçavam, porém menos.

Não toque nelas. Esse era o outro aviso da Dra. Maria. Mas, em vez de obedecer, comecei a arranhar a fita que segurava as bandagens. Tirei tudo e desenrolei o tecido. No final, as últimas camadas resistiram, pois estavam presas. Mas, finalmente, se soltaram do sangue seco com pontadas de dor. A queimação aumentou. Eu me curvei, joguei as bandagens sujas em uma pia, e enfiei a cabeça debaixo do chuveiro.

A água caiu sobre mim, sobre as feridas, e a coceira passou de repente. Como se meus nervos tivessem sido desligados. O alívio se espalhou pelo meu corpo.

E é isso aí, disse o novo operário.

Levei as mãos aos machucados. Meus dedos voltaram com manchas de um carmim grosso. Gotas de água salpicaram o sangue. Mas não havia dor. Não coçava. E o sangue não me incomodava. Não desde que a água tinha começado a cair sobre mim. Tinha sangue e água e ferimentos, e, ainda assim, eu me sentia calmo. Aquele sentimento de paz que eu tinha sentido no fundo do lago estava voltando.

Outros operários contraíam os ombros.

Eu não posso explicar isso, senhor, disse um deles.

Nada disso fazia sentido, a não ser o alívio inegável.

Tá bom, eu disse a mim mesmo, pense como uma pessoa normal. Se as feridas não doem, então esse sangue é só porque os curativos puxaram algumas cascas na superfície ou algo do tipo. Os ferimentos devem estar quase curados. Ótimo. Então posso enxaguar tudo e cobrir de novo. Enfieí minha cabeça de volta no chuveiro e virei para o lado, expondo as feridas. A água bateu diretamente nelas e o sentimento de calma aumentou. A dor não passava de uma lembrança.

E aí eu tossi. Respirei fundo e tossi de novo. Espera... era um sentimento estranho, como água na minha garganta. Um aperto no fundo da minha traqueia. Não conseguia respirar.

Eu me afastei da água e bati a mão na torneira. A água parou, mas eu estava sem equilíbrio. Minha visão foi encoberta por pontos e tropecei, caindo de lado, derrubando a cortina do chuveiro e aterrissando no chão de cimento.

Fiquei deitado ali, olhando o telhado de madeira com uma única lâmpada, tentando respirar sem conseguir, como se nada funcionasse. Tudo emperrado.

Hum, precisamos mesmo de ar, disse um operário. Ele esmurrou o botão brilhante que deveria ter aberto minha boca, mas minha boca já estava abrindo e fechando, engolindo ar sem resultado.

Não entre em pânico, disse o operário novo, trabalhando sem parar.

O oxigênio está ficando baixo!, gritou o operário que monitorava o meu sangue.

As bordas do mundo ficaram escuras de novo. Eu estava de volta ao fundo do lago...

Owen, este é apenas o começo.

Era ela de novo. A voz do lago. Quem era ela? *Pare de pensar nisso! Você está se afogando de novo!* Mas aquilo não fazia sentido. Ah, talvez ela fosse como um espírito, ou uma ninfa, ou uma daquelas outras criaturas de histórias antigas de naufrágios e marinheiros. Sereia? Sirena? *Não tem sirenas no lago!*

O som das outras vozes me tirou dos meus pensamentos. Vidas de fora, se aproximando. Meus colegas de cabana estavam voltando.

Tentei respirar de novo, tentei puxar mais ar...

E funcionou. Senti minha garganta se abrir, meus pulmões se encherem, e então eu tossi, respirando fundo. O que quer que estivesse impedindo meu corpo de funcionar — parecia algo que estava — tinha parado.

Eu me pus de pé, me desenrolando da cortina de náilon. Tinha de estar vestido quando eles voltassem. Puxei a toalha do gancho e a enrolei na cintura. Tinha acabado de fazer isso quando aquela sensação que tive no lago voltou. Cambaleei até a pia e vomitei uma mistura nojenta de bile, água de chuveiro e sangue. Olhando no espelho, vi meu queixo pingando, meu corpo pelado tremendo e as

feridas no meu pescoço...

Uau.

Eram bem piores do que eu tinha imaginado. Dois rasgos grandes e vermelhos de cada lado do pescoço. Não pareciam estar sangrando no momento. Levei a mão até uma delas e, com um dedo, descobri que o vermelho se separava, e por um momento meu dedo entrou na ferida — fundo *demais* — e aí vieram uma dor cegante e pontos brancos. Eu me agarrei à pia para continuar de pé.

As feridas pareciam ser esponjosas do lado de dentro. Como se tivesse camadas de pele. Não pareciam mordidas, como de algum parasita ou coisa do tipo. O que tinha acontecido comigo? Uma infecção? Será que era aquela bactéria carnívora da qual as pessoas ouvem falar nas clínicas médicas da fronteira da Federação AC? Ou aquela cólera mutante que estava devastando o sul da Ásia?

A porta telada se abriu. Dava pra ouvir risadas. Bom, os machucados eram bastante estranhos, mas pareciam estáveis. Eu tinha de me mexer. A qualquer momento a porta do banheiro se abriria com tudo e Sanguessuga ou alguém do grupo dele apareceria e me encontraria com esta bagunça generalizada e inventaria algum jeito incrivelmente idiota, mas que eles achariam engraçado, de me encher por causa disso. Olhei para a porta fechada, depois para a cortina quebrada. Primeiro, meu pescoço... Peguei os curativos da pia. Tinha molhado tudo, mas iam ter de servir. Tratei de colocá-los de volta no lugar. Não tinha mais fita, então enfiei a ponta na parte enrolada, esperando que fosse segurar.

Passos no dormitório. Liguei o chuveiro para lavar o sangue, puxei um punhado de papel higiênico do rolo, tirando-o do lugar. Desliguei o chuveiro, fui para o chão, limpei o sangue do redor do ralo. Saiu quase tudo, joguei o papel no lixo, peguei mais e joguei por cima dos sujos para cobrir a bagunça. Parti para a cortina. Alguns dos anéis estavam quebrados, então a joguei por cima da vara. Olhei para a porta. Aquilo ia ter de ser bom o suficiente...

Alguns segundos se passaram. Houve gritos, mais risadas, depois um baque. Abri a porta e dei uma espiada.

Sanguessuga tinha pegado o Bunsen em uma chave de pescoço. As pernas gordinhas se debatiam inutilmente.

— Eu te avisei pra não falar! Mijão idiota! Você tem cheiro de mijo! Tá na hora da limpeza!

Enquanto isso, Mike e Noah estavam na cama do Bunsen, enfiando os cobertores, os lençóis e o travesseiro dele na janelinha ao lado da cama. Mais perto de mim, o Béquer estava sentado no chão, apertando os joelhos contra o peito, o rosto vermelho, tentando não chorar. Jalen estava terminando de fazer com a cama dele a mesma coisa que os outros estavam fazendo com a do Bunsen. Ele olhou para baixo, para o Béquer.

— Isso é por ter me feito ir pra caixa — provocou.

Corri rápido para o meu beliche, feliz por ser invisível em comparação aos outros dois. Mantive o queixo baixo, mas ninguém nem notou as bandagens molhadas. Subi a escada e encontrei um prato de metal do refeitório em cima da cama. Tinha um monte de alguma coisa que parecia caçarola de macarrão, mas estava toda suja.

— Ah, Owen, cara, foi mal — Xane gritou do outro lado do quarto. Eu me virei e o vi, contraindo os ombros como quem pede desculpas. — Pegamos isso aí pra você, só que acabou caindo no chão no caminho de volta. — Ele pareceu lamentar, mas não muito, e voltou para sua conversa com Carl e Wesley. Levei o prato até a caixa de compostagem e empurrei a comida para dentro.

O grupo parou de atormentar o Bunsen e o Béquer e começou a jogar Banco Imobiliário. A cabana ficou silenciosa.

Mais tarde, Todd chegou e leu para nós. Era um livro velho com um título grande, escrito por um autor chamado Edgar Allan Poe, de mais ou menos duzentos e cinquenta anos atrás. Aparentemente, era uma tradição da cabana, e era estranho ter alguém lendo para mim, como se fôssemos crianças inocentes em vez de selvagens, porém talvez fosse legal, porque dava para ficar deitado imaginando as palavras, ou não. No começo, parecia que o livro ia ser chato, mas aí o personagem principal, que se chamava Pym, quase era assassinado a cada capítulo. Ele e os outros dois sobreviventes em um tipo de barco perdido estavam decidindo qual deles seria canibalizado quando comecei a cochilar.

Fechei os olhos e senti a pontada agonizante das feridas estranhas no meu pescoço. Não queimavam mais. A dor tinha parado desde o chuveiro, era só um incômodo leve. Por que a Dra. Maria tinha me mandado ficar longe da água se isso faz com que a dor passe?

Logo, todos na cabana dormiram, com roncos leves e respirações pesadas, e, enquanto eu caía no sono, fiquei pensando nas palavras da Lilly. *Não importa o que aconteça...* Talvez isso, esses ferimentos estranhos, fosse o que a Lilly tenha querido dizer. Talvez ela fosse a pessoa com quem eu devia falar.

4

Acordamos na manhã seguinte com o toque da alvorada. Era um som de trompete gravado, que saía dos alto-falantes presos nas árvores. As feridas me acordaram algumas vezes à noite, ardendo de leve, depois pararam. Meus sonhos tinham sido estranhos, sombrios, cheios de água e sangue; o tipo de sonho no qual você se convence de que tudo é real o tempo todo, mas não consegue se lembrar de nada em específico. Então, fiquei apenas me sentindo lento e confuso enquanto todo mundo estava praticamente pulando à minha volta. As feridas estavam formigando um pouco. Agora não estavam tão ruins, eram só um lembrete chato de que estavam lá.

Todd entrou, vestindo uma cueca samba-canção e uma camiseta do Acampamento Éden cinzenta de mangas cortadas.

— Bom dia, mocinhas — ele cumprimentou a todos, espreguiçando-se como se estivesse numa exibição de sovacos peludos. — Vamos para a bandeira em dez minutos.

Isso foi o suficiente para todo mundo se vestir e para Jalen correr até o Béquer.

— Acorda, cuecão! — ele gritou como se tivesse a metade da nossa idade, e puxou o Béquer para o chão.

— Todo mundo precisa passar isso aqui — avisou Todd, voltando e entregando uma garrafinha de plástico rígido de Radiação-zero. — Nos braços, pernas, rosto e pescoço.

— Não se esqueçam das bolas! — disse Sanguessuga. — Cuidado nunca é demais. — Ele olhou para o Bunsen, para o Béquer e para mim. — Vocês provavelmente não precisam se preocupar. — Ele e Mike bateram as mãos.

— Tá legal, já chega — disse Todd, mas eu o vi esboçando um sorriso.

Passei o pulôver com cuidado sobre o pescoço. Não consegui fechar completamente por cima das ataduras. Quando o protetor chegou até mim, passei o creme oleoso e metálico no rosto, nas mãos e nas orelhas. Sempre pinicava um pouco quando se espalhava esse creme pela pele, e havia boatos de que o produto fazia mal de um jeito próprio, mas eu já tinha visto os efeitos de radiação extrema de UV em Yellowstone: os melanomas roxos marcados na pele cozinhando, o

branco dos olhos em um marrom queimado, os narizes e os dedos perdidos. Aparentemente, em algumas regiões do mundo — em algumas das Zonas Habitáveis, em um pedaço da Ásia Central, em partes do Pacífico — a camada de ozônio era tão grossa que ainda dava para sair de casa sem Radiação-zero, pelo menos por alguns minutos. Mas as coisas não são mais assim em nenhum lugar próximo do Centro há quase cinquenta anos.

Nos arrastamos pela porta lateral e seguimos Todd até a bandeira que ficava depois dos campos de atividades, onde nos reuníamos antes de cada refeição para os anúncios. No caminho para fora, percebi que os lençóis e o cobertor do Béquer ainda estavam caídos na terra. Aparentemente, ele tinha decidido que seria mais fácil dormir sem eles.

Seguimos em procissão e acabei andando ao lado do Xane.

— E aí, cara — ele me perguntou —, como foi?

Xane era de um lugar chamado Taipei, que tinha submergido na Ascensão. A Corporação do Povo da China havia recusado a maioria dos refugiados, então os pais dele o mandaram para o Éden como um Crio. Tinha ouvido dizer que, quando se é aceito como um Crio, o Éden escolhe em qual centro você vai parar, baseando-se no espaço, então ele veio parar aqui em vez de no Éden Leste. Os pais do Xane, assim como a maioria dos taiwaneses, emigraram para Coca-Sahel, país formado quando a Coca-Cola se fundiu com o Walmart e comprou doze países do oeste da África. Até hoje, estão constantemente fazendo propagandas no Centro, procurando por novos cidadãos-empregados.

— O quê? — respondi. — Me afogar? — Tentei me lembrar. — Doe um pouco, mas aí eu apaguei.

— Não, isso não. — O Xane virou e me deu um tapinha no ombro. — Receber um boca a boca da Lilly. É disso que eu tô faLANDO. — Ele sempre fazia isso, falar mais alto a segunda parte de uma palavra.

— Ah. — *Essa é uma chance de ganhar alguns pontos*, pensei. Podia contar vantagem, e aí todo mundo da cabana me acharia o máximo. Todos estavam meio que paquerando a cabana das meninas mais velhas, a Raposas-do-ártico, mas ninguém estava fazendo nenhum progresso, e lá estava eu, tendo contato labial com alguém, mesmo que não pelas razões certas. Ainda assim, parecia contar. Só que pensar em falar sobre isso, em me gabar ou sei lá, só me fez querer ficar em silêncio.

Por sorte, deu para responder a pergunta do Xane com a verdade:

— Só lembro de acordar e vomitar.

— Nossa — suspirou Xane. — Isso é triste. Uma garota chupou a sua cara e você nem se lemBRA.

O Noah ouviu isso e se virou.

— Eu super me afogaria pra receber um boca a boca da Lilly. Ela com certeza é alta radiação.

— Nem é difícil — acrescentou Sanguessuga. — Ela fica com todos os CETs, pelo que eu ouvi falar.

— Caaara — disse Xane, devagar, como se estivesse imaginando a cena. — Owen, mano, você deve ter tido as melhores viSÕES do mundo quando ela estava toda curvada salvando a sua vida e tudo o mais. — Ele começou a passar as mãos pelo ar, desenhando figuras femininas idealizadas.

— Olha, eu me afoguei — respondi. — Não foi excitante, então, esquece. — A verdade era obviamente diferente: não que se afogar fosse excitante, mas a Lilly era, e eu tinha tido esse tipo de pensamento, apesar de a parte sobre ela e os outros CETs ser dura de ouvir, isso só me lembrou mais uma vez de que alguém como eu nunca teria uma chance com alguém como ela.

O rosto sardento do Sanguessuga se apertou para mim. Ele balançou a cabeça devagar.

— Que desperdício.

Chegamos à bandeira e nos sentamos em um banco grande feito da metade de um tronco de árvore. Estávamos na última fileira. Atrás de nós, uma colina pequena subia até as janelas de vidro altas do refeitório. Todos os campistas estavam lá, a não ser os CETs, que não tinham de fazer essas coisas de criança. A coordenadora de atividades, uma mulher que se chamava Claudia e vestia uma blusa de moletom sobre o corpo largo e um short cáqui que deixava à mostra seus joelhos cobertos de roxo, nos deu as boas-vindas e disse bom-dia para cada cabana. Quando ela fazia isso, cada cabana tinha de dizer algum tipo de grito de torcida. As crianças menores levavam isso muito a sério, mas o esforço foi diminuindo com a idade, chegando a uma queda enorme quando foi a nossa vez.

— E bom-dia, Hienas-malhadas!

Gemidos e suspiros. Não podíamos ter odiado mais aquele ritual. A ideia de Todd para o nosso grito tinha sido “Ataaaaaque furtivo!” porque hoje tínhamos e intenção de capturar a bandeira. O grito saiu como um resmungo tristonho.

— Certo. — Claudia estava obviamente desapontada. — E booom-dia, Raposas-do-ártico!

— Equilíbrio! — metade das Raposas gritou em um uníssono de dar medo.

— Suporte! — gritou a outra metade.

— Força!

— Em números!

As meninas, apesar de serem as mais velhas como nós, pareciam ter algum tipo de prazer doentio em serem supercoordenadas e entusiasmadas com esse tipo de coisa. Elas também sempre pareciam estar lindas quando chegavam à bandeira,

como se estivessem acordadas há horas, enquanto aparecíamos descabelados. Todas elas gritaram e aplaudiram a si mesmas quando a coreografia de vozes acabou, e todos os meninos à minha volta estavam assistindo embasbacados.

— Elas vão pro arvorismo, hoje — disse o Béquer, baixinho, atrás de mim. Nem tinha notado ele ali.

Claudia começou a fazer os anúncios do dia.

— Falei com o Aaron lá no Olho de Água e ele me disse que os níveis de radiação ao meio-dia estarão levemente elevados, então todos devem seguir o ciclo de duas horas na aplicação.

Com o canto dos olhos, vi Sanguessuga passando as mãos pelo peito, como se estivesse passando Radiação-zero por partes femininas do corpo, fazendo expressões de êxtase no processo. Mike, Jalen e Noah estavam se matando de rir.

O show era principalmente para a líder das Raposas-do-ártico, Paige, que estava sorrindo para Sanguessuga do outro lado. Ela jogou o cabelo loiro para trás do jeito que já a tínhamos visto fazer uma centena de vezes em dois dias, e depois fez toda uma cena sussurrando alguma coisa para as amigas e provocando risos histéricos em todas elas. Aí foi a vez de Sanguessuga estampar um sorriso no rosto.

Aparentemente, Paige e Sanguessuga ficaram na temporada passada, e agora, mesmo tendo se passado apenas um dia entre as temporadas, estava rolando toda uma coisa de eles-vão-ficar-de-novo-ou-não por motivos que ninguém entendia. E podia-se imaginar se os dois não estariam fazendo isso só para focar as atenções neles.

Vi outras Raposas-do-ártico olhando para a nossa cabana e sussurrando, nos julgando. Imaginei que o menino com o bolo de ataduras no pescoço provavelmente não as interessaria.

Quando os anúncios acabaram, uma menina das cabanas infantis, a Lêmures, apresentou um esquete sobre alguma coisa, como sempre se lembrar de usar Radiação-zero, e nos liberaram para o café da manhã. Todos subimos em um tumulto pelo caminho de pedras até o refeitório. Sanguessuga e a gangue dele se misturaram com as Raposas-do-ártico, e houve um puxa-puxa-de-capuz-do-moletom-na-cabeça-do-outro, e, quando chegamos ao refeitório, houve um monte de cochichos entre a ponta da mesa do Sanguessuga e a da Paige. Eu estava na outra ponta da mesa, e percebi que as Raposas também tinham uma ponta mais silenciosa.

Havia pão e margarina esperando nas mesas, com jarras de metal cheias de refresco. Hoje era amarelo brilhante e deveria ter o gosto de uma fruta chamada abacaxi. Surgiram piadas que associaram aquilo a xixi, sobre como o Béquer estava bebendo xixi. As mesas foram chamadas por idade, dos mais novos para

os mais velhos, então tivemos de observar bandejas e mais bandejas de panquecas de painço e ovos sintéticos mexidos passarem por nós. A comida das refeições ainda era boa, e havia o bastante, mas, desde aquela primeira noite, não vi mais sinal de trigo de verdade nem das delicadas folhas de espinafre.

E agora um pedaço de pão bateu do lado da cabeça do Sanguessuga.

— Ah, não! — disse ele, olhando para Paige, cujo olhar brilhava malignamente como se ela estivesse fazendo um teste para o papel da “menina má” em uma peça escolar. Sanguessuga passou os olhos pela mesa, pegou um tablete de margarina, pôs na ponta de uma faca e aí atirou de volta para ela. Ela desviou e a margarina foi parar em uma pobre menina chamada Sonja, que, podia-se notar, levava uma vida parecida com a do Béquer na cabana dela. A margarina bateu na bochecha e escorreu para a camiseta e ela reagiu bem mal. Todas as meninas rolaram de rir e os meninos ficaram loucos.

— Chega disso, Carey — advertiu Todd, usando o verdadeiro nome do Sanguessuga.

— Pra você é hematófago, mamífero! — respondeu Sanguessuga.

Todd se inclinou, batendo as duas mãos na mesa.

— Toma cuidado, garoto, ou você vai perder as eletivas, hoje.

Sanguessuga olhou de volta para ele, com o sorriso inabalável.

— Acho que o Paul diria que isso é injusto — ele devolveu, como se, por estar lá há tanto tempo, fosse o melhor amigo do diretor.

— Não se eu explicar o seu comportamento. — Os olhos de Todd se estreitaram, sua mandíbula ficou cerrada.

— Tenta — desafiou Sanguessuga.

Todd continuou encarando... e depois desviou o olhar.

— Hora da comida — anunciou, e todos na mesa sabiam quem havia ganhado.

A gente atravessou o refeitório lotado. Eu estava feliz, não só por estar me afastando de todo aquele negócio na mesa, mas também pela chance de passar pela área dos CETs. Eles tinham uma área exclusiva do refeitório. Tinham uma mesa normal, e ainda sofás nas paredes, além de uma mesa de pingue-pongue. Os CETs estavam todos lá, estendidos nos assentos, como se alguém os tivesse jogado ali sem cuidado nenhum, mas conseguindo, mesmo assim, colocá-los nos lugares certos, as pernas em calças de moletom largadas aqui e ali, as cabeças cobertas por capuz ou por boné de baseball, daqueles telados, virados para trás. Uns estavam deitados nos ombros dos outros, tinham as unhas dos pés pintadas, e tornozelos e pulsos com pulseiras de tecido. Eram o retrato da perfeição, como o ideal de juventude que se via em ambientes de holografia, daquele jeito plástico, sorrindo para você, falando sobre os produtos que usavam. Só que os CETs não estavam sorrindo, e eles eram mais reais, inquietantes, quase perigosos. Dava

para imaginá-los ali, deitados, sem nunca ter de falar nada, comunicando-se por meio de olhares e odores, igual aos leões turcos que vagavam pelos desertos da França e da Alemanha.

E, ainda assim, um par daqueles olhos silenciosos estava me encarando, íris azuis-celestes espiando por entre uma franja com mechas verdes. Ela estava deitada de lado no sofá, as pernas descansavam sobre o braço do móvel e a cabeça estava apoiada contra a fortaleza de ombros de Evan, que lia uma videopágina. Os CETs não tinham de passar pelo negócio de “sem tecnologia” como o restante de nós.

O olhar da Lilly me paralisou, quase tropecei, mas desviei rapidamente, odiando que ela tivesse de me ver com aqueles curativos ridículos no pescoço. Então, olhei de volta e ela ainda estava me observando, e acenou — ou foi o que pareceu, pelo menos. Eu me perguntei se deveria acenar de volta ou não, ficar de boa, ou...

— Li! — alguém chamou da mesa de pingue-pongue, e ela olhou para outro lado.

Corri para a cozinha. Voltando com a comida, eu a vi de relance jogando uma partida em duplas. Estava usando o boné telado roxo e branco de outra pessoa, talvez o de Evan, com as mangas do moletom arregaçadas, encarando intensamente a mesa do jogo. Ela não me viu e eu me obriguei a não ficar olhando.

O café da manhã se arrastou e, quando a gente estava finalmente se levantando para sair, Todd me chamou:

— Owen, você vai ver a Dra. Maria?

— Ah, vou.

— Encontre conosco lá embaixo, nos campos, quando terminar.

Saí do refeitório e passei por uma estrada de poeira a caminho da enfermaria. Não estava preocupado com a ideia de ver a Dra. Maria. Ela me pareceu legal. E me perguntei de novo se deveria falar mais com ela sobre o que aconteceu comigo. Talvez ela devesse saber sobre a noite passada, sobre as feridas e o chuveiro. Era médica, afinal de contas. Só que ir à enfermaria também significava a possibilidade de esbarrar no Paul. Isso era uma coisa que eu queria evitar.

— Ei! Owen!

Eu me virei e avistei Lilly se afastando de um grupinho de CETs, incluindo Evan.

— Só um segundo — ela disse a eles, e correu ao meu encontro. — Oi, tenho pensado em você.

Tem? Quando? Onde? Sobre o quê? Espera, ela ainda estava falando...

— Como você está se sentindo? — Lilly perguntou.

— Ah — respondi depressa —, tipo, melhor. Bem.

Ela balançou a cabeça.

— Legal, e o seu pescoço?

— Ah, isso. — Toquei os curativos como se eles não fossem nada de mais, só que isso fez os machucados gritarem, então apenas tentei não reagir. — Alguma coisa deve ter ficado presa em mim lá no fundo, ou então um parasita me pegou ou algo do tipo. Você, hum, viu alguma coisa quando me encontrou?

— Não. — Lilly olhou em volta, quase como se estivesse se certificando de que ninguém estava ouvindo. — Então é só isso?

— Só? — Parecia que ela estava esperando que eu tivesse mais para contar. Tinha a história do chuveiro. — Ah, na verdade...

— Li! — chamou Evan. Ele deu um tapinha no pulso dela. — Precisamos ir!

— Tá — ela respondeu. — Tenho de ir pros deques. Tá, olha... — Ela tocou o meu braço. Olhei para baixo quando isso aconteceu. O esmalte dela era verde-azulado com estrelinhas de *glitter*. — Precisamos conversar — ela começou a se afastar — sobre o seu pescoço e tudo o mais.

— Meu pescoço?

— É, dá pra você me encontrar durante as eletivas hoje? Vou estar de guarda no nado livre.

— Claro, pode ser — respondi.

— Legal. — Ela sorriu. — Ah, até lá — ela indicou para além do meu ombro — não fala nada com *elas*, tá?

Virei a cabeça para a enfermaria.

— Ah, tá legal. Certo.

— E, olha, se você tiver algum impulso estranho — ela completou — vai fundo.

Impulso estranho... do que ela estava falando? Apenas assenti.

— Tudo bem.

— Ótimo. — Lilly correu de volta para o grupo. Olhei para o meu braço, onde os dedos dela tinham estado. Quase dava para sentir pequenas sensações de calor ali.

Eu me virei e fui para a enfermaria, pensando no que a Lilly tinha acabado de me falar. Nós iríamos conversar. Ela sabia alguma coisa sobre o que tinha acontecido comigo. Não saber o que era já estava me matando.

Do lado de dentro, encontrei as portas do escritório e de Paul fechadas. Pude ouvir sua voz baixa e abafada, como se estivesse falando com alguém. Eu me apressei e passei pela porta da enfermaria.

Lá dentro, ouvi o som cansado de alguém vomitando. Encontrei a Dra. Maria em um dos consultórios, sentada na cama ao lado de uma menina da cabana Panda

curvada sobre uma bacia de plástico, com o rosto vermelho. Mechas de cabelo haviam ficado presas no canto da boca. Uma gosma marrom manchara sua camiseta de ursinho cor-de-rosa.

— Está tudo bem, Colleen — dizia a Dra. Maria com gentileza.

— Dói — Colleen suspirou, sua voz rouca.

— Eu sei. Tente respirar e tudo acabará logo.

Ela passou a mão nas costas da menininha, depois olhou para o tablet ao seu lado. Parecia preocupada.

— Oi, Dra. Maria — eu disse.

Ela levantou a cabeça.

— Ah, Owen, olá. Como você vai...

Colleen vomitou de novo, o líquido caindo com força na bacia. Ela tossiu um pouco, depois levantou a cabeça, olhando para lugar nenhum. Vômito pingava de suas narinas.

— Acabou? — perguntou gentilmente a Dra. Maria.

Colleen soltou a respiração e balançou a cabeça.

— Acho que sim.

— Certo. — Dra. Maria ajudou Colleen a se deitar de novo na cama.

Sem querer, olhei para dentro da bacia e desviei rapidamente o olhar. Mas consegui ver que o vômito tinha espirais vermelhas de sangue no meio. Eu me afastei e esperei na porta.

A Dra. Maria cobriu Colleen. Ela se moveu rápido em direção ao balcão, depois voltou para a menina segurando uma ferramenta no formato de uma arma com uma agulha em uma ponta e um tubo de vidro na outra.

— Vou tirar uma amostra de sangue, bem rapidinho. Olhe para a janela, é só uma picadinha. — Colleen virou o rosto. A doutora enfiou a agulha no braço da menina e o sangue foi para o tubo. — Muito bem, é só isso. Descanse um pouco, querida. Voltarei em breve para ver como você está, tudo bem?

Colleen balançou a cabeça, os olhos já querendo fechar.

A médica pôs a seringa de volta no balcão, pegou o tablet e tocou na superfície algumas vezes. Ela o deixou de lado e pegou a bacia de vômito.

— Só um segundo, Owen.

Deu a volta na cama e entrou no banheiro pequeno. Ouvi o som do líquido derramando e da descarga.

— Agora vamos dar uma olhada em você. — Ela sorriu para mim enquanto dava a volta na cama de novo, mas também olhou preocupada para Colleen.

Atravessamos o corredor até a sala seguinte.

— Ela parece bem mal — comentei.

Aquilo havia feito eu me lembrar do meu incidente na noite passada; também

vomitei sangue. O que será que estava acontecendo? Será que Colleen estava nas mesmas condições que eu? Seu pescoço parecia bem.

A Dra. Maria suspirou.

— Sim, pobrezinha. Pode ser que seja uma intoxicação alimentar de nada. Acho que ela só precisa descansar. — Mas ela parecia mais preocupada do que isso.

Eu me sentei na cama e a Dra. Maria calçou novas luvas de borrachas. Ela se sentou em um banco de rodinhas, tirou os esparadrapos dos meus curativos e começou a desenrolar as bandagens. A atenção fez a área coçar um pouco.

— As coisas melhoraram na cabana hoje? — ela perguntou. Estava me olhando com um sorriso que parecia genuíno, como se ela se importasse de verdade.

— Acho que sim — respondi, pensando: *Não muito*. Mas não tinham piorado também.

Ela puxou a última camada. O tecido ficou preso de novo, o que gerou uma dor fresquinha. Ela jogou fora os curativos e voltou com uma luzinha de exame.

— E como estamos aqui?

— Bem. Ainda coça, mas menos. Eles... — Parei de falar, pensando na minha conversa com a Lilly. Ela quase parecia saber alguma coisa sobre esses machucados. E, mesmo que a Dra. Maria também parecesse confiável, eu queria falar com a Lilly primeiro. — Eles só doem um pouquinho — completei.

A Dra. Maria se curvou e passou os dedos gentilmente por sobre os ferimentos, mas não tentou separá-los como eu tinha feito.

— Bom — disse ela, apertando os olhos — estão parecendo um pouco melhores. — Ela rodou com o banco até o balcão e pegou uma toalha pequena que usou para limpar gentilmente os arredores das feridas. — Tem um pouco de sangue aqui, mas não tanto assim. Não se lembra de mais nada sobre como fez isso aqui?

— Não — respondi, falando a verdade, mas também sentindo o peso da mentira implícita sobre ter ficado lá embaixo por dez minutos, que agora era aumentada por não contar sobre o chuveiro.

— Tem certeza? — ela insistiu, e fiquei com medo de ela estar me pressionando, todavia, quando olhei em sua direção ela estava mexendo no tablet, como se perguntar as coisas fosse só rotina.

— Tenho.

— Muito bem, então, vou fazer um curativo novo para o seu pescoço e depois vou precisar de uma amostrinha rápida do seu sangue. Tudo bem?

— Claro — respondi. — Vão ver se não tem nenhuma infecção ou coisa do tipo?

— Ah, o sangue? — Ela estava se virando enquanto falava, pegando bandagens

em uma gaveta. — Sim, só queremos ficar de olho nas coisas.

— Certo.

A resposta foi vaga, parecia até que eu era uma criança que não entendia os detalhes. Então me perguntei se ela também estaria mentindo sobre alguma coisa. Pensei na pequena Colleen. Talvez.

Ela enrolou as bandagens com gentileza, depois se virou para pegar um novo tubo e uma agulha para sua seringa. Preparou tudo e pegou minha mão.

— Levante a manga.

A agulha doeu, o sangue pulou para o tubo e tudo estava acabado.

— Senhorita Maria? — Era a pequena Colleen chamando com fraqueza do outro lado do corredor.

A médica se levantou e pôs suas coisas no balcão.

— Vou voltar para ela. Nos vemos amanhã, no mesmo horário?

— Claro.

Ela saiu.

Quando saí, ouvi a Colleen vomitando de novo e me perguntei mais uma vez se nossas condições estariam relacionadas. Era o trabalho da Dra. Maria perceber esse tipo de coisa, não era? E ela não tinha falado nada. Nós dois só tivemos as amostras de sangue retiradas. E para quê?

Mais perguntas. Tinha de chegar às eletivas e falar com a Lilly.

5

As eletivas eram logo depois do almoço. Quando saímos do refeitório, porém, Todd rumou para outra direção.

— É hora de uma tradição especial — informou.

— Os campistas mais velhos ganham um tour pelo Olho de Águia! — Sanguessuga terminou por ele, com um sorriso largo.

— Por aqui — resmungou Todd.

Então, em vez de ver a Lilly, nós nos encontramos com as Raposas-do-ártico em uma área pavimentada com uma barreira de segurança perto de um conjunto de portas duplas de metal pelas quais eu tinha entrado no domo há duas noites. Segui atrás, irritado por ter perdido o meu encontro, bom, não *encontro*, mas tipo isso. Meu pescoço começou a coçar mais, quase como se concordasse.

Sanguessuga, Noah e Jalen começaram a fazer brincadeiras com as Raposas. Fiquei separado, no fundo do grupo, longe de onde as meninas e os meninos se misturavam.

— Boa-tarde, pessoal.

Paul estava se aproximando. Ele usava um chapéu preto com a marca da Corporação Éden estampada. A aba projetava uma sombra em seu rosto, mas, mesmo assim, ele usava óculos tão escuros quanto sempre. Não diminuiu o passo quando se aproximou, então nos dividimos para deixá-lo passar.

— Bem, por aqui — ele chamou por cima do ombro.

Nós o seguimos para uma coluna de metal retangular, um poço de elevador que se estendia até se perder no brilho das lâmpadas Sol-seguro.

— Abra — disse ele, e as portas se separaram.

Todo mundo se enfiou dentro da caixa de metal. Cotovelos e ombros se empurraram, e me vi contra a parede do fundo, logo atrás de Paige e de duas outras Raposas-do-ártico. As portas se fecharam. Havia uma janela estreita em cada uma delas. Precisei ficar na ponta dos pés para ver alguma coisa lá fora.

O elevador subiu, a força me empurrando para o chão. Vi outras pessoas bamboando.

— Isto é um privilégio — começou Paul. — Uma espiada por detrás da cortina. Pode parecer que estamos acabando com a ilusão aqui, pois alguns de

vocês devem ter até esquecido de que estamos dentro de um domo. Mas saber o que faz o interior destas instalações vivas funcionar é a verdadeira mágica.

Para mim, parecia não ter havido um único momento no qual eu tivesse me esquecido de onde estava. Talvez fosse mais fácil aceitar a ilusão do Éden se você tivesse vivido lá desde sempre.

Vimos o pequeno grupo de casinhas de madeira do acampamento encolher, perdendo-se entre as árvores. O lago se estendia para longe de nós, cintilante, e, à distância, tive um relance de torres brilhantes e vidro, a cidade de Éden Oeste, mas aí entramos na primeira camada embaçada de Nuvens-cópia. Era possível ver os pequenos jatos que as criavam vindo da parede do domo. Tentei continuar olhando pela janela, mas em alguns momentos precisei olhar para o chão. Jamais cheguei tão alto assim em nada.

O elevador parou e houve uma série de cliques. A máquina ficou na vertical, mas sacolejou de leve e começou a subir em ângulo, seguindo a curva da parede. Eu me desequilibrei um pouco e bati nas costas da Paige. Ela se virou e seu rabo-de-cavalo com mechas magenta balançou sobre o ombro. Ela estava mascando um pedaço grande de chiclete. Tinha o cheiro do refresco Explosão Cítrica e se somava ao cheiro de sabonete que sempre parecia rondar as Raposas-do-ártico. Ela era alta e virou os olhos de leve em minha direção.

— Desculpa — eu me apressei em dizer.

As duas meninas à direita dela também olharam para mim. Pares de olhos contornados por um azul forte e maquiagem lavanda.

Paige falou por entre suas mastigadas:

— Tudo bem. — Ela ficou me olhando. Parecia que estava tentando descobrir o que eu era. — O que aconteceu com o seu pescoço? — Ela meio que torceu o nariz quando fez a pergunta, como se os machucados fossem roupas feias que eu não tinha sabido escolher.

— É de quando me afoguei — respondi baixinho, pensando que eu não deveria ter vergonha, mas eu tinha.

Ela se virou de novo. As três Raposas se juntaram em conferência. A menina ao lado da Paige, a de cabelo preto listrado de azul-petróleo brilhante e preso em espiral por dois pauzinhos, me olhou de novo com seus olhos estreitos e escuros.

Mais discussão, e então as três caíram na gargalhada. Tentei mudar de lugar, mas todo mundo já estava apertado.

As meninas se viraram mais uma vez. Paige me olhou dos pés à cabeça enquanto falava com as outras.

— Eu não sei...

— O quê? — perguntei.

— A Mina acha que você é AQB — disse Paige, indicando com a cabeça a

menina ao lado dela. Mais Raposas riram. Ela me examinou de novo. — Acho que é *possível*...

— Ele? — A voz do Sanguessuga soou de repente, vinda de algum lugar ali perto. — Mas ele é o Tartaruga!

Paige virou a cabeça na direção dele.

— Você é tão malvado! — ela disse, mas sorrindo. Então ela deu um soquinho no ombro dele e os dois viraram o centro do universo mais uma vez. E eu estava sozinho no meu pedaço de espaço, prensado na parede do fundo, sem ter ideia do que a Paige quis dizer.

— AQB quer dizer “Até Que BoniTINHO” — explicou Xane, que estava ali perto.

— Ah.

— Sortudo — ele continuou.

Saber o significado só serviu para fazer os meus nervos tremerem mais. Senti o meu rosto começando a corar. O que alguém fazia se era AQB? Tinha de agir de alguma maneira específica? Tinha de dizer coisas? Será que agora esperavam que eu tentasse me tornar bonito “de verdade”? Parecia mais uma coisa da qual eu não fazia ideia, e me perguntei se era melhor quando achava que era invisível para as Raposas-do-ártico.

Uma luz cegante passou como uma flecha pelas janelas, fazendo com que todos apertassem os olhos. Estávamos passando por um grupo de lâmpadas Sol-seguro, dez bulbos redondos e enormes. Era possível ver o calor tremeluzindo ao redor delas.

Depois disso, tudo ficou mais escuro. O topo do domo fazia a curva e agora já se podia ver os painéis triangulares, gigantescos, e as vigas se entrecruzando. Estávamos acima da atmosfera nebulosa do domo. O solo estava fora de visão. A luz aqui era pálida e elétrica e eu quase me sentia de volta ao Centro.

O elevador diminuiu a velocidade e parou. As portas se abriram e entramos em uma sala de piso metálico. À nossa direita, portas de vidro. Havíamos acabado de esvaziar o elevador quando um vagão pequenininho apareceu. Embarcamos e o vagão disparou em frente. Pela janela da frente se via o trilho, suspenso por uma superestrutura de aço que descia do topo do domo.

— Completamos o Éden Oeste em 2056 — contou Paul, estendendo a mão para a janela e soando moderadamente entediado. — Foram quinze anos de construção, um esforço colossal, como se fôssemos egípcios construindo uma pirâmide. Mas é isso o que acontece quando se tem pessoas querendo se salvar — isso foi dito com mais interesse — e uma comissão de diretores com *visão*.

— Qual é o tamanho do domo? — perguntou Noah.

— A base tem seis quilômetros de diâmetro — respondeu Paul. — É o lar de

duzentas mil pessoas, sem incluir as matriculadas em nosso Programa de Serviços Existenciais.

Eu me perguntei o que seria isso. Daí, ouvi Sanguessuga explicando para o Noah:

— Quando alguém está à beira da morte num Éden, pode escolher ser congelada até descobrirem um jeito de curar a doença e ela viver pra sempre e tal.

Isso me fez pensar no Centro, onde todo mundo era cremado quando morria. E, então, ou as cinzas eram doadas aos jardins do sofrimento, ou eram espalhadas para fora da caldeira na lua cheia.

Tinha ouvido falar que, nos Édens e nas Zonas Habitáveis, lá em cima, a expectativa de vida ainda rondava os noventa anos se você tivesse nascido lá. No Centro, tinha caído para cinquenta e cinco, e isso era mais do que a média mundial, que era cerca de quarenta e cinco. Os números estavam assim, em parte porque ninguém conseguia avançar no tratamento do câncer, em parte por causa das mortes infantis causadas pela subnutrição ou pelos resíduos tóxicos que atingiam o suprimento de água de vez em quando, e também porque a cada dez anos, mais ou menos, uma das novas pragas resistentes aparecia para acabar com os idosos, os jovens e os fracos. Não há Serviços Existenciais na hora da praga.

Passamos por uma série de guindastes que estavam sendo usados para instalar um novo painel triangular no lugar.

— Como podem ver — Paul continuou, sua voz estava se estabilizando num tom quase sonífero de desinteresse —, estamos sempre melhorando os painéis Ozônio-cópia em resposta aos níveis de radiação atmosférica.

Eu me lembrava vagamente da minha visão no fundo do lago, dos painéis com marcas de queimadura. Todos os painéis à nossa volta estavam imaculadamente brancos, sem nenhum dano. Fiquei me perguntando se o que vi tinha sido a água pregando peças em mim. Ou talvez eles se esforçassem para manter essa parte do domo com uma boa aparência para visitantes como nós.

— Os meus pais estão preocupados com a integridade do domo — comentou Sonja baixinho.

— Eles fazem ela usar um daqueles capacetes defletores pela cidade — explicou Paige, meio rindo.

Sonja corou.

Paul balançou a cabeça, adotando o tom de um professor cansado.

— Tudo o que seus pais precisam fazer é seguir nossos protocolos-padrão baseados no Índice de ID. Não há motivo para preocupação.

O vagão continuou acelerado até que, finalmente, diminuiu a velocidade.

À nossa frente estava o observatório redondo conhecido como Olho de Águia.

Ficava pendurado logo abaixo do topo do domo, como a metade de uma bola. Dois anéis de janelas davam uma visão completa do Éden Oeste. Uma antena enorme se estendia para baixo, sua ponta roçava nas Nuvens-cópia.

As portas se abriram, sibilando, e nós fomos parar dentro de um corredor curto.

— Aqui é onde monitoramos cada aspecto da experiência Éden — anunciou Paul.

Outro conjunto de portas se abriu para uma sala grande e redonda. Era formada por três níveis circulares, que diminuía de tamanho e desciam em direção ao centro. Em cada nível havia séries de telas de computador. Pessoas trabalhavam, correndo de um monitor ao outro. Aquilo me fez pensar nos operários que eu imaginava dentro de mim. Éden Oeste se parecia com um organismo gigantesco.

Paul olhou para a sala agitada. Uma das pessoas parou na nossa frente. Ela endireitou a postura e deu um sorriso grande.

— Ah, olá, Sr. Jacobsen, é bom..

Paul passou por ela como se não tivesse nem ouvido o que a moça havia dito.

— Aaron Cane.

— Ah, claro, certo. Hum... — A mulher se virou e começou a vasculhar o local na ponta dos pés.

— Aqui! — Aaron estava com um grupo de trabalhadores, examinando um conjunto de monitores. — Deu para todo mundo entender que *esta* é a leitura dos controles de umidade e *este* é o medidor do controle de vapor, e não o contrário? Seria bom se todos nós tivéssemos uma vida longa e próspera *sem que* eu tivesse de lembrá-los disso e *sem que* vocês estragassem tudo de novo. Estamos entendidos?

As pessoas ao seu redor murmuraram em acordo.

— Ótimo. — Aaron deu um suspiro teatral. — Obrigado. — Ele se afastou dos outros e subiu os degraus até nós.

— Aaron, avisei de que os convidados estariam aqui agora — disse Paul. Seu tom ainda era ultracalmo, mas, mesmo assim, parecia trazer um pouquinho de irritação em algum lugar.

— Certo. — Aaron olhou em nossa direção, ajeitando os óculos e passando as mãos pelos cabelos pretos e curtos antes de colocá-las nos bolsos. — Como eu poderia me esquecer das adoráveis crianças? Não é como se eu passasse cada minuto do meu dia cuidando da operação de todo um habitat cheio de vida.

Percebi que todos estavam um pouco sem saber o que fazer, odiando serem chamados de crianças, além de terem sido pegos de surpresa pelo sarcasmo, como se Aaron não quisesse nada conosco.

— Aaron — Paul usava o tom de um pai dando sermão em um filho —, por

favor, mostre o local aos campistas.

— Certo, tudo bem. — Aaron olhou em volta. — Vamos ver, o que os seus cérebros recém-formados seriam capazes compreender... Não muito menos do que a minha grande equipe aqui, provavelmente.

Aaron disse isso no momento exato em que duas pessoas que trabalhavam ali estavam passando, talvez por isso mesmo. Pude ver a cara feia que fizeram ao se afastarem.

— Sigam-me, lemingues.

Ele nos guiou por um jogo de escadas e nos fez dar a volta no primeiro anel de computadores.

Ouvi cochichos e avistei algumas das Raposas-do-ártico apontando, animadas, para os trabalhadores sentados por quem estávamos passando agora. Um deles estava observando um mapa de todo o complexo, cheio de pontinhos verdes de luz se movendo. Uma tela de plano fechado mostrava uma das borboletas mecânicas. A mulher digitou um comando, depois passou o dedo em um *touchpad*, movendo a criatura. Janelas pequenas mostraram imagens vacilantes e curvilíneas: o que as borboletas estavam vendo. Isso me fez pensar: *Será que eram uma forma de vigilância?*

Ao lado dela um homem estava fazendo o mesmo com beija-flores, e outra mulher parecia estar configurando horários para o despertar dos morcegos. Um falcão, um trio de veados. Tudo falso. E tudo possivelmente vigiando o domo. Com aquele tanto de câmeras, não devia ter muita coisa que escapasse aos olhos do Éden.

— Aqui — dizia Aaron mais à frente — é onde monitoramos as condições atmosféricas internas e externas. Vejam, dentro do domo fazem confortáveis 24°C, enquanto lá fora as coisas estão fritando a 38°C. Nossa umidade é de 68%; a de lá de fora é de 9%.

Estava prestando alguma atenção, só que a coceira tinha começado de novo. Bati de leve as juntas dos dedos contra as bandagens.

— Daqui — Aaron continuou — controlamos todo o clima do domo. Querem ver chover?

— Claro — respondeu Sanguessuga.

A ideia pareceu deixar Aaron animado de verdade.

— Muito bem. — Ele tocou no monitor e mudou algumas barras de posição. Levantou a cabeça e fez um gesto com o queixo. — Olhem por aquela janela à direita, pessoal...

Olhamos e vimos uma nuvem escura começar a aparecer à distância. Ela cresceu para cima e para os lados e aí um borrão de chuva apareceu debaixo dela.

— Prontinho. Podem me chamar de Deus.
— Dá pra fazer trovões? — Sanguessuga quis saber.
— Que tal fazer a lua aparecer? — sugeriu Paige.

Aaron sorriu.

— É claro que eu posso fazer todas essas coisas, posso até inverter as constelações, ou criar uma do zero...

— Mas acho que não vamos querer alarmar as pessoas lá embaixo — lembrou Paul por detrás de nós.

O rosto de Aaron voltou ao normal.

— Certo.

Ele moveu os dedos e a chuva começou a se dissipar.

— Mostra isso aqui pra eles. — O Sanguessuga agia como um sabe-tudo por causa de suas outras visitas. Ele havia atravessado o corredor e estava apontando para outra tela.

— Será que dá — Aaron correu até lá e empurrou Sanguessuga para longe dos painéis — para manter os dedos enebados longe do equipamento?

Sanguessuga tropeçou e o vi olhar para Paul, como se estivesse esperando que o diretor dissesse algo em sua defesa, coisa da qual havia se gabado tantas vezes. Mas Paul ficou quieto.

— Se manca, cara — Sanguessuga resmungou, mas sem seu tom costumeiro.

— Nada quebrado, nem sujo — Aaron dizia, olhando o painel. — Claro, acho que todo mundo pode ver este aqui.

Fomos até lá e vimos cinco câmeras dividindo a tela. Mostravam imagens panorâmicas do mundo lá de fora, saltando de um ângulo ao outro, sempre do ponto de vista de um domo. Legendas nas partes de baixo identificavam cada locação como sendo a de um Éden.

— Uau, maneiro, uma pirâmide! — comentou Mike, apontando para a câmera que dizia ser do Éden Leste.

Por um momento, vimos a estrutura gigantesca de pedra, perfeitamente esculpida e imensa, antes de a câmera mudar de imagem. Agora, o que estava visível era uma estátua grande que parecia ser um animal sentado, mas que não chegava nem perto do tamanho da pirâmide.

— Acho que não podemos esperar que nenhum de vocês saiba que essa é a Grande Pirâmide, em Gizé — comentou Aaron. — E a Esfinge.

Na verdade, sabia o que elas eram, mas não tinha interesse algum em dizer isso a Aaron.

— O que é isso? — Xane estava apontando para a visão na câmera do Éden Centro. Lá embaixo, na planície queimada de marrom, havia uma série de pedras altas em círculo.

— Isso é Stonehenge — respondeu Aaron.

— Acredita-se que tenha sido um antigo relógio astronômico — adicionou Paul.

— Os outros domos ficam perto de coisas mais legais — comentou Jalen, como se estivesse desapontado com o fato de o Éden Oeste não ficar.

— Sim — concordou Paul —, meus correspondentes nos outros Édens têm coisas muito mais agradáveis a serem olhadas.

Pensei sobre o que Paul havia me falado, sobre existir ruínas Vikings aqui perto. Achei que ele mencionaria isso, mas não disse nada.

— E essa aqui? — Bunsen estava apontando para a tela do Éden Sul. Estava apagada.

— Aaron, por que não mostra outra coisa a eles? — Paul sugeriu.

— O que aconteceu com o Éden Sul? — Noah quis saber.

Sanguessuga bateu no ombro dele.

— Cala a boca.

— Ai, tá bom, parei.

— Sim, vamos encontrar outra coisa para entretê-los — disse Aaron.

Ouvi falar que o Éden Sul havia sido destruído em um ataque pelos seguidores de Helíade-7. Ninguém sabia muita coisa sobre eles. Havia rumores de que eram tipo um culto adorador do sol, seguindo o molde de religiões antigas.

— E isso aqui? — Béquer perguntou.

Ele estava olhando para o conjunto seguinte de monitores. Estava perto do fim do grupo e pude ver o que ele estava vendo. Era uma grade circular de espaços triangulares. A maioria estava pintada de verde, vários estavam amarelos e uns poucos estavam vermelhos.

— Isso aí, meu amigo jovem e curioso... — Aaron rangia os dentes enquanto corria e batia a mão na tela, apagando-a — não é o que indiquei para ver, é? — Ele jogou as mãos para o alto. — Isto aqui é um local de trabalho, não uma creche!

— Desculpa — Béquer sussurrou.

Um bipe alto soou pela sala.

— Sr. Cane — chamou uma mulher jovem de um painel próximo. — Temos outra falha no segmento de arco catorze.

Alguna coisa explodiu à distância e o Olho inteiro se sacudiu. Todo mundo se desequilibrou, segurando em mesas e nos corrimãos para não cair. Por um segundo, me perguntei se o Olho entraria em queda livre e fui capaz de nos imaginar caindo em direção à morte, mas o tremor se acalmou.

Outro alarme começou a soar. Aaron olhou para Paul.

— Quer tirá-los daqui? — perguntou.

— Eles são crescidos o suficiente para saber os verdadeiros perigos que enfrentamos, e ver como lidamos com isso.

Aaron fechou a cara.

— Ótimo. Parem com os alarmes e vamos cuidar disso! — gritou.

Uma projeção grande em vídeo apareceu no centro da sala. Todos nós vimos a parede do domo e um painel triangular que tinha pegado fogo. Fumaça preta saía sem parar. Alguns pedaços estavam derretendo e caindo em pequenas camadas.

— Muito bem, chamando unidades aéreas — anunciou Aaron, movendo-se ao nosso redor e mexendo em um monitor. Telas apareciam de relance entre seus dedos rápidos. — E agora vamos abrir a ventilação de emergência do arco quatorze.

Uma vibração atingiu a sala mais uma vez e a tela mostrou uma sessão grande e cheia de painéis do domo se abrir completamente. A fumaça começou imediatamente a ser extraída do local, puxada em direção ao céu de verdade.

Enquanto isso, dois veículos parecidos com helicópteros apareceram, voando em direção ao fogo. Cada um possuía duas asas curtas com hélices na ponta. Conforme eles se aproximavam, as lâminas rodavam na vertical, fazendo o veículo de duas pessoas subir no ar. Jatos de supressor de fogo cor-de-rosa saíram das partes de baixo das máquinas, cobrindo o painel em chamas. O fogo morreu.

— Quero uma leitura de calor dos painéis adjacentes — pediu Aaron.

— Estáveis — respondeu uma pessoa ali perto.

— Fechar ventilação — ele comandou, e parou de digitar. — Implementar Radiação-defesa para substituir o painel perdido. — Ele se virou e olhou em nossa direção. — E é assim que se faz, crianças.

Sanguessuga, Paige e alguns outros irromperam em aplausos.

— Obrigado, Aaron. Vamos deixá-lo trabalhar. — Paul nos direcionou à porta. — Por favor, vamos todos agradecer ao Sr. Cane pelo seu tempo?

Todo mundo murmurou um obrigado e rumou para a saída. Conforme subíamos o corredor e entrávamos no vagão, comecei a coçar de leve os curativos. Tinham começado a queimar mais com o passar da visita.

— Como está se sentindo, Owen?

Levantei a cabeça e Paul estava bem ao meu lado, olhando para baixo, ou, pelo menos, era o que parecia. Queria sair dali, mas estávamos apertados no corredor. Tentei parecer calmo, normal.

— Ah — abaixei as mãos —, sabe como é, estou melhorando.

— Venho pensando em você desde ontem. Seu pescoço ainda te incomoda?

— Não muito — menti, na esperança de soar sincero. — Não é nada de mais.

— Nenhum efeito colateral? — Paul perguntou.

— Nenhum — respondi. — A Dra. Maria disse que estão melhorando.

— Entendo.

Chegamos ao vagão e todo mundo entrou.

— Bem — disse Paul —, apenas lembre-se: sabe onde me encontrar.

— Claro. — Tentei soar como se eu achasse que procurá-lo fosse uma boa ideia.

— Ótimo.

Ele me deu tapinhas no ombro quando embarquei. Quando fui para um assento, percebi Sanguessuga me observando. Ele estava olhando de trás da Paige, que estava sentada em seu colo. Era um olhar estranho, como se estivesse me estudando, como se estivesse tentando descobrir alguma coisa. Esperei pelo próximo comentário espertinho, mas não veio nenhum.

— Vou ficar — Paul disse ao grupo. — Tenham uma boa tarde. — Ele se virou e voltou para dentro, apressado.

No caminho de volta para o elevador, ouvi o Bunsen comentando com o Béquer:

— Se os painéis continuarem queimando assim, não vão poder fazer substituições rápido o suficiente.

— Eu sei — disse Béquer —, e você viu aquele mapa que encontrei e quantos painéis estavam vermelhos?

Bunsen assentiu.

— Acho que o domo tá ferrado.

— Ô, Bunsen! — Sanguessuga gritou. — Quantas vezes vou precisar mandar você calar a boca?

— Silêncio — disse Todd, na frente do vagão. Sua voz estava dura, sombria, como se talvez ele estivesse pensando o mesmo que o Bunsen e o Béquer.

Logo a paquera começou de novo e levou a todos os tipos de risos altos e piadas cochichadas no caminho de volta para o acampamento.

Pensei sobre o incêndio. Qual seria a frequência daquilo? Em que tipo de perigo este lugar estava?

No entanto, meus pensamentos foram afogados pela queimação no meu pescoço. A sensação tinha crescido durante toda a visita, e agora eu não estava conseguindo aguentá-la. Era como se eu quisesse, precisasse de água de novo. Abaixei meu pescoço e mexi minha cabeça para frente e para trás, fazendo a gola do meu pulôver roçar nas ataduras.

Ajudou, mas deve ter sido estranho, porque o Noah disse:

— Ei, Tartaruga, o que foi aí?

— Nada — resmunguei. Levantei o olhar para ele, mas depois desviei. A última coisa que eu precisava agora era ter de lidar com alguém da gangue do

Sanguessuga. Escorei na janela do vagão, esperando que a coceira passasse.

6

Mas não passou. Continuou pela tarde toda, até depois do jantar. Na hora em que fomos dormir naquela noite, eu já não parava de passar os nós dos dedos nos curativos. Cogitei não ir jantar de novo, pensando que talvez o chuveiro fosse ajudar, mas ainda estava faminto por ter vomitado e não comido nada no dia anterior. Cheguei a ver a Lilly à distância no refeitório, porém, não tive a chance de falar com ela.

Enquanto o pessoal da minha cabana passava a noite jogando e atormentando uns aos outros, fiquei deitado na cama, queimando. Todd leu mais um pouco e todo mundo pegou no sono, menos eu. Horas se passaram, e fiquei pensando: *Vai, para*, mas continuei acordado, com o pescoço pegando fogo.

Não sei que horas eram quando finalmente me sentei. Olhei à minha volta, vendo os rostos adormecidos na cabana. Todo mundo parecia mais jovem, sobrancelhas redondas, olhos fechados em linhas retas. A boca do Sanguessuga fazia um pequeno “O” quando ele roncava. Ouvi Todd ressonando na outra sala. Era como um coro de respiração, para dentro e para fora, um som musical e pacífico se comparado com o zumbido constante do compressor de ar no nebulizador do meu pai.

Mas aquilo não me consolava. A queimação estava pior do que nunca. Não conseguia mais aguentar. E tinha uma sensação, uma certeza, de que eu precisava fazer alguma coisa.

Fiquei de pé e desci devagar a minha escada, tirei as calças de moletom e vesti a sunga. Estava sentindo aquela coisa estranha de novo, aquela que senti antes de ir para o chuveiro, que me levava a fazer as coisas sem saber o motivo. O importante era parar a dor.

Está indo muito bem. O novo operário estava de volta.

Calcei meus tênis e abri a porta lateral. Ela rangeu, mas ninguém se mexeu. Eu me esgueirei para os degraus e deixei a porta se fechar devagarinho. Ela trancou por dentro, coisa que Todd já tinha dito que ela faria, exatamente por isso.

— Se tentar sair de mansinho, o único lugar pelo qual você vai poder entrar de volta é a porta da frente — ele havia dito. — E tenho o sono leve. — Os roncoss altos pareciam discordar dessa parte.

Desci tremendo o caminho escuro e sinuoso que atravessava a floresta. O ar noturno tinha sido esfriado para 15°C. Em algum lugar acima, uma coruja piou.

Atravessei os campos. A grama estava banhada em Brilho-de-luar. A lua em si estava no meio da parede, projetada como um quarto crescente, e as estrelas eram projetadas contra a parte de cima do domo, uma Via Láctea débil serpenteando por entre elas.

A umidade fria do orvalho se infiltrou nos meus tênis, e havia um odor estranho no ar, parecia com o de flores, só que picante. Olhei para baixo e vi segmentos retangulares minúsculos grudando nos tênis. Grama cortada. Nunca tinha visto aquilo. Meus pés faziam barulho quando pisavam nas plantas cortadas.

Com o pescoço queimando, segui em frente. Lá estava a praia. O lago brilhava com pequenos diamantes. A areia se acumulava por sobre a grama já cobrindo os meus sapatos.

Por que estou aqui?, pensei.

Apenas relaxe, precisamos fazer isso, disse o novo operário. E senti que, sim, precisávamos. A dor causticante tinha de parar, toda aquela coceira que me consumia no pescoço, e só havia uma maneira de fazer isso. Tinha certeza absoluta disso — parecida com a que tive no dia do chuveiro — e ela crescia cada vez mais a cada minuto de agonia e a cada passo que eu dava.

Cheguei à beira da praia, a água já querendo me envolver. Brilho-de-luar refletia na superfície do lago, deixando a escuridão se estender para as profundezas. As juntas enferrujadas do deque estalaram. O som ecoou conforme a água espirrou nas sombras das suas boias.

Chutei meus sapatos para longe, pensando: *Eu me afoguei aqui*. Mas, então, meus dedos tocaram a superfície da água e, por mais que sentisse pontadas pequenas de dor por causa do frio, senti também uma onda repentina de calma. Água batendo nos meus calcanhares como grilhões de gelo. Ainda mais alívio. Tirei minha camiseta e a joguei de na areia, andei até a água chegar aos meus joelhos. Meus músculos se contraíram, câibras atingiram o arco dos meus pés, e os pelos dos braços e do peito se arrepiaram. Ainda assim, ao mesmo tempo, choques invisíveis de tranquilidade pareciam estar atingindo o meu pescoço. A dor diminuiu mais. Era o chuveiro de novo. Água apagando a dor. Olhei para cima, aliviado, e respirei fundo...

Mas não deu certo. O ar passou pelos meus dentes, pela língua, mas parou na garganta, como se tivesse ido de encontro a uma parede. Meu peito se trancou, nada entrava. Consegui ouvir os sons engasgados que eu mesmo produzia.

E havia alguma coisa de diferente nas feridas. Elas estavam abertas, estranhas, parecia que estavam se movendo. Agarrei os curativos, tirando-os de mim. Os dedos passaram no pescoço e senti as camadas de pele se agitando; meus

machucados pareciam criaturas voltando à vida.

Respira! Estava acontecendo de novo. Estava afundando para dentro de mim mesmo, cantos escuros, estava me afogando... mas, desta vez, era no ar. Meu peito doía. Pontos brancos apareceram nos meus olhos. Cambaleei e meu corpo se jogou, como se estivesse agindo por conta própria agora. Bati de cara na água, saindo da superfície, água entrando na minha boca mais uma vez...

De repente, consegui respirar de novo. O sentimento de pânico começou a desaparecer.

Não fazia sentido.

Fazia sentido.

Abri os olhos e avistei a fortaleza serpenteante do fundo arenoso. Ar fresco passou pelas minhas costas. Eu estava flutuando como um homem-morto em água rasa. Meus pulmões estavam fora de funcionamento; e o sobe-e-desce constante do meu diafragma, presente por toda a minha vida, a não ser por dez minutos do dia anterior, tinha parado; e ainda assim...

Tudo bem, dessa vez.

Tudo estava bem. Porque uma coisa nova estava se movendo.

Minha boca estava aberta, minha língua empurrando na direção contrária à da corrente de água que entrava, mas sem atingir meus pulmões. Minhas bochechas se expandiam e se contraíam, criando o fluxo. Eu podia sentir a água passando pela garganta para depois sair de mim aos poucos, fazendo as laterais do meu pescoço se moverem. Ondulando levemente, como se fossem dedos. Senti as feridas...

Que não eram feridas coisa nenhuma. Elas eram...

Guelras.

Muito bem, novos sistemas on-line, disse com orgulho o novo operário. Ele se virou e começou a apertar as mãos de todos os outros na sala. *Obrigado pela paciência.*

Eu tinha um milhão de perguntas, e todas elas começavam com: *Como?* Não tinha respostas, mas não me sentia preocupado. E, o que era ainda mais estranho, assim como na noite passada, no chuveiro, ou até mesmo ontem na praia, isso não parecia me surpreender nem um pouco. Parecia até que as coisas *deviam* ser assim, como se o meu corpo tivesse algum plano que estava se desenrolando agora, sem se preocupar em me contar sobre. No entanto, parecia ser a coisa certa, então segui um novo impulso:

Nade.

Bati os pés, me afastando da praia. Quando atingi o deque, mergulhei mais, entrando na camada mais fria e profunda da água. Verifiquei se meu tronco estava doendo, porém, não havia tensão nenhuma ali, sem câibra. Sem o esforço de

respirar, de manter o ar nos pulmões, todo o meio do meu corpo estava calmo, funcionando do jeito... talvez do jeito que ele deveria ter funcionado sempre. Era assim que me sentia. Mas, o que isso queria dizer? Só sabia que isso parecia ser o jeito certo.

Agora estava debaixo das linhas das raias, aumentando a velocidade. Movendo os braços lateralmente, batendo os pés para cima e para baixo, eu me virei, olhando para o cintilação da lua projetada. Voltando a olhar para baixo, mergulhei para as profundezas geladas. Senti dor nos ouvidos, cavidades vazias localizadas ali, coisas estranhas dos humanos. Não conseguia enxergar muito bem — meus olhos ainda eram os mesmos de sempre, do tipo feito para o ar — então, me curvei de volta para cima, para a camada mais quente. Precisei fazer um esforço. Não tinha mais um balão gigante de respiração presa me puxando em direção à superfície. Eu não era mais uma criatura fraca do ar.

Segui de volta para o deque. Nadar assim era tão *fácil*, mais fácil que correr, que andar. Nada nunca tinha parecido tão óbvio. Sentia cada vez mais que *este* era o meu mundo, meu domínio. *Tomem cuidado, intrusos, ou vou levá-los para o fundo.*

Não sei quanto tempo passei rodando e mergulhando pelas partes mais escuras do lago, aprendendo a me movimentar na realidade fluida ao meu redor. Encontrei jeitos mais rápidos de bater os pés e me virar, os melhores ângulos para subir e descer, aprendi que as pressões da água eram como brisas, camadas termas como cômodos em uma casa nova...

Até que estalos agudos ecoaram lá de cima. Batidas seguidas. Passos no deque. E então um estouro. Alguma coisa entrou na água à minha direita, deixando um rastro de bolhas. Avistei um corpo masculino, comprido, indo para o fundo e depois subindo em direção à superfície. Mais barulho, e uma segunda invasão ao meu mundo submarino. Outro homem, mergulhando como bala de canhão. Agora uma terceira mergulhadora, uma menina. E mais uma. Cada corpo pálido se enfiou nas profundezas, mas não voltou para a superfície como qualquer um que respira ar. Eles se curvaram e giraram, depois se atiraram como balas para longe do deque, desaparecendo na escuridão. A última menina foi a que levou mais tempo, dando mortais extras no ambiente sem gravidade, gostando daquilo tanto quanto eu tinha gostado, antes de nadar para longe.

Eu os observei até que fossem engolidos pelas trevas e aí segui atrás dos quatro. Eles estavam nadando logo abaixo da superfície, então fiquei mais no fundo, pouco depois do fim do alcance fraco do Brilho-de-luar. Enquanto os seguia, me perguntava se eles eram como eu. Será? Como isso era possível?

Uma forma redonda e inchada surgiu no meu campo de visão na superfície. A parte de baixo da grande balsa do trampolim. Os corpos se curvaram e se levaram

para fora. A pele rangeu contra a borracha.

Subi devagar, espiando, só com olhos e orelhas na superfície, guelras funcionando em segurança debaixo d'água. Dava para ver as costas e os ombros de uma das meninas, descansado na beira do balão gigante em forma de rosquinha. Tiras brancas cruzavam as costas dela. O cabelo era comprido e prateado à luz da lua. Não consegui ver a outra.

Os dois rapazes estavam pulando alto na membrana de malha que ficava no centro da balsa. Um deles era o Evan, o que era óbvio pela ampolheta que formava os seus ombros.

— Marco! Você primeiro! — ele disse.

O outro, Marco, foi para o alto, encolhendo-se para um mortal duplo antes de afundar na água.

— Legal — disse a garota.

— Deixa comigo — disse Evan.

Ele pulou e subiu ainda mais alto, primeiro como uma lança, depois se ajeitando para agarrar o joelho pouco antes de atingir a água, bombardeando os arredores de Marco com um estrondo enorme que fez a água subir no formato de um cogumelo. As ondas bateram contra a balsa e se acalmaram logo, mas não havia mais sinal dos dois garotos. Então eles saíram da água, pulando alto no céu e caindo de pé na superfície.

— Tão melhor sem os capangas por aqui — comentou Evan, lançando o olhar por sobre o deque silencioso e a praia vazia.

Sorri para mim mesmo. Se eles soubessem que eu estava aqui. E eu até me perguntei se deveria assustá-los ou...

Alguma coisa agarrou o meu tornozelo e me puxou para baixo.

Quê? Eu me debati enquanto via o Brilho-de-luar se afastar e era arrastado para dentro da escuridão frígida. O puxão era poderoso...

E aí parou. Olhei à minha volta. Uma forma apareceu bem na minha frente.

“Buuu!”

Tentáculos se moveram, olhos brilharam e cheguei até a pensar naquela sirena de quando me afoguei, mas vi logo depois o que tinha me atacado.

“Oi, Owen!” Era a Lilly, flutuando na água à minha frente, sorrindo.

“Oi!”

“Olha só.” Os dedos dela envolveram o meu pulso e ela guiou minha mão até o próprio pescoço, em cima da tira fina do maiô, depois da tensão macia dos músculos do pescoço, e lá senti a vibração.

Ela também tinha guelras.

E estávamos nos falando debaixo d'água.

“Como você tá fazendo isso?”, perguntei.

“O quê?” A boca mal se mexia quando ela falava. Mas eu ouvia. Ou sentia.

“Falando comigo.”

Lilly sorriu de novo.

“Falando. Igual a você.”

Quando ela disse isso, percebi que estava ouvindo alguma coisa, cliques ou gorjeios. Era difícil saber debaixo d’água. Mas parecia também que eu estava quase sentindo o cheiro das palavras, algo assim.

“Parece que você sentiu os impulsos”, ela disse com um sorriso.

Agora percebi que talvez a pele dela estivesse mudando conforme ela falava, a cor cintilando de leve. Fazia parte dessa comunicação de peixes, ou seja lá o que estávamos fazendo. E respirando com guelras, uma coisa que simplesmente sabíamos como fazer, sem pensar.

Tudo isso é parte dos novos sistemas, disse o novo operário.

“É”, concordei. Então *aqueles* eram os impulsos dos quais ela tinha falado. “Mas...”

“Shh.” Lilly estendeu o braço e tocou meus lábios com o dedo.

“Tá.”

“Vem.” Ela se virou para sair dali. “Vão começar a se perguntar onde fui.” Ela rumou para a balsa.

“Não posso...”

“É claro que pode.”

Pela primeira vez desde que tinha ido para baixo d’água me senti como o meu antigo eu, o Owen da superfície, o que respirava ar, o Tartaruga. Eu não podia ficar na balsa com o CETs. Mas a Lilly estava indo...

Vai fundo, ela tinha dito naquela tarde. E fui atrás dela.

Ela chegou à balsa e, antes de sair para a superfície, se virou para mim.

“Quando você for sair da água, empurra o seu estômago pra cima. Tem um pouco de ar sobrando nos seus pulmões. Isso vai abrir sua epiglote e você vai respirar tranquilamente.”

“Mas antes, na praia, eu não pude...”

“Vai. Confia em mim.”

Antes de eu poder protestar mais, ela ativou o pulmão, agarrou as cordas amarelas que cruzavam a lateral da balsa e se içou para cima.

Eu a segui. Assim que minha cabeça e meus ombros emergiram, senti a necessidade de ar me pressionando, as guelras funcionavam inutilmente. Fiz como Lilly tinha dito, empurrando o meu estômago para cima, flexionando músculos que eu mal sabia que tinha. Uma pequena arfada de ar se libertou e meus pulmões voltaram à vida, inflando, puxando mais ar. Senti uma onda de náusea, mas passou logo.

Chequei o pescoço. As guelras tinham desaparecido. Não, não desaparecido, elas ainda estavam lá, mas eram como fendas na minha pele, e estavam ficando mais apertadas, menores, as aberturas se fechando. Escondidas. Só sobrou uma coceira leve. Passei meus dedos pelas ranhuras: sem sangue.

— A Radiação-zero deixa as linhas invisíveis — explicou Lilly, ajoelhando-se mais acima. — Quer uma mão?

— Não precisa — respondi. — Deixa comigo.

Puxei as cordas laterais, batendo meus pés na água e lutando para subir pela borracha escorregadia, me sentindo como uma tartaruga subindo em um tronco. Segundos pareceram horas porque eu não podia ser tão patético assim na frente de todos eles... mas finalmente me ergui acima da barriga e fiquei de pé.

— Olha o que eu achei — Lilly anunciou.

Os CETs me olharam.

— Quem é esse? — Marco perguntou. Ele estava sacudindo a água do cabelo preto e desgrehado. Seus ombros não eram tão grandes quanto os do Evan, mas faziam os meus parecerem anões.

— Owen, da Hienas — respondeu Lilly.

— O que você tá fazendo aqui? — Evan me perguntou. Parecia que ele não estava feliz.

— Ele é um de nós. — Lilly, de novo.

— Um de nós? — repetiu a outra menina. — Ele acabou de chegar, não faz nem um minuto.

Lilly juntou o cabelo e espremeu para tirar a água.

— É, dãã, Aliah. Ele também tem. — E deu tapinhas no pescoço.

— Esse moleque? — perguntou Aliah com descrença. Ela estava mascando chiclete, seu rosto era uma obra de arte com cílios escuros e cintilantes, tinha um piercing prateado no nariz e sobrancelhas pequenas, tudo acentuando uma pele marrom e bonita.

Ela me examinou. Já imaginei o veredito. Mas aí ela só deu de ombros e disse:

— Então tá.

— Uau — Marco adicionou. Ele estava me estudando, como se eu fosse alguma coisa estranha, porém interessante, pelo menos naquela hora.

— Você mentiu ontem, não mentiu? — perguntou Evan, olhando para a Lilly. — Você disse pra Dra. Maria que ele tinha ficado no fundo por, sei lá, três minutos.

Lilly começou a pular no centro do trampolim.

— Sim. Foram onze, na verdade — ela respondeu com um sorriso. Virou os olhos para mim e continuou: — Mas eu tava de olho nele.

Senti um pequeno choque ao ouvir aquilo. *Ela estava de olho em mim...* Mas tentei não entregar o que eu estava pensando sobre o assunto. Tinha de parecer

tranquilo, contido.

Enquanto isso, Lilly foi para o ar, o corpo pintado de prata pelo Brilho-de-luar, para depois girar e cortar o caminho até dentro d'água.

Eu ainda estava parado em uma posição irregular na beira da balsa.

— Vocês todos têm...

— Guelras. — Aliah fez um sinal em direção ao pescoço, mexendo os dedos alegremente. — Legal, né? Somos uma raça nova.

Marco ainda estava me observando, com uma sobrancelha levantada.

— Mas nenhum de nós tinha uma até o segundo ou terceiro *ano* aqui. Como você conseguiu em, tipo, dois dias?

— Não sei — respondi. — Mas o que... quer dizer, por que...

Lilly emergiu atrás de mim, aterrissando na balsa e provocando uma inclinação. Bambeei, mas não caí.

— Relaxa, Owen — disse ela, pondo um braço molhado em volta de mim. Senti sua pele nos meus ombros, os cabelos do antebraço tocando minha orelha por um breve período. Tentei ficar parado, parecer calmo. Olhei para o Evan. Ele estava observando tudo. Lilly continuou: — Vamos explicar tudo.

— Tudo o que a gente *sabe*, pelo menos — completou Aliah.

— É — concordou Lilly. — Mas aqui vai tudo o que você precisa saber por hoje. Número um: você vai ficar bem.

O trampolim balançou, fazendo os quadris da Lilly se apoiarem nos meus. Então... tá bom.

— Agora que as guelras se adaptaram, você vai poder usar tanto elas quanto os seus pulmões numa boa — Marco adicionou.

— Certo — eu disse.

— Número dois: — Lilly ia enumerando — você tem guelras por causa *deste lugar*. — Ela mexeu a mão para indicar o lago, o domo.

Queria me manter calmo, ficar tranquilo com tudo, porém as perguntas saíram de qualquer jeito.

— O que isso quer dizer?

— Como se soubessemos — resmungou Aliah.

— Sabemos pouco, mesmo — Lilly respondeu. — Tem alguma coisa aqui que causou essa reação em nós. Fez a gente mudar, mas não sabemos o que é. E número três: você não pode contar pra nenhum *deles* o que aconteceu com você.

— Tá falando dos adultos?

— Principalmente pro Paul — enfatizou Marco.

Enquanto Marco falava, Evan se levantou e começou a pular. Ele se jogou no ar e mergulhou na escuridão, quase não fez barulho.

— Mas ele sabe dos machucados — admiti.

— É, ele sabia que a gente tinha feridas também, quando elas começaram, há dois anos — disse Lilly. — Foram cinco de nós a começar com isso. A outra foi a Anna. As guelras dela apareceram mais rápido e, quando ela mostrou pro Paul e pra Dra. Maria, eles começaram a fazer um monte de testes nela...

— Testes que deixaram ela doente — completou Aliah, meio amarga. — E quanto mais doente ela ficava, mais testes eles queriam fazer. Disseram que eram para ela melhorar, mas Anna falou que era como se o Paul estivesse procurando alguma coisa, tentando descobrir algo, que ele não falava o que era...

— E então ela sumiu — Lilly concluiu.

— Sumiu? Como assim? — perguntei.

— Tipo, um dia ela não voltou para a cabana e o Paul disse que as condições dela tinham piorado e ela tinha sido mandada para o hospital da cidade para um tratamento melhor. E não a vimos desde então.

— Não dá pra pedir que alguém descubra? — sugeri. — Tipo seus pais ou coisa assim?

— Rá, pais — riu Marco.

— O que é que tem? — quis saber.

O rosto da Lilly ficou mais sereno, parecia que seus olhos tinham aumentado de tamanho.

— Nenhum de nós tem pais. Nós somos Crios — ela explicou. — Você não é?

— Não. Sou do Centro Yellowstone. Moro com o meu pai.

— Ele é o primeiro não-Crio a ter os sintomas — Aliah observou, olhando séria para os outros.

— Que nós sabemos — lembrou Evan.

— De qualquer forma — Lilly continuou —, não tem ninguém pra perguntar sobre a Anna. Quer dizer, nós tentamos, mas o Éden cuida do Lar Crio do mesmo jeito que cuida do acampamento. Do mesmo jeito que cuida de toda a cidade.

— Mamãe e Papai Corporação Éden — adicionou Aliah.

— Já perguntamos da Anna pra algumas pessoas: pros nossos tutores, pros diretores do hospital. Ninguém nunca sabe de nada. Idiotas — Lilly resmungou para si mesma. — Ela era a minha melhor amiga.

Senti um leve tremor de nervos dentro de mim.

— Eles fazem testes em vocês, também?

— Não — respondeu Aliah. — Nunca dissemos nada pro Paul, mas, enquanto continuarmos assim, parece que ele vai nos deixar em paz.

— Mas ele tá sempre de olho na gente — observou Lilly. — Achamos que ele sabe.

Lembrei dos insetos de vigia, e dos morcegos, olhei para cima e chequei o céu.

— Provavelmente — concordei.

— O que quer dizer que ele vai ficar de olho em você, também — apontou Aliah.

— Tá legal, mas como isso tudo aconteceu? — perguntei.

Os CETs se entreolharam.

— Isso — começou Lilly — é a grande dúvida. Mas não se preocupa, Ow. O negócio é o seguinte: fica conosco e guardamos o seu segredo.

Estávamos todos falando de uma coisa séria e maluca, mas, ao mesmo tempo, eu tinha acabado de ouvir a Lilly abreviando o meu nome. Tentei manter minha expressão calma, tipo o oposto de como aquilo fez eu me sentir.

— Beleza? — Ela me olhou com expectativa.

Passei os olhos pelos CETs e percebi que, talvez, eu tivesse acabado de ser convidado a me juntar ao grupo deles, a sociedade secreta das guelras e da balsa.

— Beleza — respondi, e tentei devolver o olhar da Lilly como eu tinha feito no deque, dizendo “sim, posso fazer isso”. Só que, dessa vez, talvez eu acreditasse mesmo nisso.

— Ótimo. — Ela sorriu.

— Dá pra parar com toda essa conversa agora, por favor? — pediu Marco. — Vai amanhecer em, tipo, duas horas.

— Beleza. — Lilly se virou para Evan e Marco. — Meninos, vamos dar as boas-vindas ao nosso novo membro.

— Tá legal. — Evan não pareceu animado, mas veio para perto de mim, era mais alto que eu e parecia ter um tipo de suor melhor que o meu também. Então, ele me pegou por sob os braços. — Se segura. — Ele pulou e me arremessou para cima.

Gelei, esperando que eu pudesse manter os pés para baixo quando aterrissasse. Lá embaixo, os outros quatro peixes foram para as beiradas do trampolim.

— Pronto! — Lilly gritou.

Caí com tudo e, assim que quiquei no centro do trampolim, todos eles também fizeram força. Afundei para depois subir bem alto no ar noturno.

— Maneiro! — gritou Marco.

Desenhei um arco no espaço livre, perdendo o equilíbrio, me inclinando para os lados. No caminho para as águas escuras do lago fiquei tentando me endireitar, mas acabei batendo nelas com queixo e barriga. Afundei e meu peito apertou. Fiquei lá, sem saber que lado era o de cima e que lado era o de baixo. Meu rosto pulsava. Meu estômago também. E então, sem nem pensar direito, fiz um movimento que selou minha garganta e fez minhas guelras voltarem à vida. Deixei a água passar e relaxei.

Uma mão se fechou no meu pulso. Levantei a cabeça e lá estava a Lilly, feita de

azul e luar, o cabelo serpenteando ao seu redor, uma sirena chamando por mim:

“Vem.”

Ela me puxou mais para o fundo, para as profundezas geladas. Ouvi o barulho e logo os outros CETs estavam à minha volta, todos nós entrando na escuridão.

Enquanto descíamos cada vez mais para o abismo, olhei de uma figura embaçada para outra e pensei em como isso tinha acontecido. Claro, os acontecimentos se deram aos poucos — me lembrava de todos eles —, mas parecia que tinha alguma coisa a mais ali, como um plano, ou até mesmo um Deus pensando em tudo isso: eu, Owen, de repente transformado em uma coisa nova, uma criatura das profundezas, dos mistérios. E quis ficar aqui embaixo para sempre, ao alcance da Lilly, com esses outros que eu quase ousava pensar serem meus amigos.

PARTE II

[CONEXÃO LINK GAMA CARREGANDO... 100% — bem-vindos de volta ao Sinal-transmissor Livre da Aliança — *obstrução* — quiser saber o que a Corporação Éden está planejando, basta olhar para as localizações dos domos. Ela diz que estão posicionados conforme a estabilidade climática, mas a proximidade de locais antigos não pode ser uma coincidência. Tem também o complexo secreto Éden Norte. Ninguém pode confirmar sua localização, porém nossas fontes dizem ser na costa da Groenlândia, e há rumores de que aquilo seja alguma espécie de Área 51 moderna. Foi o primeiro a ser construído. Então, você deve se perguntar: o que o Éden está escondendo ali? E será que isso tem conexão com as informações que recebemos de Desenna, antigo Éden Sul? Com os rumores de algum tipo de despertar, ou chamado, que só acontece com algumas pessoas, muito raras? Acreditam que os Deuses estejam retornando, mas e se for algo mais? Algo antigo, como... *falha na conexão*]

A projeção da lua se pôs no contorno dos morros a oeste, desaparecendo no brilho âmbar fraco vindo da cidade. O Acampamento Éden ficava em uma enseada isolada do mundo, colinas a cercavam por três dos lados e o Monte Aasgard pelo quarto. Aquele brilho nebuloso distante era a única coisa que indicava que havia uma cidade ali.

Com as luzes púrpuras imitando o alvorecer na linha leste do domo, saímos da água, emergindo até a praia como uma espécie de exército de monstros invasores.

Andando com os CETs, pensei em nós como um daqueles grupos que eu conhecia do lado de fora, que pareciam tão exclusivos, uma parte natural do universo. Do tipo que você se pergunta como coisas assim são formadas e por que elas não acontecem com você. E que faz você querer, só uma vez, fazer parte de algo assim, e *saber* o que aquele segredo, aquela coisa sagrada era para ter construído uma unidade tão impenetrável. Pelo visto, a coisa podia ser guelras.

Senti o toque desapontador da areia, a pressão do chão sólido nos meus pés. De volta à terra. Puxado para baixo por aquela força persistente da gravidade, eliminando possibilidades, me fazendo passar de tubarão a tartaruga. Pude sentir minhas guelras se selando, se resguardando até... quando? Será que isso aconteceria de novo? Hoje à noite? Mal podia esperar. Mas será que eles me quereriam de volta ali?

À distância, os controladores voltaram à vida, girando para aquecer o ar. As Nuvens-cópia começaram a se formar pelos cantos do domo. Os umidificadores criaram um efeito embaçado no ambiente. Percebi que meu corpo continuava molhado, a umidade não evaporava logo de cara como teria feito lá em casa, na aridez do Centro.

Os CETs haviam trazido toalhas, por precaução.

— Pega — disse Lilly, me entregando a dela depois que minhas tentativas de usar minha camiseta ensopada só serviram para sujar o peito de areia. A toalha verde-limão que ela me deu tinha um cheiro salgado de suor, além daquele traço metálico de Radiação-zero e estar um pouco úmida também, por causa de muitos usos entre lavadas.

— Valeu.

Pássaros começaram a cantar e a voar por todos os lados. Ao norte da praia, algum tipo de ave de rapina estava rondando a Reserva, uma porção da floresta isolada por redes que iam até o topo. Fiquei pensando se o pássaro seria de verdade ou se seria um robô.

— Hora de ir pra cama — disse Aliah, já andando pela areia seca. As casas dos CETs eram logo em frente, no bosque entre a praia e o refeitório.

Um relógio pendurado ali perto mostrava que já eram quatro e quarenta e cinco. Mais três horas até a hora de acordar. Já percebia que eu ia passar o dia exausto.

— Até mais tarde, Owen — disse Marco.

— É. Tchau, pessoal. — Peguei meus tênis e rumei para a direita.

Mas aí ouvi um som atrás de mim:

— Owen, espera.

Lilly estava correndo na minha direção com a toalha enrolada na cintura, o cabelo molhado agora em um estado caótico. Ela me acompanhou, alisando o emaranhado escuro com a mão. Era possível enxergar as linhas fracas das guelras escondidas, como se traçadas por um lápis.

— Como vão as coisas? — ela perguntou.

— Bem, eu acho.

Sáímos da praia e atravessamos a grama. Os regadores estavam ligados, então tivemos de andar em zigue-zague para evitar os jatos de água giratórios.

— Ei, água, cuidado — tentei fazer graça. E aí senti um aperto por dentro, pensando que a Lilly podia não me achar engraçado.

Mas ela riu.

— Né?

Depois ficou em silêncio.

O céu começou a dar sinais de azul. A cor estava se infiltrando nas árvores. Um primeiro raio de Sol-seguro laranja iluminou o topo da bandeira à esquerda. Teríamos de estar de volta ali em algumas horas, como um dia comum de acampamento.

— É muita coisa pra absorver — Lilly comentou baixinho.

— Acho que sim.

Sabia que ela tinha razão, mas não pensava exatamente assim. Todo o negócio com as guelras já parecia normal, uma parte de mim, como os meus braços ou os meus pés. Talvez não tão familiar desse jeito. Mesmo assim, não estava tão presente na minha cabeça, pelo menos não tanto quanto o fato de eu estar aqui, andando ao lado da Lilly. Um dia atrás ela havia me parecido tão misteriosa, como membro de outra raça de seres — o que, no fim, ela acabou sendo. Mas até

aí eu também era.

— Olha, Owen — Lilly começou, mas parou; foram dois segundos que passei pensando se ela falaria alguma coisa sobre nós, sobre mim. Sobre essa conexão que parecíamos ter agora... mas, em vez disso, ela disse: — Eu só queria dizer que lamento por, sabe, você ter se afogado.

— Ah. — Na minha opinião, ela não parecia lamentar muito. — Tudo bem. Quer dizer, você disse que estava de olho em mim.

— Mas não estava — Lilly admitiu. — Não no começo. — Ela parou, virando-se para mim, porém com os olhos focados em algum lugar além do meu ombro. — A verdade é que não sabia que você tinha sumido. Não até o fim da prova. Todos tinham voltado pro deque e um dos seus colegas perguntou de você. Um tal de Béquer, acho. Então comecei a procurar, mergulhei e te encontrei lá embaixo, e foi *aí* que vi seu pescoço e soube que você ficaria bem. Mas, antes disso... — Ela deu de ombros.

— Então, você mentiu naquela hora na boia.

— Só não queria que eles soubessem que eu quase estraguei tudo.

Não sabia o que fazer com aquela informação. Acho que fiquei um pouco desapontado. A Lilly não tinha estado de olho em mim, não tinha nem me percebido, na verdade, até que outra pessoa fez isso por ela. Então, era pena? Ela só estava ali comigo porque se sentia culpada por quase me deixar morrer?

— Por que você tá me falando isso?

— Não sei. Queria que você soubesse a verdade, acho.

Pensei naquilo. E não sabia se mudava alguma coisa.

— Você ainda salvou minha vida.

— Não, você salvou sua própria vida. Pareceu que fui eu porque eu te trouxe para a superfície, mas foi só para ajudar a manter suas guelras em segredo.

— Bom, mas se você não tivesse me dito aquilo eu provavelmente teria contado tudo pro Paul e pra Dra. Maria.

— É, acho que *isso* eu fiz certo. — Lilly parou de andar. — Acho melhor eu voltar.

— Hum — devolvi, como se fosse falar mais alguma coisa, só não sabia o quê.

— Nos vemos no café da manhã. — Lilly estendeu a mão e tocou meu antebraço. — Obrigada por ter vindo nadar. Você vai voltar hoje à noite, né?

— Hum, claro. Volto, sim. — Balancei a cabeça e sorri. Tentei me segurar enquanto, por dentro, eu pensava: *Isso!*

— Ótimo. — Ela sorriu para mim e se virou, atravessando o campo. As lâmpadas Sol-seguro aqueceram seu cabelo embaraçado e suas omoplatas, e cintilaram nos anéis nos dedos dos pés dela.

Eu a observei indo embora por um tempo e depois rumei para o bosque. O caminho coberto de lascas espetou meus pés descalços. Não conseguia me lembrar de uma vez em que eu tenha ficado descalço lá no Centro, além de no apartamento. Pensei em calçar os tênis, mas não calcei. Andei sentindo o chão, apreciando as agulhas dos pinheiros se enfiando entre os dedos. Passei por cabanas adormecidas que vibravam com corais de respirações pesadas e roncoss. Mesmo cansado, andava meio que dançando, estava nervoso ou talvez animado.

Cheguei à nossa cabana. Com a porta lateral trancada, teria de me esgueirar passando por Todd. Não podia deixar que ele descobrisse que eu tinha passado a noite fora, não só porque estaria encrencado, mas também porque isso ia atrair as atenções para mim. Tinha de permanecer fora de foco, facilmente esquecível, para poder encontrar meus amigos noturnos de novo.

Estava passando pelos pares de janelas verticais ao lado dos beliches, ouvindo todo mundo roncando e ressonando, quando vi o bolo que era a roupa de cama do Béquer, agora coberta com um dia de sujeira. Ele ainda não tinha vindo atrás delas, ou então a matilha ainda não o tinha deixado fazer isso.

Cheguei a pular as coisas dele, mas parei, voltei e as tirei do chão. Contornei a cabana de novo e fui mais para o fundo na floresta, até achar que estava fora do campo de audição da galera. Então sacudi tudo, primeiro o cobertor, depois os lençóis. Tirei o máximo de sujeira que pude e dobrei cada um.

Parei para pensar que ontem mesmo eu não teria feito isso. Só ajudar o Béquer já era desafiar demais a matilha, e ia contra o meu plano de ficar invisível. Mas essa parte era com a equipe e os conselheiros. Em se tratando do Sanguessuga, bom... talvez, se ele quisesse me encher o saco por isso, eu o apresentasse ao monstro das profundezas, o levasse para um passeio. *Vai lá*, pensei. *Duvido você tentar*. Era um pensamento novo para mim. Um pensamento de poder. Gostei daquilo.

Subi de volta para a cabana. Estava quase chegando à pequena escada de madeira e abrindo a porta quando ouvi passos vindos de dentro. A porta se abriu. Gelei. Era tarde demais para voltar pelo canto, então me enfiei debaixo da escada, o rosto foi de encontro às teias de aranha.

Alguém saiu. Provavelmente Todd. Ele percebeu que eu havia saído. Fui pego. Passos desceram os degraus, foram para o caminho de lascas... e se afastaram. Acompanhei a movimentação pelos vãos da escada empenada. A pessoa andava devagar, com passos arrastados, lentos. Vi tênis desbotados, jeans, proporções pequenas demais para ser o Todd.

Era Sanguessuga. Ele estava com uma maleta em formato de tubo, longa e preta, em um dos ombros. Parecia ser feita de couro. Nunca tinha visto nada do tipo, a não ser aquelas nas quais eles guardavam rifles lá no Centro, mas essa era

pequena demais, com um formato uniforme demais. O que alguém guardaria ali dentro? Vi sua cabeça empinar para o céu quando ele bocejou.

Acima de mim, a porta estava fechando devagar. À frente, Sanguessuga estava sumindo de vista perto da cabine seguinte. Desviei dos degraus, pus a roupa de cama do Béquer no chão e pulei, segurei no corrimão, mas meu joelho não foi por completo e, em vez disso, raspou na madeira dura, que era o oposto de água fluida. Superfície idiota, gravidade idiota! Eu me icei, fiquei de pé, a porta quase se fechou... então, parou.

A cabeça do Béquer apareceu, seu cabelo preto enrolado parecendo ridículo. Ele fechou a cara.

— Você não deveria estar aqui fora. — Sua voz saiu meio grogue.

— É, e daí? — cochichei de volta para ele, sentindo a pontada de irritação que provavelmente era o que levava os outros rapazes a atormentá-lo. O pequeno Béquer, sempre preocupado com as regras. Enquanto passava as pernas por cima do corrimão, imaginei se ele estava pensando em me entregar, vendo uma chance de ganhar pontos com Todd, seu único aliado. Peguei os lençóis e o cobertor e os entreguei para ele.

— Segura.

O Béquer olhou para baixo. Depois voltou a olhar para mim. Seus olhos se estreitaram ainda mais, como se ele estivesse tentando entender a piada inevitável.

— Estavam no chão. Dei uma batida neles.

Ele continuou me encarando, depois olhou de volta para os seus pertences e balançou a cabeça.

— Eu estava usando meu moletom pra dormir. Obrigado.

— Por nada.

Ele se virou e voltou para dentro. Eu o segui. O restante do pessoal parecia estar dormindo. Menos Sanguessuga, que tinha saído. Será que Todd não ficaria interessado em saber disso?

Mas tudo o que eu queria agora era dormir. Subi na minha cama, me virei e só senti exaustão. Os músculos relaxando, o corpo ficando mole, sem queimação no pescoço, só tranquilidade e paz e pensamentos sobre a Lilly, pensamentos incríveis, mas nem eles conseguiram me manter acordado.

* * *

Foi como se um segundo tivesse se passado até que o toque de alvorada soou. Meus olhos piscaram e se abriram, secos demais. Eu estava grogue, sedento por mais horas de sono.

Todd entrou.

— Mais um lindo dia, garotos! — anunciou, mostrando o progresso dos pelos do sovaco.

— Cadê o Sanguessuga? — Jalen perguntou, olhando para a cama vazia.

Todd também olhou naquela direção.

— Ele foi ver o diretor. — Fiquei tentando ouvir alguma pista em sua voz. Sanguessuga estava encrocado ou o quê? Mas não percebi nada. — Owen, o seu pescoço está melhor?

— Ah — lembrei que tinha tirado os curativos —, sim. Tudo certo.

— Legal. — Todd soava como se só estivesse perguntando porque era o trabalho dele.

Trocamos de roupa, passamos Radiação-zero e fomos para a bandeira. Tudo estava mais quieto sem o Sanguessuga por ali. Avistei Bunsen, Wesley e Xane conversando, até o Noah estava socializando, coisas que não teriam sido permitidas normalmente.

As Raposas-do-ártico já estavam lá. Sussurravam uma para a outra e olhei naquela direção sem nem querer. Vi Paige, Mina e mais umas duas olhando de volta para mim. Os olhos da Paige estavam estreitos, como se ela estivesse me estudando. Então ela pôs um dedo nos lábios e balançou a cabeça, parecendo que tinha chegado a uma conclusão.

— Tá bom — ela disse, e deve ter sabido que foi alto o suficiente para eu ouvir. — Acho que ele pode ser AQB.

Não sabia se ela estava falando sério ou se estava brincando e me perguntei se tirar as ataduras era o que fazia a diferença. Fora isso, eu não era o mesmo? *Mas não sou*, pensei. *Talvez dê pra perceber isso de alguma forma ou...*

Mãos me empurraram para frente.

— Pode ir sentando — ordenou Jalen atrás de mim.

— Sai pra lá — respondi por sobre o ombro, mas, ao mesmo tempo, percebi que estava segurando a fila, então não falei mais nada e tratei de me sentar no banco.

Claudia começou a liderar os gritos das cabanas. Assim que iniciaram, meus olhos começaram a se fechar, entrando em um sono parcial, o mundo do lado de fora da minha cabeça se tornando um zumbido distante...

— Valeu de novo por ter pegado as minhas coisas lá fora. — Abri meus olhos e o Béquer estava bem ao meu lado.

— Por nada. — Olhei em volta por instinto, para ver se alguém estava ouvindo, mas lembrei que eu não ligava. Não deveria ligar. Eu podia ajudar o Béquer; minha cabana podia até pensar que somos amigos, não estava nem aí.

Cochichos e mais cochichos se irromperam entre as Raposas-do-ártico. Ouvi alguém dizer “Aí vem ele” e as vi juntando as cabeças e olhando para os campos

de atividades.

Lá estava Sanguessuga, voltando do lago com Paul, que vinha com uma vara de pesca ao seu lado. Aquilo devia ser o que estava na maleta do Sanguessuga. Então, ele saiu para uma pescaria matutina com o diretor? Será que essa era outra vantagem de se estar aqui por mais tempo?

Sanguessuga se afastou de Paul e veio para o espaço entre os dois bancos grandes. Ele estava sorrindo, como se tivesse percebido que todos os olhares estavam fixos nele.

Olhei para Paul, que estava dando a volta em torno dos campistas. Ele estava me olhando também. Tentei não mostrar reação. Lá estava aquele sorriso de novo, aquele difícil de entender com os óculos, e agora era ainda mais estranho depois de tudo que os CETs tinham me contado. O que ele sabia? Mais uns dois segundos se passaram e ele ainda estava me olhando, e aí me dei conta de que ele provavelmente tinha percebido que eu estava sem curativos. Talvez fosse só isso. Mas ainda me encarava, e senti vontade de me enfiar em algum buraco ou algo assim, só para sair daquele foco... Então ele se virou e foi para a colina.

Sanguessuga estava chegando ao nosso banco, seu sorriso torto ajustado no máximo.

Um grande guincho de risadas irrompeu da Paige e do grupo dela.

— Raposas — cumprimentou Sanguessuga, dirigindo o olhar a elas e fazendo uma pequena mesura. Mais uma vez, eu estava impressionado por quanta confiança tinha a pessoa que estava falando. Mas até aí eu sabia, depois da noite passada, que as aparências podiam enganar. Inclusive a minha.

Sanguessuga tinha acabado de se sentar quando Mike perguntou:

— Cara, o que aconteceu com a sua mão?

Os dentes do Sanguessuga se apertaram. Antes que ele pudesse esconder a mão do outro lado, todos nós vimos que tinha uma atadura grossa em volta dela, fazendo com que ela parecesse um carvão branco.

— Nada, cala a boca. — Ele olhou feio para o Mike.

— Foi mal — Mike resmungou.

No café da manhã as coisas foram bem normais. A paquera nas duas mesas estava mais intensa, já que agora Jalen e Noah pareciam ter encontrado namoradas, apesar de eu não saber o que isso poderia querer dizer, já que as Raposas só eram vistas no refeitório e durante o tempo livre depois do jantar.

O refresco de hoje era de uma coisa chamada melancia e estávamos comendo aveia. Eu me sentei lá, com o teatrinho de sempre acontecendo ao meu redor e nem dei atenção. Me concentrei em pegar comida, estava faminto depois de uma noite de natação. Quando me estufei, a exaustão tomou controle sobre mim imediatamente. Tentei não dormir ali mesmo, na mesa. Todo o tempo que passei

nadando com a Lilly na água escura estava de volta em algum lugar do meu cérebro.

— Cala a boca! — O grito do Sanguessuga me tirou da minha imobilidade. Ele estava encarando as Raposas-do-ártico e, por um segundo, a coisa pareceu séria.

Paige e suas amigas caíram na gargalhada.

— Elas perguntaram se ele era o namoradinho do Paul — explicou Béquer, como se fosse o meu novo assistente pessoal.

— Hum. — Foi a minha resposta. Daí, eu me virei para descobrir que Sanguessuga já tinha consigo trazer de volta o sorriso na cara.

— Podemos pegar a lancha — ele dizia às garotas. — Sei pilotar, então, se alguma de vocês quiser dar um passeio comigo por aí, conheço uns lugares mais isolados...

Isso fez mais gente rir e os olhos da Paige se arregalaram, agora tentando interpretar o papel de “horrorizada”.

Sanguessuga se virou de volta para a nossa mesa e aceitou os cumprimentos de Jalen, Noah e Mike, e ignorou a tentativa do Xane. E fiquei pensando em como ele tinha perdido a calma à menção de Paul. Ele havia se recomposto, mas aquilo tinha sido estranho, defensivo. Por quê? Ele não tinha orgulho de ser o favorito do diretor?

— Para de me olhar com essa cara de besta, Tartaruga. — O Sanguessuga voltou a atenção para mim. — Tá tentando aprender a falar com garotas?

Não disse nada, mas sorri. Não queria ter sorrido. Pensei em falar com a Lilly debaixo d’água e o sorriso saiu.

Os olhos do Sanguessuga se estreitaram.

— Que foi?

— Nada. — Eu me lembrei do meu plano de passar despercebido e me virei para Todd. — Posso pegar mais? — Comecei a me levantar.

— Claro — respondeu Todd.

— É melhor sair daqui, mesmo — Sanguessuga resmungou quando me afastei, e, mais uma vez, me senti daquele jeito: *É mesmo? Duvido você tentar.*

Atravessei o refeitório de novo. Os CETs estavam em sua posição de vida parada nos sofás. Encontrei Lilly, mas ela estava lendo. Fiquei olhando para ela por um segundo, esperando que ela me visse, mas percebi que o Evan estava por perto, e olhando diretamente para mim. Eu me virei depressa e tentei encontrar outra coisa para me focar.

A morte de Colleen facilitou as coisas.

Não a vi cair, só ouvi o barulho da bandeja de metal contra o chão de concreto, o da prataria e dos pratos se espalhando, e o baque surdo do crânio.

Aconteceu bem à minha esquerda, olhei para baixo e lá estava ela,

esparramada no chão.

Eu a vi um segundo antes de a maioria do refeitório. Naquele segundo, todas as conversas e os estalos e a algazarra continuaram, uma nuvem de som vazia. Uma das outras cabanas estava até no meio de uma comemoração que envolvia batidas de pés e palmas. O sol da manhã entrava pelas janelas traseiras do salão gigante, cintilando nos talheres, nos dentes e nos olhos, e braços se moviam e acenavam, cabeças balançavam, pessoas faziam bagunça... E ali, no meio de tudo aquilo, estava uma coisinha pequena caída, completamente parada. O copo de suco vermelho brilhante derrubado acabou criando uma piscina que se estendia pelo seu cabelo e ia em direção à cabeça em uma estranha cena reversa, como se fosse sangue sendo sugado para dentro.

Foi aí que as cabeças começaram a se virar, primeiro poucas, depois mais, uma onda que passava pelo salão. Uma menininha gritou, e então conselheiros estavam pulando, se afobando, correndo. A conselheira Panda estava mais perto e chegou primeiro ao local, caindo de joelhos no molhado, suco vermelho ensopou sua calça jeans.

— Colleen? — ela chamou com uma voz baixa, parecia até que acreditava que Colleen estava só tirando uma soneca rápida, e que não deveria acordá-la. A conselheira pressionou os dedos contra o pescoço da menina, levantou e virou a cabeça com força. — Alguém chama a Dra. Maria! — Devagar, ela pôs Colleen de costas no chão.

Depois desejamos que ela não tivesse feito isso. O refresco de melancia era um pouco diferente de sangue, e a coisa que estava acumulada em volta do nariz da Colleen, e por toda a boca e todo o queixo dela, como se uma represa tivesse estourado em algum lugar ali dentro, era muito mais escura. Parecia ser bem mais nojento, pois aquilo encontrou um jeito de grudar na pele lisa das bochechas dela, de juntar mechas de cabelo e de manchar a camiseta azul-celeste com a estampa de um panda fofo de olhos grandes e as palavras “Acampamento” em cima e “Éden” embaixo.

Colleen estava parada. Os olhos tinham rolado para cima como se ela estivesse tentando ver o que tinha feito isso acontecer dentro do cérebro dela, como se quisesse respostas de seus operários. Olhei à minha volta e vi que crianças e adultos estavam chorando. Eu achava a coisa toda horrível, mas não estava me afetando a ponto de me fazer chorar. Nunca tinha tido um irmão, e crianças pequenas pareciam experimentos estranhos saídos de um laboratório, porém, mesmo assim, ontem ela tinha passado o dia vomitando e agora... isso?

Uma multidão se formou e a Dra. Maria apareceu, o jaleco branco caindo nos ombros.

— Todos para trás, por favor! — ela latiu, sua voz ecoou por todos os cantos

no silêncio absoluto de agora.

Ela se ajoelhou. Também checkou o pulso. Pensei que fosse começar a massagear o peito da menina ou algo do tipo, mas, em vez disso, tirou aquele dispositivo eletrônico com o ponto de vidro no meio. Conforme ela movia o aparelho pela testa da Colleen, brilhava uma luz amarela, e não verde, como tinha sido para mim quando me afoguei.

Nessa hora, a Dra. Maria pareceu xingar, ou então suspirar, deixando a cabeça cair.

— Como ela está? — Paul tinha chegado à beira do espaço vazio ao redor da Colleen.

A Dra. Maria apenas o encarou, com os olhos marejados de lágrimas, mas também como se estivesse dizendo algo em silêncio. Talvez ela estivesse parecendo brava, no entanto, com as lágrimas, era difícil dizer.

Paul observou, braços cruzados, olhos escondidos. Então deu um passo a frente, se ajoelhou e passou os braços por baixo dos joelhos e dos ombros da Colleen, levantando seu corpo do chão. Ele se virou sem dizer uma palavra e foi em direção à porta dos fundos, saindo para a enfermaria.

A médica se endireitou e ficou olhando para os dois. Soluços a fizeram perceber a presença da conselheira, ainda ajoelhada ao seu lado, com o rosto enterrado nas mãos. A médica estendeu o braço e esfregou o ombro da jovem.

— Não é sua culpa — ela disse, e repetiu com voz mais firme: — Não é sua culpa.

O salão estava começando a se encher de cochichos, crianças perguntando: “Ela está bem?”. E: “O que aconteceu?”. Todo mundo estava olhando ao seu redor com olhos arregalados e assustados, bocas levemente abertas, conforme a cena que tinham acabado de presenciar ia deixando uma cicatriz permanente em suas mentes...

A não ser pelos CETs. Avistei Lilly de pé com Marco e Aliah, assistindo a tudo da mesa de pingue-pongue, o tempo todo de braços cruzados. Seus olhos estavam apertados, como se soubessem tudo sobre o que tinha acontecido.

— Está tudo bem, pessoal — a Dra. Maria disse. — Vamos descobrir o que aconteceu. Não foi... — Ela parou e juntou as mãos. — Ninguém precisa se preocupar.

Ela balançou a cabeça para si mesma depois de dizer isso e começou a andar novamente. Ela estava olhando para frente com uma expressão vaga e pensei que ela não fosse me notar, mas notou.

— Owen. — Ela parou e esfregou o meu ombro. — Está tudo bem — ela repetiu sem vontade. Em seguida, pareceu conferir meu pescoço, enrugando as sobrancelhas. — Seus curativos... — A voz dela ficou mais baixa. — Os

machucados... — Ela parecia confusa.

— Ah, é, já melhoraram. — Dei de ombros, como se as coisas estivessem muito bem, nada para ser visto ali.

Isso só fez com que ela fechasse mais a cara.

— Certo, hum... Ouça, talvez seja melhor você não aparecer por hoje, por causa... disso. — Ela apontou para a porta. — Mas venha me ver amanhã antes de qualquer outra coisa.

— Claro, certo.

— Ótimo. — Seus olhos correram pelo meu pescoço mais uma vez. Passei bastante Radiação-zero, do jeito que Lilly havia sugerido, mas ainda sentia uma onda de desconforto. Só que a Dra. Maria estava distraída e, com essa luz, não era possível ver as linhas fracas das guelras. Ela saiu apressada.

O barulho estava voltando devagar para o refeitório, mas o volume nunca voltou ao seu nível original.

Retornei à mesa. As pessoas estavam, em sua maioria, quietas, comendo. Depois de um tempo, Jalen começou a cochichar com Paige, daí se virou e deu um tapa no ombro do Sanguessuga.

— Cara, a Paige tá falando que é a sua vez.

Sanguessuga pareceu sair de algum tipo de transe. Até então ele estava curvado sobre a mesa, e agora consegui ver que ele tinha estado desenhando em um caderninho com uma caneta preta. Estava concentrado, porque o tapa do Jalen o fez dar um salto. Ele levantou a cabeça, mas, em vez de seu sorriso malicioso de sempre, seu rosto entortou para baixo.

— Cala a boca — ele resmungou, como se Jalen, Paige e todo mundo fosse irritante e estivesse abaixo dele. Ele se curvou de novo sobre o caderno e voltou a fazer o que quer que fosse que ele estivesse fazendo.

— O que você tem hoje? — Jalen perguntou.

Não houve resposta.

Jalen resmungou alguma coisa para si e deu as costas. Eu me perguntei o que estava acontecendo com Sanguessuga, porém meus pensamentos logo voltaram à Colleen, ao sangue. Parecia tão estranho que um pequeno ser humano pudesse cair morto daquele jeito — pudesse parar de existir, bem no meio de tudo.

As palavras da Dra. Maria soaram em minha mente de novo: *Está tudo bem, pessoal... Ninguém precisa se preocupar.*

E percebi que isso também era estranho. Por que algum de nós *teria* de se preocupar? Tinha sido uma coisa tão aleatória. Por que qualquer um de nós chegaria a pensar que isso poderia acontecer conosco? A não ser que...

A não ser que *ela* pensasse que poderia.

É por causa deste lugar, Lilly havia dito.

Meus dedos alisaram o meu pescoço, sentindo as marcas sutis do que o que este lugar já havia feito comigo. Do que mais ele seria capaz?

8

De alguma forma, apesar de a morte estar presente em nossos pensamentos, era esperado que mantivéssemos o espírito de acampamento e ansiássemos por mais um dia perfeito de sol agradável. Pensei que deveria ter havido mais discussão sobre Colleen, mais preocupação. Tive a impressão de ver um pouco disso no rosto de Todd, mas ele se limitou a nos levar para o campo de tiro ao alvo que ficava na parte de trás dos campos de atividades, como se tudo estivesse normal.

Dez alvos redondos estavam alinhados nas árvores. Uma corda estava estendida no chão, indicando o lugar onde deveríamos ficar parados. Caminhamos até um galpão de madeira pequeno.

Evan apareceu com uma faixa preta de proteção presa no braço e um arco na mão.

— Oi — ele cumprimentou a todos nós.

— O Evan está aqui para nos dar algumas dicas sobre tiro ao alvo — explicou Todd.

Evan olhou para nós como se mal nos conhecesse, e como se não desse importância. Quando seus olhos passaram por mim, eu o cumprimentei com um aceno pequeno de cabeça, porém ele não pareceu notar. Imaginei que fosse porque ele não queria revelar nossa conexão secreta, mas tinha medo de que fosse porque ele não me aprovava como parte dessa conexão.

Nós todos ganhamos arcos e aljavas com flechas de plástico. O Evan tinha um equipamento melhor, um arco polido e flechas de madeira com penas de três cores em uma das extremidades. Ele atirou algumas delas com uma pontaria letal, acertando o centro amarelo do alvo todas as vezes.

— Desse jeito. O segredo está na força que você usa quando pega o arco, e na disciplina. Você não pode fazer nenhum outro movimento.

Ele andou para lá e para cá na fila, dando dicas, mas passou por mim sem dizer uma palavra. Acertei uma flecha na área vermelha, duas na azul, e as outras acabaram passando voando pelo alvo ou aterrissando na grama em frente.

Depois de tiro com arco, houve um intervalo para jogar espirobol, e aí eu me saí um pouco melhor. Então veio o almoço, sem mortes, e, em seguida, as embaraçosas horas eletivas, com Béquer e eu nos juntando aos Lêmures no Salão

de Ofícios (Béquer também tinha falhado na prova de natação, só que sem se afogar). Fizemos pulseiras de couro, decorando e depois colocando fechos nas pontas. As crianças pequenas estavam fazendo formatos básicos e usando apelidos e palavras-código de sua cabana. Escrevi “PAI” na minha, pensando que poderia ser um presente legal para ele. Não que ele fosse usar uma pulseira, mas, ainda assim. Só que aí eu teria de esconder o negócio, porque era infantil fazer um presente para o pai.

— Dá uma olhada — disse o Béquer, que estava logo do outro lado da mesa, perto de mim de novo, como se estivéssemos ligados por um ímã. Ele segurava a pulseira dele. Letras com um espaçamento estranho diziam AASGARD. Quando não demonstrei nenhuma reação àquilo, ele apontou para alguma coisa atrás de mim.

— Tipo aquilo ali.

Eu me virei e vi um sinal velho de madeira pendurado nas vigas, ACAMPAMENTO AASGARD estava entalhado nele com letras grandes que, no passado, tinham sido pintadas de vermelho brilhante, porém poucos resquícios da cor ainda estavam marcados na tábuia cinzenta. Tinha uma data no canto: 1993.

— Tentei fazer aquela marca, mas era difícil — ele completou a explicação.

Entendi o que ele estava falando. À direita do nome havia um símbolo de triângulo e círculos concêntricos:



Fiquei me perguntando se era um símbolo Viking, ou se era só algo que adolescentes de um século atrás tinham inventado. Poderia ter significado qualquer coisa. Mas era bem legal, então peguei uma faquinha de descascar e tentei reproduzir o negócio também. Acabou ficando bom. Quando terminei, coloquei a pulseira. Fiquei pensando se era meio bobo usar aquilo, mas aí decidi que não me importava.

Quando as eletivas terminaram, descemos até o lago e tivemos de esperar enquanto o restante da cabana voltava com os barcos. Lilly estava no deque principal observando o nado livre. Se ela me viu chegar, não demonstrou.

Béquer e eu fomos até a garagem de barcos, que fica para lá da área de natação. Era uma construção antiga e pintada de vermelho com dois deques na entrada. Havia caiaques e barcos a remo amarrados ali, assim como a lancha do acampamento. Nossa cabana estava usando os veleiros. Nós nos sentamos na

extremidade de um dos deques e observamos o pessoal ir para lá e para cá, avançando toda vez que pegavam o vento certo. Em certo ponto, um barco virou. Eles estavam perto o suficiente para que pudéssemos ouvir as risadas do Mike e do Noah, que haviam emborcado o barco de propósito. As outras embarcações ficaram navegando em círculos até os meninos serem corrigidos, e aí todo mundo finalmente deu atenção aos chamados de Todd de um barco ali perto falando para voltarem. No retorno à cabana, todos ficaram rindo e brincando sobre suas aventuras de navegação enquanto o Béquer e eu andávamos alguns passos para trás.

Paul apareceu na bandeira antes do jantar, e discursou se dirigindo a todos:

— Sei que todos ficaram preocupados com o que aconteceu hoje de manhã — começou. Ele não parecia particularmente preocupado. Era mais como se estivesse cumprindo uma obrigação. — Então, gostaria que todos soubessem que a pequena Colleen da Pandas está bem. Nós a mandamos para as instalações médicas da cidade e os médicos de lá disseram que ela está se recuperando. Ela teve uma reação alérgica grave. Extremamente rara. Naturalmente, revisaremos nossos protocolos alimentícios e faremos referências cruzadas em seus arquivos para que nos certifiquemos de priorizar sua segurança. Mas ninguém precisa ficar preocupado.

— A-hã, tá bom — resmungou Marco mais tarde naquela noite, enquanto saltava para a escuridão, girando e cortando o ar para dentro do lago negro.

Tinha acabado de contar a eles sobre o discurso de Paul.

— Ele é cheio dessas — Aliah comentou. — Provavelmente foi um daqueles ovos sintéticos idiotas que pegaram ela.

— Cara, eles são melhores que ovos de verdade. Você já comeu um, pré-gelo? — perguntou Evan. Já tinha aprendido que, entre os CETs, *pré-gelo* queria dizer antes que todos eles fossem crionizados.

— Gosto de ovos — disse Marco, voltando para a balsa. — Ouvi dizer que ainda existem na Indoaustrália.

— Foram as únicas galinhas que não precisaram ser chacinadas por causa da nova gripe aviária — explicou Lilly. Também estava aprendendo que ela era cheia de fatos como esse. — Éden Oeste disse que suas galinhas eram imunes, mas isso foi mais uma mentira. Ouvi dizer que as levaram pra um lugar a alguns quilômetros daqui e queimaram todas.

— Ah, fala sério! — Evan reclamou.

— Como era o gosto dos de verdade? — perguntei. — Dos ovos.

— Molenga, sabe — respondeu Aliah com uma careta —, tipo comer qualquer tipo de tecido embrionário não fertilizado. — E aprendi que Aliah vivia tendo

opiniões desse tipo.

— Argh! Qual é a dessa mania de falar coisas assim toda hora? — Marco gemeu. — É nojento.

— Eram gostosos com sal — Lilly adicionou. — E com panquecas de verdade... tipo, as feitas de trigo, não de painço.

— Pensei que os Édens tinham todos os ingredientes de antes da Ascensão — comentei. — Dá pra fazer panquecas de painço lá em casa. — Não tínhamos visto trigo de novo desde a primeira noite, apesar de ainda haver alguns vegetais: vagens duras e algumas verduras mais grossas, além de algumas frutas, que pareciam crescer bem nas torres hidropônicas da cidade.

— É, eles tinham, mas não têm mais porque as coisas estão indo pro inferno — disse Lilly. — E tem um motivo pra todas as frutas serem descascadas e cortadas bonitinho. Se você for na cozinha, vai ver que aquelas coisas *não* têm uma aparência tão boa como você se lembra. É a radiação crescente, e ouvi dizer que tem toxinas na água também. E isso é só a ponta do iceberg pra este lugar. Mas, voltando à garota morta...

— O Paul disse que ela tá viva — lembrei. Os CETs se limitaram a olhar para mim. — Que foi? Vocês não acham que ela esteja viva?

— Não importa se ela está viva ou não — cortou Aliah. — Você a viu. Não parecia que ela ia se “recuperar”. E por que acreditar *nisso* quando todo o resto que o Paul diz é tão ridículo?

— É, isso é. — Eu concordava que era meio maluco o Acampamento Éden ser tão descuidado conosco, primeiro com o meu afogamento e depois com as alergias da Colleen. Mas ainda era um pouco difícil acreditar que Paul e o acampamento estivessem na verdade por trás disso tudo, até mesmo *fazendo* com que essas coisas acontecessem.

Estávamos sentados de costas para a beirada da grande boia, pernas estendidas em direção ao centro, como os raios de uma roda. Ondas pequenas batiam contra a borracha grossa da balsa, produzindo sons vazios de pancadas. Lilly se sentou ao meu lado, depois Evan, e do outro lado Marco e Aliah. A brisa tinha mudado de direção naquela noite, me dando calafrios e arrepiando os pelos dos meus braços e pernas. Os CETs estavam todos vestindo pesados casacos acolchoados de mangas longas, parecendo uma equipe de guerreiros high-tech, e eu me sentia como o recruta. Lilly estava toda de preto, exceto pelas costuras brancas e finas da roupa.

Tendo ido dormir horas atrás com o restante da cabana, depois de mais um capítulo de *Pym* lido por Todd, havia ficado pensando em como acordaria. Mas simplesmente acordei, com as guelras queimando de leve, gentilmente me tirando do sono.

Hora de alimentar e cuidar de suas novas partes, o novo operário lembrou calorosamente.

Desta vez, quando saí da cabana, deixei um pé da meia preso na porta para impedir que ela se fechasse. Fiquei nervoso na descida para o lago. Lilly havia me convidado para voltar, claro, mas será que o restante do grupo me queria mesmo lá? Aí, quando cheguei, eles já estavam lá fora e Lilly me chamou com um “Oi, Ow!”. Meu nome ainda era uma única sílaba e agora aqui estava eu, junto com eles novamente, um deles, o clã noturno dos monstros marinhos.

— Além disso, Colleen não foi a primeira, só foi o primeiro caso a acontecer em público. — observou Lilly.

— Outras pessoas morreram? — perguntei.

— Três ou quatro nos últimos dois verões — Marco informou. — Mas a gente só ouve as versões de segunda mão. Um menino que não acordou de manhã...

— Não deve ter acordado nunca mais — interrompeu Aliah.

— É — Marco continuou, levantando-se e começando a pular no centro da balsa. — Mas Paul disse que ele ficou melhor lá no hospital da cidade. — Ele curvou o corpo e caiu na água, mandando um jato enorme para cima de nós.

— Ei — Aliah reclamou.

— E teve aquela menina que atacou a própria cabana com uma raquete de tênis — lembrou Lilly. — Ela ficou completamente maluca.

— O menino que pulou dos penhascos Aasgard também — apontou Aliah.

— Uau. — Foi a minha reação.

— Nós não sabemos se algum desses aí morreu de verdade — Evan explicou. Era a primeira vez que ele falava em algum tempo. Percebi que estava encarando o centro da balsa, uma carranca cobria seu rosto.

— E não sabemos se algum deles não morreu — completou Lilly, soando irritada com ele. — Mas sabemos sobre o que *vimos* hoje.

— Acho que aquela menina, a Colleen, era do Lar Crio — opinou Aliah. — Mas não tenho certeza... todos aqueles brotinhos são iguais.

— Faria sentido — começou Lilly — se isso estivesse conectado com o que aconteceu conosco. O corpo da Colleen provavelmente era jovem demais pra lidar com as mudanças.

— Talvez tenham dado uma dose mais forte pra ela — sugeriu Marco, se içando de volta para a balsa e sacudindo a cabeça intencionalmente bem ao lado da Aliah, molhando-a toda.

Ela ficou de joelhos.

— Para com isso, cara de hemorroida! — Ela o empurrou, mas ele a pegou pela cintura e os dois caíram embolados na água. Não voltaram tão cedo.

— Tontos — comentou Lilly, como se esse tipo de paquerinha não fosse para

ela. Eu me perguntei como se flertava com ela. Teria de observar com cuidado. Ela era muito bonita, mas, quanto mais andava com ela, menos parecia que ser bonita tinha alguma coisa a ver com quem ela era de verdade. Em vez disso, era mais como se aquele exterior bonito apenas estivesse lá e o atraente fosse suas ideias.

— Dose mais forte? — perguntei.

— É, faz sentido, não faz? — ela continuou. — O Paul e os capangas dele devem estar dando alguma coisa pra gente, tipo, uma droga ou algo assim que tá zoando os nossos genes. Sabe, causando mutações.

Evan suspirou.

— Isso é tão da era do carbono. Ninguém faz pesquisas assim há cinquenta anos.

— Cala a boca — Lilly retrucou. — Você se lembra de toda aquela coisa com clonagem na Ásia, não lembra? — A voz de Lilly estava aumentando, ficando mais rápida. — E os porcos com braços, pernas e órgãos humanos?

— Claro, pré-gelo, quando tinha universidades e pessoas com tempo e dinheiro pra gastar com coisas idiotas desse tipo — respondeu Evan. — Mas tudo isso já foi. O pirralho aqui provavelmente nem sabe do que diabos você tá falando.

Eu não sabia. Também não gostava de ser chamado de “pirralho”. Evan era outro rei, tipo Sanguessuga, se certificando de que eu sabia que ele estava acima de mim.

— Porcos? Com membros humanos?

— Ratos com orelhas humanas crescendo nas costas — Lilly dava mais exemplos — e essas eram só as coisas que as pessoas *sabiam*. — Ela se virou para o Evan. — Lembra daquelas histórias sobre aquele cara, esqueci do que ele era CEO, que fez, tipo, seis clones da namorada favorita dele e tudo o mais?

— Ah, é, os clones não se juntaram e mataram ele? — Marco voltou para a conversa.

— Acho que sim. E teve também todo aquele rolo das pessoas guardando DNA pra fazer cópias dos bichos de estimação. Você acha que a ciência já era? Não é como se *ninguém* tivesse mais dinheiro. Olha à sua volta: quem teria a grana pra fazer experimentos assim?

— E lá vamos nós. — Evan se levantou e se espreguiçou na brisa fresca. — Bem-vindos ao Grande Show de Teorias da Dra. Lilly Ishani. — Ele foi para o centro do trampolim e começou a pular, ganhando altura.

— Vai se ferrar — xingou Lilly.

— Talvez mais tarde — Evan zombou, e voou pelo ar.

Enquanto ele desaparecia na água, Lilly se virou para mim. Eu estava ocupado pensando... Será que eles tinham transado? Ou ficado? Será que era isso o que

tinha acabado de ser revelado? Mas eu precisava de foco, porque era o único sobrando para ouvir as ideias da Lilly. E acho que estava começando a entender que o que ela queria, talvez mais do que ombros fortes, era falar de suas ideias e ter alguém para ouvir e entender.

— Qual é a sua grande teoria? — perguntei a ela.

— Bom... — Lilly desviou o olhar e começou a mexer em uma unha com o dedão e o indicador da outra mão, como se isso fosse uma coisa importante que ela quisesse contar da forma correta. — Então, aqui estamos nós, certo — ela começou —, no Éden Oeste. Lá fora as coisas estão uma bagunça, e, com o tempo, esse domo vai falhar. E todos os outros Édens estão no mesmo barco.

— Menos o Éden Sul — observei. — Aquele foi destruído pelo culto à Heliade-7.

— É. Vocês ouviram falar muito sobre Desenna? — ela perguntou com interesse.

— Não.

— Ah. — Lilly pareceu desapontada. — Bom, de qualquer forma, cada domo tem aproximadamente duas centenas de milhares de pessoas dentro. Então, faz uma pergunta a si mesmo: O que vai acontecer quando os domos falharem? Pra onde vão todas essas pessoas?

— Mas ouvi ontem mesmo que o domo está, tipo, 86% seguro ou algo assim. Bom, mas aí também vimos aquele painel pegando fogo.

— Exatamente. E todo esse negócio da integridade do domo é uma mentira completa. Eles falsificam aqueles números. Ouvimos que está mais pra 75%, no máximo.

— Ouvimos, não — interrompeu Evan, saindo da água. — Você ouviu isso da Aliança Nômade. Como você sabe que qualquer coisa que eles falam é confiável?

Lilly olhou de cara feia para Evan.

— Você falou com os Nômades? — perguntei. Já tinha visto Nômades uma vez ou outra. Às vezes, um bando deles parava no Centro para cuidados de emergência ou para trocar algum item valioso que havia encontrado lá fora. Todavia, na maior parte do tempo, eles ficavam escondidos. — Como?

— Eles transmitem no link gama — explicou Lilly. — Chamam de “Sinal-transmissor Livre da Aliança” e... — ela estreitou os olhos para Evan — pessoas *informadas* precisam ouvir os dois lados da história de vez em quando. Essa bolha aqui não é todo o universo.

— É tudo mentira. Essas pessoas só querem entrar aqui — retrucou Evan.

— Na verdade, é aí que o que você diz está completamente incorreto, *professor* — devolveu Lilly. — Os Nômades não querem mais entrar. Eles sabem

que este lugar está a meio caminho de se tornar um forno de micro-ondas, e como você saberia desse tipo de coisa?

— Tanto faz. — Evan começou a pular de novo.

— Você só não quer encarar os fatos — Lilly insistiu. — Você quer curtir como se esta realidade só fosse um bom e velho acampamento de verão, como se fosse um, bem, um Éden.

— Escuta, foi isso o que me prometeram. — Evan pulou mais alto, e sua voz tinha um tom diferente agora, como se ele estivesse ficando nervoso de verdade. — Era isso o que minha família *queria*, foi por isso que me congelaram e me colocaram aqui. Pra que eu pudesse ter uma vida melhor que aqueles filhos da mãe coitadinhos lá fora. Nós temos sorte de estar aqui. Então, qual é o problema de aproveitar?

Lilly deu um tapa no pescoço.

— E o que me diz disso, seu idiota?

— Até onde eu sei, só mais um bônus da vida boa.

— Você só tá com medo. Você só não quer se preocupar.

— Ou — Evan estava quase gritando agora — talvez, em vez de ficar sentado toda noite falando sobre tudo que tá uma merda, eu só queira aproveitar a vida por cinco minutos! — Ele voou para o céu e mergulhou de volta na água.

— Diz isso pra Anna, babaca — Lilly resmungou depois que ele sumiu.

Pensei em dizer alguma coisa sobre como eu concordava com ela, que isso era sério. E também que eu achava que Evan estava errado, mas ele já estava pê da vida e não queria correr o risco de ele me ouvir e descontar a raiva em mim. Eu precisava voltar para a história da Lilly.

— Certo, então o domo tá falhando, e você acha que a Corporação Éden tá fazendo... o quê?

Uma mão da Lilly começou a descascar a outra de novo, dedos cavando e arrancando as cutículas brancas.

— Bom, e se eles estiverem tentando criar uma raça nova?

— Uma raça nova?

— Ou, melhor, uma nova espécie. Olha, você sabe sobre evolução e sobrevivência do mais apto e tudo isso aí? Eles provavelmente ensinam esse tipo de coisa no Centro.

— Sei.

— E como, tipo, é a mutação genética que faz os animais se adaptarem pra sobreviver.

— Claro, mas isso leva milhões de anos.

— Certo. — As sobrancelhas de Lilly não estavam mais enrugadas, e seus olhos se iluminaram com a animação pelo assunto. — Só que, às vezes, quando as

condições ficam feias, mutações acontecem mais rápido. É chamado de... ah, de pressão seletiva. Mas até isso é devagar demais pra agora. Então, acho que o Éden tá forçando: tentando criar uma espécie humana que seja capaz sobreviver lá fora quando o domo falhar.

Imaginei o ambiente do lado de fora do domo.

— Como guelas vão nos ajudar no deserto?

— Não fora, fora, e não no norte, também. As Zonas Habitáveis já estão cheias, e a fronteira é uma bagunça. Além disso... — ela moveu a mão em direção à cidade — nenhuma daquelas pessoas vai querer um monte de riquinhos mimados que passaram os últimos cinquenta anos vivendo uma vida boa aqui aparecendo na soleira delas. Tem um bom tanto de ressentimento, não tem?

— Um pouco, sim.

— E provavelmente ainda mais com os Crios, com suas mães e seus papais que tiveram dinheiro pra reservar lugares pra eles.

Parecia que isso a incomodava, mesmo ela sendo um deles.

— É mais ou menos isso.

— Tá, bom, de qualquer forma o Éden vai pensar em um lugar pra irmos quando pudermos sobreviver. Talvez o único jeito de fazer isso seja nos transformando. E se humanos pudessem viver na Nova Everglades, lá na Virginia? A água bloqueia uma boa parte da radiação solar.

— As picadas dos mosquito de lá são letais.

— Então, talvez eles vão tentar fazer termos pelos ou coisa assim. Quer dizer, quem sabe? As guelas devem ser só o começo.

Um pensamento estranho passou pela minha cabeça. *Este é apenas o começo.* Quem havia dito aquilo? Lilly, mas aquela visão que tive debaixo d'água também. Aquela sirena. Aquilo tinha sido há alguns dias. Provavelmente um sonho, ou uma alucinação de quando eu estava me afogando.

— Então, como você acha que o Éden tá fazendo isso?

— Não sei — disse Lilly.

— É o fresco, certeza — opinou Marco. Ele e a Aliah estavam subindo de volta para a balsa.

— Ah, não — Aliah reclamou. — Você tá falando de teorias de novo?

— Sim, e quem liga pro *como*? — continuou Lilly.

— Eu — Marco respondeu com orgulho. — Não pus nem um pinga de fresco na boca desde o começo dessa temporada.

— O negócio é que o Éden precisa fazer experimentos em alguém — observou Lilly. — E quem melhor pros testes deles do que campistas sem noção, ainda mais Crios que não tem pais pra quem reclamar?

— Isso não explica o Owen — lembrou Marco.

— Isso não explica *muita* coisa — acrescentou Aliah.

— Tá bom. Então, por favor, falem de suas ideias brilhantes. — Lilly se voltou para mim com um olhar, tipo, *O que você acha?*

— Faz sentido — respondi de cara. Não tinha muita certeza sobre o que estava fazendo, mas queria concordar com ela, e tinha mesmo de haver alguma coisa acontecendo para causar as guelras. Mas isso também queria dizer que o nosso clube secreto era, na verdade, uma coleção de cobaias.

— Opa! — O Evan pulou da água de volta para o deque, subindo alto no ar e dando dois mortais antes de aterrissar.

Lilly revirou os olhos e gritou para ele:

— Você parece uma foca treinada!

— Arf! — Evan gritou de volta.

— Dá pra, *pooor favor*, pararmos de falar dessas coisas pesadas por hoje? — Aliah perguntou.

Lilly suspirou.

— Tá bom. — Ela olhou para mim. — Tandem?

— Quê?

Ela se levantou e ofereceu a mão.

— Salto Tandem, bobinho.

— Ah, claro. — Fiquei de pé e fui até o centro da balsa, tentando me equilibrar bem, parecer robusto, mas tropecei. Lilly segurou meu ombro e me ajudou a ficar de pé.

— Muito bem, vamos lá. No três — ela anunciou, começando a pular.

As preocupações da nossa conversa foram embora. Conforme subíamos, eu parava de pensar se eramos cobaia e se este lugar era mesmo algum tipo de laboratório gigante e mortal. Essas perguntas podiam esperar. Por hoje, queria apenas ignorá-las e pensar no ar, na altura e em quem estava do meu lado.

— Um! — De alguma forma, em duas noites, eu havia me tornado o parceiro de Tandem da Lilly, seu confidente de teorias secretas.

— Dois! — Não era mais a tartaruga da terra que se incomodava com câibras. Não era mais o menino silencioso fora de órbita que nunca fazia parte de grupo nenhum.

— Três! — Pulamos alto em direção à água e, durante o salto, percebi que também não era mais aquela pessoa esquecível e despercebida, porque vi que, lá longe no deque, Evan estava parado com os braços cruzados, nos observando atentamente.

9

No café da manhã seguinte, eu estava realmente sentindo os efeitos da noite passada. Cansado. Meio lento. Dormir três horas por noite estava começando a me afetar. E, ainda assim, apesar de os meus olhos estarem frágeis e secos, o meu cérebro confuso, e de eu mal sentir o gosto das minhas panquecas, era incrível estar sentado ali enquanto minha cabana desempenhava seu papel no draminha infinito de xingar e tentar passar uma boa impressão para as Raposas-do-ártico. Era incrível me sentir separado de tudo aquilo, acima de tudo aquilo, ou, talvez, abaixo, a criatura marinha observando os pobres nadadores na superfície se debatendo sem parar.

As coisas estavam mais calmas naquela manhã, no entanto. Porque Sanguessuga ainda não havia aparecido. Mais uma vez, ele saiu enquanto eu chegava na cabana ao amanhecer. Quando o momento da bandeira estava acabando, os capangas dele se perguntavam onde ele poderia estar e pareciam perdidos.

Quando o refresco chegou até mim, pensei no Marco e na teoria dele e passei adiante o sabor verde neon do dia sem pegar nada.

Enquanto a galera descia para o Salão de Ofícios, fui para a enfermaria. Depois da conversa da noite passada, estava me sentindo um pouco paranoico sobre ir até lá, um peixe nadando perto demais da rede de pesca. Mas também tinha de fazer aquilo, tinha de continuar sendo o Owen normal para que não surgisse nenhuma suspeita.

A sala de espera estava vazia, todas as portas fechadas. Já ia atravessando o cômodo quando ouvi uma voz alterada vinda do escritório de Paul. Ele parecia estar bravo. Cheguei perto da porta, encostei a orelha no vidro fosco e fiquei ouvindo.

— Eu conheço as leituras, eu vi o relatório! Não se preocupe, estamos cuidando disso.

Uma voz respondeu, monótona e metálica, como se estivesse vindo de uma conexão, mas era baixa demais para que eu pudesse ouvir.

— Isso... Sim, ainda temos tempo. Tudo... É claro, mas essas coisas têm de ser resolvidas de uma certa m...

A voz monótona parecia ter dado uma cortada em Paul. Eu me perguntei se

seria o chefe dele. Nunca imaginei que ele tivesse um chefe.

— Não... Sim, vou me certificar de que seja feito.

A voz respondeu.

— Muito bem, então.

Uma última sílaba veio da voz monótona, seguida por um silêncio curto. Alguma coisa bateu na parede. Um objeto jogado. Seguiu-se um som de cacos chovendo sobre o chão. Agora passos, vindo em minha direção.

Eu me virei e corri em direção à enfermaria, me esgueirando pela porta e a fechando atrás de mim. Fiquei escutando: ouvi a porta de Paul se abrir, mais passos, a porta da frente abrindo e fechando.

Subi o corredor, tentando relaxar, pensando: sobre que relatórios Paul havia se referido? E quem tinha a autoridade para deixá-lo furioso daquele jeito?

Havia um menino no primeiro consultório pelo qual passei, com uma tala no pulso. Aquilo pareceu ser tudo o que havia de errado com ele. Sem vômito, sem sangue. O restante dos consultórios estava vazio. Quando cheguei ao fim do corredor ouvi sons eletrônicos abafados parecidos com bipes, seguidos por uma série de estalos que pareciam vir de algum metal deslizando. A porta vermelha começou a se abrir devagar para dentro, uma luz verde brilhando do teclado numérico.

— Olá, Owen. — A Dra. Maria saiu. — Vi você chegando pelas câmeras de segurança.

Ela andava rápido, como se estivesse com pressa, a porta se fechando sozinha atrás dela. Virei a cabeça para os cantos, mas não vi câmera nenhuma. E não me lembrava de ter visto nenhuma pelo acampamento também. No entanto, dadas as borboletas, concluí que o Éden podia ter câmeras escondidas em qualquer lugar, todo lugar.

— Fico feliz que tenha vindo. Vamos entrar aqui. — Ela me indicou um consultório, mas eu estava tentando olhar atrás dela. O corredor que se estendia para além da porta vermelha brilhava com uma luz nítida, como se as paredes fossem de metal, e, ainda assim, nebulosa, talvez coberta de plástico. Tive um vislumbre de painéis eletrônicos e balcões de maquinaria brilhante, mas a porta se fechou, acompanhada por um chiado, dando a entender que ela estava sendo selada. Acabei me lembrando do Olho, os bastidores high-tech, mas por que eles precisariam desse tipo de equipamento aqui embaixo?

— Tá bom. — Entrei e me sentei no canto da maca. A tela estava ligada na Rede Éden. Teresa Alamos estava falando sobre uma nova revolta violenta no Arquipélago Amazônico.

— Então, como você está?

Eu a vi passando os olhos pelo meu pescoço enquanto andava até o balcão. Ela

pôs ali em cima um grupo de videopáginas que estava segurando. Cada uma tinha uma imagem parecida com a da outra. Eram quase como raios-X, mas talvez não fossem, já que as formas pareciam ser mais feitas de pontilhados.

— Estou bem — respondi, lutando para segurar um bocejo. — Olha, ouvi o Paul lá fora. Ele parecia estar bem nervoso.

A doutora virou os olhos em direção à porta.

— Ah, bom, acho que ele tinha uma chamada agendada com a comissão de diretores hoje de manhã. Esse tipo de coisa nunca o deixa de bom humor.

— Ah. — Então era mesmo o chefe dele. — Será que eram más notícias?

Esperei que isso fosse fazer a Dra. Maria revelar mais coisas, mas ela só disse:

— Acho que sim, não sei.

E se virou com um instrumento de uma garra na ponta. Ela o segurou perto do meu braço e, quando apertou um botão, a garra pressionou meu bíceps. As laterais da ferramenta inflaram e a doutora começou a apertar, cortando a circulação. Ela apertou outro botão e as laterais foram esvaziadas devagar. Pude sentir meu sangue voltando a correr normalmente pouco depois.

— Sua pressão está normal — ela anunciou, e trocou a garra por uma pequena luz para exames. Ela passou para o meu lado e levantou meu queixo gentilmente com os dedos para que pudesse dar uma boa olhada no meu pescoço. — Ainda não acredito no quão rápido esses ferimentos se curaram — comentou. — Algum sintoma estranho?

— Não — respondi, esperando que a quantidade de Radiação-zero com a qual eu havia escondido as guelras fosse o suficiente. A doutora olhou rapidamente e soltou o meu queixo tão rápido que fiquei preocupado: *Ela não precisa olhar porque já sabe.*

— Deixe-me dar uma olhadinha na sua boca e nas orelhas. — E apontou a luz para cada um desses locais. Quando terminou, afastou-se para o balcão e mexeu no tablet que estava ali. — Nossa, Owen, você parece um exemplo de saúde.

Olhou para mim e sorriu. Alguma coisa em seu sorriso pareceu verdadeira e, como da última vez, senti que ela realmente se preocupava, e isso fez com que a conversa da noite passada sobre experimentos de laboratório parecesse coisa boba. Não era possível que ela fosse parte de algum tipo de plano para transformar todo mundo em criaturas do mar, era?

— É só isso? — perguntei.

— Hum. — A Dra. Maria estava de volta à mesa, mexendo no tablet. Parecia que ela estava lendo alguma coisa. — Na verdade, vou precisar de mais uma amostra de sangue bem rapidinha antes de você ir.

Ela pegou a seringa. Estendi meu braço e senti a picada, seguida do fluido

escuro e grosso pulando para o tubo. Era o vermelho de sempre, não verde ou roxo ou qualquer outra cor que indicasse uma criatura mutante.

Ainda era estranho ver meu sangue deixar o meu corpo, meus segredos expostos. Ele não podia mentir do jeito que eu mentia, não podia esconder a verdade com Radiação-zero. Percebi a etiqueta vermelha e branca colada no tubo. Tinha um código nela: CY4-32.1. Fiquei pensando se CY queria dizer *Centro Yellowstone*.

— Por que vocês precisam de sangue? — perguntei.

— Bom, você machucou o pescoço — ela começou — e pode ter bactérias no fundo do lago. Só quero me certificar de que você está limpo. — Ela tirou a agulha.

Pensei na resposta e descobri que não acreditava muito naquilo. Parecia vago. Então, fiz a outra pergunta que trazia na cabeça:

— Como vai a Colleen?

A Dra. Maria tinha voltado ao balcão. Ela puxou uma máquina quadrada e pôs o tubo com o meu sangue dentro dela, por cima. Seguiu-se um zumbido. Estava me perguntando se ela tinha me ouvido quando ela respondeu:

— Ah, ela está bem. Ouvi dizer que o prognóstico está ficando melhor.

Pensei ter ouvido um tremor na sua voz, e ela piscou algumas vezes seguidas enquanto passava a mão pela tela. Observei seu rosto com atenção. Seriam lágrimas ali? Faria sentido se aquilo a tivesse incomodado. Ela pareceu bem abalada ontem. Talvez até se sentisse culpada, já que Paul tinha dito que foram alergias e, provavelmente, era o trabalho dela estar alerta para esse tipo de coisa. Ou talvez ela se sentisse culpada porque o que quer que tenha acontecido com Colleen também tinha a ver comigo e com os CETs. Mas não cheguei a ver nenhuma lágrima de verdade. Tentei pensar em mais alguma coisa para perguntar, mas não consegui.

A Rede Éden se infiltrou no nosso silêncio, Aaron estava dizendo:

Obrigado, Teresa. Estamos sentindo os efeitos de uma atividade de explosão solar aumentada hoje. Os níveis de radiação têm se elevado externamente, mas a boa notícia é que aqueles painéis Ozônio-cópia que a Radiação-defesa adicionou têm aumentado mesmo a nossa integridade atual para 87,5%. Dito isto, não se esqueçam de passar Radiação-zero no meio-dia de hoje.

— Pode ir — disse a Dra. Maria sem muita firmeza. A máquina de sangue tinha parado de girar. Ela estava olhando para o tablet.

— Certo. — Saí sentindo que não estava nem um pouco mais perto de saber se para a Dra. Maria eu era um rato de laboratório ou não. Senti uma onda fresca de

exaustão e me perguntei se parte dela vinha desse joguinho de guardar segredos. Nunca tive muita experiência na área.

Segui para os lados do refeitório e desci a colina. Cheguei à bandeira e estava começando o caminho em direção ao Salão de Ofícios quando avistei a galera da minha cabana parada em círculo com um bando de meninos da Macacos-aranha. Mudei de direção. Ao chegar perto, ouvi a voz chorosa.

Eu me aproximei do grupo e vi Todd ajoelhado ao lado de outro conselheiro, acho que o nome dele era Blake. Um dos Macacos-aranha estava deitado em seu colo, os olhos quase fechados, um gemido baixo escapando dos lábios.

— Acho que são queimaduras de radiação — Todd estava dizendo.

O rosto de Blake estava vermelho, sua voz tinha um tom de pânico.

— Mas... são só dez da manhã. Achei que ficaríamos bem. Não cheguei a conferir a aplicação de Radiação-zero dos meninos, eu...

— Você deveria levá-lo à enfermaria — sugeriu Todd.

Blake fez o menino se levantar. Seu rosto estava inchado e coberto de caroços amarelos, alguns deles já tinham estourado e estavam deixando um fluido rosado escorrer. Já vira aquilo antes: estágio inicial clássico de envenenamento por radiação. Levantei a cabeça e olhei para o céu, quase esperando ver painéis queimados caindo sobre nós, com a camada interna derretendo, mas só havia as idílicas lâmpadas Sol-seguro embaçando o Céu-cópia.

— Achei que era só uma insolação — Blake disse baixinho para si mesmo enquanto guiava sua cabana colina acima.

— Vamos, meninos — chamou Todd. Ele olhou cautelosamente para cima. — O arvorismo é no bosque, então vamos ficar bem. Todo mundo passou filtro Radiação-zero hoje de manhã, não passou?

— Sim — todos responderam, mais obedientemente que o normal.

Atravessamos os campos e andamos pelo bosque, para além da nossa cabana, descendo depois até um caminho estreito que nos levou pela beira do lago. Não conseguia parar de pensar naquelas queimaduras, em como a Rede Éden tinha dito que a integridade do domo estava alta e em como Lilly tinha ouvido falar que esses relatórios eram uma mentira. A conversa nervosa de Paul com a comissão de diretores também: Será que aquele relatório com o qual ele estava bravo tinha alguma coisa a ver com a integridade do domo?

Meus pensamentos começaram a me envolver em uma espécie de transe. Uma voz me acordou.

— Que medo, né?

Parei para ver quem era e encontrei Béquer ao meu lado. Seus braços balançando bem alto para cima e para trás conforme ele andava.

— Tipo, queimaduras de radiação são coisa séria — ele disse.

— Sim — respondi, meio grogue. — Mas são cumulativas, então, tipo, aquele menino provavelmente esqueceu de passar protetor durante a temporada toda. Só que...

Estava prestes a falar mais quando meus olhos bateram na água. Estávamos andando em volta de uma pequena enseada onde a superfície da água era mais escura, e poderia jurar que vi aquela luz azul-turquesa de novo, a luz da sirena que pensei ter visto quando me afoguei. Mas agora eu só via as pedras pintadas de verde e as plantas.

— Só que o quê? — Béquer perguntou.

Pisquei. Devia ter sido a falta de sono. Comecei a andar de novo.

— Ah, tipo, isso faz você pensar se a integridade do domo não é, na verdade, mais baixa do que eles estão dizendo...

Encontre-me, Owen.

A voz apagou meus pensamentos. Parei mais uma vez e me aproximei da beirada do lago.

Lá estava ela. Pairando sob a superfície, bastante apagada por causa da luz do dia, mas definitivamente lá... a sirena. Eu me lembrava de ela parecer ter uma imagem, e ela definitivamente tinha uma agora. A marola da água deixava tudo mais embaçado, mas achei que dava para ver um rosto e cabelos compridos.

— Owen? — Béquer me chamou, parecendo vir de muito longe.

Encontre-me.

Sim. Eu encontraria. Tive de lutar contra o impulso de entrar na água ali mesmo. Minhas guelras se contraíram com o pensamento.

No templo abaixo...

Uma mão bateu nas minhas costas e caí para frente, girando meus braços e indo parar dentro d'água. Saí da superfície. Minhas guelras formigaram, querendo saber se deveriam despertar, mas não, não agora. Ainda assim, olhei à minha volta... mas a sirena não estava em lugar nenhum. Parecia que o feitiço tinha se quebrado.

Meus pés encontraram o fundo, os tênis começaram a encher de lama, e fiquei de pé. A água batia nas minhas coxas. Eu me virei para encarar a praia, e lá estava Sanguessuga. Não tinha nem percebido que ele havia voltado para o grupo. Ele estava com uma maleta preta de pesca sobre o ombro, como se estivesse acabando de voltar de mais uma de suas manhãs especiais com Paul, só que Paul tinha estado em seu escritório. Será que Sanguessuga era tão especial que ele podia sair assim por conta própria caso quisesse? Noah e Jalen pararam ao lado dele, rindo. Ele me encarou e, antes que eu pudesse falar qualquer coisa, disse:

— Para de espalhar rumores.

— Quê? — Talvez eu quisesse soar irritado, mas acabei soando confuso.

— Vai acabar assustando os ratos — ele continuou, balançando o queixo em direção à água ao meu lado. Percebi então que Béquer estava lá, cambaleando para ficar de pé, também ensopado.

Sanguessuga começou com o sorriso de sempre e tudo o que eu queria fazer era sair e pegar ele de jeito, arrastá-lo para a minha toca, esfregar a cara dele na lama, porém me lembrei de que, em vez disso, precisava fazer o papel de tartaruga lenta e ensopada. Ainda assim, precisava, pelo menos, dizer alguma coisa, alguma coisa que o fizesse entender que eu não seria empurrado de novo daquele jeito, mas o que saiu foi:

— Cala a boca, eu falo o que eu quiser. — Não dava para acreditar no quão patético eu soei.

Mas teve algum efeito, porque o sorriso do Sanguessuga se transformou em uma carranca.

— Na verdade, não, você não fala. Você é só um forasteiro idiota e não ligo pro que você *pensa* que é, você não tem ideia do que tá rolando aqui de verdade, então para de fingir que tem.

Quando ele terminou, a carranca tinha se transformado em um olhar maligno. Do que ele estava falando? O que eu *pensava* que era? O que eu não sabia sobre o que estava acontecendo de verdade?

Ele se virou e começou a gingar caminho acima. Jalen e Noah, parecendo um pouco surpresos, correram atrás dele.

Béquer e eu nos arrastamos para fora da água e fomos atrás do grupo.

— Será que devemos contar pro Todd? — sugeriu Béquer.

— Não. Isso só vai piorar as coisas.

Fiquei molhado pela manhã toda, que consistiu em vestir escudos e capacetes e cruzar cordas de uma árvore para a outra. Fiquei longe do Sanguessuga, mas o observei. Ele não podia ficar nas cordas porque suas mãos ainda estavam enfaixadas. O seu “eu” normal parecia ter voltado, não bravo, só sorrindo daquele jeito irritante, e até balançando bastante a corda uma hora que o Todd não estava olhando para fazer o Bunsen cair.

Mas o jeito que ele tinha reagido ao meu comentário sobre a integridade do domo... Talvez a proximidade do Sanguessuga com Paul significasse que ele sabia mais sobre esse tipo de coisa, e sobre outras coisas, também, tipo sobre o pessoal com guelras. Se tinha uma coisa certa sobre Sanguessuga é que ele parecia estar sempre observando, sempre procurando o detalhe que poderia usar contra você mais tarde. Mas também era astuto a ponto de não revelar o que sabia. Será que sabia parte do meu segredo? Será que suspeitava tanto quanto os CETs o que estava acontecendo aqui? Talvez soubesse ainda mais.

O dia se arrastou infinitamente até a chegada da noite, quando eu estava de volta na balsa com o meu povo. Ficamos nadando por um tempo, e agora uma quietude suave tinha se estabelecido sobre todos nós. Estávamos deitados no nosso arranjo de raios, pés em direção ao centro. Deixei minha cabeça um pouquinho para fora da balsa para poder sentir a brisa do começo da noite no meu pomo de Adão. Fiquei olhando para a projeção nebulosa da lua, que estava quase cheia. Imaginei Aaron lá em cima, no Olho, mudando alguma configuração para fazê-la crescer. Isso me fez pensar se essa lua estava sincronizada com o que a lua de verdade estava fazendo, do lado de fora. E se não, se era só a vontade de Aaron, quais estavam sendo as consequências para os animais daqui? As criaturas tinham funcionamento e ciclos ligados à lua. Havia teorias de que as pessoas também tinham. Será que isso estava mexendo com o nosso equilíbrio em algum nível profundo e primordial?

Estava esperando uma boa hora de perguntar aos CETs se eles tinham visto alguma coisa parecida com aquela sirena. Mas ainda me perguntava se aquilo tinha sido coisa da minha cabeça, e não queria parecer todo estranho e maluco. Além disso, estivemos ocupados nos divertindo, e agora eles estavam contando histórias sobre suas vidas passadas e era a vez da Lilly.

— Lembro do último dia de água. Eu tinha oito anos, acho. Era janeiro e estava muito quente. Acordamos cedo porque só tínhamos até uma da tarde. À uma, Las Vegas estava se fechando para sempre. Eles já tinham drenado tanto do Lago Mead que as bombas só estavam servindo pra abrir buracos. Quase todo mundo tinha ido embora pro norte, pras Zonas Habitáveis. Meu pai trabalhava pra cidade, então fomos parte das últimas, sei lá, mil pessoas, que ainda estavam lá pra fechar a tampa do caixão. Estávamos fazendo as malas há dias, mas aí, logo antes de sairmos, andei um pouco pelo jardim. Tínhamos um cacto saguaro no quintal, mas até ele tava marrom e morto. Vocês já viram um desses? Eles eram gigantes, feitos pra pouquíssima água, mas tínhamos ainda menos do que o que eles precisavam. Tínhamos uma piscina, mas ela tava seca já há dois anos, e o fundo tinha se enchido de areia. Eu lembro de olhar lá dentro e pensar em como, tipo, em dez mil anos, alguma espécie nova de humanos, ou seja lá o que humanos

vão se tornar, viria e procuraria as coisas embaixo das camadas de terra e talvez tudo o que eles encontrariam seria essa piscina, aquela coisa curva de cimento. E, tipo, o que eles pensariam que aquilo era? Quem eles pensariam que nós éramos, ou o que era nossa cultura, baseada em quê?

— Pessoas com guelras — disse Marco. — E aquelas eram as nossas casas d'água.

— Rá — Lilly brincou. — Então, enfim, a grama já era e tava seca, e ela ficava se desintegrando debaixo dos meus dedos. Do fundo do jardim, dava pra ver o que restava da Strip, sabe, todos aqueles cassinos que costumavam iluminar o céu a ponto de não dar pra ver as estrelas. Tava tendo uma festa de despedida das grandes, tipo um festival, que acabou saindo do controle e durou semanas, com todos os Gloriosos chegando e entrando em uma mistura de álcool, sexo, apostas e tudo o mais.

— Quem? — perguntei.

— Os Gloriosos foram as pessoas, que quando a Ascensão estava começando a se agravar, decidiram que a vida já estava acabada, que tudo estava indo pro inferno, então eles chegaram em Vegas com tudo o que tinha restado pra eles e tentaram acabar tudo cobertos de glória. Basicamente se matar. Mas a coisa ficou tão maluca que levou ao Incêndio da Strip, que foi quando dez dos cassinos queimaram e as pessoas ficaram dançando e se jogando nas chamas e um monte de outras coisas horríveis das quais você ouvia falar. Ficamos longe da Strip, mas lembro de enxergar o fogo da minha janela e ver queimar por dias, quase achando bonito. Quer dizer, não bonito de verdade, mas... sabe como você sente que, se o mundo for acabar, você quer estar lá pra ver? Você quer ver o que vem depois?

— Com certeza — disse Marco.

— Era tipo isso. É claro que o que veio depois foi botar fogo na nossa casa.

— Vocês precisaram queimar todas as suas coisas? — Aliah perguntou.

— Não, mas a maioria. Você não precisava queimar a casa, só que tinha uma iniciativa de toda a cidade para não deixar muito combustível para incêndios espontâneos, ou posses que pudessem encorajar vândalos. Naquela época, existiam relatórios de grupos de Nômades começando a se organizar também, e o que se dizia é que eles iam invadir cidades abandonadas pra pegar suprimentos. Por algum motivo, aquilo incomodava muito algumas pessoas. Eles não queriam que suas coisas fossem tomadas por mais ninguém. Mas tinha outras pessoas que não aguentavam queimar suas coisas, como se fazer isso fosse, de alguma forma, queimar sua identidade junto. Era como se suas coisas fossem você mesmo. Eu não tô falando que não foi uma droga me livrar da minha cama, da maioria das minhas roupas, dos meus bichinhos de pelúcia e tudo o mais, mas fico feliz por meus pais terem decidido queimar isso. Nós juntamos todas as nossas fotos e

vídeos e enchemos o bagageiro do carro com roupas e suprimentos de acampamento pro caminho até o norte, então foi meio poético, como se ao queimar a casa estivessemos ajudando a terra a se reciclar ou coisa do tipo. Todo mundo parou na saída da garagem, amontoados em volta da linha incendiária. Meu pai deu os fósforos pro meu irmão, Anton, mas ele não quis fazer aquilo, então ele deu pra mim. Daí, pouco antes de eu acender o fogo, deu a louca na minha mãe e ela correu pra dentro e voltou com um abajurzinho no formato de palmeira que eu acho que ela tinha comprado na faculdade ou algo assim, e ela tava chorando e, tipo: “Por favor, podemos levar isso aqui também?”. Meu pai concordou, então acendi a linha e observei a faísca ir em direção à garagem, como um animalzinho sendo libertado, e aí o fogo chegou nos arbustos secos, e de lá pros rodapés, pra porta da frente, e aí foi a casa toda. Ficamos observando ela queimar e minha mãe chorou e meu pai dizia que tudo ia ficar bem.

— Deve ter sido difícil — comentei.

Lilly riu.

— Acho que meio que gostei. Ver tudo queimar? Sei lá, foi... emocionante. Quer dizer, foi lá que passei minha vida toda, e aí, de repente, tudo estava sendo reduzido a uma camada fina de cinzas. Acho que eu deveria ter ficado triste, mas nem parecia mais que se tinha o direito disso, sabe? Quem éramos pra ter uma casa com oito quartos e dois banheiros, e água e eletricidade que apareciam magicamente se você virasse uma maçaneta ou apertasse um interruptor? Um monte de gente já tava vivendo sem esse tipo de coisa, e víamos nos jornais sobre as lutas e as revoltas do norte e os suicídios em massa em Lagos, e meu pai falava que podia ser pior.

— Você não sente saudade? — perguntei.

— Que nada — Lilly respondeu como se ela tivesse certeza de que não sentia. — Tipo, foi estranho. Bom, eu só tinha oito anos, então acho que só pensei que teríamos uma casa nova logo. Mas aí fomos pro norte, passamos uns dois anos em Calgary morando em um apartamento de um quarto onde você dividia um banheiro com o andar inteiro, e esperando a guerra se acalmar e os nossos papéis de imigração serem processados na Federação AC. E as coisas estavam ruins por lá, e ficando piores pelo mundo, então minha mãe adoeceu, e o Anton saiu de casa e... foi aí que meus pais decidiram me colocar aqui... — Ela parou. Sua voz tinha ficado mais pesada nessa última parte. Quando ela continuou, falava mais baixo. — E é estranho acordar e ter tudo perfeito, sabe? Estar neste lugar. Eu me sentia como se eu tivesse perdido alguma coisa na vida que eu deveria ter, quase como se eu tivesse morrido, como se isso fosse tipo a minha pós-vida. Como se tivessem me enganado.

— Você teve sorte. — Evan parecia estar tentando ser sensível. Os dois

pareciam ter estabelecido uma trégua hoje, mas eu ainda ficava pensando se não seria aquele o comentário a quebrá-la.

— Claro — ela disse baixinho.

O silêncio reinou sobre nós. Queria perguntar sobre o que aconteceu com o irmão dela, como foi dizer adeus para os pais, mas eu não tinha certeza se ela queria falar sobre isso, e os outros provavelmente já sabiam.

Houve um estalo branco no céu acima de nós e um ruído surdo, baixo, parecido com um trovão.

— O que foi isso? — perguntei, inclinando minha cabeça de volta para fora do trampolim.

Outro raio branco apareceu, ziguezagueando de onde estávamos para as colinas. Trovões se estendiam pelo domo. Senti um impulso de procurar um abrigo, como se eu estivesse em casa de novo e chuvas de relâmpagos estivessem vindo.

— É de... — começou Marco. — Des...

— Desionização de partículas — completou Lilly.

— Nerd — acusou Aliah.

Estiquei o meu pescoço para olhar para Lilly.

— O que é isso?

— A radiação solar que atinge o domo todos os dias faz com que as partículas carregadas aumentem — ela explicou. — O relâmpago queima isso. Tem aquela antena grande pendurada debaixo do Olho, e tem uma torre atrás do Monte Aasgard.

Outro raio.

— Legal. Relâmpagos seguros.

— Sim — Lilly concordou.

Assistimos e esperamos. Houve mais um estouro e aí parou.

— Ô, Owen. — Era o Marco. — Vocês ainda têm holográfico lá no Centro?

— Sim, mas só no centro recreativo. Não nas casas, como eu ouvi dizer que era antes.

— Ouvi falar que eles ainda têm comunidades inteiras com holográfico ao norte — disse Evan. — Até uns pornôs.

— Perverso — disse Lilly.

— Pode apostar — Evan sorriu.

— E como é? — Aliah quis saber.

— Os pornôs?

— Não, eca! Eu tava falando com o Owen. Como é viver lá fora, no presente? Tipo, no mundo de verdade, fora da nossa bolha.

— Não sei. Provavelmente é uma droga, eu acho, comparado a isso aqui, ou ao

que vocês se lembram do mundo de antes.

— O Éden é bem melhor do que o mundo era no pré-gelo — comentou Evan.
— Tudo estava se acabando, se é que já não tinha acabado.

— É, mas pelo menos era real — apontou Lilly.

Evan fez um som como se ele estivesse rindo para si mesmo, mas não disse nada.

— Bom, lá em Yellowstone não é *tão* ruim assim, mas ficamos debaixo da terra pela maior parte do tempo, e não dá pra ir a lugar nenhum, de verdade. Eu me sinto como se vivesse em um mundo logo depois de uma grande festa. Tipo, tudo era tão incrível e vivo e as pessoas estavam tendo o melhor momento das suas vidas, e agora é tipo a manhã seguinte, e tudo tá quebrado e virou lixo, tecnologia e ideias jogadas por aí; é como se tivéssemos perdido a festa.

— É — concordou Aliah. — E aquele negócio que eu ouvi que tem uma área de lixo no Pacífico que é tão grande que as pessoas vivem em cima dela?

— A Flotilha? — perguntou Marco. — Parece ser bem legal, na verdade. Ei, nós seríamos estrelas lá fora, com as guelras.

— Até parece — retrucou Evan. — Eles provavelmente nos fariam de escravos pra pegar a comida deles. Pelo menos aqui podemos fazer o que quisermos.

— É, mas será que deveríamos? — questionou Lilly.

— O que você quer dizer? — perguntou Evan.

— O que eu quero dizer é: será que deveríamos fazer o que quisermos? Não foi assim que todo o planeta se ferrou? Porque pensamos que seríamos capazes de, tipo, falar por holográfico com amigos de Dubai e comer sushi em um restaurante de uma franquia mexicana ao mesmo tempo, enquanto as roupas que compramos deitados na cama são entregues na nossa porta? Entendeu?

— Então quer dizer que é ruim querer coisas? — argumentou Evan. — É errado tentar fazer as coisas serem tão boas quanto possível?

— Não sei, garoto Éden — Lilly respondeu. A trégua já era. — Por que você não pergunta aos seis bilhões de pessoas mortas?

— É a natureza humana — ele devolveu.

— Parte dela — Lilly observou —, mas não toda ela. Parte dela é egoísta e inconsequente.

— Honestamente — começou Evan —, você é uma hipócrita. Você vive aqui no Éden. Se você acha que é *tão errado*, por que não vai embora?

Lilly se alterou.

— Não foi minha escolha vir pra cá! Foi dos meus pais, e eles só estavam tentando me proteger. Pode acreditar, se eu pudesse sair daqui, eu sairia.

— E faria o quê? — Evan insistiu.

Marco e Aliah riram baixinho um para o outro e voltaram para a água.

Aparentemente, eles já tinham se cansado da discussão.

— Alguma coisa — Lilly respondeu encarando Evan. — Mais do que o nada que você tem feito.

— Que seja — Evan resmungou.

Lilly se levantou num supetão e começou a pular no centro da balsa. Ela olhou para mim.

— Quer nadar? Tem um navio naufragado.

Ela estendeu a mão.

— Você vai levar ele pro navio? — Evan perguntou, claramente incomodado.

— Claro — respondi. Fiquei de pé, segurei a mão dela e mantive o olhar longe de Evan conforme pulávamos bem alto e partíamos para as profundezas.

Foi um alívio voltar para a água. A escuridão e o frio me envolveram de uma forma que pareceu fazer minha pele se tornar irrelevante, como se eu fosse apenas uma concentração de energia, unido ao mundo à minha volta. Expulsei o ar dos pulmões em uma rebelião de bolhas, depois flexionei minha garganta e a senti selar, minhas guelras se abriram como janelas, a brisa fresca balançando as cortinas.

Afundi em camadas de frio cada vez mais intenso, perdendo a visão. Arqueei de volta mais para cima, no mundo de silhuetas onde o Brilho-de-luar morria. Vi Lilly fazer o mesmo. Aqui era o fundo, cerca de cinco metros abaixo da superfície, onde as cavidades primitivas de nossas orelhas doíam pouco. Estava batendo os pés como um golfinho, do mesmo jeito que na investida do nado borboleta que me afogou, só que não era nada esquisito quando você estava debaixo da superfície. Na verdade, aquilo fazia do meu corpo uma onda que acompanhava o fluido. Era o oposto do que se pensava: os músculos não ficavam tensos e rígidos, mas soltos, sem se esforçar.

Nadei em direção à Lilly e ela foi para a esquerda e girou em um círculo ao meu redor, um borrão de cabelo. Comecei a girar também, tentando acompanhá-la, ouvi os trinos e as vibrações de sua estranha risada de peixe.

E ela sumiu.

Olhei à minha volta, tentando ver mais longe na escuridão. Atrás de mim, espiei Marco e a Aliah flutuando em um bolo debaixo da balsa.

Braços em torno do meu abdômen. Puxando para trás.

“Peguei!”

Meu corpo foi pressionado contra o da Lilly. Senti uma carga elétrica passar por mim. Com a mesma rapidez, ela me afastou, e aí nadou na minha frente de novo.

“O navio é por aqui”, ela disse.

Balancei a cabeça. Ela foi em frente e eu a segui, fazendo força para manter o

ritmo. Ela era rápida, mas eu tinha ficado mais rápido também, hora após hora, noite após noite.

Saindo da balsa, perdemos todo o contato com o mundo terreno. Só havia escuridão em todas as direções, além da forma fluida da Lilly. Conforme nadávamos, eu me virava, olhando para cima através da superfície de vidro cintilante para a projeção da lua e das estrelas, fraturadas aqui e ali pela superestrutura geodésica do domo.

Pensei sobre o que a Lilly havia falado, em como, se fôssemos alguma coisa nova, uma nova espécie, teríamos milhares de quilômetros de oceano onde poderíamos nadar. Claro, havia as zonas mortas, as ilhas de lixo, as marés de algas e as camadas de gel, óleo e plástico que inutilizaram a maioria das costas... Mas o oceano era gigantesco. Seria possível nadar por debaixo da destruição até encontrar água limpa, vasculhar os mares até descobrir o arquipélago certo, onde a superfície seria limpa, a água azul, o coral ainda multicolorido e os peixes ainda o trabalho de um Deus caprichoso, não os deuses da ruína e da melancolia que pareciam ser os encarregados de agora. Lilly e eu poderíamos encontrar esse lugar e recomeçar do zero. Talvez até criar uma família de pessoinhas com guelras.

“Ei, desligado, por aqui.” Lilly estava atrás de mim de novo. Ela havia virado com tudo em uma direção diferente.

Eu a alcancei e avistei o fundo do lago se elevando abaixo de nós. Mais à frente, Lilly parou de pé. Parei ao lado dela, saindo do abraço da água para a cruel brisa noturna. Tremi de frio enquanto fiz meus pulmões se abrirem de novo.

— Cadê o navio naufragado? — perguntei enquanto ela ia para a praia, em direção a uma parede sólida e preta de pinheiros.

— Tá perto, mas precisamos de luz.

Eu a segui para dentro do aglomerado de árvores, os pés reclamando das texturas não muito bem-vindas: agulhas de pinheiros, raízes, pedras.

— Aqui — ela disse. — Escondemos umas coisinhas pra quando fossemos nadar mais. — À nossa frente estava uma árvore caída, as raízes tinham puxado o solo da floresta como uma camada de pele. Ela se agachou e se enfiou sob a base grossa do tronco. Com um gemido, puxou uma bolsa vermelha feita de tecido macio impermeável. Abriu os botões de metal e puxou uma grande lanterna amarela de lá de dentro. Ela apertou um botão, acendendo um fecho de luz branca.

— À prova d'água.

— Legal.

Ela guardou a bolsa.

— Vem.

Voltamos para a água e andamos até ela bater no joelho quando parei.

Estávamos tão longe do acampamento que atingimos os limites da enseada. O centro largo do lago se estendia para longe de nós e, na margem mais distante, a uns dois quilômetros dali, estava a cidade de Éden Oeste. Ela brilhava em colunas verticais de luzes âmbar e esmeralda. Havia visto fotos das velhas tecnópolis, com seus quilômetros de arranha-céus, e das novas e mais modestas ao norte, como a Cidade de Baffin, Yellowknife, Ilha Helsinque e Nova Murmansk. Éden Oeste provavelmente não estava nem perto dessa escala, mas, ainda assim, para alguém que tinha passado a vida em um mundo plano e curvado debaixo de um forro de pedra, tinha algo de incrível nas torres retas, cada vez mais altas, a ideia de que pessoas podem ter existido, há muito tempo, usando o céu livremente.

— Eis a Terra do Nunca — anunciou Lilly.

— Hã? — Não conhecia a referência. Quando ela não disse mais nada, perguntei: — É legal lá?

— Acho que sim. Se você for como o Evan é só quiser viver sua vidinha fingindo que tudo tá bem enquanto o resto do mundo vai pro inferno.

Eu ri, mas parei quando percebi que Lilly não estava sorrindo.

— Não é tão ruim — ela disse. — Tem museus e coisa e tal, entretenimento, esportes, shows e jogos que viajam de um Éden ao outro, e, sabe, um monte de butikues com os estilos do norte, Ruas-sensação feitas de hipertijolos que se sincronizam com o seu “eu” e fazem propagandas e tocam sua própria trilha sonora enquanto você anda, mas... eu fico mais no Lar Crio. — Sua voz ficou mais baixa. — Não dá pra sair muito quando não se tem pais pra levarem você nos lugares.

Ela se abraçou, como se estivesse com frio. Pensei em passar o braço ao redor dela, porém não tinha certeza se isso seria legal. E como se descobre se é ou não? Tem de perguntar? Parecia que você simplesmente *sabia*.

Então Lilly chamou:

— Vem.

E perdi a minha chance.

Voltamos para baixo, seguindo o fundo do lago até onde estávamos, nas profundezas, talvez dez metros abaixo, ouvidos doendo. Lilly acendeu a lanterna e conseguimos nos nivelar, saindo do fundo e indo para a escuridão, com o facho de luz inconstante. Não era possível saber pela visão o que era cima e o que era baixo, mas havia outras dicas, variações na temperatura e pressão, coisas que seu corpo podia sentir se você ouvisse de novas maneiras.

A luz de Lilly iluminou alguma coisa branca na água. Ela parou e mirou a luz enquanto subi para o lado dela. Olhei para baixo e estremeci. Havia olhos ali, largos e pretos... um peixe. Um peixe enorme, que mal se movia, boiando

preguiçosamente no escuro. Seu corpo era de uma cor de pêssego doente, parecendo carne morta, com um padrão de manchas pretas que pareciam listras incompletas. Ele tinha uma cabeça quadrada e um corpo gordo. Suas barbatanas se moviam devagar.

“O que é isso?”, perguntei.

“Carpa zumbi. É o jeito que chamamos, pelo menos.”

“É nojento.”

“É. Eu acho que, quando abriram esse lugar, pensaram que seria fofo se o lago tivesse peixes bonitos como alguns jardins asiáticos, então eles puseram carpas junto com todo o resto, mas aí eles acabaram entrando em guerra com os outros peixes, comendo eles e matando as plantas do lago.”

“Eu vi plantas de mentira no fundo.”

“É, e esse lago nunca fica frio, tipo no inverno, então as carpas só continuaram a comer e a crescer o tempo todo. E aí, olha essa: o Éden até pôs uns peixes chamados percas, que costumavam ficar aqui, pra comer as carpas bebês, mas as carpas e as percas acabaram cruzando, e assim nasceram esses zumbis mutantes. Ah, e as carpas comem as percas agora.” Ela se virou para mim e sorriu. “O lago é cheio de criaturas estranhas.”

“Rá.”

“Mas não se preocupa. Eles podem parecer assustadores, mas é só aparência.”

O peixe continuou flutuando ali, brilhando no fecho de luz. Ele se virou para focar o outro olho em nós, mas deve ter decidido que não éramos comida e voltou para as trevas.

Continuamos a nadar, avistando mais carpas zumbis flutuando no escuro de vez em quando. A história fez eu me sentir um pouco mal pela criatura. Pensei mais uma vez em como este lago, todo este lugar, parecia um laboratório gigante, uma câmara esquisita de um cientista louco, cheia de borboletas robôs, peixes assustadores e pessoas com guelras.

Agora a luz de Lilly refletiu em metal. A lateral do navio. Parecia uma grande parede se destacando na escuridão, enferrujada e com seis metros de altura, restos de tinta vermelha aqui e ali. Ele estava inclinado, empalado por uma lança de pedra que se levantava do fundo invisível. O convés plano na frente, depois uma cabine quadrada, e na parte de trás um punhado de guindastes e cordas, dando a impressão de ter sido um barco de pesca.

Lilly nadou para a grade lateral e, de lá, para dentro da cabine por uma porta que estava aberta. Eu a segui. O lado de dentro era uma salinha com uma mesa de jantar e cadeiras. Tudo estava coberto por uma camada de lodo felpudo. Eu a encontrei fingindo estar sentada à mesa, apesar do ângulo do navio, com as mãos cruzadas.

“O que há para jantar, capitão?”

Eu ri e nadei em direção à porta, para a sala seguinte.

“Isso é tão legal.”

Ela deslizou para o meu lado no umbral. Senti seu braço contra o meu.

“Pensamos que podiam ter corpos, mas não tivemos sorte.”

Fomos para a sala seguinte, e o facho de luz iluminou balcões jogados, os resquícios mastigados de papel enrolado, um computador antigo flutuando de cabeça para baixo no canto. O chão estava coberto com uma bagunça de livros apodrecidos, pratos e copos, restos de eletrônicos. Cardumes de peixinhos prateados se espalharam ao redor dos meus pés. Eu me perguntei se eles se escondiam aqui das carpas zumbis lá fora.

“O que você quer?”, Lilly perguntou.

Eu me virei e a vi perto de um fogão, segurando uma frigideira enferrujada. Ela estava sorrindo.

Devia dizer alguma coisa espirituosa, sabia disso. Mas o quê?

“Hum...”

Lilly veio até mim, a frigideira na frente, a luz batendo bem no meu rosto.

“Nossa, não é um teste.”

“Não?”, eu disse, torcendo o rosto contra o facho de luz.

“Você é engraçado.”

“Eu?” Senti minhas entranhas descompassadas. Engraçado? De onde ela tinha tirado essa ideia? “Nunca sou engraçado.”

“Sim, você é. Todo esse seu jeito diferente.” Talvez fossem as correntes da sala, mas a Lilly parecia estar se aproximando. “O jeito que você fica confuso assim.”

“Eu não fico... eu...” Não tinha ideia do que dizer.

“É disso que eu tô falando. Você nunca tenta parecer legal quando tá perto de mim. Nunca tenta fazer showzinho.” A frigideira bateu no meu abdômen. Ela abaixou o utensílio e o deixou escorregar para o piso. O facho da lanterna apontava para cima, dando aos dois uma aparência sinistra.

“Eu... showzinho? Eu nem...”

“Gosto disso.” Lilly sorriu, e seus olhos pareceram aumentar de tamanho. “O Show do Owen não é um show, é real. É só o que você é.”

Mais perto. Uma coisa chocante de repente passou pela minha mente. Será que a Lilly estava flertando comigo? Tipo, flertando de verdade? Aquele flerte de *eu gosto de você*? Gelei. Como isso poderia ser possível? E o que eu deveria fazer? Senti como se devesse dizer alguma coisa espirituosa, alguma coisa legal, mas não tinha tempo, então eu disse:

“Desculpa.”

Aí pensei: *Por que você disse isso? VOCÊ É UM IDIOTA! Por que eu pediria desculpas? Eu...*

Lilly riu. Ela se aproximou ainda mais.

“Owen, não é uma coisa ruim.”

Nossos corpos estavam a centímetros de distância. E agora o quê?

“Eu desconserto você”, Lilly disse, seu rosto como algum tipo de buraco negro, me sugando, me dobrando. Será que isso era mesmo... isso? Será que nós...

Owen.

Um brilho azul apareceu no canto da minha visão.

Lilly estava bem ali, nossos olhos conectados...

Eu me virei. Justo agora, mas eu precisava, porque era *aquela* brilho azul.

Encontre-me.

Estava brilhando, vindo da portinhola atrás de mim.

“Voltou.”

“Espera, o quê?”, Lilly perguntou.

Estava estragando o momento, mas não pude evitar. Nadei e pus a bochecha contra o vidro, percebendo com um aperto nos nervos que havia acabado de perder uma chance gigantesca. Apesar de talvez estar mais aliviado do que qualquer outra coisa, minha cabeça girava com as possibilidades.

O brilho estava à direita, um azul débil, mas inconfundível.

“Vem comigo”, chamei Lilly, e desaparei para dentro da primeira sala e para fora da porta.

“Onde você tá indo?”, Lilly perguntou, me seguindo para fora. Ela parecia estar irritada?

Talvez. Mas... a sirena... Ela era real. Tinha certeza agora, e eu *precisava* ver. Parti para cima do navio, avistando o outro lado do casco.

Só escuridão.

Lilly chegou ao meu lado.

“Owen, o que foi?”

“Vi alguma coisa”, avisei, porém agora me sentia como um idiota. Não tinha nada. Eu tinha inventado tudo aquilo porque estava assustado demais para...

Espera, ali. A luz azul fraca de novo, dessa vez fora do navio, talvez engolida pela escuridão. Apontei.

“Tá vendo?”

Lilly seguiu meu dedo.

“Vendo o quê?”

“A... a coisa.” Era difícil ver, mas era definitivamente a forma fantasmagórica da sirena, brilhando em azul, nadando para longe. “Tá vendo ela?”, perguntei, nadando naquela direção.

“Ela?” Lilly definitivamente parecia estar irritada. “Tá legal, não tenho ideia do que você tá falando. Onde você vai?”

Fechei a cara. A imagem — porque parecia mais um desenho que um objeto sólido — estava ficando menor, distante. Teríamos de nos apressar se quiséssemos alcançá-la.

O que é antigo será renovado, o que foi perdido será encontrado.

Eu me virei de volta para Lilly.

“Isso! Você ouviu isso?”

Ela arqueou as sobrancelhas e cruzou os braços.

“Não estou entendendo nada.”

Olhei para trás. A sirena tinha quase desaparecido.

Encontre-me.

“Vem, precisamos alcançar.” Comecei a nadar.

“Owen! Alcançar o quê?”

“A... a coisa, a sirena, quer dizer, é como eu a chamo... tanto faz! Só vem comigo.” Tomei impulso para frente, atacando a água, nadando o mais rápido que conseguia. Quando me virei, Lilly ainda estava no navio, já distante. “Vem!”, chamei.

Sem resposta. Eu me virei de novo. A sirena estava um pouco mais próxima, talvez, mas ainda fraca. Eu a perderia se parasse.

No templo.

Tá, tá bom. Não acreditava que estava fazendo isso, não acreditava que estava deixando para trás aquele momento, e possivelmente arruinando qualquer chance de futuros momentos, mas... Lilly podia me alcançar se ela quisesse.

“Já volto!”, avisei, e parti o mais rápido que pude.

Perfurei a água. A sirena ainda estava bastante longe. Olhei para trás: Lilly tinha sido engolida pela escuridão.

Batendo os pés e estendendo os braços, eu era uma faca cortando o líquido. Ganhei um pouco de terreno e comecei a ver o formato da sirena de novo, e, apesar de a luz azul ser opaca e inconstante, achei que via pernas batendo em um estilo golfinho, braços se movendo, talvez cabelos flutuando atrás dela.

Meus músculos estavam começando a doer. Estava até sentido uma dor fraca no abdômen. E, ainda assim, lá estava ela, à minha frente, aquela imagem brilhando, parecendo um fantasma, e tive uma certeza: *Continue a nadar*. Mesmo se estivesse deixando Lilly para trás... Isso significava alguma coisa. Ela me conhecia. E tinha alguma coisa a dizer. Alguma coisa sobre... tudo. Eu tinha certeza disso.

Minutos se passaram, talvez meia hora. Não era possível precisar. Tudo o que eu sabia era que, lentamente, eu a estava alcançando.

“O que você é?”, perguntei.

Havia um zumbido na água agora, e um estrépito distante, como partes se movendo. Podia sentir aquilo enchendo meus ouvidos, e ainda assim a voz da sirena parecia estar, de algum jeito, dentro da minha cabeça de novo. Havia um som familiar, talvez até elétrico.

O que é antigo será renovado. O que estava escondido será libertado. Os segredos, lembrados pela verdade.

Nadei com mais força, tentando me aproximar, e avistei formas começando a se desenhar a nossa frente. Eu estava dez metros atrás da sirena, talvez, e a uns vinte metros à frente dela havia alguma coisa sólida, vertical: uma parede. Cheguei mais perto e percebi que era feita de concreto. O limite do domo?

Pedras haviam aparecido, era o fundo do lago. Na parede, a meio caminho da superfície, havia duas linhas horizontais de buracos grandes e cilíndricos. Duas luzes amarelas brilhavam em anéis ao redor deles. Eu estava paralelo com a linha de cima, e conseguia sentir o empuxo da água vindo por eles. Olhando para cima, avistei um contorno ondulado de uma construção alta e triangular na superfície. Devia ser a Aquinara, onde a água do Lago Éden era filtrada e continuamente reciclada. Ela também criava o vapor necessário para as nuvens e as chuvas no domo.

Por aqui.

Olhei para baixo e espiei a sirena brilhando por entre as rochas pretas na base da parede. Ela rodou e desapareceu no que parecia ser uma abertura na pedra.

Desci, mas estava exausto. A pressão parecia estar maior que antes. Minhas laterais doíam. Minhas pernas doíam, os pés reclamavam de câibra.

Eu me agarrei no fluído, me forçando para baixo, atravessando a corrente de água em direção à abertura. Consegui ver o azul da sirena brilhando lá dentro, parecia até que ela estava esperando por mim...

Venha para casa, Lük.

“O quê...?”, comecei a perguntar.

Mas, de repente, houve uma explosão de luz e foi como se a escuridão do lago tivesse sido lavada de branco. Perdi a noção de tudo, e fui recebido por um cenário que eu não podia explicar, e, ainda assim, senti como se pudesse, quase como se fosse uma memória:

Era uma cidade gigantesca feita de pedra, cobre e ouro. Ela estava em um lugar alto, sobre um vale de difícil acesso, com um paredão curvo que ia de encontro ao mar. Veleiros se moviam para dentro e para fora de cais de pedra gigantescos. Mais navios no ar também, não sei como. Montanhas cresciam por detrás da cidade, picos pontudos cobertos de neve e geleiras. O céu era cinza-escuro, o sol vermelho se pondo no horizonte.

No centro da cidade havia uma estrutura gigantesca, uma pirâmide, uma coisa que parecia saída do Egito Antigo, porém com um topo reto cercado por globos estranhos que brilhavam como fogo, mas com uma intensidade branca.

Em cima da pirâmide havia um amontoado de gente, adultos em robes carmim adornados de turquesa e, no centro, três adolescentes vestidos de um branco imaculado, de joelhos em travesseiros macios, olhando para frente. As coisas ficaram embaçadas...

E eu era um dos três. À minha frente, havia um objeto de cristal brilhante, de um brilho branco translúcido. Havia um diante de cada um de nós. Eles brilhavam mais do que deveriam, dado o céu escuro e esfumado. Naquele instante, percebi a neve sem peso que caía em cima de mim... neve cinzenta, morta, deixando manchas no meu robe branco. Olhei para a minha direita. Do meu lado estava uma menina: cabelos pretos, um rosto redondo, olhos de carvão. Ela me olhou de volta. Eu não a conhecia, ou conhecia? Lágrimas caíam devagar pelo seu rosto. Do lado dela estava um menino, mas o rosto dele estava escondido pelo cabelo desgrenhado. Mas essa garota... quem era?

Ela balançou a cabeça de leve e se virou para encarar o cristal gigante à sua frente. Fiz o mesmo. Olhei para a luz pálida, o cristal do tamanho da minha cabeça. Em sua superfície divisei um reflexo distorcido de um rosto que não era bem o meu, apesar de os traços serem parecidos. Podíamos ser parentes.

Atrás dos cristais, os sacerdotes e as sacerdotisas moveram as mãos em círculos pequenos, desempenhando os ritos finais. Um deles chorou, mas todos nós sabíamos que isso é o que devia ser feito.

Observei o olhar daquela mulher brilhando sobre o meu ombro, e, apesar de não poder vê-los, entendi que, atrás de nós, homens estavam parados, homens com adagas, homens que estavam vindo em nossa direção e posicionando lâminas perfeitas em nossos pescoços.

Então, o brilho do cristal aumentou, apagando todo o restante e me cegando de qualquer pensamento. A lâmina me perfurou e senti uma dor causticante. Meus olhos se arregalaram e vi que o cristal à minha frente tinha sido perfeitamente esculpido na forma de uma caveira humana.

Os olhos vazios brilharam para mim e os encarei. Estava morrendo de medo, mas estava certo de que isso era o correto a ser feito, de que tudo ficaria bem. A caveira gigante, sorrindo um sorriso sem pele cheio de dentes perfeitamente entalhados. Eu acreditava. Eu acreditava...

A dor da lâmina era como a queimação das guelras se formando, só que pior e mais profunda, até que não havia nada além da luz mineral da caveira de cristal ficando mais brilhante, e fui tragado por ela, de dentro dela, em um esquecimento de pura brancura.

VERDE.

Meus olhos piscaram e se abriram para uma visão submarina da água coberta de sol. A alguns metros abaixo de mim, entre raios solares distorcidos, uma carpa zumbi cor-de-vômito gigante apareceu flutuando, me observando, como se estivesse tentando ter certeza de que eu estava morto. Suas guelras se movimentavam vagarosamente. Ela girou os olhos quase como se fosse vergonhoso eu tê-la notado.

Balancei os braços e o movimento fez o peixe grande e inchado se virar e ir embora.

Minha cabeça doía — uma dor chata, latejante — e minhas costas estavam quentes, expostas. Tudo estava dolorido. Só as guelras funcionavam em velocidade normal. Dei um giro. A superfície do lago estava a menos de um metro de mim, o azul pálido do Céu-cópia, com as fofas Nuvens-cópia ocasionais que passavam por ali. Tratei de me endireitar e subi, pondo minha cabeça para fora d'água e abrindo a garganta para engolir um pouco de ar.

A Aquinara estava à minha direita. A cidade ficava a um quilômetro praia acima, zumbindo de atividade. Havia veleiros e iates ali por perto. E um som mais alto, mais próximo: um motor.

— Owen!

Olhei para os lados da Aquinara e avistei um barco pequeno vindo em minha direção. O barco do acampamento. Paul estava parado no leme. Sanguessuga estava com ele.

Pensei em mergulhar, mas estava cansado demais. E eles já estavam parando, Paul estava desligando o motor e o barco se aproximava de mim, trazendo um cheiro eletrostático do motor de células de hidrogênio.

Ele me lançou um olhar pela sombra do seu chapéu preto e óculos escuros. Estava usando uma camisa de mangas curtas, mas ainda usava uma gravata no pescoço.

— Ora, veja o que encontramos.

— Oi — murmurei, sem saber o que dizer além disso. Meus pensamentos estavam a toda, tentando encontrar uma explicação para o que eu estaria fazendo

aqui...

— Parece que alguém acordou cedo para o nado urso polar — comentou Paul.

— Ah, é.

— Acho que, tecnicamente, as regras pedem para que você fique na área de natação do acampamento. — Paul olhou em volta como que para mostrar o quão longe estávamos. — Você precisava de mais exercício, eu presumo. — Ele olhou de volta para mim.

— Acho que sim. — Ele sabia de alguma coisa, isso era certo, só que, como sempre, eu não podia desvendar sua expressão.

— Bom, por que você não sobe? — Aquilo não soou como um convite.

Eu me agarrei à beira do barco e me icei pela lateral. Pensei que seria difícil, mas talvez as últimas noites de nado tenham me dado força a mais. Escorreguei para o chão e sentei em um dos bancos, em uma almofada escorregadia branca de vinil.

Sanguessuga estava sentado do outro lado, em silêncio. Seu cabelo curto estava bagunçado, como se tivesse saído cedo da cama de novo. Ele estava com a maleta preta do lado, e um caderno preto pequeno no colo, fechado, mas com uma caneta em mãos, como se estivesse usando aquele material antes de eu aparecer. A outra mão não estava mais com a atadura.

Paul deu vida ao motor e o barco guinou para frente, acelerando pelo lago.

— Acho que seu pescoço está mesmo melhor — comentou Paul.

— Ah, é.

— As câibras também, aparentemente. — Isso igualmente não parecia uma pergunta, era mais como se ele estivesse conferindo coisas em sua mente. — Você chegou a perceber que estava a mais de dois quilômetros do acampamento?

— Não, não percebi, só estava nadando — respondi, olhando para minhas mãos franzidas e ensopadas. — E, hum, perdi a noção de onde eu estava.

Sanguessuga fez um som leve de tosse ao me ouvir falar aquilo, mas, quando olhei para ele, ele estava encarando a água.

Desviei o olhar para Paul, pensando em qual seria a pergunta que viria a seguir, mas ele apenas continuou guiando o barco. *Ele não precisa perguntar mais nada porque ele sabe*, Lilly provavelmente diria. *Ele sabe o que está acontecendo*. Aí, eu me perguntei: *Será que ele sabe sobre a sirena?* Como ele poderia saber?

— Foram pescar de novo? — perguntei a Paul.

— Fomos, sim — respondeu Paul, seus óculos refletiam a água. — Por estes lados da Aquinara se encontram algumas das partes mais profundas do lago, não é, Carey?

Sanguessuga não respondeu.

— É daqui que os dotados de guelras gostam mais — explicou Paul. Sem sorrisos. Sem movimento de cabeça. Mas aquele comentário...

Tentei agir como se tudo estivesse normal.

— Pegaram alguma coisa? — continuei o assunto, passando os olhos pelo barco em busca de um balde de peixes ou algo do tipo, mas, além da vara de pescar de Paul, não havia nada. Nem mesmo uma caixa de iscas ou qualquer outra coisa de que precisassem.

— Não estavam mordendo a isca hoje — respondeu Paul. — Sabe o quão instáveis peixes podem ser.

— Vi umas carpas bem grandes lá embaixo.

— Ah, viu? — Paul virou os olhos para mim. — Bom, faça-me um favor, Owen, e vamos manter isso entre nós. As pessoas da cidade ficam um tanto animadas com assuntos sobre o *meio ambiente*, como se tivesse alguma coisa da qual reclamar. Nós mantemos as carpas contidas, assim como todo o resto, para que eles possam aproveitar o dia. — Paul mostrou com a mão um veleiro à distância.

Fiquei surpreso ao ouvir aquele tom de desdém, como se ele se achasse melhor do que as pessoas de Éden Oeste.

— Pega! — ele disse, e levantei a cabeça a tempo de vê-lo jogando uma toalha verde-escura para mim. — Você parece estar com frio.

— Obrigado. — Enxuguei os ombros trêmulos e apertei os olhos pelo brilho do sol e da água, observando a costa frondosa passar. O motor e o vento produziram um zumbido que tornou fácil a ação de ficar sentado ali, perdido em pensamentos.

Eu me lembrei do sonho... Como tinha sido? Já estava confuso na minha memória. Lük, tinha dito a sirena. Era esse o nome do menino naquela cena, o menino que eu tinha me tornado? E o que era aquela caveira feita de cristal? Parecia que, na visão, eu sabia o que estava acontecendo comigo, como se estivesse esperando morrer, talvez até achasse que isso era necessário, e agora eu meio que me sentia como se isso fosse uma coisa que havia mesmo acontecido comigo, quase uma memória, mas... nada daquilo fazia sentido. Mas até aí a sirena também não fazia. E será que essas coisas estavam conectadas às guelras?

Talvez eu só tenha ficado tão cansado que desmaiei, e tudo aquilo tivesse sido um sonho ou algo assim. Só que tudo tinha parecido real, e grande, também. Como se eu não tivesse só visto aquilo, mas também estado lá, e me conectado a alguma coisa bem grande.

Começamos a virar e avistei a prainha na ponta da enseada, onde Lilly e eu tínhamos saído a procura da lanterna. Havia se passado só algumas horas, mas pareciam dias. Passamos pela balsa do trampolim azul, pelo deque de natação.

Olhei para a balsa — vazia, nenhum sinal dos ocupantes noturnos — e me perguntei se Lilly tinha ficado brava por eu tê-la abandonado. Não conseguia acreditar que eu tinha ido embora, ainda mais naquele momento. Tudo era quase tão inacreditável quanto a visão... Lilly estava mesmo flertando comigo, e eu fui embora! No que eu estava pensando? Naquele instante foi como se fosse uma coisa que eu precisava fazer. Perguntei a mim mesmo por que ela não tinha me alcançado, porém talvez ela não tivesse entendido o que estava vendo. Ou não tinha visto.

Tive aquela sensação de novo e percebi que Sanguessuga estava me olhando. Olhos estreitos me estudando daquele jeito rei-da-cocada-preta que ele tinha. Ou talvez fosse só o brilho do sol. De qualquer forma, aquilo me lembrou do dia anterior, de eu sendo empurrado para o lago.

— Algum problema? — As palavras saíram da minha boca antes mesmo de eu saber o que estava pensando.

Agora Sanguessuga definitivamente sorriu com desdém.

— Sim. Você.

— Acalmem-se, cavalheiros — pediu Paul.

Dei as costas para Sanguessuga, secando os cabelos.

Paul parou a lancha em um dos deques da garagem de barcos. Sanguessuga desceu, pegando uma corda para amarrar a proa. Fui fazer o mesmo na popa, mas precisei observá-lo com o canto dos olhos para ver como passar a corda grossa pela trava, e odiei ter de precisar dele para uma coisa assim.

Fiquei de pé e comecei a dobrar a toalha, olhando para os veleiros amarrados. Senti a brisa fraca que estava sempre presente no período da manhã. Eu me virei, olhando para a baía estreita. *Vento vindo do sudoeste... talvez cinco nós...* Mais pensamentos se seguiram. *Seria necessário rumar sentido leste-oeste para chegar à entrada da baía. De lá, é uma rota noroeste, a não ser que o vento mude com a água aberta...*

— É melhor correr de volta para a cabana, Owen. — As palavras me tiraram de um transe. Eu me virei e encontrei Paul já parado na praia. Sanguessuga não estava em lugar nenhum. — A bandeira é em trinta minutos. Eu poderia ir com você...

Seu relógio começou a apitar. Ele baixou a cabeça para o objeto.

— Bom, vamos ter de reagendar.

— O que foi? — eu quis saber, sem pensar que ele contaria.

— Parece que a comissão de diretores está solicitando uma ligação. Bom, é uma surpresa, mas não queremos deixá-los esperando.

Mais uma vez procurei por algum sinal de emoção no rosto de Paul: considerando a conversa aos gritos de ontem, o comentário de agora teria sido

sarcástico ou sincero? Entretanto, não encontrei nada, até que ele me pegou estudando-o. Aí ele pareceu demonstrar interesse se curvando para frente.

— A não ser que haja alguma coisa te pressionando, que você queira aliviar os ombros? Eu poderia dizer aos diretores para aguardarem...

Eu me virei para deixar o deque, desesperado para fugir do alcance daquele olhar.

— Não, tô bem. Obrigado pela carona. Desculpa por estar aqui fora.

— Como eu disse, estou ao seu dispor.

Dava para senti-lo me observando conforme eu corria pela areia, para longe da garagem de barcos e em direção ao deque de natação. Minhas roupas não estavam lá. Elas provavelmente foram encontradas por nadadores de urso polar e devem ter ido parar nos Achados e Pedidos ou coisa do tipo.

Atravessando a praia, me peguei olhando para a água mais uma vez. O que eu estava pensando lá no deque? Alguma coisa sobre direção do vento e navegação. Mas nunca tinha navegado na vida, nunca nem tinha entrado em um barco até aquele momento. Observei a marola da água. *Sim, sudoeste*. Lá estava aquele pensamento de novo. De onde ele estava vindo? E também me sentia estranho. Pensando bem, talvez estivesse me sentindo assim desde que acordei no lago. Nem bem, nem mal, só... diferente, como se o meu interior estivesse funcionando normalmente, mas com um novo software, como se tivesse sido reorganizado. *Vento soprando a cerca de oito nós...*

O som de risadas me acordou. Parei, sem perceber, na beira da grama de um campo de atividades. Ao me virar, dei de cara com as Raposas-do-ártico surgindo das árvores, a caminho da bandeira, um exército de rabos-de-cavalo e blusas de moletom e chinelos, e me lembrei de que estava parado ali de sunga, meu eu magricela à mostra para todo mundo ver. Só que aí olhei para baixo e percebi que talvez não fosse mais tão magrelo quanto tinha sido antes. Talvez houvesse curvas, agora, nos meus ombros, alguns músculos de verdade no peito. Noites de natação e todas as refeições do acampamento, talvez isso estivesse tendo algum efeito. Apesar de provavelmente só ser visível para mim...

— Oi, Owen. — Ou talvez não. Olhei para trás e vi que Mina e outra garota estavam ficando para trás das outras, olhando em minha direção.

— Oi. — Acho que eu deveria ter dito outra coisa, mais alguma coisa, mas não sabia o quê. Mina agora estava parada lá, alternando o peso do corpo de um pé para o outro. Espera, será que ela estava nervosa por falar *comigo*?

— Tava fazendo urso polar? — Mina perguntou.

— Ah, sim — respondi. Não sabia mais o que dizer, então falei: — Tava frio.

— Hum, você vai amanhã de manhã? — ela perguntou. A amiga dela começou a rir. Mina mordeu o lábio.

— Talvez?

— Bom, então talvez eu veja você lá?

— Tá bom... — E fiquei pensando: *O que tá acontecendo comigo?* Como se guelas e sirenas e Lilly e os pensamentos sobre a direção do vento não fossem o suficiente... Agora parecia que eu estava sendo chamado para natação matutina por Raposas-do-ártico. — Eu preciso ir e, hum, colocar minhas roupas.

— A Mina acha que não precisa! — Paige gritou do grupo de Raposas que estava esperando a meio caminho do campo. Como ela tinha me ouvido?

Mina corou.

— Tá bom, nos vemos na bandeira?

— Vou estar lá. — Tive a impressão de que não saberia lidar com tudo aquilo de jeito nenhum.

Mina e a amiga se viraram e foram atrás do restante das Raposas e, no processo, elas se curvavam sobre os ombros uma da outra e começavam a cochichar e a rir. Quando me virei, percebi que, dessa vez, eu *não* tinha achado que elas estavam tirando sarro da minha cara. Em vez disso, eu me considerei como alguém por quem valia a pena acordar cedo para nadar urso polar. E, por mais que isso parecesse maluco, também sorri com o pensamento por um segundo. Então, pensei na Lilly, e sorri mais, até me lembrar de que eu tinha deixado ela sozinha na noite anterior.

Idiota! No que eu estava pensando? Mas a sirena. Aquela visão...

E agora o vento.

O que tudo isso queria dizer?

Voltei aturdido para a cabana, todos esses pensamentos amontoados. Estava começando a me aproximar da porta lateral quando ela se abriu.

— Owen.

Era o Todd. Ele estava me olhando, esperando alguma coisa.

— Só fui pro nado urso polar.

Ele me examinou.

— Está bem, mas você precisa me avisar na noite anterior.

— Desculpa.

Ele segurou a porta para mim. Do lado de dentro, todo mundo já estava acordado e se vestindo, e Jalen me saudou com um “Tartaruga!”, mas só isso.

Vesti as roupas e me virei. Béquer estava a meio metro de distância de mim de novo.

— Cara, dá pra parar de fazer isso? — pedi.

Ele me olhou quase como se estivesse esperando alguma coisa.

— Que foi?

Ele olhou em volta, depois se aproximou.

— Vi você saindo à noite.
Também olhei em volta.
— Você contou pra alguém?
— Não.
— Olha, não conta, tá bom?
— Onde você tava?
— Eu só... saí. Eu precisava andar um pouco.
— À noite?
— Sim.
— Posso ir junto da próxima vez?
— Provavelmente não.

Béquer ia dizer mais alguma coisa, mas Mike passou e o empurrou de volta para a cama.

— Não fica bloqueando a porta, inútil.
Enquanto ele levantava, se contraindo, eu disse:
— Só esquece que me viu, tá legal?
— Mas... — Ele suspirou. — Tá bom. — Ele pareceu desapontado.

Descemos para a bandeira. Fui tropeçando, sentindo que ia dormir de pé. Quando nos sentamos, Mina acenou para mim e eu acenei de volta, depois caí no meu lugar e fechei os olhos, Claudia começou a fazer os anúncios bem nessa hora.

— Para a segurança de todos, gostaríamos que todas as cabanas continuassem a usar Radiação-zero no ciclo de duas horas de agora em diante. Bom, temos muitas coisas agendadas para hoje...

Apaguei de novo, naquele estado semiacordado no qual estava ficando bom em permanecer durante o dia. Vi aquele lugar mais uma vez, aquela cidade e a pirâmide, ou templo... A sirena havia falado alguma coisa sobre um templo... e me lembrei daquela garota também, do grupo dos sacrificados, como eu... não, não eu, mas... eu? Então, quem era aquela sirena, afinal? Será que aquilo tinha sido real?

Pode ser um trauma decorrente do afogamento, um operário sugeriu.

Talvez haja um bloco defeituoso nos drives de memória, disse outro, olhando para um mapa do meu cérebro. É difícil dizer.

Bom, tratem de descobrir logo!, eu disse a eles. Pareceram surpresos por estarem recebendo uma ordem minha e resmungaram enquanto se apressavam em fazer alguma coisa.

Eu precisava falar com Lilly sobre tudo isso. Será que os CETs também estavam vendo sirenas ou tendo visões ou pensando na velocidade do vento?

— ... para a competição de predador/presa de amanhã — Claudia estava

dizendo. Agora havia os risinhos de sempre das Raposas-do-ártico quando Sanguessuga e Paul chegaram e o primeiro fez seu grande número de entrada. Onde eles estiveram depois que deixamos o deque? Sanguessuga tinha ido à reunião com a comissão de diretores? Evitei olhar para Paul conforme ele subia a colina.

De volta aos meus pensamentos... o que a sirena havia dito? *O que é antigo será renovado. O que estava escondido será libertado. Os segredos, lembrados pela verdade.* A parte do *antigo* fazia sentido com a visão. O que quer que tenha sido, parecia que tinha acontecido há muito tempo, mas não se parecia com nenhuma história da qual me lembrava. Onde havia pirâmides com alguma espécie de luz elétrica e montanhas nevadas perto do oceano?

O discurso de Claudia voltou aos meus ouvidos:

— Nós vamos usar a Reserva para o jogo...

Então ela foi interrompida por um som gigantesco, atordoador e repentino, e uma parede de ar bateu nas nossas costas e tirou todo mundo dos bancos. Os mais velhos tropeçaram e cambalearam. Os pequenos foram jogados no chão, batendo joelhos e queixos.

Todos viraram para ver uma coluna enorme de fumaça preta subindo por trás do refeitório como um punho fechado. Ela foi crescendo até atingir o teto do domo e começar a se espalhar, cobrindo um quadro de luzes Sol-seguro. Por um momento, vi toda a parede do domo estremecer, quase como se fosse feita de borracha.

Ecos da explosão se espalharam pelo lago. Um alarme começou a tocar.

— Todo mundo junto da sua cabana! — Claudia gritou.

— Aqui! — Todd estava chamando. Todos os campistas se agrupando.

— Nômades — Sanguessuga disse com um ar sábio. — Provavelmente montando outro ataque.

Todos ficaram tensos ao ouvir aquilo. Uma das crianças que estavam paradas ali perto entreouviu o que ele havia dito, se virou e cochichou freneticamente para sua cabana. O pânico se espalhou, algumas crianças começaram a chorar.

— Ei, Carey! — Todd rosnou para Sanguessuga. — Nós não sabemos o que aconteceu.

Sanguessuga olhou para o restante de nós e revirou os olhos.

— Muito bem, todo mundo! — Nos concentramos na Claudia novamente, que estava segurando um telefone sub-rede na orelha. — Tudo está seguro, não precisam se preocupar. Vamos continuar com o café da manhã normalmente.

Subimos a colina, nervosos, cochichando.

— Eles tentaram uma vez na primavera passada — Sanguessuga ia dizendo. Todos da cabana, até mesmo Béquer e Bunsen, permaneceram ao alcance da voz

dele como se ele fosse nosso guru. Não pude evitar ouvir também. — Explodiram um buraco em uma das entradas de suprimentos. Teve outra vez em que tentaram entrar pelo observatório. Mas a Equipe de Segurança puseram eles pra fora. Selvagens estúpidos.

— Às vezes, eles aparecem em Dallas Beach procurando mantimentos — comentou Noah. — Sempre vestidos de um jeito estranho. O meu irmão diz que eles usam caveiras em volta do pescoço.

— Ouvi dizer que praticam sacrifício humano e que veneram, tipo, deuses do sol e coisas assim — completou Jalen.

Tinha certeza de que o Jalen estava errado nessa parte. Todo o negócio com o deus do sol era em Desenna, os sacrifícios humanos também, mas eram apenas rumores. Aliás, tinha certeza de ter ouvido que os Nômades eram as vítimas desses sacrifícios, mas não estava com vontade de entrar na conversa.

— Ouvi falar que são meio normais — retrucou Béquer.

— É, mas você é um idiota — devolveu Sanguessuga.

Alcançamos as portas do refeitório e esperamos para entrar. Um rastro de fumaça ainda subia por trás dos escritórios. Enquanto ficamos parados ali, um carro pequeno passou correndo, carregando cinco membros de terno preto da Equipe de Segurança do Éden, quatro guardas sentados nos bancos atrás do motorista. Havia três homens e duas mulheres, todos usando capacetes e botas de cano alto, com rifles sobre os ombros. Sabia que os Édens tinham segurança, mas fiquei surpreso com o quanto esses oficiais pareciam com os de um exército.

— Cara, eu queria me vestir que nem um desses caras e acabar com a raça de uns Nômades — desejou Jalen melancolicamente.

Entramos e seguimos para a nossa mesa. As pessoas estavam mais quietas que o normal. Era possível ouvir as palavras *nômades* e *ataque* sendo murmuradas por todos os lados. Todd começou a encher nossos copos de refresco. A cor de hoje era rosa neon e, mais uma vez, recusei.

Quando foi a nossa vez de pegar comida, procurei Lilly na área dos CETs. Havia seis deles sentados ali, comendo, mas nenhum dos com guelras estava no meio deles.

Fui até a cozinha e peguei uma bandeja. Peguei uns *waffles* cinza, uns ovos sintéticos fritos, depois peguei um copo de salada de frutas e me virei...

Lilly estava parada bem na minha frente. Ela pegou minha bandeja e colocou ao lado dos copos de fruta.

— Vem — ela chamou, e me puxou pelo braço. Em vez de ir para a porta da cozinha e de lá para o refeitório principal, saímos por uma porta lateral que dava em um corredor.

— Onde estamos indo?

— Ver o que aconteceu antes de a História oficial ser escrita.

— História?

— A História é escrita para sempre servir aos poderosos — Lilly explicou por cima do ombro. — O que quer que tenha acontecido, Paul vai mudar tudo para que nenhum de nós fique com medo.

— Você acha que deveríamos ter medo? — perguntei, sem entender direito o que ela estava querendo dizer.

— Não dos Nômades.

Ela me levou para fora por portas duplas. Estávamos na estrada de terra que levava ao local entre o refeitório e a parte administrativa. Evan, Marco e Aliah estavam parados lá.

— Tá, *agora* podemos ir? — perguntou Evan.

— Todo mundo precisa ver esse tipo de coisa juntos — Lilly respondeu rispidamente. Então ela me lançou um olhar cortante. — Se alguém sair correndo sozinho, não vamos poder nos defender. Lembram da Anna?

Percebi que ela também estava falando de mim na noite passada.

— Desculpa — eu me apressei em dizer.

— É, cara, o que aconteceu contigo? — Marco perguntou.

— Mais tarde — disse Lilly. — Vamos.

— Entendido, comandante — respondeu Evan, sarcástico. Lilly bufou e seguiu na frente, batendo nele com um ombro.

Fui atrás deles, pensando se Todd já teria percebido que eu havia sumido. Mas tanto fazia, era bom estar com o meu pessoal de novo.

Lilly nos guiou, desviando da estrada para dentro das árvores entre um escritório e a enfermaria. Ela se virou e pôs um dedo nos lábios, pedindo silêncio, depois continuou na ponta dos pés.

Chegamos à beirada da construção e espiamos pelos arbustos. À nossa frente estava a grande área pavimentada e as portas duplas altas de metal. O elevador à esquerda estava desligado. Na frente das portas havia uma vala, como um fosso seco, separando o chão e a parede. Uma ponte de ferro se estendia por cima dela.

Entre nós e essa ponte havia um caminhão de suprimentos capotado. A estrutura baixa e quadrada estava chamuscada e fumegando, retorcida como se fosse feita de barro. O mesmo havia acontecido com a ponte, e metade dela já estava solta. A pequena guarita de segurança havia sido achatada. Fogo cintilava nos escombros, e um dos membros da Equipe de Segurança se ocupava de apagá-lo com um extintor.

— A bomba devia estar naquele caminhão — sugeriu Lilly.

As portas do domo estavam danificadas, criando um vão triangular estranho. Tudo estava sujo com fuligem da explosão. Uns poucos painéis internos haviam

caído de pontos acima, largas seções triangulares com o que parecia ser vidro fosco na frente e então uma camada macia de isoladores de radiação na parte de trás. A maioria do vidro havia se despedaçado por todo o local, como se alguém tivesse quebrado diamantes. O ar estava azedo, com um cheiro que parecia ser de açúcar queimado e giz de cera derretido.

Mas foi aquela pequena visão das portas danificadas que chamou a minha atenção. Consegui ver os degraus de pedra seca, e uma corrente de água curva à distância brilhando no sol escaldante.

Lilly percebeu o que eu estava olhando.

— Quase faz você querer fugir por ali.

— É, uma corrida expressa para a morte — debochou Evan.

— Olha o Paul ali — alertou Aliah.

Ele se dirigia apressadamente à ponte. Gritos vinham do lado de fora das portas. Três guardas apareceram, abrindo passagem com uma quarta pessoa, cujas mãos estavam amarradas nas costas.

— Nossa, pegaram um — observou Marco.

O prisioneiro estava vestindo jeans sujo e um longo casaco acolchoado de cobertura prateada e refletora. Estava usando óculos escuros de proteção levantados até a testa, e um triângulo preto de plástico preso na parte superior do nariz. Já tinha visto essas roupas antes: tudo isso era para protegê-los da exposição. Ele caminhou ereto pela ponte, com um sorriso desafiador no rosto.

Paul estava falando com alguém no telefone enquanto a equipe de segurança passava. Quando chegaram do outro lado, a Dra. Maria apareceu.

Paul gesticulou para o prisioneiro.

— Levem-no à ala médica — esbravejou, sem seu comportamento suave de sempre. — E vamos querer que ele fale.

— Você sabe por que estamos aqui! — o prisioneiro gritou de repente, obviamente tentando fazer com que o máximo de pessoas possível o ouvisse.

— Calem a boca dele — Paul rugiu para a Dra. Maria. Ele se virou para a Equipe de Segurança. — Cartier, isto está sob controle? — perguntou.

Um dos oficiais, um homem baixo e forte que não estava usando capacete, se virou. Tinha feições grosseiras e o cabelo curto. Levava uma barra prateada presa à camisa.

— Sim, senhor.

— Ótimo. — Paul deu-lhe as costas e começou a andar em direção ao seu escritório como se essa fosse apenas mais uma das várias crises com as quais estava lidando.

A Dra. Maria havia tirado uma seringa do jaleco. Seu rosto estava sério, mas também parecia quase com medo de se aproximar do Nômade.

— Isso é tudo uma mentira! — o Nômade gritou. — Vocês vão ser todos deixados pra trás! Vocês têm que derrubar o Projeto Campos Elísios!

Paul parou na porta e se virou de novo na direção do homem.

— Segurem-no — pediu a Dra. Maria. A seringa tremia em sua mão.

Cartier segurou o Nômade com um mata leão, puxando-o pelo cabelo e expondo-lhe o pescoço. O prisioneiro viu a agulha da Dra. Maria e parou de lutar, encarando-a com um olhar frio. Ela enfiou a agulha na pele do homem e ele desmoronou nos braços dos guardas, que o levaram para a enfermaria. Paul desapareceu dali.

— Devemos voltar — cochichou Evan, olhando para o relógio. — Temos que estar no deque em dez minutos para as aulas da manhã.

Pela primeira vez, Lilly apenas concordou:

— Certo.

Voltamos cuidadosamente pelo meio das árvores e saímos na estrada.

— O que ele quis dizer? — perguntei.

— Projeto Campos Elísios? — repetiu Marco. — Não faço ideia.

— Fazemos *alguma* ideia — retrucou Lilly. — Ouvi falar disso no Sinal Livre. — Ela olhou em volta, receosa. — Não deveríamos estar conversando aqui. — E se virou para mim. — Hoje à noite?

— Sim.

Lilly assentiu, e os CETs subiram a estrada.

Na cozinha de novo, enchi outra bandeja de comida e fui para a mesa. Todo o grupo estava terminando de comer.

— Aí está ele — comentou Todd. — Owen, o Pedro me disse que você estava falando com uma menina.

Olhei para o Béquér e tentei agradecer com o olhar.

— Isso — confirmei.

— Muito bem, então — ele disse com um sorriso. — Pode comer.

Eu me sentei e comecei a engolir a comida. Quando terminei, encontrei Sanguessuga me encarando. Aquele olhar estranho de novo, o do barco e do outro dia também. Como se ele estivesse me estudando. Como se nada sobre mim o convencesse. Ou... *como se ele soubesse que tem alguma coisa acontecendo*. Parecia mais certo do que nunca.

— Olá a todos — a voz de Paul ecoou pelo sistema de alto-falantes no refeitório. Olhei à minha volta, mas ele não estava em nenhum lugar por ali. — Gostaria apenas de dar-lhes uma satisfação sobre o acidente de hoje de manhã. Acontece que um dos nossos caminhões de suprimentos trazia uma célula de bateria defeituosa, o que causou a explosão. O motorista sofreu ferimentos mínimos, mas, tirando isso, tudo está bem. Sei que vários de vocês ficaram

preocupados, achando que este evento tinha algo a ver com a Aliança Nômade, então gostaria de dissipar tais rumores. Tudo está bem e ninguém está em perigo. Portanto, tenham um dia agradável.

Ouvi Sanguessuga murmurando e virei a cabeça para olhar.

— É, acho que foi só isso, mesmo — ele estava dizendo com uma expressão séria, como se fosse o agente especial de Paul entre os Hienas-malhadas.

A História é escrita para servir aos poderosos Lilly havia dito, e aqui estava uma prova: Paul reescrevendo o que havia acontecido há poucos momentos. Será que ele fizera o mesmo com Colleen? E a integridade do domo? Tudo isso estava sendo questionado agora, e eu era obrigado a me perguntar: O que no Éden Oeste era o que parecia ser?

12

Passamos a manhã jogando queimada e espirobol nas quadras. Ter guelras não me dava nenhuma vantagem na hora de sobreviver às bolas de borracha vermelho-gritante. Como se não bastasse, tentar mover as pernas na terra parecia ser mais ineficiente e inútil do que nunca. Toda vez que tentava girar ou desviar a bola vinha — *poing!* — direto na minha cabeça ou nas minhas costas. E eu olhava para cima desejando poder tirar aquele sorriso da cara do Jalen ou do Mike, do Noah ou do Sanguessuga, e mostrar a eles as profundezas do lago, levá-los até o fundo, até que os pulmões deles ficassem como balões presos num teto. Já podia imaginar os olhos se esbugalhando e as pupilas dizendo: *Não faça isso!* Os braços se debatendo. Eu veria bolhas de ar pressionando os lábios apertados e...

Poing!

— Rá, Tartaruga! — gritou Jalen.

Passei a maior parte do jogo na lateral, esperando pela pior parte: a pela minha vez.

Deitados nos beliches naquela noite, Todd lendo para nós, consegui um tempo no tablet. Fiquei surpreso ao encontrar a minha caixa de entrada do acampamento vazia. Achei que teria alguma coisa do meu pai. Mas era estranho o quão pouco eu havia pensado nele nos últimos dois dias. Estava tão envolvido com Lilly e tudo o mais... Quase me sentia culpado agora.

Comecei uma nova carta:

Oi, pai,

É sábado, agora. As coisas estão bem por aqui. Acho que você ficaria orgulhoso de mim. Eu fiz amigos. Um pessoal mais velho, mas que tem coisas a ver comigo. Eles são melhores do que os meninos da minha cabana.

Ah, e talvez você tenha ouvido falar da explosão que teve por aqui hoje. Eu não sei se isso sairia nas notícias ou não. Bom, não tenho certeza se você ouviu, mas

Parei naquele ponto e pensei: *O que deveria contar a ele? O que eu havia visto ou o que Paul e Éden teriam dito?* Então, pensei sobre o quanto eu já não havia falado para ele na carta. Minhas guelras, a sirena, tudo isso. Como,

exatamente, eu explicaria esse tipo de coisa? Ele poderia enlouquecer se eu contasse, me tirar do acampamento mais cedo. Eu queria sair mais cedo? As coisas não pareciam ser seguras aqui, mas se saísse eu perderia Lilly, e nunca saberia o que está mesmo acontecendo comigo, com este lugar. E isso nem se somava ao fato de que eu seria a única pessoa do Centro com guelras.

Deletei a mensagem.

Logo Todd foi embora, e depois das conversas cheias de piadinhas costumeiras sobre os níveis de atração de várias Raposas-do-ártico, a cabana se deixou afundar em roncos e respirações pesadas. Fechei os olhos e adormeci também...

Até que minhas guelras me acordaram, como um relógio. Desci da cama em silêncio, checando duas vezes para ter certeza de que Béquer estava dormindo. Fui dormir de sunga já, então pus os tênis, peguei uma toalha e saí.

Ouvi os murmúrios leves de vozes enquanto cruzava a praia. Avistei as silhuetas de cabeças e ombros sentadas na balsa. Fui até a beirada do deque, e minhas guelras sentiram a aproximação do lar, se abrindo. Bloqueei minha garganta e desci; todas as sensações da água eram um alívio. Fiz alguns círculos antes de ir para a balsa. Chegando mais perto, decidi tentar o pulo sem mãos que os outros sempre davam. Nadei direto para baixo, me lancei para o ar, aterrissei e consegui não cair.

— Oi! — cumprimentei a todos, mas fiquei tenso imediatamente.

Lilly não estava lá.

— Ela saiu — informou Evan, percebendo que eu estava olhando em volta. — Ela estava nervosinha.

— Ah. — Eu me senti exposto, parado ali. Quase parecia que, sem Lilly por perto, eu não era bem-vindo de verdade. — Com o que ela estava brava?

— Com ele — Aliah respondeu, sentada com os braços do Marco nos ombros, e vi que ela estava olhando para o Evan.

— Ah, fala sério — Evan reclamou. — Não é minha culpa que ela estava sendo ridícula.

— Não era ridículo! — Aliah retrucou. — Acho que ela pode até ter razão.

— Sobre o quê? — perguntei.

— Ela quer nos tirar daqui — explicou Marco.

— O que é uma ideia imbecil — interrompeu Evan.

— Não é uma ideia imbecil! — estourou Aliah.

Marco me encarou.

—Lilly acha que podemos ser parte do que o Nômade disse, daquele tal de Projeto Campos Elísios. Como se talvez isso fosse responsável pelas nossas guelras tudo mais.

— Por estar criando uma nova espécie — concluí, completando a teoria da

Lilly.

— Exato — confirmou Aliah. — Só que pode ser pior do que isso. E se não formos a nova raça? E se formos só as cobaias? Sabe, como os animais enjaulados que eles usam pra testar o Radiação-zero, quando, na verdade, os resultados são aplicados em outras coisas.

— *Neles*. — Marco moveu a mão com desdém em direção ao brilho da cidade.

— Na minoria privilegiada — concordou Aliah. — Então Lilly acha que deveríamos tentar sair, encontrar os Nômades, expor o que o Éden está fazendo de verdade.

— Não sabemos se somos parte do projeto ou o quê — observou Evan —, mas seria idiota tentar sair porque, primeiro, os Nômades são selvagens...

Estava prestes a argumentar quando Aliah o interrompeu.

— Ah, que seja, isso é só o que você ouviu nos jornais da Rede *Éden*, e quem faz aqueles jornais? A Corporação Éden. Lilly diz que o Sinal Livre não é bem assim...

— *E* — Evan atropelou a fala dela —, segundo, não tem como sair daqui! É isso o que eu quero dizer! Mesmo se quisermos, como vocês vão sair? As entradas principais são completamente protegidas. É por isso que continuo dizendo que deveríamos ir até o Paul e perguntar pra ele. Que motivos ele teria pra mentir pra gente? Com o tempo, as pessoas vão descobrir sobre o nosso clubinho aqui. Poderíamos trabalhar juntos.

— E acabar como a Anna? — lembrou Aliah.

— Não sabemos o que aconteceu com a Anna! — Evan estava gritando agora. — Por que precisamos pensar que uma coisa horrível aconteceu com ela? E se for verdade que ela tá no hospital da cidade? Talvez eles estejam tentando descobrir por que ela tem guelras. Talvez ajudaria se eles pudessem estudar mais de nós.

Aliah olhou para mim.

— Foi por isso que a Lilly saiu.

— O que foi bom, porque eu tô ficando mesmo cansado de toda essa cruzada dela. Ela vai acabar nos deixando morrer pelas mãos de selvagens por causa de coisas que ela nem entende.

— Não como você — apontou Aliah.

— Isso não é bom — Marco resmungou. — Precisamos ficar juntos.

— Vocês sabem pra onde ela foi? — perguntei.

— Ah, o que você vai fazer? Procurar? — O Evan estava me observando. — Vai tentar atacar agora, Owen? O babaquinha vai tentar pegar a CET?

— Evan... — Aliah revirou os olhos.

Queria dar as costas e afundar na água, sair dali, mas fiquei lá.

— Não, não é isso.

— Ninguém nem quer você aqui! — Evan ficou de pé. — E a Lilly ainda tá brava com você por sei lá o quê que você fez na noite passada, então por que não volta pro seu berçário?

— Evan, já chega, cara — disse Marco.

Evan foi para o meio da balsa. Senti mais vontade de sair correndo, mas fiquei onde estava. Pensei que ia cair, mas de alguma forma consegui me equilibrar quando ele se aproximou. Eu estava tremendo, e não era de frio, mas não ia fugir daquilo. Se tivesse que ficar aqui e apanhar do Evan em nome da Lilly, tudo bem.

Ele me encarou. Isso ia doer. Então, que doa. Já chega desses reizinhos. Evan, Sanguessuga...

— Isso não é legal, Ev — alertou Marco.

Ainda me encarando... daí ele olhou para o Marco e para a Aliah.

— Muito bem, ótimo, vão se danar, vocês. — Ele se virou e mergulhou na água. Saindo na praia um minuto depois.

— Desculpa por ele — disse Aliah.

Dei de ombros.

— Tudo bem. — Olhei em volta. — Mas, então, pra onde a Lilly foi?

— Pro lugar especial dela — respondeu Marco.

— O lugar...

— Às vezes ela só sai por aí sozinha. — Aliah apontou em direção à entrada da enseada. — Por ali.

— Ah.

— Vai em frente — incentivou Marco, com a Aliah se aconchegando sobre os ombros dele.

— Quê?

— Normalmente deixamos ela voltar por conta própria. Mas pode ir atrás dela, se quiser.

— É? Hum, vou fazer isso.

— Divirta-se — disse Aliah.

Concordei sem saber mais o que fazer, e saí da balsa, afundando na água.

Rumei para fora da enseada, olhando a superfície de vez em quando para checar a localização. Vaguei pela costa do local da lanterna, porém Lilly não estava lá, então nadei para o lago. À direita, a cidade e a Aquinara brilhavam, as luzes refletiam na água. Umhas poucas brilhando mais perto, pessoas em iates. À esquerda, a água se estendia em uma baía arborizada onde o lago acabava, o Monte Aasgard como uma silhueta negra sobre ela.

Primeiro, segui em direção à baía. Nadando, procurei pela luz azul da sirena, mas não a vi. Se não encontrasse Lilly, talvez eu pudesse ir para a Aquinara tentar

dar uma olhada naquela fissura de novo.

Nadei para o meio da grande bacia d'água e olhei por sobre a superfície. A floresta estava escura. A lua não tinha saído ainda, mas as luzes Brilho-de-luar já estavam ligadas, geando as pontas dos pinheiros. Não havia nada por aqui.

A água ondulava, e mais intensamente perto do grande canal do lago na cidade. *Vento nordeste. Quase dez nós hoje*, pensei, e me perguntei de novo de onde um pensamento como esse estava vindo. Naquele momento, reparei em uma sombra. No alto, algumas nuvens em forma de disco cruzavam o céu, apagando as Estrelas-cópia, mais densas que o normal.

Vasculhei mais um pouco a área e estava prestes a voltar para o lago quando avistei um brilho fraco de luz. Se não fosse pelas sombras das nuvens, poderia nem ter percebido. Estava à minha direita, perto da parte afastada do lago.

Desci de encontro ao fundo e nadei por perto. Subi novamente e vi que a luz estava brilhando entre as árvores de uma ilhazinha, um pouco além da praia. A ilha era estreita, talvez sete metros de largura e uns vinte de comprimento. Era coberta por um arvoredor de bétulas ralas, com o Brilho-de-luar cintilando por entre suas folhas pequenas, que farfalhavam na brisa noturna.

Saí da água rasa para a terra fofa e esponjosa, entrecortada por raízes grossas. Passei pelo meio das árvores delgadas, me aproximando mais daquela luzinha, e parei na beira de uma pequena clareira.

Um tronco largo de bétula havia se separado do chão por um metro. Para cima, um buraco estava aberto para o céu. Um pequeno círculo de grama tinha se aproveitado daquilo. Perto do centro havia uma prancha plana de pedra, com três velas em cima, brilhando em latas velhas de alumínio. As metades de cima das latas tinham buracos feitos em formas geométricas. Havia uma área para produzir aquilo no Salão de Ofícios.

Lilly estava sentada ao lado da pedra, vestindo um moletom folgado com capuz, um cobertor sobre os ombros, o cabelo molhado caindo nas costas em mechas grossas. Ela parecia estar mexendo em alguma coisa no colo. Eu a observei, ouvindo sua respiração.

Ela levantou a cabeça.

— Pode aparecer, se quiser. Eu sei que você tá aí.

— Ah, desculpa. — Apareci de braços cruzados. — Hum, oi.

Ela não se virou, então fui até lá. Ela estava segurando um dispositivo pequeno nas mãos. Um minitab. Uma tela aberta, mostrando uma barra de conexão e uma imagem minúscula de um satélite. Uma estática suave zumbiu e uma mensagem piscou na tela:

PROCURANDO SINAL...

Refleti sobre o que dizer. Talvez devesse começar me desculpando pela noite passada e tentando explicar tudo aquilo, mas não me parecia a melhor opção. Além disso, Lilly parecia estar ocupada.

— O que você está fazendo? — perguntei.

— Tentando encontrar o sinal dos Nômades. Meus pais me deixaram isso. Só se pode ter uma caixa-arquivo quando se é um Crio. A maioria eram lembranças que eu gostaria de ter comigo, coisas idiotas como bonecas e cacarecos, e algumas fotos. Mas o meu pai pôs isso aqui no meio também. É um modelo antigo, mas tem o link gama para conexões via satélite. Não dá pra ter um desses por aqui... só os que funcionam pela Rede Éden. É como se ele soubesse que eu ia querer ouvir mais lados da história, e não só o do Éden. O problema é que não são muitos os satélites que ainda estão funcionando. E a maioria dos que funcionam está criptografada. Os Nômades invadem um de vez em quando pra enviar o Sinal-transmissor, e aí eles espalham o código, pros simpatizantes. Um amigo meu da cidade me deu um código antes de o acampamento começar. Mas eu acho que mudou. Não ouço nada já há algumas noites.

— Meu pai costumava dizer que a maioria das estrelas cadentes que vemos hoje em dia são satélites mortos.

Ela olhou para cima.

— Não dá pra ver daqui. Eu nunca vi uma estrela cadente de verdade. Devem ser bem bonitas.

— É, são legais.

— É meio poético também, ter nosso lixo chovendo em cima de nós.

— É. — Eu me perguntei o que dizer em seguida. — Tô feliz por ter encontrado você. Evan não parava de falar em como ele acha que os Nômades são selvagens.

— Evan é um cabeça de barata.

Dei uma risada fraca, tentando não mostrar o quanto curti ouvi-la falando aquilo.

— Sobre o que eles falam na transmissão?

— Várias coisas. Comércio, onde encontrar mantimentos ou lugares onde a agricultura ou a pescaria ainda existem. A Aliança trabalha por cooperativa. Falam também da revolta contra a Federação América-Canadá, de entrar nos Domos Éden, apesar de a maioria nem querer mais nada desses lugares. Eles sabem que os domos estão falhando. Dizem que a integridade do domo é bem mais baixa do que o Éden gostaria de admitir. E estão preocupados com esse Projeto Campos Elísios. Dizem também que a Federação AC, a Corporação do Povo da China, e até mesmo o Reino Russo, estão todos pressionando o Éden a

revelar o que está acontecendo, mas ninguém fala nada.

— Os Nômades têm alguma teoria do que é o Projeto Campos Elísios?

— Eles não sabem de verdade, mas dizem que os domos são localizados em lugares específicos por um motivo, e que a Corporação Éden tá procurando algum tipo de tecnologia ou coisa assim. Só que as informações que têm são poucas. Um locutor acha que estão procurando uma espaçonave, outro acha que é um laboratório secreto ou coisa do tipo. Ninguém sabe de verdade. Tudo o que eles sabem é que tem alguma coisa.

— Dois dos outros domos são perto de pontos de referência, como as Pirâmides e Stonehenge.

— Lugares antigos. É, os Nômades acham que isso é intencional.

Pensei na visão da pirâmide e da caveira.

— Talvez estejam procurando por alguma coisa antiga?

— Talvez.

Lilly passou o dedo por um gráfico, procurando frequências de satélite, porém tudo o que havia era o sussurrar estático do ar morto e do lixo espacial. Ela suspirou e desligou o tablet.

Ela o colocou em cima da pedra, do lado das velas, e percebi um retrato ali. Nele, Lilly estava parada na frente de dois adultos, um homem e uma mulher. O homem de terno, a mulher de sári. Havia um menino alto, com uma aparência mais velha, ao lado dos três.

— Essa é a sua família? — perguntei.

— É — ela respondeu suavemente. — Minha mãe, meu pai e o Anton. Todos mortos agora.

— O que aconteceu com eles?

— A vida. — Lilly deu de ombros. — Anton morreu em Bangladesh. Meus pais tentaram colocar ele aqui também, mas ele não quis. Ele tinha dezesseis anos, idade suficiente pra dizer não. Ele disse que, com o mundo do jeito que estava, era errado ficar escondido quando podia estar ajudando. Daí ele fugiu e se juntou a um grupo que ajudava refugiados climáticos. Eu só tinha dez anos na época, estava presa, tinha que fazer o que meus pais diziam. Aí, seis anos depois do meu congelamento, Anton se afogou num acidente com uma balsa. E quanto aos meus pais, eu acho que, depois que me congelaram, continuaram tentando entrar na Federação AC, mas nunca conseguiram. As Zonas Habitáveis já estavam cheias. Eles acabaram ficando em Calgary, na Fronteira. Não era tão mau quanto é hoje, mas ainda assim era bastante ruim. Minha mãe morreu de câncer plástico e uma das epidemias de superpneumonia pegou meu pai.

— Sinto muito. — Não achei outra coisa coisa para dizer. — Uma dessas pegou os meus avós também.

Lilly continuou como se não tivesse me ouvido.

— O mais assustador são os videochats dos meus pais, que eles fizeram depois que me congelaram. Acho que tem um para cada ano, pra eu poder conhecê-los. Tem uns do Anton também... — Ela fungou. — Eles me chamavam de Tigrinha, a princesinha guerreira deles. Tenho os arquivos aqui comigo, mas nunca assisti. Comecei a ver o primeiro uma vez, mas... era muito difícil. Sei que eles queriam o melhor pra mim, me salvar do caos. Agora estou aqui, e não quero que o grande sacrifício deles tenha sido pra que eu acabasse como algum tipo de experimento.

Ela levantou a cabeça e me olhou, os olhos encharcados de lágrimas.

— Senta aqui.

Procurei um lugar na sua frente, mas ela levantou o braço por baixo do cobertor, como se fosse para eu sentar ali ao lado.

Eu me sentei na grama e tomei cuidado para não a tocar, para o caso de isso parecer apressado ou estranho demais, mas ela deslizou para o lado e jogou o cobertor em cima dos meus ombros. Sua coxa nua tocou a minha, a manga da blusa contra o meu braço.

Vi que ela estava observando as estrelas, então também levantei o olhar.

— Minha mãe saiu de casa quando eu tinha sete anos — comecei.

— Pra onde ela foi? — Lilly perguntou.

— Ela não disse. Deixou um bilhete, mas tudo o que dizia é que ela precisava encontrar o lugar dela, e que ela sentia muito por não conseguir ser feliz conosco. Ela foi embora com uma caravana médica e nunca conseguimos encontrar ela depois disso.

— Que droga.

— É. Principalmente porque eu gostaria de ter ido com ela. Ela precisou ir embora pra se encontrar, e meu pai e eu ficamos presos no Centro, vivendo como toupeiras.

— Você podia ter ido atrás dela.

Não me surpreendi por este ter sido o primeiro pensamento da Lilly, e me senti fraco por nunca ter pensado nisso. Bom, eu tinha pensado, porém não de uma forma real.

— Eu não queria abandonar o meu pai. Ele é meio doente. E gosta de me ter por perto.

Ela balançou a cabeça.

— Pais. — Pensei que ela fosse dizer mais alguma coisa, mas nada.

— Como você trouxe essas coisas aqui? — perguntei, indicando com a cabeça as velas e o rádio.

Ela apontou para trás de nós com a cabeça. Percebi que havia outra bolsa vermelha à prova d'água encostada no tronco da árvore.

— Comprei essas coisas há um tempo. Assim eu poderia vir pra cá quando quisesse. Ter espaço pra pensar.

— A Ilha da Tigrinha — comentei, tentando sorrir no processo.

Ela levantou uma sobrancelha para mim.

— Isso foi brega. — Depois deu um soco leve no meu ombro. — Tô brincando, Ow. Eu gostei.

Ela gostou. Foi tudo no que consegui pensar por alguns segundos.

Uma coruja piou à distância, solitária, procurando alguma coisa. Não houve resposta. Eu a imaginei em algum lugar por aí, buscado mais um membro da sua raça, então me lembrei de que ela poderia nem ser de verdade.

— Eles me falaram que você quer tentar sair daqui — retomei o assunto.

— Tsc, tsc, tsc. — Lilly riu. — Você deve ter visto a repercussão da ideia.

— É. Acha mesmo que somos parte do Projeto Campos Elísios? Ou que isso tá nos ameaçando, ou sei lá o quê?

Ela se virou e olhou para mim. Estava escuro demais para saber no que ela estava pensando.

— Primeiro, você me diz por que saiu correndo de mim na noite passada. Aí eu falo o que eu acho.

— Ah, é — engasguei, sem saber por onde começar. — Quer dizer... a sirena?

— Foi o que você disse na noite passada. — Os olhos dela se estreitaram. — Tá falando tipo as sereias sensuais que afundam os marinheiros?

— Bom, não, mas... eu não sei do que mais chamar ela. E parece ser uma mulher. Bom, quase, ela...

— Tudo bem. Entendi. — Lilly esfregou o meu braço. — Eu vi.

— Você viu?

Ela assentiu.

— Vi, só que não de cara, não quando você começou a falar maluquices e saiu nadando. Mas, quando você tava indo pra longe, eu vi. Tentei te seguir, mas você já estava distante demais. Você está mais rápido, aliás.

— Ah, valeu.

— Enfim, nadei por um tempo, mas aí te perdi e pensei que você devia ter voltado.

— Tá, que bom. — Senti uma onda de alívio passar por mim. — Eu tô feliz por você ter visto também. Eu estava começando a pensar que era tudo coisa da minha cabeça.

— É, bom, eu não tô dizendo que *não* é coisa da sua, ou melhor, das nossas cabeças. Quer dizer, eu vi, mas você estava agindo como se conhecesse ela. Você me perguntou se eu tinha *ouvido* ela. E eu não ouvi nada. O que você ouviu?

— Ela me diz coisas. — Expliquei por alto quais tinham sido as mensagens da

sirena.

Lilly fechou a cara e não respondeu.

— Que foi?

— Bom.. — Lilly começou a descascar as peles soltas dos dedos. — Um monte de coisa. Quer dizer, isso é estranho, não acha? Ver essa tal sirena quando os outros não viram nada.

— Eles nunca viram ela?

— Não, ninguém nunca falou de nada desse tipo. O que você acha que ela quer dizer com esse monte de coisa que ela disse?

— Não faço ideia.

Ela balançou a cabeça.

— Além disso, não parece que a sua sirena tenha alguma coisa a ver com o Éden. Quer dizer, batizar o refresco é uma coisa, mas eu não acho que o Paul está fazendo uma moça fantasma aparecer na água pra atrair você.

— É, eu sei. — Pensei na visão, na pirâmide, na caveira. Talvez eu devesse deixar isso pra lá... Levantei o olhar e notei que Lilly estava me encarando, uma sobrancelha erguida. — Que foi?

Ela meio que quase riu, um barulho amarrado.

— Você tá com uma cara de quem tem que fazer xixi ou tá escondendo alguma coisa de mim.

— Ah, bom, tá bom, tem mais uma coisa. — Contei a ela da visão, de como foi quando minha garganta estava sendo rasgada. Quando terminei, ela só me olhou. — Parecia real — acrescentei.

— Uau, tá legal, isso é... eu não sei o que isso é. — Ela pareceu se decidir. — Deveríamos checar aquela área de novo, perto da Aquinara. Talvez encontremos a sirena, ou esse templo aí, o que quer que isso queira dizer. *Tem* que ser parte do que está acontecendo, de alguma forma.

— É? — eu disse. — Vamos agora?

Ela pensou por um momento.

— Não. Amanhã à noite. Eu tenho que estar na Reserva de manhã cedo pra aprontar as coisas pro jogo predador-presa, e temos que manter as aparências, né? Não dá pra deixar o Paul ter ideia do que tá acontecendo.

Olhei em volta na escuridão.

— Ele pode estar nos assistindo agora mesmo, com morcegos, ou até mesmo com câmeras nas árvores. Quem sabe?

Lilly deu de ombros apenas.

— Talvez. Ainda assim, apesar de a maioria das coisas por aqui serem bastante bobas, predador-presa é legal de verdade. Os CETs são os predadores principais. — Ela sorriu para mim. — Vocês *já eram*.

Não sabia muito bem do que ela estava falando.

— Sem chance — respondi mesmo assim —, você nunca vai me pegar.

— Vou pegar você também. — Ela me empurrou com o ombro. Nossos olhos se encontraram... e não desviaram. Eu me senti paralisar.

Então, Lilly desfez o contato visual.

— Ahhh, tenho uma coisa aqui.

Ela procurou algo atrás de nós.

— Aqui. — Ela estava com uma sacola plástica ensopada. Dentro dela, dois *brownies*. — O Felix me dá tudo o que eu quero da cozinha.

— É claro que dá — brinquei.

Lilly estreitou os olhos para mim.

— Ó, cuidado. Você quer um ou não? Eu não costumo dividir chocolate.

Ela me deu um dos bolinhos e se deitou na grama. Seu movimento puxou o cobertor para baixo, me levando com ele, então ficamos ombro a ombro, olhando para as Estrelas-cópia.

— As daqui são tão mais brilhantes do que as de Las Vegas eram — comentou Lilly. — Tinha uma tonelada de luzes naquele lugar, até o fim.

— Isso é engraçado. Em Yellowstone as estrelas são bem mais brilhantes do que essas. Mal dá pra ver as constelações, tem tantas.

Quando acabei de dizer isso, uma nuvem apareceu. Depois mais...

Uma coisa fria bateu no meu olho.

— Ai! — Levei as mãos ao rosto. Mais uma atingiu meu pé. Respingos frios, minúsculos. — O quê...?

— Tá falando sério? — Virei a cabeça e a Lilly estava me olhando. — Owen, é chuva.

— Nunca vi chuva — admiti. — Ou senti.

— Nunca? Mesmo? Quer dizer, também não tínhamos muita em Vegas, mas...

Pensei no Centro.

— De vez em quando ouvimos que tá chovendo na superfície, à noite. Uma vez, subi escondido com uns amigos pra procurar poças, porque as pessoas disseram que pumas ou cães selvagens viriam atrás delas, mas não encontramos nada.

— Eles ligam a chuva uma vez por semana aqui no verão. Éden Oeste — Lilly disse com ar de zombaria —, fazendo sonhos molhados virarem realidade desde 2056.

Nós rimos. A chuva aumentou. Eu piscava sem parar.

— Tá frio. — E odiei o quão molenga aquilo havia soado, porque não era essa a intenção.

— Ah, é? — De repente, Lilly puxou o cobertor. Mais dedos congelados me alfinetando por todo lado: rosto, peito, coxas.

— Argh! — Eu me encolhi com cada um me fazendo tremer, e, ainda assim, eram como pequenos choques de energia, também, e eu estava com um sorriso tão largo no rosto que quase doía.

— Devíamos celebrar. O primeiro toró do Owen.

Senti que ela estava se movendo. Espera... A perna dela roçou na minha, a lateral do corpo dela se movendo contra o meu. Ela apareceu sobre mim, o cabelo criando um guarda-chuva, o corpo em cima do meu. Seu sorriso tinha diminuído, a boca levemente aberta, os lábios bem... ali... E pensei *ah sim, ah não, ah Deus*, será que esse era o momento? Será que isso ia mesmo acontecer?

Eu havia beijado apenas uma vez na vida, coisa de um segundo com uma menina chamada Sierra que começou o nosso namoro de uma semana. Saímos somente porque tínhamos amigos em comum fazendo a mesma coisa, e o beijo teve o gosto da salsa enlatada que comemos no almoço, e nossos dentes bateram e foi tão... não... isso.

Meu corpo foi percorrido por tremores elétricos. Eu não tinha ideia do que fazer, e, ainda assim, eu tinha, eu podia... Comecei a levantar o pescoço, indo em direção à Lilly, seus olhos gigantes e pretos como os de tubarão nas sombras, e brilhando à luz das velas...

Ela enfiou o *brownie* dela na minha boca.

— Dois *brownies* para o virgem de chuva! — Ela rolou para longe, o corpo morno me deixado à mercê da água congelante mais uma vez.

Caí para trás, ensopado de gotas, agora feliz pela água estar tão gelada.

— ‘Gado — agradei com a boca cheia de chocolate pegajoso.

Lilly não respondeu, mas ela se enrolou em uma meia-lua, cabeça no meu ombro, e puxou o cobertor para cima de nós dois.

A chuva caía com intensidade. Minhas guelras se animaram com os fios d’água descendo meu pescoço.

— Por que você gosta de mim? — perguntei baixinho, debaixo do chiado da água pelas folhas.

— Porque você é o Owen.

— É, mas sério...

Ela não respondeu.

Por um segundo, eu me perguntei se havia estragado tudo... Então, ela disse:

— Sabe como tem todo aquele negócio entre meninos e meninas, tipo, como você tem que agir? E o que você deve dizer?

Pensei na minha cabana e nas Raposas, e na minha própria experiência escassa com namoros.

— Sei.

— Então, é estranho, mas, tipo, com você é como se a gente já tivesse passado

por tudo isso. Como se eu já conhecesse você, quase como se eu sempre tivesse conhecido. Isso parece loucura?

O que parecia loucura era o jeito que o meu coração estava batendo enquanto eu ouvia as palavras dela.

— Não — consegui dizer. — Não é loucura.

— Quer dizer — Lilly continuou —, não é como se eu entendesse tudo isso desde o começo.

— Achei que você só estivesse com pena de mim.

Ela me fez cafuné.

— Ah, você era todo fofinho e patético. Mas não era pena. Eu estava cuidando de você.

— Tá bom. Mesmo eu não tendo, sabe, tipo, ombros enormes e tudo mais?

— Ah, para com isso. — Lilly estava sorrindo. — Seus músculos, Owen, combinam com você, e eles são bons pra mim.

— Hum. — Sorri também, pensando: *Uau!*

O sorriso da Lilly assumiu um aspecto maligno.

— E eu *ouvi falar* de como todas aquelas meninas da Raposas-do-ártico estão animadas com o novo gatinho.

— Hein? Não, pode parar...

— A Mina.

— Tá, talvez uma.

— Não falei?!

Os lábios dela tocaram a minha bochecha, se afastando e deixando um eco de calor. Ela deitou a cabeça de volta no meu ombro. Pensei no que dizer a seguir, não encontrei nada, então fiquei quieto.

O tempo passou, quantidades desconhecidas, e não percebi. Era só o cobertor e a grama, o frio da chuva, e o calor da Lilly como um pequeno sol do meu lado. E ficamos deitados lá até que as nuvens foram embora e as Estrelas-cópia reapareceram. Mais tarde, o relâmpago de limpeza começou a descer e fazer seu serviço, a trovoadas gentil se espalhando.

Quando as primeiras luzes roxas do amanhecer foram ligadas, Lilly disse:

— É melhor voltar.

— Tá bom. — Queria dizer alguma coisa sobre o que fiquei pensando de novo, sobre nós dois nadando pela Terra, encontrando nosso próprio arquipélago de água limpa, de noites sem fim com chuvas e velas, daquele jeito. Mas guardei as ideias para mim.

Eu a ajudei a juntar as coisas. Nadamos de volta pelas profundezas, emergindo na balsa vazia.

Caminhamos pela praia. O domo estava ficando cor-de-rosa. Os CETs haviam

ido embora. Fiquei me perguntando o que fazer — dar um abraço, dizer alguma coisa —, mas, quando me virei, ela já tinha começado a atravessar a areia, andando na outra direção; o feitiço havia se quebrado.

— Nos vemos na Reserva. Vou pegar você de jeito e te engolir.

— Você pode tentar — respondi. Ainda não tinha ideia do que era esse jogo de predador-presa, mas agora não era a hora.

— Boa-noite, Owen.

— Boa-noite, Lilly.

Segui para a minha cabana, com os passos pesados, pés descalços rangendo na grama ensopada de orvalho. Estava acabado por causa daquelas noites. Precisava desesperadamente das minhas três horas de sono, ou, melhor, três dias de sono, no entanto acabei andando devagar, dando um tempo, acompanhando o vento sudeste da aurora, que parecia ter quatro nós e subia de forma gradual. Minha mente tinha deixado de lado pensamentos de guelas, projetos secretos e sirenas. Tudo parecia menos importante, menos real do que a Tigrinha e sua ilha secreta. Parecia que a noite havia passado tão rápido, mas, ao mesmo tempo, cada segundo dela era tão brilhante que queimava em minha mente. Tive certeza de que nunca esqueceria nenhuma parte dela, quase como se tivesse deixado uma parte de mim naquela ilha, um pedaço entalhado que não se moveria no que quer que viesse em seguida. Ela simplesmente ficaria para trás, repetidamente revivendo aquela noite.

13

—O jogo de predador-presa é dividido em três grupos.

O sono tinha sido muito breve. O sol parecia estar brilhando demais e o ar, muito úmido.

— As seguintes cabanas serão do grupo herbívoro: Macacos-aranha, Lêmures, Coalas e Sapos-da-árvore.

Eu me arrastei durante o café da manhã, cabeça baixa na maioria do tempo. O refresco, que naquele dia havia sido azul-piscina, teve gosto de menta misturado com beiradas de plástico dos copos. Eu me esqueci de recusar. Todos os meus movimentos haviam sido lentos e sem força. Meus ombros estavam finalmente começando a doer das horas de natação.

— Hienas-malhadas e Raposas-do-ártico serão do grupo onívoro. Na cadeia alimentar vocês são o equivalente a gambás ou texugos.

— Vocês são os gambás! — Paige gritou para nós. Seu rosto estava pintado com listras verdes e pretas. As Raposas-do-ártico comemoraram.

Eu me virei para olhar para onde as meninas estavam sentadas e pares de olhos imediatamente se estreitaram para mim. Mina esperou que eu aparecesse para o nado urso polar. Depois da noite com Lilly, aquilo nem havia passado pela minha cabeça. Agora eu tinha fama de canalha com toda a cabana das Raposas. Mina se curvou para outra menina e elas cochicharam e riram e me encararam mais um pouco. Displícite, meu cérebro nublado notou que eu nunca havia estado naquele nível antes, de despercebido para percebido e agora para odiado, mas eu estava cansado demais para ligar para aquilo.

— Os CETs serão os carnívoros, os predadores maiores. Eles já estão dentro da Reserva.

Todo mundo se agitou à minha volta. Estávamos aglomerados no lado afastado da garagem de barcos, numa ladeira com banquinhos feitos de troncos de árvore, como um anfiteatro. Atrás do palco pequeno no qual Claudia estava, a rede de aço ia até o topo do domo, fechando a Reserva, uma relíquia de antes da Ascensão, as árvores mais grossas e escuras do que as do restante do Éden, misteriosas.

Lá dentro havia espécies de pássaros, mamíferos e répteis que não existiam mais em nenhum lugar desta área. Havia umas cercas do outro lado que

funcionavam mais como um zoológico: com pumas, ursos pretos e coiotes. O pássaro grande que eu tinha visto naquela manhã era mesmo um robô. Aparentemente, há alguns anos existiu uma águia-careca, mas ela era sensível demais até para os níveis de radiação daqui de dentro.

A Reserva era um local fora dos limites dos campistas, a não ser para as caminhadas naturalistas que aconteciam de vez em quando e para o jogo de duas horas chamado predador-presa.

— Para ganhar — explicou Claudia — vocês terão de sobreviver e aumentar sua população. No final do jogo, as equipes de cada categoria com a maior população viável é a vencedora. Herbívoros, vocês têm suas equipes de dez.

As cabanas mais jovens irromperam em vivas. Todas as equipes haviam pintado os rostos do jeito do animal da sua cabana: pequenos bandos de bichos com bigode. Por mais que as menores de verdade, a Pandas e a Jaguatiricas, não fossem entrar no jogo, aquelas crianças pré-adolescentes pareciam novas demais, como carne fresca.

Nossa cabana foi dividida em duas equipes de cinco. Abri os olhos para uma cabana já acordada e trabalhando em silêncio nas pinturas do rosto, mas, ao contrário das crianças, nós não nos pintamos para lembrar animais, eram mais como pinturas de guerra: traços verdes, manchas pretas, marrons, cinzas. Não tive tempo de passar nada.

— Herbívoros — Claudia continuou —, vejamos... — Ela voltou o olhar para o tablet na sua mão, procurando instruções. Normalmente, Paul era quem fazia isso, mas Claudia disse que ele estava preso em outra reunião naquela manhã. — Seu objetivo é coletar as fichas de comida que estão escondidas pela Reserva, além de evitar serem comidos pelos onívoros e pelos carnívoros. A cada vinte moedas de comida que coletarem, um novo membro populacional será adicionado. No final do jogo, a equipe herbívora com a maior população ganha. Vocês serão caçados pelos onívoros e pelos carnívoros. Existem três áreas seguras na Reserva, entretanto, se a sua equipe for pega, vocês terão de entregar a comida e as braçadeiras e voltar ao portão. Depois de dez minutos, poderão voltar e começar de novo. Lembrem-se, fiquem com seus conselheiros o tempo todo. Ouçam o som da corneta que marca as duas horas. Esse vai ser o fim do jogo. Prontos?

As crianças deram mais viva, e aí seguiram na direção da entrada, tagarelando com animação em seus grupinhos herbívoros. Os conselheiros deles também estavam com os rostos pintados.

— Entrem! — anunciou Claudia.

A porta emoldurada de metal rangeu quando um conselheiro a abriu, e as equipes entraram uma de cada vez. Conforme adentravam as sombras, os gritos

iam sumindo, os pescoços iam se levantando para olhar para cima, para as árvores altas.

— Até mais ver, lanchinhos! — Sanguessuga gritou para elas. Um das meninas da última equipe olharam para trás com olhos arregalados, olhos de presa.

— Muito bem, onívoros. — Claudia voltou-se para nós e para as Raposas-do-ártico. — Seu objetivo é juntar alimento coletando fichas de comida e caçando os herbívoros. Cada vez que vocês pegarem uma equipe de herbívoros, vocês podem pegar trinta fichas de...

— Pensei que fossem quarenta — Sanguessuga interrompeu.

Claudia ficou confusa e parou para checar as anotações.

— Sim, muito bem, sim, está certo... quarenta créditos de comida por membro da equipe. Se os herbívoros não tiverem comida o suficiente, podem pegar as braçadeiras no lugar. Braçadeiras valem vinte. Para cada cem créditos que coletarem como uma equipe, ganham um novo onívoro. A equipe com a maior população no final do jogo ganha.

— Seremos nós — Sanguessuga anunciou em voz alta. Todd havia sorteado as equipes tirando os nomes de um chapéu. Eu estava na do Sanguessuga.

— Mas lembrem-se — Claudia continuou —, os carnívoros estarão atrás de vocês.

Quando Claudia disse aquilo, imaginei Lilly em algum lugar naquela mata escura, me caçando, e senti uma onda de agitação que tornou difícil o ato de ficar sentado no meu lugar.

— E não há áreas seguras para os onívoros. Se forem pegos, cada um terá de dar duzentos créditos na forma de seu suprimento de comida ou braçadeiras, para depois voltar para a entrada e esperar vinte minutos antes de entrar de novo. Obviamente, se forem capturados depois de uma hora e quarenta minutos, vocês serão eliminados. Seus conselheiros estarão patrulhando a Reserva para ajudá-los com dúvidas e para o caso de haver algum ferimento. Lembrem-se, como campistas seniores, vocês ganharam o privilégio de serem seus próprios líderes durante o jogo. Por favor, não abusem dessa tradição. E uma última coisa: equipes não devem abandonar o sistema de trilhas a não ser para se esconder, e mesmo assim só é permitido se esconder em um espaço de até dez metros de uma trilha. A equipe que for vista cortando entre trilhas será convidada a recomeçar. Onívoros, estão prontos?

Soltamos vivas rosnados, e, claro, fomos abafados pelas Raposas-do-ártico.

— Sobrevivência do mais apto, do mais forte e do mais esperto — pontuou Claudia, lendo o tablet. Paul provavelmente teria se animado com essa parte. — Muito bem, que a competição comece. — Ela nos indicou a porta.

Passamos pela entrada. Três caminhos cortavam a mata escura.

— Divirtam-se sendo comidos, pessoal! — Sanguessuga gritou. Nossa equipe também contava com Noah, Xane e Béquer.

— Você já eram, gambás! — gritou Paige enquanto seu grupo se dividia para a direita.

— Vamos pra esquerda — Sanguessuga anunciou. — Não é pra ninguém nos seguir.

— Quem ia querer seguir vocês quando vocês têm *ele* na equipe? — Paige apontou para mim com o queixo.

Nós nos viramos, e os outros grupos se deslocaram em direções separadas.

— Cara, que inCRÍVEL! — Xane bateu no meu ombro. — Elas te ODEIAM! — Ele parecia impressionado.

— É — resmunguei.

— Belo jeito de estragar sua chance, Tartaruga — comentou Sanguessuga.

Estava prestes a responder quando, atrás de nós, uma corneta tocou.

— É a hora do show — Sanguessuga anunciou.

O silêncio se fechou em torno de nós. Andamos em grupo pelo caminho largo de terra, olhando para a direita e para a esquerda no mundo silencioso das árvores.

— Fica *quieto*, Béquer! — Noah sibilou.

— Que foi? Eu não fiz nada! — Béquer respondeu, afastando os dedos da boca, parando de roer as unhas.

A trilha subiu um pouco. No topo, Sanguessuga se virou imediatamente e saiu dela, seguindo em disparada pelas árvores ao longo da parede de montanhas. Noah o seguiu.

— Onde vocês tão indo? — Béquer chamou. Ele parou ao meu lado na beira da trilha.

— Estamos vindo pra cá — Sanguessuga respondeu como se fosse óbvio.

— Mas não podemos sair das trilhas — retrucou Béquer, e odiei o jeito chorão como ele soou, por mais que me sentisse do mesmo jeito.

— Ei! — Sanguessuga cortou. — Quem já jogou esse jogo três vezes e ganhou duas? Esse é o plano que bolamos hoje de manhã.

— Ir por cima pra ter o elemento surpresa — Noah acrescentou, como se isso esclarecesse alguma coisa.

— Que plano? — perguntei.

— Você não saberia — respondeu Sanguessuga —, né, aberração?

— O que isso quer dizer?

— Você sabe o que quer dizer. — Sanguessuga se virou e continuou andando.

— Eles não me contaram o *plano* também — comentou Béquer.

Mas eu estava ocupado tentando conter o jato de adrenalina se espalhando

pelas minhas entranhas. Sanguessuga sabia sobre mim. Aberração. O que mais isso poderia querer dizer se não as guelras?

— Tô indo — anunciou Xane, quase como se estivesse pedindo desculpas, e saiu atrás do Sanguessuga.

— O que fazemos? — Béquer me perguntou.

Olhei para cima e para baixo do caminho no qual a gente estava, depois olhei para as silhuetas do Sanguessuga, do Noah e do Xane, então para o Béquer, que, aparentemente, faria o que quer que eu fizesse. Ótimo.

— Vamos ficar com eles — respondi, finalmente. Fomos para o meio da mata.

Andamos pelas sombras, nossos pés raspando de leve nas agulhas de pinheiro conforme seguíamos a fila de pedras caídas à nossa frente. A cobertura de árvores em cima de nós era bem grossa. Coisas correram pela folhagem, e vi relances de pássaros e criaturas pequenas. O ar estava parado, pesado, e tinha cheiro de assados e terra. Senti uma camada de suor se formando na minha pele.

Ouvimos um guincho ao longe, passos ocultos ecoando nas árvores mais baixas, e aí um lamento agudo, um grito de batalha vindo de uma das Raposas-do-ártico perseguindo sua primeira presa. Espiei pelo labirinto melancólico de árvores, me perguntando onde Lilly estaria.

Béquer e eu alcançamos os outros quando eles estavam descendo para dentro de uma pequena vala que tinha uma porção mais fresca de ar. Uma corrente de água gorgolejava pelo meio, caindo por cima das pedras lisas. Havia um caminho em paralelo a ela. As duas margens estavam cobertas de musgo felpudo.

— Tá vendo alguma coisa? — Noah sussurrou.

Sanguessuga vasculhou o local com o olhar de cima a baixo.

— O que estão procurando? — perguntei.

— Fichas de comida, óbvio — Sanguessuga resmungou. — Sempre tem umas escondidas por aqui.

— Elas estão aqui! — Béquer gritou. Ele estava agachado do lado de um pedregulho, apontando para baixo.

— Legal! — Sanguessuga correu e tirou Béquer do caminho a cotoveladas. Ele pegou a pilha de moedas de madeira que cabiam na palma da mão. Havia cinco discos, quatro pintados de azul e um preto. Cada um estava marcado com o número vinte.

— Por que um é preto? — Béquer quis saber.

— É a comida com agentes tóxicos — explicou Sanguessuga. — Não precisamos nos preocupar com eles, mas se os carnívoros pegarem demais desses, eles vão morrendo. Aqui, pode ficar com o tóxico, Bequinho. — Ele deu um azul para Noah e um para Xane, e colocou os outros dois no bolso.

Observei e quase pensei em não dizer nada, mas disse:

— Ei, e o meu?

— Você não vai receber comida nessa parada, Tartaruga mutante. — Ele sorriu para mim como se fosse um desafio. — Certo, vamos continuar subindo a colina...

Não. Senti meus nervos e minha raiva se encrespando. Quando ele passou por mim, empurrei o ombro dele.

— Me dá uma ficha.

Ele me encarou, mas continuou andando. Limitando-se a sorrir.

Falta de sono, eu pensaria mais tarde, falta de sono nublando meu julgamento era a única razão para o que fiz, porque simplesmente corri até ele. Bati com as duas mãos nas costas dele. A pancada foi mais forte do que eu pretendia, ou talvez não. A cabeça do Sanguessuga balançou e ele tombou para frente, batendo de cara no chão. Ele rolou segurando o nariz.

— Guh! — Ele tirou a mão e mostrou um lambuzado de sangue.

— Cara! — Xane gritou.

— Uau — Béquer disse devagar, como se eu tivesse acabado de fazer algum tipo de feitiço.

— Desculpa — murmurei, mas depois odiei ter feito isso, parecia uma pequena traição inconsciente. Não era preciso pedir desculpas. Não estava arrependido. Apesar de o sangue não ter sido intenção minha.

Noah olhou para mim.

— Qual é o seu problema? — Ele ficou observando Sanguessuga como se estivesse esperando por instruções.

Sanguessuga mapeou o sangue na mão. Levantou a cabeça e olhou para mim.

— Você quer morrer, né? É isso, então?

— Me dá uma ficha de comida — repeti, tentando afastar o tremor da minha voz, o medo patético desse garoto. Mas eu tinha acabado de mudar o jogo. Era uma coisa que nunca havia feito antes. Meu coração estava batendo forte contra minhas costelas. Meus dedos formigavam com a adrenalina correndo pelo corpo.

Então, Sanguessuga levantou saltando e veio na minha direção, e eu não tinha ideia do que fazer, como me mover para me defender. Tudo o que fiz foi pôr os braços para frente, mas ele se desviou deles e bateu contra o meu peito. Cambaleei para trás. Havia um braço ao meu redor, mais o outro preso ao meu pescoço, unhas compridas me arranhando. Ele estava procurando minhas guelras? Os dedos escorregaram na camada de Radiação-zero que eu tinha ali. Agarrei a camiseta dele e o joguei para o lado, girando para longe. A camiseta rasgou na gola.

Ele se virou para mim de novo. O rosto vermelho como uma beterraba. O sangue tinha escorrido do nariz para a boca e espirrou quando ele falou.

— Então é isso, né? — Gotas choveram por sobre sua camisa. — É aqui que você acha que dá o seu grande passo?

Podia sentir meu rosto queimando também, meu peito e meu pescoço doendo, mas, ao mesmo tempo, o que ele havia dito me confundiu. Que grande passo eu estava dando? Pensei se isso teria alguma coisa a ver com Paul. Será que Sanguessuga estava com inveja porque Paul parecia tão interessado em mim? Ele quase estava falando como Evan na noite anterior.

Ele deu um passo em minha direção.

— Eu vou acabar com você, Tartaruga. — Seus olhos se estreitaram. Estávamos prestes a perder o prumo, e isso parecia bom para mim. Eu já tinha aguentado o bastante.

— Tenta.

— Opa, alguém tá vindo aí! — Xane sibilou.

Nós todos paramos para ouvir. Os sons agudos de um grupo de vozes por cima do barulho da corrente.

Sanguessuga olhou por cima do ombro.

— Vem de lá — cochichou. — Se escondam. — E, simples assim, nossa luta foi suspensa.

Nós nos espalhamos por pedras diferentes e caímos por cima do musgo. Eu me deitei sobre o carpete frio, macio e com cheiro adocicado. Havia umidade nos meus joelhos nus e nos cotovelos. Ainda estava com a respiração fora do controle. Meu tronco doía, meu ombro também, porém estava feliz pelo confronto ter acabado, feliz por ter voltado ao jogo.

Um grupo de herbívoros apareceu, meninas da cabana Coala, seus rostos pintados com bigodes fofinhos e narizes pretos. Elas estavam em silêncio, olhando, nervosas, para as margens dos dois lados, umas poucas fichas de comida presas no peito.

Elas quase haviam nos alcançado quando Sanguessuga levou as mãos em concha até a boca e gritou:

— *Uoup-uup-uup!*

Um grito de batalha, e, apesar de odiá-lo, isso foi a coisa certa a fazer, porque as meninas pularam e guincharam, aterrorizadas, e todos nós saltamos de nossos esconderijos.

Elas viraram e correram, trombando umas nas outras.

— Por aqui — gritou sua conselheira, e elas voltaram correndo colina abaixo.

Seguimos atrás delas, uma matilha em perseguição, a gravidade da colina enrolando nossas pernas. Agora estava todo mundo soltando o grito de batalha animal. Não tinha nem percebido que estava fazendo isso no começo, mas era legal, e combinava com toda a adrenalina e nervos restantes da briga. Parecia a

excitação de uma chacina, um predador correndo a toda atrás dos seres dóceis abaixo, para a matança.

Nós as pegamos quando a trilha se regularizou. Noah e Xane tocaram nas últimas meninas do grupo e gritaram:

— Pegas!

Em seguida eu estava alcançando uma menininha de marias-chiquinhas que me viu e grunhiu de medo. Perto de mim, uma menina tropeçou e caiu e ralou o joelho quando Béquer estava prestes a pegá-la.

— Ahh, desculpa! — disse ele, o menos predador de todos nós.

— Muito bem, já chega! — a conselheira falou. — Vocês nos pegaram.

Elas só tinham encontrado um estoque de comida, assim, pegamos todos os cem créditos daquilo, mais cinco braçadeiras. A conselheira coletou a pilhagem das meninas e se virou para a gente.

— Aqui.

Sanguessuga se adiantou e pegou tudo.

Enquanto as meninas partiam em direção à entrada para pegar braçadeiras novas e esperar para entrar de novo, Sanguessuga se virou com o saque.

— Cada um com seus quarenta — anunciou, e dividiu as coisas pelo grupo.

Ele me deu uma ficha e uma braçadeira sem levantar os olhos. Senti a tensão tomar conta, eu estava pronto para continuar de onde tínhamos parado, porém ele apenas disse:

— Venham. — Esfregou o sangue ainda pigando de debaixo do nariz e começou a andar para o outro lado da vala, saindo da trilha de novo. Entendi que a nossa briga não estava terminada, mas talvez suspensa pelo restante da competição.

Noah e Xane seguiram Sanguessuga. Béquer ficou me observando de novo, para ver o que eu faria. Pensei em seguir por conta própria, mas continuei atrás dos outros. Eles conheciam a mata dos jogos antigos, eu não.

Continuamos seguindo a nossa própria trilha. Em um certo ponto tivemos um encontro silencioso com uma equipe das Raposas-do-ártico. De vez em quando ouvíamos sons fantasmagóricos de outras mortes acontecendo ao longe. Eu caminhava atrás do Sanguessuga e do Noah. Cada vez que eles se juntavam para cochichar eu ficava tenso pela possível retaliação, mas então eles só mudavam de direção. Noah virava para mim, para Béquer e para Xane e apontava para a nova direção, como se fôssemos uma unidade militar.

— Onde acham que os carnívoros estão? — Béquer perguntou em voz baixa.

— Não sei — respondi. Para ganhar o jogo, eu não deveria querer encontrar com eles, mas a ideia do encontro, da Lilly e da perseguição, estava começando a dominar meus pensamentos.

Atravessamos outra corrente e passamos por uma área com cercas altas onde

dois ursos-negros estavam dormindo em um muro de pedra. Eles não se moveram. Imaginei se seriam reais. Um cheiro azedo pareceu indicar que sim.

À distância, a corneta soou duas vezes.

— O que é isso? — Béquer quis saber.

— Metade do caminho — avisou Sanguessuga —, mas isso também quer dizer que metade da comida no jogo foi retirada, pra simbolizar sua perda na Grande Ascensão. Os recursos estão escassos agora, então vamos precisar ser ainda mais cuidadosos.

Demos voltas pelas árvores, olhando em todas as direções. Ouvimos mais berros de um ataque distante em progresso.

— Espera — Sanguessuga sibilou de repente. — Ouviram isso?

— O quê? — perguntei.

— Ouve. — Ele apontou em direção a um pedregulho enorme, talvez três metros de altura, e bem largo, a uma distância pequena da trilha. Ficamos em silêncio por alguns segundos, então ouvimos alguém segurando o riso, depois um *shhh!* e um risinho.

— *Uoup-uup-uup!* — Sanguessuga gritou de novo, e seguimos para a pedra. Herbívoros saíram correndo de lá detrás, um bando de menininhos grunhindo, todos com listras pretas e brancas nos rostos. Eles voltaram para a floresta densa, se esquivando e se esgueirando pelas plantas menores.

Fomos com tudo atrás deles, berrando nosso grito de batalha e nos aproximando com rapidez. Os meninos responderam com seus próprios berros de terror.

— Por aqui! — O conselheiro tinha encontrado um caminho. Os herbívoros guinaram para trás dele. Mais em frente, uma clareira se abriu, cercada por árvores. Havia outro cercado, com uma pequena montanha de pedras dentro. Um puma estava deitado no topo, deleitando-se com Sol-seguro, nos observando calmamente.

Invadimos o espaço nos calcanhares dos herbívoros, as pontas dos dedos quase nas camisetas deles, quando mais gritos surgiram.

A outra equipe da nossa cabana saiu de repente do meio do mato no outro lado da clareira, Jalen liderando o ataque, com presas expostas. Os pequenos gritaram ainda mais alto.

— Chegamos primeiro! — Sanguessuga gritou.

Corremos. As crianças seguiram direto para a cerca do puma. Não havia como escaparem. Mas, assim que eles chegaram na cerca, os meninos se viraram e começaram a gritar:

— Zona de Segurança! Zona de Segurança!

E notei os sinais amarelos pendurados na cerca.

— Droga! — esbravejou Sanguessuga.

Os pequenos se amontoaram contra o cercado, olhando para nós, aliviados e, ainda assim, com os olhos arregalados. Todo o restante chegou ao mesmo tempo, e agora as duas equipes ficaram paradas em um semicírculo em volta deles, ofegando, animais olhando maliciosamente em volta da luz do fogo.

— Podemos esperar o dia todo, carne — provocou Sanguessuga.

— Podemos ficar aqui por cinco minutos — explicou o conselheiro dos herbívoros. — E então vocês têm de nos dar uma dianteira.

Sanguessuga começou a dizer:

— Sem probl...

Mas foi cortado por um som vindo das árvores. Um chamado que começou em um tom baixo e subiu devagar para um grito no final:

— *Ooouup!*

Olhamos em volta freneticamente.

Então, uma resposta, não muito longe:

— *Ooouup!*

— CETs? — Xane sussurrou.

Os chamados pareciam vir de tão perto que alguém deveria poder vê-los. A não ser que...

Olhei para cima. Galhos grossos, folhagens de espinhos... E avistei uma sombra, bem no alto, contra um dos troncos.

— Eles tão nas árvores! — gritei. E quando já tinha me virado para correr, eles estavam caindo em cima da gente, em cordas que haviam sido presas nos galhos. Percebi que eles não eram os meus CETs, era uma equipe de outros. Cinco deles, vindo de todos os lados.

— *Ooouup!*

— *Ooouup!*

— Corram! — Sanguessuga gritou.

Nosso grupo tinha dois passos de vantagem em relação à outra metade da cabana, e essa foi a diferença. Avançamos pela lateral da cerca do puma e descemos por um caminho que ia colina abaixo, passando pelas árvores. Atrás de nós, ouvi Jalen xingando enquanto sua equipe era pega.

— Por ali! — um dos carnívoros gritou. Sons de passos vieram atrás da gente.

Nossas pernas pareciam rodas debaixo de nós. O caminho caía abruptamente e ficava reto de novo, e se abriu quando chegamos a uma lagoinha cercada de grama alta e ervas daninhas. Saímos de novo ao sol, todos olhando para os lados, procurando pelos perseguidores.

— Estão vendo alguma coisa? — Sanguessuga perguntou, sem ar.

— Nada — respondi, e os outros concordaram. A floresta adiante havia se

tornado sinistramente silenciosa.

— Por que nos deixariam escapar? — indagou Béquer.

— Provavelmente estão coletando as fichas do outro grupo — supôs Sanguessuga. — Acho que estamos a salvo.

Eu me virei, as mãos nos joelhos, recuperando o fôlego. Meus olhos foram para a lagoa, a superfície refletindo o céu.

Mas abaixo disso, alguma coisa se moveu.

— Não estamos, não. — E tropecei nos meus próprios pés.

— O quê? — perguntou Sanguessuga.

Mas a água cor de canela já estava começando a borbulhar e a turvar. Enquanto eu recuava, meus parceiros de monstruosidade surgiram na lagoa.

— É uma armadilha! — Noah gritou.

Eles saíram da água espumante, Evan, Marco, Aliah e Lilly, pele e roupas de nado brilhando, e, aparentes apenas para mim, guelras se fechando.

Ou talvez Sanguessuga também as tenha percebido.

— Peixes monstros! — gritou.

Um segundo antes de começar a correr, encontrei o olhar da Lilly. Ela estava com um sorriso maligno no rosto, olhando para mim, e eu soube que nosso jogo havia começado.

Minha equipe se espalhou. Corri para dentro do mato, passos parecendo vir de todo lugar.

— *Ooouup!*

O chamado veio de cima da colina. Silhuetas caindo em nossa direção. Os outros CETs estavam se juntando à perseguição. Agora eles nos caçavam em duas direções.

Corri para a minha direita, figuras voavam dos meus dois lados, todo mundo correndo por entre os troncos.

Atrás de mim, ouvi um grito como se alguém tivesse sido pego. Tecnicamente, as regras diziam que, se alguém do seu grupo fosse pego, já era, mas avistei Sanguessuga ainda correndo e continuei também, certo de que Lilly faria o mesmo.

Alguém veio voando da minha esquerda. Um CET que eu não conhecia. Desci pela colina, pulei um tronco caído, surpreso por chegar a aterrissar, ouvi o som de alguém raspando na terra e olhei para trás para ver um CET atacando Xane.

Segui em frente, olhando para trás por cima dos ombros. Corpos ainda se movendo por lá. Onde estava Lilly?

Costurei por entre as árvores e saí em mais um pedaço ensolarado. Eu estava do outro lado da lagoinha. Uma corrente de água borbulhava para fora dali, passava pela grama alta e descia por uma cascata de pedras, desaparecendo na

mata escura em direção ao lago. Uma trilha estreita seguia a corrente lado a lado. Optei por esse caminho.

Uma borboleta desceu, balançando-se no ar próximo. Ela tinha asas verdes-azuladas com pintas verdes, e parecia estar pairando ali, me encarando, e me perguntei se, lá em cima, no Olho, alguém estava monitorando nossa localização na Reserva.

Então ouvi passos, fortes, bem perto de mim. O som da corrente havia mascarado a aproximação da pessoa.

Espiei por cima do ombro, sorrindo, pronto para a caçada...

Mas não era Lilly. A imagem era grande demais, ombros grandes ainda molhados. Olhos me encarando com frieza.

Evan.

Eu me virei e desci correndo a trilha pequena, usando o máximo de força possível em cada passo, falando para as minhas pernas se moverem mais rápido, para cima e para baixo, e ainda evitando pedras e raízes, coisas com as quais elas não eram boas.

Conseguia ouvi-lo se aproximando.

A corrente e a trilha se nivelaram e abandonaram as árvores mais uma vez para vagar por uma área reta de arbustos altos. Mal dava para enxergar por cima deles. Os galhos arranhavam meus braços e coxas.

A trilha fez uma curva fechada. Em frente havia uma pequena ponte de madeira passando por cima da corrente...

— Peguei! — Braços me agarraram e ombros bateram em mim. Eu estava caindo para a frente, para o lado da ponte, para o alcance dos dedos, dos arbustos cortantes e dali para fora e descendo um banco de areia, um peso esmagador em cima de mim, empurrando para baixo, para a beira da corrente, minhas mãos batendo contra pedras, meu rosto parando bem ao lado da água.

Mãos me viraram.

— E aí, sabor do momento? — Evan se curvou sobre mim, seu rosto perfeito contorcido de malícia, e ali entendi que Sanguessuga não era o predador mais perigoso dessa floresta.

Não respondi.

Ele me deu um soco na cara.

O punho bateu na mandíbula, no nariz, na têmpora, e o mundo perdeu o equilíbrio e o sol ficou mais claro nos meus olhos e houve um segundo em que doeu tanto que nem chegou a doer.

Então, a dor se espalhou em ondas brancas por todo o meu rosto. Tentei me debater para me libertar, mas meus movimentos não adiantavam muito.

— Que seja — Evan cuspiu em mim. — Você tá todo caidinho, mas acha que

ela te ama ou algo do tipo? Você é só a próxima distração. O que acho que faz de mim um idiota por ter sido a última. Mas pelo menos fui esperto o suficiente pra ir contra as ideias malucas dela. Com você concordando, ela vai estragar tudo por aqui!

Levantei a cabeça e olhei para ele, constatando que pelo menos parte da fúria era destinada à Lilly. Eu estava sendo punido por duas pessoas. Mas eu não tinha como revidar, meu rosto inútil, meu corpo preso.

Ele levantou o punho mais uma vez.

Fiquei observando. Minha bochecha tremeu, se preparando. Tentei não me encolher.

Foi quando percebi a curiosa luz verde que apareceu no peito do Evan. Ela foi para o pescoço. O punho começou a descer.

Mas, antes de ele me alcançar, o dardo *vupt* no pescoço dele, uma agulha prateada com penas azuis brilhantes, quase cinco centímetros de comprimento.

— Tch... — Evan tossiu. Ele se cortorceu para trás e bateu com a mão no pescoço. O dardo se libertou em um esguicho pequeno de sangue.

Mas o trabalho estava feito. Os olhos de Evan se esbugalharam e ele caiu para frente, seu torso com cheiro de suor pesando em cima de mim.

Lutei para tirá-lo de lá, o que derrubou seu corpo de cara na beira d'água.

Rolei para longe, enfiei meus cotovelos na lama e me afastei em alguns metros, depois caí de costas. Todo o meu rosto latejando.

O que havia acontecido?

No pedaço de céu brilhante em cima de mim, a borboleta verde-azulada apareceu, oscilando com o bater de asas. Ela ficou parada ali no alto, e, uma vez na vida, eu estava quase feliz por ter alguém de olho em mim.

Seguiu-se um estalo de ar e a borboleta recuou e se desintegrou em uma explosão de faísca, uma chuva pequena de escombros elétricos caindo em cima e em volta de mim.

Passos surgiram sobre a ponte. Aqueles pés aterrissaram ao meu lado, botas pesadas com a água pela metade. A imagem acima de mim era uma sombra, iluminada pelo céu brilhante.

Um som de assobio. Essa pessoa assobiando. Agora uma resposta próxima. Sons nas árvores menores. Corpos aparecendo. Mais predadores, mas esses não eram CETs.

— **T**em certeza de que é ele? — um deles sussurrou.

Agora havia três pessoas paradas diante de mim. Três adultos vestidos com roupas esfarrapadas de brim e flanela, e jaquetas de lã Radiação-baixa. Todas as roupas eram originalmente de uma outra cor, porém tinham sido tingidas em uma camuflagem de verde-escuro, cinza e preto. Seus rostos estavam pintados, mas não com desenhos muito vivos. Marrom cor de lama. Simples. E a tinta não escondia todas as lesões roxas nem as bolhas vermelhas. Os efeitos da exposição, de uma vida passada na superfície nua da terra. Empunhavam rifles.

— Definitivamente. Cheque a foto. — A mulher Nômade se adiantou com seu telefone sub-rede, mostrando a tela aos outros.

— É ele — um dos homens confirmou.

— Certo. — A mulher tinha cabelo curto e espetado e um rosto esculpido. Ela falou para o telefone. — Robard, aqui é a Equipe Beta. Estamos com nosso alvo. Alguma notícia dos outros?

— Nenhuma, ainda — a voz de Robard respondeu. — Saiam daí agora mesmo.

— Que saovoceis? — perguntei, as palavras enroladas por causa do soco do Evan. Mas eu sabia, apesar da nuvem que cobria meu olho recém-inchado, que eram Nômades.

— Fique calmo, Owen — disse um dos homens. — Somos sua equipe de resgate. Vamos tirar você daqui.

— Daqui? — murmurei.

— Está tudo bem. — A mulher se ajoelhou. As íris castanhas nadavam em bolas brancas que haviam se irradiado para o cor-de-rosa, os vasos sanguíneos quase pretos. — Meu nome é Pyra, e esses são Barnes e Tiernan. Sabemos quem você é, Owen. Sabemos *o que* você é. Nosso contato local nos alertou sobre você.

— O que eu...

— Shhh. Não fale nada. — Pyra estava mexendo em alguma coisa nas mãos. Tinha um pedaço circular de tecido entre os dedos dela. Alcançou meu pescoço, pôs o tecido ali, e uma onda branca de insensibilidade se espalhou pelo meu corpo.

Minhas palavras saíram em cochichos:

— O que você fez?

— Amortecedor neural — explicou Pyra. — Para diminuir a dor. Não se preocupe, você ainda vai poder se mexer.

Barnes e Tiernan me puseram de pé e passaram meus braços pelos ombros deles. Os dois eram fortes e esguios, Barnes com uma barba castanha e crespa, Tiernan com óculos grossos e uma dessas orelhas falsas feitas de plástico rosa-pálido. Conseguia sentir vagamente meus pés sobre o solo, mas pareciam estar muito longe. Pyra tinha razão, ainda podia me mexer, porém não o suficiente para tentar escapar.

— Nós vamos te tirar daqui — repetiu Tiernan. — Afastar você do Projeto Campos Elísios antes que seja tarde demais. E, quando sairmos daqui, vamos explicar tudo. Prometo.

— Mas agora precisamos nos mover — alertou Pyra. — Rápido.

Eles me arrastaram de volta para a trilha e atravessamos a ponte. Ouvi certa comoção do jogo lá atrás, talvez até pessoas gritando nomes, no entanto estávamos indo na direção contrária. Será que estavam procurando por mim? Será que chegariam a perceber que eu havia sumido?

Seguimos colina acima, depois saímos da trilha, costurando o caminho por entre as árvores.

Mal podia controlar meus movimentos. Os pés estavam tropeçando quase por vontade própria. Pelo menos a dor no meu rosto tinha sido entorpecida.

Ouvi Pyra falando no telefone:

— Estamos a caminho do ponto de extração, responda.

— Ótimo — Robard respondeu. — Equipe Alfa?

— Estamos mantendo a posição — outra voz respondeu —, e procurando por uma abertura para chegar ao nosso alvo.

Uma voz de mulher falou no telefone:

— Aqui é a Equipe Caveira, câmbio. Estamos quase no templo. Desligar os alarmes e as câmeras levou tempo, mas estamos na sala de navegação agora e prestes a tentar...

Um estalo agudo cortou a voz dela, depois um guincho elétrico saiu do telefone.

— Agh! — Pyra afastou o aparelho da cabeça. — Robard? Vamos, responda! Ninguém respondeu.

— Podem estar interferindo na conexão — sugeriu Barnes.

— Parece que foram tiros de rifle — observou Tiernan.

Pyra tentou mais uma vez.

— Robard? Equipe Alpha? Alguém na escuta? — A única resposta foi um

chiado mudo do ar.

Corremos um pouco pela floresta, subindo por uma série de ondulações. Era possível que estivéssemos em paralelo com a lagoa, pensei, e depois pareceu que passamos dela. Não consegui saber há quanto tempo estávamos andando. Talvez dez minutos. Talvez mais.

— Robard — Pyra sussurrou. — Equipe Caveira... Alguém responde!

Nada.

O caminho clareou e chegamos a um fim abrupto da mata. Adiante estava a cerca alta, o fosso seco, e então a parede do domo. Viramos à esquerda e seguimos a cerca. No pé de uma montanha, atingimos um portão. Ele estava aberto, um buraco enegrecido substituíra o que havia sido a fechadura. Para além do portão, uma ponte estreita de metal com corrimãos de arame cruzava o fosso. Do outro lado, uma porta grossa com jeito de postigo estava entreaberta, a maçaneta também estourada. Para além dela, a luz do sol brilhante cozinhava o chão árido.

Paramos no portão quebrado.

— Robard, alguém, vamos — Pyra repetiu. Quando ninguém respondeu mais uma vez, ela vasculhou todas as direções com o olhar.

— E agora? — perguntou Barnes.

— Não tenho certeza. — Pyra estava tensa. — Deveríamos nos encontrar aqui.

— Acho melhor sairmos logo — opinou Tiernan. — As outras equipes devem ter sido comprometidas. Se temos o menino, não precisamos da caveira.

— Precisamos, sim! — Pyra respondeu. — Ele vai ser inútil sem a informação dela.

— Mas tem a outra, ao sul. E a menina.

— Não é assim que funciona! — retrucou Pyra. — Pelo menos, não de acordo com os estudos da Dra. Keller. — Ela tentou o telefone mais uma vez. — Robard, você está aí?

Enquanto ela ouvia a estática, eu me perguntei o que era aquilo tudo. Eles falavam sobre uma caveira, um templo e uma menina. A caveira da minha visão? E a menina que mencionaram, seria Lilly? Estavam atrás dela também? De qualquer forma, o que isso definitivamente queria dizer é que esses Nômades estavam relacionados ao que estava acontecendo comigo, e com aquela visão, até mesmo com a sirena. De algum jeito, tudo isso estava conectado.

— Certo, você tem razão — aceitou Pyra. — Vamos chegar no ponto de encontro e esperar pelo melhor.

Os homens me passaram pela cerca para a ponte estreita. Pyra seguiu atrás de nós. Tiernan me soltou e foi para a porta, arma levantada. Barnes me guiava. Olhei por cima do corrimão de alumínio, para a queda de dez metros que parava

no chão de concreto do fosso.

Dali, olhei para cima, para a iluminação do mundo de fora que se aproximava de mim. Eu estava sendo tirado de Éden Oeste. E não podia me mover para fazer nada a respeito.

— Robard, aqui é a Pyra, nós estamos sain... *Gluh!*

A ponte estremeceu, o alumínio ao meu lado criou vida como se tivesse sido arrancado do lugar.

— Pyra! — Barnes gritou. Ele me soltou, o ombro roçando nas minhas costas quando ele se virou.

Houve um chiado de ar.

— Agh!

Eu estava me virando, tentando controlar meu equilíbrio, quando Barnes recuou vindo na minha direção. No meu campo de visão borrado percebi que Pyra tinha desaparecido da ponte. E alguma coisa estava errada com a parte de trás da cabeça de Barnes. O formato não estava certo.

Havia alguma coisa quente no meu rosto.

Mãos me pegaram pelas axilas, me arrastando em direção à porta.

— Vem, garoto! — Tiernan gritou.

Vi Barnes desmoronar no chão, e o movimento nas árvores lá atrás. Figuras de preto saindo das sombras, vestindo capacetes, visores âmbar abaixados, rifles levantados.

— Solte o garoto! — um dos soldados gritou.

Senti uma coisa fria posta contra o meu pescoço. Uma faca. O sonho, na pirâmide... não, isso era agora.

— Não se aproximem mais ou ele morre! — ameaçou Tiernan. Avistei nossas sombras lançadas para frente pela luz do dia. Estávamos quase na porta.

Um estouro. Outro chiado de ar. A sensação de mais líquido quente, dessa vez borrifado na minha nuca.

Fui atirado para frente. A faca retiniu no chão e caiu pela lateral da ponte. Não pude me impedir de cair de cara no chão. Meus braços estavam livres, mas não estavam servindo para muita coisa. Minha testa bateu contra o metal.

Tiernan caiu em cima de mim. Gotas de fluido morno escorreram sobre a minha bochecha, passando pelo meu nariz e caindo livremente. Observei o sangue de Tiernan pingando no piso de metal gradeado da ponte. Algumas gotas passaram direto e pousaram sobre o concreto lá debaixo, onde o corpo de Pyra estava retorcido em um formato anormal, uma piscina de sangue se espalhava a partir da sua cabeça.

Passos soaram na ponte. O corpo foi tirado de cima de mim. Mãos enluvadas sob minhas axilas. Eles me levantaram.

— Estou com ele — o oficial anunciou, me colocando de pé. — Consegue andar?

Encarei o visor âmbar, refletindo o brilho do sol verdadeiro e a porta aberta atrás de mim, tentei responder, mas nenhuma palavra chegou a sair.

— Muito bem, é só segurar firme em mim. — Ele passou meu braço pelo seu ombro e me guiou de volta em direção ao portão. Passamos por cima de Barnes, com o rosto contorcido e a cabeça deformada, faltando algum pedaço importante. Avistei vermelho escondido no cabelo, os miolos agora expostos.

Tudo passou por mim. Imagens. Coisas. Nada disso era real. Não podia ser.

De volta ao portão, havia muitos oficiais. Eles me sentaram apoiado em uma árvore. Eu os observei usarem cordas para chegarem ao fosso. Olhei para baixo e vi sangue espalhado na minha camisa, nos meus braços e nas minhas pernas. Sangue de outras pessoas.

— Owen! — Levantei a cabeça e vi a Dra. Maria correndo. Ela se pôs de joelhos na minha frente. — Você está bem — ela disse. — Não se preocupe. — Ela arrancou o tecido do meu pescoço.

— Melhor do que eles — sussurrei.

Ela olhou para a ponte. Um oficial estava saindo do fosso, com Pyra no ombro. Ele a carregou para fora da ponte e soltou o corpo no chão coberto de agulhas de pinheiro com uma pancada oca.

Quando a Dra. Maria se virou de volta, havia umidade nos cantos dos olhos dela. Ela fungou, como se a visão dos corpos a tivesse afetado. Então ela viu que percebi.

— Perdão. — Ela limpou as lágrimas.

— Tudo bem.

Ela abriu a mochila preta e puxou de lá um kit médico vermelho. Checou meus olhos com uma caneta lanterna. Pegou meu pulso e verificou meus batimentos.

— Alguma outra ferida além desta? — Ela tocou de leve minha bochecha inchada.

— Não.

Ela pegou uma bolsa de gelo da mesma mochila, sacudiu e me entregou. Percebi que sua mão estava tremendo.

— Isso é para a bochecha — ela explicou. — O efeito do amortecedor neural deve sumir em poucos minutos e você vai ter suas sensações de volta.

— Certo. — Eu já podia sentir comichões nos dedos dos pés e das mãos.

Ela vasculhou o kit.

— Só mais uma coisa... — Ela puxou aquela caixa quadrada com o ponto de vidro. Segurou em direção à minha testa. A luz piscou verde de novo. — Ótimo.

— O que isso quer dizer? — perguntei.

— É...

— Owen. — Paul estava vindo em nossa direção. Ao lado dele estava Cartier, o chefe da segurança. Paul o apresentou, depois olhou por cima do ombro. — Isso é lamentável — comentou, como se o que aconteceu aqui estivesse relacionado a uma comida ruim em vez de à morte de três pessoas. — Owen, ouça: vamos precisar saber de tudo o que eles possam ter dito a você. Tenho certeza de que a maioria era mentira, os Nômades são especialistas em informações errôneas, mas, ainda assim... pode nos dar uma dica do que estão planejando.

Isso quase me fez rir. Mentiras... Como se ele tivesse moral para falar disso.

A Dra. Maria fungou. Vi uma careta se formar em seu rosto enquanto ela se ocupava com sua bolsa, parecendo sentir o mesmo que eu.

— Como ele está? — Paul quis saber.

— Parece bem até agora — a Dra. Maria respondeu em voz baixa.

Paul se ajoelhou. Vi meu reflexo nos óculos dele. Havia um rastro de sangue na minha bochecha, como se alguém tivesse sido descuidado com um pincel.

— É importante que você me entenda agora. Estávamos errados sobre o bombardeio de ontem. Ele foi, na verdade, um plano para atrair nossa atenção enquanto essa equipe Nômade conseguia entrar. Eles tiveram ajuda também. Alguém do lado de dentro infectou nossos sistemas de detecção com um vírus. Quem quer que estava por trás disso conhecia nossa agenda, sabia que você estaria na Reserva sem supervisão alguma. Essa pessoa provavelmente pensou que esta seria a hora perfeita para agir.

— Eles pegaram mais alguém? — perguntei.

— Não — disse Paul, mas minha pergunta pareceu interessá-lo. — Por que pergunta?

— Eles estavam conversando — comecei a dizer, mas depois pensei que era melhor esconder o que sabia. — Não consegui entender muita coisa.

Paul balançou a cabeça para cima e para baixo.

— Você se lembra de mais alguma coisa?

— Não. Eles só me agarraram, me disseram para ficar quieto.

— Acho que ele está em algum tipo de choque. — Olhei para a Dra. Maria e a encontrei me encarando fixamente, e quando nossos olhos se encontraram, a cabeça dela pareceu se mexer de leve. Ela havia acabado de assentir para mim?

— Maria — Paul chamou.

— Sim? — A cabeça se virou para cima, para Paul, e achei que os olhos dela pareciam estar alarmados, como se ela tivesse sido pega fazendo alguma coisa.

Mas Paul estava olhando para a clareira. Dois oficiais estavam carregando Evan para fora da mata. Ele ainda estava inconsciente.

— Vá vê-lo, sim?

— Certo. — A Dra. Maria pegou a bolsa e se apressou.

Paul se virou para Cartier.

— Procure por alguma informação nos corpos — instruiu. — Eu o encontrarei lá.

Cartier saiu, e agora éramos só eu e Paul.

Ele se aproximou de mim, abaixando a voz.

— Veja bem, Owen: chegou a hora de falarmos mais francamente sobre o que está acontecendo aqui em Éden Oeste. — Ele estendeu a mão e a deixou descansando no meu ombro. — Sobre o que está acontecendo com você. — Queria me desvencilhar daquele toque, entretanto meu corpo ainda estava fraco do amortecedor. — Pensei que poderíamos dar tempo ao tempo — Paul continuou, um sorriso leve se formando e desaparecendo —, deixar as coisas se desenvolverem do jeito delas, mas temo que este pequeno incidente mostrou que vamos ter de ir direto ao ponto. Está me entendendo?

Não respondi.

— Eu acho que você está, Owen — Paul agia como se eu fosse uma criança —, mas é culpa minha. Você merece saber o que está acontecendo aqui de verdade, e eu, eu preciso saber de tudo o que você sabe. — Ele olhou para os corpos, depois de volta para mim. — É o único jeito de mantê-lo a salvo.

Por um momento, quase senti um impulso de contar tudo. Depois das balas, das mortes... Paul era a pessoa mais poderosa por aqui. Se eu tivesse contado a ele sobre minhas guelras, sobre a sirena e a visão, talvez ele nunca tivesse me deixado sem supervisão, e nada disso teria acontecido. Talvez fosse a hora de parar com joguinhos, parar de manter segredos, antes que houvesse mais corpos.

A questão era: quem realmente estava jogando? Paul havia mentido para o acampamento várias vezes. Eu presenciei. E o que ele havia acabado de dizer: mais do que nunca parecia que ele sabia muito mais sobre o que estava acontecendo conosco do que estava deixando aparentar. E ele estava aguardando e deixando as coisas *se desenvolverem*? Então, se eu contasse tudo, o que ele faria? Será que os experimentos começariam, como ele fez com a Anna?

Lembrei a mim mesmo que esses Nômades não eram as únicas vítimas deste lugar, do Éden do Paul. Havia a pequena Colleen, e as outras crianças das quais os CETs haviam me falado. Paul não as tinha mantido seguras. E eu não era o único em perigo naquele momento. Havia Lilly. Os Nômades falaram de uma menina. Apenas Lilly tinha visto a sirena além de mim. Desejei poder encontrá-la naquele instante. Eu só podia conversar com ela sobre tudo aquilo. Eu podia confiar somente nela.

A mão de Paul saiu de cima do meu ombro.

— Ouça, preciso organizar as coisas por aqui. Nesse meio-tempo, você vai vir

ao meu escritório. Vamos conversar. Já passou da hora. Parece bom, não parece?

Foquei as lentes pretas dele e pensei no que dizer, mas só havia uma resposta na verdade.

— Claro.

— Ótimo. — Ele deu tapinhas no meu joelho. — Fique sentado aqui. Vou fazer com que alguns oficiais o levem de volta. — Ele ficou de pé e foi embora.

Assim que ele saiu, tentei mover as pernas. Elas ainda estavam parecendo um pouco com geleia, mas levei meus joelhos ao peito e passei os braços em torno deles. Comecei a tremer. Por causa de tudo.

Observei Paul voltar para onde os três corpos agora estavam enfileirados. Um oficial entregou o telefone de Pyra para ele. Desviei o olhar para onde a Dra. Maria estava cuidando do Evan. Ela ficava lançando olhares para os corpos. Paul, o mentiroso. E Dra. Maria, a... o quê? O que aquele sinal com a cabeça havia sido? E as lágrimas pelos Nômades... Talvez fosse apenas a visão da morte, ou será que era outra coisa?

Fiz mais força com as pernas, minhas costas se esfregando contra o tronco enquanto eu levantava. Levei um segundo para acertar o equilíbrio.

Paul havia seguido para a ponte. Ele e Cartier estavam inspecionando a fechadura quebrada na porta seguinte.

Fique sentado, ele dissera. Certo. Senta aí e espera a próxima coisa acontecer. Pelo próximo afogamento, pela próxima visão estranha, pelo próximo comentário velado, pela próxima tentativa de abdução, pela próxima morte. Todas essas coisas que continuavam a acontecer comigo, sem explicação. E, sério, não eram culpa minha também? Vinha ignorando as questões obscuras sobre o que estava acontecendo aqui, sobre a guelras, sobre tudo, apenas focado nas noites com Lilly, em finalmente pertencer a alguma coisa. Agora, não podia mais evitar, não depois daquilo tudo.

Senti um formigamento na ponta dos dedos. Consegui sentir o ritmo do meu coração aumentando, e meu corpo tremendo mais.

A dez metros de mim estavam três corpos, mortos por minha causa. E não muito longe havia outro corpo: Evan. Ele vinha tentando ignorar as perguntas também. Em qualquer outro dia, teria ficado feliz em vê-lo caído de costas, hoje não. Ele ficaria bem, ou será que seria mais uma baixa minha? E se tivesse sido Lilly lá no jogo? Eles a teriam levado também? Poderia ter havido uma bala perdida, uma queda da passarela, e ela poderia ser um corpo estendido por sobre as agulhas de pinheiro também...

Queria tanto falar com ela. Ela saberia o que fazer. Mas, não, falar com ela não era uma opção no momento. *Eu* precisava saber o que fazer.

Apoiei o corpo em um pé, depois no outro. Flexionei os dedos dos pés.

Balancei os braços.

Todos os sistemas de volta?, perguntei aos operários.

Sim, senhor, tudo certo, responderam.

Fiquem aí, então, disse a eles.

Paul e Cartier ainda estavam checando a porta. A Dra. Maria estava curvada sobre Evan com sua caneta lanterna.

Todos estavam de costas para mim.

Eu me virei e corri.

Fui com tudo. Sem olhar para trás. Direto para o mato, rasgando ladeira abaixo, meus pés escorregando nas folhas de laranjeiras. Já com alguma vantagem, ousei olhar para trás. Ninguém estava me seguindo. Quanto tempo até que percebessem? Provavelmente só mais alguns segundos.

Cortei pela esquerda. Tentando refazer o caminho que meus captores haviam tomado. Rumando para a corrente, rumando para o lago. Desejei que Lilly estivesse comigo, mas eu precisava lutar contra a vontade de tentar encontrá-la. Não havia tempo. Essa era minha única chance.

Chega de ficar sentado esperando. Eu não ia aparecer no escritório de Paul. Não ia deixar ninguém mais me levar em lugar nenhum, a não ser que esse alguém fosse de um azul fantasmagórico e estivesse no meu mundo das profundezas.

Rumei para o templo.

Segui colina abaixo pela melancólica sombra dos pinheiros, ouvi um som familiar de gorgolejo e cheguei à ponte minúscula onde, há um tempo impreciso, houve punhos e dardos e sequestros. Resquícios da borboleta brilhavam na lama.

Pulei da ponte, aterrissando na água rasa. Meu tornozelo se torceu. Meu quadril bateu contra um pedregulho alto. Já estava sem ar. Já sentia a dor da cãibra no tronco. Meus pulmões parecendo latas de metal que se não expandiam o suficiente.

Atrás de mim, alguma coisa fez barulho na mata. Seriam vozes?

Continue.

Então eu estava na água, o frio se infiltrando nas minhas meias e nos meus sapatos, provocando tremores pelas minhas panturrilhas e fazendo as guelras formigarem. Água seria minha salvadora, precisava apenas segui-la. Essa corrente rumava para baixo, tinha de chegar ao lago. Havia declives rasos dos dois lados, mas sem trilha alguma. Talvez não imaginassem que eu viesse por ali.

Saltei de pedra em pedra, de tronco caído para areia molhada, escorregando, mãos estendidas para manter o equilíbrio.

A inclinação aumentou e a corrente ganhou força, a água descendo por vãos mais estreitos, às vezes mergulhando debaixo os pedregulhos. Minha corrida se transformou em mais pulos para baixo, palmas se firmando contra pedras ásperas. Uma ponta afiada rasgou o bolso do meu short.

A corrente se espalhou por degraus de arenito. Tentei descer por eles, mas meus pés escorregaram na pedra lisa. Comecei a cair para a direita, me joguei de volta para o outro lado, perdi meu ponto de apoio e caí de cara no fundo de uma piscina de água. Subi, mas agora minha garganta estava fechada. Minhas guelras, confusas, haviam se aberto. Vacilei, pedindo que se fechassem, tossindo ao mesmo tempo, a cãibra apertando.

Então, adiante, entre as árvores, avistei luz do sol iluminando o lago. Quase lá. Mais tropeços, precisava apenas chegar lá. Meu ombro bateu numa árvore, meio que virando meu corpo. Minha visão se encheu de pontilhados, nada funcionava.

Cambaleei para frente e atingi uma saliência de pedras, o lago estava a alguns metros abaixo, e me joguei lá dentro.

Meu corpo bateu contra a superfície e desci, esvaziando os pulmões, deixando tudo sair. Senti a câibra se acalmar, senti as guelras começarem a palpitar, a água entrando pela boca. O frescor relaxou todos os músculos em chamas. Meu estômago encostou gentilmente nas pedras cobertas de algas do fundo. Abri os braços e nadei mais para o fundo. Lá, tirei camisa, sapatos e meias. Prendi tudo debaixo de uma rocha, para que não houvesse evidência da minha fuga. Dali, subi para a superfície e olhei à minha volta para poder me orientar.

Eu estava no lado mais distante da enseada do acampamento. A garagem de barcos à minha direita, a balsa do trampolim bem em frente, o deque vazio mais além.

— Então, agora você quer me abandonar?

Eu me virei e vi Lilly parada nas pedras, mãos na cintura, vestida com maiô verde-azulado e short vermelho, respirando com força. Marco e Aliah estavam de pé logo atrás dela. O olhar da Lilly era duro, e não dava para saber se ela estava brava de verdade ou não.

Abri a boca.

— Eu...

Ela rolou os olhos.

— Tô brincando. — Ela sorriu, mas seu rosto ficou sério de novo. — O que aconteceu com o seu rosto?

Senti o inchaço na mandíbula.

— Evan.

— Aquele... — Ela fez cara feia, mas não terminou. — E aqueles eram Nômades, não eram?

— Eram.

— Vimos as consequências lá em cima. Você tá bem?

— Sim, mas... — olhei para além dela, para a mata — preciso ir, antes que eles me encontrem.

— Achei que estavam todos mortos — observou Marco.

— Não os Nômades. O Paul e a Equipe de Segurança.

— Você vai pro templo, não vai? — Lilly perguntou.

Assenti.

— Os Nômades estavam falando dele. Eles mandaram uma equipe pra lá, pra... — Parei, olhando para o Marco e para a Aliah.

— Conte pra eles — explicou Lilly. — Sobre a sirena que nós vimos, e como você teve aquela visão.

— Coisa de louco — comentou Marco.

— Eu não entendo — admitiu Aliah. — Por que *nós* nunca vimos essa coisa?

Lilly olhou de volta para mim.

— Tem uma coisa diferente no Owen.
— Em nós — acrescentei. — Os Nômades estavam atrás de você também.
— De mim? — As sobrancelhas da Lilly subiram, como se ela não acreditasse nisso. — Como você sabe disso?

— Eles disseram que estavam atrás de uma menina também, e você é a única outra pessoa que também viu a sirena.

Ela balançou a cabeça de vagar.

— Nossa. — Ela parecia não acreditar, ou talvez estivesse confusa.

— Precisamos descobrir o que tá acontecendo, antes que mais pessoas morram.
— Olhei para ela o mais seriamente que consegui. — Vem comigo.

Os olhos da Lilly encontraram os meus. Ela mordeu o lábio.

— Tá. — Ela se virou para o Marco e a Aliah. — Dá pra vocês nos cobrirem? E dar um jeito naquele babaca do Evan.

— O que dizemos? — Aliah perguntou.

— Não sei. Diz pra eles que o Owen e eu saímos de mansinho pra namorar ou coisa do tipo, diz que não conseguíamos nos largar. — Lilly me lançou um sorrisinho discreto.

Tentei não derreter na água. De todos os cenários para uma garota falar alguma coisa assim em relação a mim, por que tinha de ser naquela situação?

Aliah riu.

— Acho que o Owen gostou da ideia.

Senti meu rosto queimar.

— Precisamos ir.

— Certo, mas onde nos encontramos? — Marco quis saber. — Na balsa?

— Óbvio demais — apontou Lilly. Ela mexeu nos dedos, pensando. — Que tal nos penhascos?

Já os tinha ouvido falar naquele lugar, lá no topo do Monte Aasgard.

— Parece bom — concordou Marco. — Vamos pra lá depois do almoço.

— Tomem cuidado — Lilly disse para eles, depois se virou e mergulhou.

— Obrigado — disse para os dois.

Marco assentiu e Aliah levantou uma sobrancelha, mas nenhum deles disse nada. Estavam me olhando como se tudo fosse minha culpa. Isso me deu uma sensação ruim. Eu não tinha feito nada de errado e, ainda assim, estavam certos. Tinha tudo a ver *comigo*, por mais estranho que fosse me acostumar com isso.

Desci, bebendo água, e me impulsionei para onde Lilly estava me esperando, nadando gentilmente sob a superfície. Enquanto me aproximava dela, desejei que esse fosse o momento no qual estaríamos indo embora, fugindo para encontrar nosso próprio lugar no oceano, sem nenhum Nômade, um lugar onde os únicos mistérios fossem que estranhas frutas e flores comeríamos, e onde dormiríamos.

“Pronta?”

“Sim.” Ela estendeu a mão e tocou minha bochecha inchada. “Ele não tinha o direito, Owen...”

“Tudo bem.” Então, fiquei nervoso sobre o que pensei em dizer em seguida, mas acabei dizendo mesmo assim. “Foi por sua causa.” Comecei a nadar passando por ela e acrescentei, nos meus estalos de peixe: “E valeu a pena”.

A mão dela se prendeu no meu tornozelo e me puxou de volta, me virando de forma a me deixar encarando a superfície. Ela foi para cima de mim, uma silhueta iluminada por raios de Sol-seguro pintados de verde, seu rosto na sombra, seu cabelo parecia uma coroa. Depois desceu até que nossos corpos estivessem se tocando, pele gelada contra pele gelada, fazendo contato dos pés à cabeça.

Ela me beijou.

De alguma forma, eu estava pronto. Balançando minhas mãos para me manter firme na água, inclinando meu pescoço para cima conforme o rosto dela se aproximava e nossos lábios frios se encontravam. As estranhas correntes das guelras fizeram uma sucção extra nos cantos das bocas, e tentei sentir como os lábios macios dela estavam se movendo e repetir esse movimento.

Percebi que meus olhos estavam fechados. Eu os abri e encontrei os da Lilly do mesmo jeito, a luz de fundo deixando-os escuros e quase ameaçadores de novo.

Então, acabou. Ela se afastou de mim.

“Vem”, me chamou com um sorriso gentil, e se adiantou. Quanto tempo havia se passado? Um segundo? Uma hora? Eu não fazia ideia. Por um momento, apenas olhei para cima, para o borrão do céu ensolarado. Meu primeiro beijo de verdade. Com uma garota que eu mal podia acreditar que estava comigo. Apesar de tudo o que estava acontecendo, apesar do jeito com que meus nervos estavam zunindo, senti uma tristeza por já ter acabado. Será que teríamos outra chance? Por que isso não podia simplesmente durar para sempre?

Owen. Encontre-me.

A sirena era um dos motivos. Os corpos mortos, a sirena, as guelras... Eu me virei e nadei atrás da Lilly. Enquanto a alcançava, eu vasculhava as profundezas.

“Tá vendo ela?”

“Ainda não...”, Lilly respondeu.

“Lá.” Apontei para a nossa direita, onde a forma serpenteante estava brilhando.

“Ah... é, tô vendo. Vai na frente, Ow.”

Bati os pés com força e seguimos cortando os limites dos raios de sol, por cima do navio naufragado e pelo lago aberto.

O que é antigo será renovado. O que estava escondido será libertado. Os segredos, lembrados pela verdade. Ela continuou à nossa frente, sempre distante,

e ainda assim sempre à vista, até que chegamos à Aquinara, onde o fundo rochoso subia para a parede de concreto, os túneis de entrada e saída fazendo o trabalho cíclico de sempre.

A sirena passou pelas pedras pretas do fundo do lago.

Nós a seguimos, descendo.

Venha para casa, Lük.

Luz branca começou a invadir minha visão mais uma vez, quase como se aquela cena da cidade e da caveira de cristal tivesse a ver com a proximidade do que quer que estivesse aqui embaixo. Vi a imagem se formando de novo, como se estivessem baixando um arquivo dentro da minha mente — a pirâmide, o céu de cinzas, as crianças ajoelhadas em travesseiros, facas em suas gargantas —, mas, dessa vez, eu me concentrei na água e nas rochas à minha volta, na Lilly, no azul da sirena, e tentei evitar que aquela cena me atingisse.

Houve um momento de alargamento, quase como se novos espaços estivessem se abrindo na minha cabeça, e pude ver duas coisas de uma vez. Parecia até que havia duas telas nos olhos da minha mente, em profundidades diferentes, e eu podia ir e voltar entre as duas. Primeiro, na superfície da minha mente, estava o lago. No fundo da minha cabeça estava o menino Lük, caveira diante de si, prestes a morrer.

Não a morrer, a sirena acrescentou, como se pudesse ver também. *A se transformar. A evoluir.*

Conforme descemos, a pressão da água foi ficando mais forte. Senti minhas cavidades nasais se comprimindo, meus ouvidos estalando. Fui mais para o fundo, batendo os pés com mais força, primeiro apanhando da água escoada, depois resistindo ao puxão da água que entrava.

Então, estávamos debaixo das correntes e no meio das sombras e das pedras cobertas de marrom no fundo do lago. Mais à frente estava a abertura escura. A luz pálida da sirena veio de lá de dentro. Lilly estava à minha direita, olhando em volta como se tivesse perdido o ponto de luz.

“Por aqui”, chamei.

Nadei em direção à abertura. Tinha a aparência de um vão aleatório nas rochas se vista de cima, mas daqui de baixo era possível ver um buraco mais redondo, meio que um túnel. As beiradas eram ásperas, como se tivessem sido feitas à mão. A luz da sirena brilhou de alguns metros adiante, depois de uma curva.

“Vamos entrar aí?”, Lilly perguntou.

Olhei para dentro, para onde a luz fantasmagórica me chamou.

Venha para casa, Lük.

Recuei para dentro da minha cabeça, vi o menino tendo a garganta rasgada, seu mundo se tornando branco. Depois voltei para o mundo d’água.

“Sim. Vamos.”

Nadei para dentro do túnel. Estava escuro, a não ser pela luz da sirena refletindo no azul onde as figuras pesadas das carpas zumbi, um bando delas, ficavam flutuando, quase que como guardiões. Foi preciso se inclinar para passar por entre os corpos gordos e carnudos dos peixes, roçando em suas escamas pegajosas, e fiquei pensando se eles se voltariam contra nós, se juntando e nos devorando para proteger os segredos deste lugar.

“Eu odeio essas coisas”, comentei com Lilly.

“Não dá pra eles serem mais nojentos.”

Fizemos uma curva. A sirena estava flutuando adiante, no fim de uma longa passagem. Enquanto nadávamos, ela subiu e saiu de visão.

“Mina”, disse Lilly.

Eu me virei para o rosto coberto de azul.

“Quê?”

“Eu ouvi no Sinal Livre que Éden Oeste fica bem ao lado de uma área de minas de cobre antigas.”

“Ah, é, Paul me disse algo do tipo. Pessoas que vieram pra cá antes dos vikings.”

O túnel terminava em uma parede sólida onde a sirena havia estado. Um poço redondo se abria acima de nós. Empurrei o teto de pedra e subi por ali. Havia cortes parecidos com degraus entalhados na parede. Depois de alguns metros, o túnel virou e continuou subindo em um ângulo. Conforme eu avançava para cima, sentia a pressão diminuindo. Mais acima, a luz azul pareceu ondular e se separar em diamantes vítreos. Estávamos cada vez mais perto da superfície da água.

Parei pouco antes disso e levantei a cabeça e os olhos devagar. O túnel se inclinava para fora d’água e, a alguns metros de nós, se abria em uma câmara larga.

Os olhos da Lilly apareceram ao meu lado. Balancei a cabeça afirmativamente para ela e rastejamos devagar para a praia, guelras se fechando, mandando lufadas do ar fresco e úmido da caverna para dentro. Quando pisamos em algo sólido, a mão dela roçou na minha.

Entramos na câmara. No azul brilhante, avistei paredes circulares e um telhado

curvo. E ali, flutuando no centro do espaço, estava a sirena.

Nunca consegui olhá-la com tanta clareza, e agora dava para ver que era adorável, e, ainda assim, diferente. Tinha cabelo comprido e escuro que descia até a cintura, preso atrás por uma faixa de pedras reluzentes. Era toda monocromática, tons de luz azul, e ainda assim eu me senti como se, na parte mais profunda da minha mente, ela tivesse cor. O vestido simples que usava, sem mangas e até os joelhos, era daquele tecido carmim dos sacerdotes na pirâmide, o cinto frouxo na cintura era de discos de cobre trabalhado com cristais turquesa no centro. A faixa que segurava o cabelo para trás era de rubi e jade. Ela estava usando um pingente no pescoço, uma tira de couro segurando uma pedra-sabão com o entalhe de algum animal medonho, talvez um tigre, porém maior, mais feroz. Era difícil saber por que a luz dela era mais brilhante na área do coração.

E a estrutura do rosto apresentava olhos mais profundos com uma testa mais pronunciada, bochechas altas, a pele escura: tudo era tão parecido e ao mesmo tempo tão diferente. Era como se nós fôssemos conectados, e, ainda assim, por uma distância de tempo tão grande, por tantas milhares de gerações, que éramos quase modelos diferentes da forma humana.

— Olá? — Minha voz ecoou na câmara.

Ela flutuou, sem responder, olhando para mim quase como se estivesse me medindo, decidindo se eu tinha algum valor.

— E agora? — perguntou Lilly.

— Não faço ideia — respondi, e ainda assim eu senti como se aquilo não fosse verdade. Eu não sabia o que fazer a seguir, o que estava prestes a acontecer, mas tinha uma certeza estranha de que aquilo era alguma coisa. Como se tivesse entrado em um trem que agora estava em movimento.

Então a sirena falou, sua voz mais alta, mais dura do que eu me lembrava.

A chave está dentro de você.

— Quê? — perguntei.

A sirena piscou e sumiu. O mundo ficou preto.

Mas não em silêncio.

— O que é isso? — Lilly sussurrou.

Havia um zumbido, fraco, mas com um quê elétrico. Mais à frente, avistei um facho de luz branca na escuridão. Segurei a mão de Lilly e fui naquela direção.

Conforme nos aproximávamos, víamos que a fonte da luz era maior do que tinha parecido, e que também estava mais distante. Meu ombro bateu contra uma parede de pedra.

— Você tá bem? — Lilly perguntou.

— Ótimo — murmurei. Rodeamos a parede pequena e chegamos à outra passagem curva. A luz estava vindo do fim dela. Luz elétrica, se derramando túnel

abaixo através de uma abertura circular.

Nós nos arrastamos até ela e mergulhamos no último triângulo de sombra. Mais à frente havia uma passagem larga, também redonda, esculpida na rocha. Mas o chão havia sido coberto por concreto liso, e uma linha de lâmpadas estava pendurada pelo telhado. Eu me inclinei. Para a direita, as luzes acabavam em uma escada de aço que subia por um buraco na pedra, em direção a mais luz brilhante acima. O túnel continuava na escuridão, depois disso. Para a esquerda, as luzes se estendiam conforme o túnel se inclinava para baixo.

— Qual caminho? — Lilly perguntou.

Procurei pela luz da sirena, mas não consegui vê-la. E, ainda assim, podia sentir uma força vindo de dentro, parecendo me guiar na direção certa.

— Pra baixo. — E fui para a esquerda.

Corremos um pouco túnel abaixo, os pés descalços batendo no concreto. Seguiram-se túneis e mais túneis, apagados, com ramificações para os dois lados. As paredes de pedra eram vermelhas.

— Olha — apontou Lilly quando começamos a descer uma nova passagem. Havia uma forma entalhada na parede.



— Já vi isso antes — afirmou.

— Eu também. Na placa do Acampamento Aasgard no Salão de Ofícios.

— É água? Montanha?

— Não sei. — Eu me virei e continuei a me mover. Tinha o pressentimento de que estávamos prestes a descobrir.

Andamos por mais alguns minutos quando ouvimos passos vindo em nossa direção. Apertei a mão da Lilly e a empurrei para dentro de uma parte escura do túnel. Recuamos para as sombras e ficamos agachados, ela logo atrás de mim, e pensei por um segundo no fato de que de repente eu é que era o líder nessa aventura. Owen Parker, primeiro uma tartaruga, depois um peixe, e agora algum tipo de herói de ação, como o Tech Raider daqueles filmes da Federação AC, em que o cara sempre entrava nas tecnópolis inundadas à procura do tesouro. Ele lutava com mutantes radioativos e zumbis químicos e sempre encontrava uma garota inacreditavelmente atraente que havia ficado escondida lá no meio dos ossos dos pais mortos. Então, ela se juntava a ele, que a pegava pela mão e a levava para algum lugar seguro e, no caminho, todo mundo descobria que ela era

boa com um rifle também.

Os passos estavam se aproximando, dois pares, e o som de alguma coisa sendo arrastada. Agora vozes:

— Não sei por que esses cérebros fritos iriam querer esse lixo daqui de baixo — comentou uma. — Entendo os reféns, mas um monte de lixo viking? Isso não tem sentido!

— Não podemos perguntar muita coisa, né? — argumentou a outra.

— As ordens de atirar para matar foram meio estranhas, não acha?

— O Cartier disse que o Sr. Jacobsen estava bem bravo por eles terem derrubado as câmeras daqui. Parece que vai demorar um pouco para consertar toda a fiação. De qualquer forma, foi divertido, não foi? Explodir uns cérebros fritos. Fazer o que fomos treinados para fazer.

— É. Muito divertido. E dizem que, quando esses tais de Campos Elísios estiverem prontos, vamos fazer isso muito mais vezes.

Fiquei imaginando sobre o quê ele estava falando. Parecia que era sobre atirar em mais pessoas.

— Parece bom para mim — completou o outro. — Finalmente, um pouco da ação que nos prometeram.

Os dois oficiais passaram pelo nosso túnel, arrastando um corpo. Ele estava vestindo as roupas tingidas de marrom dos Nômades. Eu me perguntei se ele seria um membro da Equipe Caveira.

Esperamos até que os passos tivessem desaparecido e seguimos em frente. O corredor continuou se inclinando para baixo, o ar estava esfriando e ganhando umidade.

Conforme andávamos, sentia meu corpo pesado, minhas pernas lentas. Todos os meus músculos pareciam estar zumbindo de alguma forma, como se eu estivesse andando por um campo elétrico. Tinha a sensação de estar perto de alguma coisa, alguma coisa grande, me chamando, me atraindo como um ímã. E parecia que eu não podia *não* ir até ela.

Usamos a fileira de luzes como guia, seguindo um túnel para a direita, depois para a esquerda e direita de novo. Terminou em um buraco no chão que havia sido reforçado com um anel de metal. Uma escada de aço passava por ele. Descemos, seguimos outra passagem até outra escada, para baixo de novo, uma passagem, outro buraco com escada. Durante todo o tempo a atração magnética ia crescendo no meu peito. O buraco da quarta escada era diferente. A luz que saía dele era mais forte. Deitei no chão e me adiantei, espiando o interior.

— É uma sala — avisei, me impulsinando de volta para cima. Descemos, e, assim que passamos do telhado, o zunido de energia se tornou um lamento baixo na minha cabeça. Meu pé escorregou em uma barra. Minhas palmas ficaram

escorregadias com o suor frio. Cheguei ao chão e me curvei, arfando. O ar tinha um cheiro antigo, seco e doce, e senti como se não pudesse inalar tudo de uma vez.

— Tá tudo bem? — Lilly perguntou, chegando ao meu lado.

— Eu não sei. Tá, eu acho.

— Olha pra esse lugar — Lilly disse em voz baixa.

Eu me levantei devagar. As paredes formavam um círculo perfeito. Mais luzes haviam sido penduradas pelo perímetro, mas era quase como se não fossem necessárias. O local parecia iluminar a si mesmo, como se todas as superfícies dali fossem luminosas. O teto era abobadado, contudo, ao contrário das cavernas acima, dessa vez os arcos eram matematicamente perfeitos, feitos de blocos de pedra, se estendendo da parede até o centro da abóbada, onde uma pedra redonda e gigantesca, uma bola de mármore rosa e branco talvez a vinte metros de altura, estava parada cobrindo o que parecia um dia ter sido uma abertura.

Diretamente abaixo dessa bola, no chão, havia um pedestal hexagonal estreito na altura do peito, feito de pedra, de uma cor mais clara que a das cavernas pelas quais havíamos passado. Equilibrada no topo plano do pedestal estava uma esfera perfeita de cristal preto.

— Obsidiana — observei, balançando a cabeça para ela. — Vidro vulcânico.

— Olha só esse piso — apontou Lilly, olhando para os pés. Estávamos parados sobre azulejos lisos e polidos. Eram estampados com um desenho de manchas azuis e brancas e bordas douradas. Parecia um mapa gigante de oceanos e relevos, mas eu não reconhecia nada. — E essas paredes... Owen, o que é este lugar?

Lilly avançava devagar. As paredes estavam cobertas de mosaicos lascados e fragmentados, as cores apagadas e desaparecidas na maioria deles, apesar de ainda serem identificáveis como imagens de cidades, pirâmides de pedra e obeliscos, coliseus e torres espiraladas, pontes arqueadas e navios. Tudo parecido com o que estava na minha visão. Também havia criaturas, coisas com presas gigantes, um felino listrado com dentes de sabre que me faziam lembrar do colar da sirena.

Eu me juntei a Lilly no centro da sala, olhando à minha volta.

— Não sei, mas eu acho que é antigo. Muito antigo. — Do lado do pedestal havia uma mesa dobrável coberta com papéis e videopáginas, e uma lâmpada que estava desligada. Olhei para cima e espiei as câmeras espalhadas pelo teto. Torci para que ainda estivessem desligadas.

— Olha. — Lilly apontou para a parede, para um ponto onde alguém havia gravado letras no mosaico. Eram símbolos crus em comparação à arte ao redor deles.

— Vândalos? — sugeri.

— Esses símbolos são nórdicos — explicou Lilly.

— Como você sabe?

Ela riu.

— Frequento este acampamento há seis anos. Todo aquele negócio de Acampamento Aasgard é baseado na vez em que os vikings vieram pra cá. E nós aprendemos isso na escola de Éden Oeste. Tem outros lugares com artefatos em volta da praia. Mas esses símbolos vikings estão *em cima* dos mosaicos, o que quer dizer que não foram eles que construíram este templo. Então, quem foi?

— Paul disse que essas minas de cobre têm mais de dez mil anos — lembrei.

— Talvez quem quer que estivesse cavando por aqui naquela época tenha construído o templo também.

Estava passando os olhos pelo lugar mais uma vez quando vi o outro corpo Nômade. Ela estava deitada perto da parede, a cabeça em um ângulo errado. Havia sangue no chão. Na mão dela também. A palma estava coberta por ele. Olhei em volta. O que eles estavam procurando? A caveira que os Nômades mencionaram? Será que era a mesma da minha visão?

— Então, isso quer dizer que antes de Éden Oeste, antes da América, antes dos vikings, alguém estava vindo aqui, e esse alguém construiu este lugar — continuou Lilly, observando. — Espera. — Ela me olhou com olhos arregalados. — O que o Sinal Livre disse sobre os domos Éden estarem perto de lugares antigos? Você acha que Éden Oeste foi construído aqui por causa *deste* lugar?

— Talvez. Talvez seja por isso que os vikings vieram pra cá também. Procurando por este lugar. E agora a sirena nos trouxe aqui.

Notei a pilha de papéis na mesa. Eram todos grandes, as bordas enroladas para dentro como se tivessem acabado de ser desenrolados. Fui até a mesa e peguei o de cima, usando as mãos para prendê-lo à superfície da mesa e não deixar enrolar de novo.

— Isso são mapas. — Eles tinham sido habilmente desenhados à mão com tinta preta, mas não eram antigos. — Já vi outros assim.

— Onde?

— Na parede do escritório do Paul. Talvez ele os tenha desenhado. — Olhei para o chão. — Como se estivesse tentando decifrar esta sala ou algo do tipo.

O papel tinha linhas azuis apagadas formando uma grade. Enquanto o mapa do chão parecia atravessar o mundo, esses mapas estavam focados em costas e ilhas. Nos grandes trechos de oceano apagados havia esboços pequenos de monstros marinhos. Coisas com costas de serpente e bocas gigantes. Paul não parecia ser do tipo que perdia tempo desenhando. Talvez ele tivesse trazido para cá um cartógrafo ou coisa assim. Talvez os monstros estivessem ali porque era chato

ficar sentado aqui fazendo os mapas por horas sem fim.

Folhee a pilha. Em alguns mais embaixo, um segundo conjunto de grades parecia ter sido desenhado em cima do primeiro, em paralelo com o azul. Às vezes, aparecia uma palavra ou duas rabiscadas no canto inferior. Consegui ler: *Combina com as mudanças malaias?* Outra dizia: *Ilha de Páscoa?* E também: *Verificar de novo o alinhamento com Hudson Polar.*

Um flash de luz explodiu no canto do meu olho.

— Nossa! — Virei a cabeça e Lilly estava com a mão na esfera preta, que havia ganhado vida. Fachos de luz minúsculos saíam dela, centenas de pequenos raios atingindo as paredes.

— Estrelas — observou Lilly, passando os olhos pela abóbada do teto.

— O que você fez? — perguntei.

— Só coloquei a mão ali.

As luzes que saíam da esfera tinham transformado a abóbada acima de nós em um mapa do céu noturno, apesar de esmaecido pelas lâmpadas elétricas penduradas por ali. Era engraçado pensar que alguém tinha feito um domo por aqui, completo, com um céu falso, muito antes do Éden. Lilly tirou os olhos das estrelas e os voltou para o piso, com as terras e os mares.

— Então, esta sala é tipo um mapa gigante.

— É. — Deixei a pilha de mapas cair na mesa e fui em direção a Lilly. Ouvi um tinido de vidro e depois um som de algo rolando. Olhei para baixo e notei que havia chutado alguma coisa no chão: um cilindro de vidro. Ele rolou devagar em círculo, parando contra os dedos estendidos da Nômade.

— O que foi isso? — Lilly perguntou. Ela tirou a mão da obsidiana. As estrelas se apagaram.

Eu me abaixei. Era um frasco, e faltava a tampa. Havia um rótulo amarelo e branco e estava quase vazio, a não ser por umas poucas gotas de sangue. Peguei e olhei o código escrito ali: CY4-32.1. Senti uma explosão de adrenalina, minha cabeça girando.

— Ah, não.

— Que foi? — Lilly se aproximou quando eu me levantei. Olhei para a Nômade. Os olhos mortos estavam encarando o teto como se ela tivesse visto alguma coisa digna de medo lá em cima, ou alguma coisa horrível. Havia um buraco de bala no peito dela. Uma piscina de sangue com crostas nas beiradas se espalhava, saída das costas dela. Olhei para o braço estendido, apoiado na parede. A palma virada para cima, coberta de sangue. Não com manchas, mas de maneira uniforme, quase como se tivesse sido pintada.

Lilly passou por mim e estendeu a mão em direção ao corpo. Havia uma faca comprida e estreita em uma bainha no cinto da mulher. Lilly abriu o botão e pegou

a arma. Ela se levantou e a colocou na cintura do short.

— Vai saber, né....

Assenti, mas minha mente estava concentrada em outra coisa.

— O sangue — comecei, devagar.

Lilly olhou para o corpo e soltou um suspiro.

— É, nojento.

— Não. — As coisas estavam se juntando. A Dra. Maria tirando meu sangue anteontem, aqueles olhares que ela dirigiu a mim, dirigiu aos corpos, lá na Reserva. — *Meu sangue.*

— Quê?

— O... — Eu ia explicar o que aquilo devia significar. A Dra. Maria estava trabalhando com os Nômades. Ela havia dado a eles esse frasco com o meu sangue, mas para fazer o quê?

Olhei em volta. Ali. A alguns metros, na parede de onde estava a Nômade havia uma reentrância pequena, uma alcova triangular entalhada na altura do peito de um corpo humano. Ficava bem em cima dos pés dela, como se fosse ali que ela estava em pé quando a bala a atingiu.

— Aqui. — Dentro do nicho havia uma depressão na forma de uma mão. Parecia até ser lisa nas sombras, mas, observando mais de perto, percebi os espinhos. Agulhas minúsculas feitas de alguma coisa branca, talvez osso. Havia sido afiadas até adquirirem pontas perfeitas. Umas vinte, talvez, espalhadas pela imagem da mão.

Lilly deu uma olhada naquilo.

— Ai. Seria tipo colocar sua mão num cacto.

— Sim — confirmei. Movi minha mão trêmula em direção às agulhas.

— O que você tá fazendo? Owen! — Ela segurou meu pulso.

— É sangue meu na mão da Nômade — lembrei. — Ela cobriu a mão dela de sangue para usar isso. A sirena disse que a chave estava dentro de mim.

— Quê?

— Lá nos túneis — expliquei.

— Ah. Então... você acha que a chave é o seu sangue.

Assenti, mas era mais como se eu *soubesse*. Quase como se aquele tal de Lük estivesse me assistindo e sorrindo.

— Mas a chave pra quê? — Lilly quis saber.

Respirei fundo.

— Vamos descobrir.

Tentei me preparar, tensionar os músculos enquanto punha a mão na cavidade cheia de espinhos. Eu tremia, mais pela ansiedade em relação ao que estava prestes a acontecer do que pela dor. Abaixei a mão, sentindo a atração

magnética... Coloquei no lugar, senti a pele resistir, se curvando contra os espinhos pequenos... E cedendo depois, quando agulha após agulha invadiu minhas defesas, me furou como um pedaço de fruta. Cada ferroada era um choque pequeno, e então toda a minha mão começou a criar vida, gritando. Meu braço tremeu. Lutei contra as lágrimas.

— Respira — Lilly sussurrou, esfregando meu ombro.

Não havia percebido que eu tinha parado de respirar. Eu me contraía, apertando os dentes, meu corpo rígido como uma pedra. Apertei mais a mão. Os espinhos entraram mais fundo, e, à minha volta, comecei a perceber que nada estava acontecendo.

Tirei a mão. Parecia que ela estava queimando de dentro para fora. Os buracos eram vermelho-brilhantes e gotas de sangue borbulhavam de dentro deles. As bolhas cresceram e começaram a escorrer, deixando rastros. Esfreguei as mãos no short e olhei de volta para a cavidade. Os espinhos estavam cobertos, o sangue escorria, sendo coletado pela base de cada um e preenchendo os espaços pequenos em volta deles.

A sala começou a tremer.

— Owen... — Lilly chamou.

Olhei em volta. As paredes estavam vibrando, poeira caindo dos cantos. Um barulho alto veio de trás de nós: viramos e vimos a esfera preta e seu pedestal abaixando no chão. Mais sons agudos, um estrondo profundo, cada vez mais alto, e o chão em torno do pedestal começou a se rebaixar também, mas em segmentos, cada um mais baixo que o seguinte, formando uma escadaria em espiral que descia.

— Certo... — Observei, aturdido. Meu sangue tinha feito isso: aberto uma escadaria no chão, no fundo de um templo subterrâneo. — O que é isso? — murmurei.

— A mesa! — Lilly correu para frente. O chão estava afundando ao lado das pernas da mesa e ela estava começando a cair pelo buraco. Lilly a segurou pela beira. Avancei para os papéis, de alguma forma me lembrando de pegá-los com a mão que não estava cheia de sangue. Enquanto puxávamos a mesa de volta, as pernas guinchando, pensei que, se ela estava posicionada em cima dessas escadas, isso queria dizer que Paul não sabia que o chão se abria. Que isso era um segredo do qual ele não sabia nada.

O estrondo acabou e o chão parou de se mover. Um anel largo sobrou nos cantos da sala, e todo o meio havia afundado. Espiamos dentro do buraco. A escadaria dava duas voltas, afunilando na descida. A esfera preta parecia estar suspensa até mais ou menos a metade do caminho e, debaixo dela, alguma coisa brilhava como metal.

Olhei para a Lilly. Seus olhos estavam arregalados, mas ela fez um sinal com a mão.

— Vai em frente. O que quer que isso seja, é pra você.

Eu quase não queria. Aquela vibração dentro de mim tinha atingido um zunido constante que fazia com que fosse difícil pensar. Como isso podia ser realmente para mim? E, ainda assim, havia alguma dúvida?

Desci os degraus. Cada um era mais largo na beirada, afinando no centro. Passamos embaixo da obsidiana, do pedestal, e vimos que ele estava suspenso no espaço por cordinhas finas de cobre que saíam da parede. Um domo de cobre era o que estava pendurado sob o pedestal, como um guarda-chuva gigante de metal.

Mais para baixo, enxergamos um chão de blocos de pedra. Havia alguma coisa nele, com uma forma triangular. Parecia até com o casco de um dos veleiros pequenos do acampamento.

As escadas acabavam em cima daquilo. Uma passarela levava até a parede, até uma plataforma estreita que cercava essa câmara inferior. Tudo havia sido esculpido na pedra. Atravessamos devagar, braços estendidos para melhorar o equilíbrio. Na luz fraca que saía de lá de cima era possível ver que o objeto que se parecia com um barco estava a cerca de cinco metros abaixo de nós. Um último conjunto de escadas continuava a descer dali para o lado mais distante da plataforma. As escadas acima de nós mantinham as paredes escondidas nas sombras.

Eu me movi pela plataforma, mantendo as costas contra a parede, até chegar às escadas mais distantes. Desci. O pequeno veículo estava parado em um chão de pedra. Tinha mais lados geométricos que um veleiro, e provavelmente comportava um número maior de pessoas. Entrei. Havia assentos nas laterais, um mastro de cobre perto da parte da frente, e uma série de vigas pequenas de metal, como as de uma tenda, que se curvavam de uma beira do veículo à outra, delineando uma pequena cúpula em cima da metade dianteira.

No centro, havia um bloco triangular de metal preto polido, e parado em cima dele estava um objeto oval de barro, parecido com um pote. Havia mais três desses potes dentro da proa. Mais perto de mim, avistei um poste pequeno de metal saindo do chão e terminando em um botãozinho dourado, com uma depressão curva quase do tamanho de uma digital. No meio dessa depressão havia um buraquinho redondo. A ponta se destacava um pouco. Parecia afiada. Eu me perguntei se era mais um interruptor esperando pelo meu sangue-chave.

— O que é isso? — Lilly perguntou de cima.

— Algum tipo de barco — respondi, porém sentia que era mais que isso.

— É pra fazermos alguma coisa com isso?

— Não sei. — Se fosse, não tinha ideia de o quê. Não era como se tivesse água

aqui embaixo para navegarmos, e parecia pesado demais pra ser levantado. Olhei para as paredes.

Azul brilhou no caminho de cima.

— Lá — sussurrei, apontando.

— O quê? — Estava escuro demais para Lilly ver para onde eu estava apontando. Saí do veículo e subi as escadas de volta. Caminhava a passos leves, tentando não fazer nenhum barulho. Tinha uma sensação de que tinha alguma coisa aqui embaixo. Alguma coisa que poderíamos acordar se não fôssemos cuidadosos.

A sirena pareceu menor, brilhando pela parede, e desapareceu assim que me aproximei. Passei minhas mãos na pedra e encontrei um vão estreito, impossível de ser visto nas sombras. Mal chegava a ter espaço o bastante para eu caber ali. Tive de me virar de lado.

— Tem certeza de que isso é uma boa ideia? — Lilly perguntou, atrás de mim.

— Não — respondi, no entanto, também sabia que àquela altura eu iria o mais longe possível. A atração do lugar agora era inegável. Deslizei pela passagem estreita. Meu ombro bateu em uma parede de pedra quase imediatamente. Um flash azul à minha direita. Lutei para me virar e descobrir que a passagem continuava naquele caminho. Segui até atingir outra parede. A passagem fazia outra curva, e outra. Senti o cheiro úmido e frio da pedra contra a minha pele. Meu short molhado agarrava na superfície áspera. Eu me virei novamente, me espremendo e andando no breu completo, até que finalmente entrei em outra câmara. Essa era pequena, com paredes redondas cobertas de luz branca brilhante.

— Owen?

Eu me virei para o corredor estreito cheio de curvas.

— Passei. Vem.

Esperei, ouvindo os braços e ombros de Lilly passando pela pedra. Fiquei encarando a escuridão da entrada estreita, esperando por ela, e também sem querer me virar para encarar o que estava atrás de mim.

Lilly apareceu. A luz branca caindo sobre seu rosto.

— Uau. — Ela apertou os olhos para enxergar por cima do meu ombro. — É ela, não é?

Já sabia o que era. Eu me virei com a mão levantada contra o brilho cegante. No centro da pequena câmara circular havia outro pedestal.

Em cima dele estava a caveira.

Ela brilhava em um branco cristalino puro, a luz parecia vir de dentro dela, do mesmo jeito que foi na visão. Fomos até ela. Consegui sentir o zumbido que emanava dela, ou de mim mesmo, era difícil dizer, mas para mim parecia que essa

era fonte da atração magnética, ou talvez nós dois fôssemos, e estivéssemos sendo atraídos um para o outro. Parei bem próximo, olhando para o cristal transparente, suas centelhas e fraturas refratando a própria luz, criando pequenos arcos-íris. Meus ossos e a pedra pareciam estar vibrando na mesma frequência.

E eu sabia o que fazer.

Pus minhas palmas no cristal liso. Era quente.

— Owen, você tá brilhando... — Lilly disse.

Mas sua voz já estava distante. Eu estava partindo. Para dentro da claridade.

—Olá.

Não existe tempo dentro da caveira. Há o antes, e vai haver o depois, mas dentro do objeto elétrico de cristal só há uma noção do agora e de que todas as coisas são, foram e serão.

Sabia que essa noção tinha um nome. Mas não sabia a palavra ainda. Era mais como se não me lembrasse dela ainda.

Acima, as nuvens são escuras. Eu me sentei em um chão de pedra, do lado de fora. Picos de pirâmides marrons e torres esculpidas da cidade de pedra são visíveis por cima de uma parede baixa. Claridade suave e brilhos de luz sem calor vindos de globos em cima de balcões de metal à nossa volta, em varandas próximas, e em recantos de janelas. O ar está salpicado com aquela neve cinzenta.

Olho para baixo e me vejo com camisa e calças de tecido branco. Meus pés estão descalços. Conforme os flocos da neve escura caem em minhas roupas eles vão deixando manchas suaves, e, apesar de os flocos serem frios, não são úmidos.

— São cinzas.

Do outro lado está o menino da visão, Lük. Entre nós, a caveira brilha suavemente no crepúsculo, iluminando nossos rostos.

— É meio-dia, na verdade — diz Lük, ouvindo meus pensamentos. — Nunca fica mais claro do que isso, não mais.

Ele tem um rosto parecido com o da sirena... *Primitivo*, mas não é isso. Primitivo implica menos inteligência, e consigo sentir a inteligência irradiando dele como calor de um fogo. Meu pai tinha fotos de pentavós de quando a fotografia ainda estava começando a surgir, e mesmo dando aqueles poucos passos de volta no tempo é possível ver como as coisas mudaram, como os formatos das cabeças, as curvas dos narizes, a inclinação dos ombros.

Para Lük, a palavra que estou procurando é *antigo*.

E ainda assim ele é tão familiar que a primeira coisa que pergunto é:

— Você sou... eu? Ou, eu sou...

— Não — Lük responde. — Você é você, e eu sou eu. Mas nós estamos

ligados.

— Como estamos conversando? Quer dizer, você... Você provavelmente não fala inglês.

— Estamos nos comunicando de uma forma além da língua, por meio da harmonia da Qi-An.

— Do quê?

— Já houve vários nomes para ela antes de nós, e não há dúvidas de que houve vários desde então, nomes que descrevem a energia que liga o cosmo... — Ele fechou os olhos e, no silêncio, senti uma presença estranha na cabeça, como dedos folheando páginas. — Um termo para ela em sua mente é yin-yang. Nós nos referimos a ela como Qi-An.

— Energia — repito. — Quer dizer tipo gravidade.

— A gravidade é uma das faces da Qi-An. Há muitas mais. A Qi-An deu à luz a presença vivente no cosmo. Ela é chamada, deixe-me ver... — e tenho aquela mesma sensação de novo, como uma brisa passando pelos meus pensamentos — o que você pode chamar de Gaia. Nós a chamávamos de Terra.

— E você está... morto.

Lük sorri. E olha por cima do ombro. Sigo seu olhar e vejo os três pedestais onde as caveiras estavam na visão.

— Sim. Mas não aqui.

Vasculho o lugar com o olhar.

— Onde é aqui? — Por um momento, penso em perguntar se este é o paraíso ou coisa assim.

— Haveria verdade nisso. Mas acho que, tecnicamente, em vez de entrar em assuntos relacionados à metafísica e transferência de energia harmônica, no momento, a forma mais fácil de colocarmos a situação é dizer que estamos dentro da caveira.

— Como isso é possível?

— Você ainda está parado no templo, obviamente, mas a caveira... — Lük estreita os olhos ao checar minha mente mais uma vez — se atualizou. A caveira fez um *upload* de sua consciência para dentro dela, onde está a minha.

— Então, você morreu, e eles puseram você aqui?

A testa de Lük se enrugou enquanto ele pensa.

— Quase isso.

Um floco de cinzas cai nos meus cílios. Olho em volta.

— E onde é este lugar?

Lük se levanta.

— Venha ver.

Nós dois ficamos de pé e ele me levou até a parede. Nós nos curvamos por

sobre a beirada. Ele é quase trinta centímetros mais baixo que eu.

A cidade preenche o centro do vale de uma montanha íngreme. Picos cobertos de neve dos dois lados. À nossa esquerda, as veias torcidas de estradas iluminadas que levam mais para cima na extremidade do vale, onde há uma geleira. À nossa direita, a cidade termina em uma parede massiva. Do outro lado há um mar agitado espumando. Ondas enormes rolam para dentro de um fiorde sinuoso e batem contra grandes deques de pedra em explosões de jatos brancos. Barcos estão amarrados ali, barcos enormes com velas gigantescas, os mastros e os detalhes brilham com revestimento e parafusos de cobre.

— Esta é nossa última cidade — explica Lük. — O restante está perdido, e logo esta estará também.

— Quem são... Quem *foram* vocês?

Lük se vira para mim.

— Temos sido chamados por muitos nomes: Viracocha na tradição Inca, Tartessianos no sul da Espanha, e, mais comumente, Atlantes. Da Atlântida dos seus mitos. Não que tenhamos nos intitulado assim. Por milhares de anos, navegamos o mundo, construindo nossas cidades, aprendendo com a terra, o oceano e as estrelas, criando uma grandiosa civilização global. Mas muito do que sabíamos já foi perdido. Estamos morrendo. Este é o fim.

Olho para a cidade brilhante. Eu me viro para Lük.

— Está falando sério?

Isso parece diverti-lo.

— Muito.

— E isso, *isso aqui* é Atlântida?

— Parte dela. Já houve muitas cidades ao redor do mundo.

Ao pararmos, ouvimos um estrondo sinistro. Observo os dedos de Lük se apertarem na grade, com medo. Faço o mesmo. Sinto como se conhecesse esse medo no fundo do meu coração, como se uma parte de mim se lembrasse desse passado, mas ainda preciso perguntar:

— O que foi isso?

— Isso é o que nós mesmos fizemos. Aprendemos o bastante sobre a Terra para pensar que podíamos mudá-la. Houve um tempo em que sentimos os ritmos da Qi-An, ouvimos o sussurrar da natureza e agimos unidos a ela, com ela. Mas, conforme avançamos tecnologicamente, perdemos nosso ouvido para essa música divina. Pensamos que poderíamos controlar a própria Terra. Pensamos que poderíamos moldar o mundo à nossa imagem.

Penso na Grande Ascensão e nas suas causas. Em como isso soa familiar.

— Sim — Lük concorda com meu pensamento. — Como resultado, pioramos as coisas. Terrivelmente. Aproveitamo-nos de um poder sobre o qual não

tínhamos direito de controlar. Agora, todo o mundo está caindo aos pedaços. Perdemos o sol, causamos um grande dilúvio. Acredito que você conheça esse dilúvio, dos seus mitos.

— Quer dizer, tipo, o dilúvio? Da Bíblia?

— Sim. Noé e sua arca, a história de Manu na tradição hindu, Deucalião dos mitos gregos, Utnapishtim no épico sumério Gilgamesh. Todos falam do mesmo evento. E é mais que apenas um dilúvio. Continentes inteiros estão se movendo, afundando, montanhas se levantando, tudo isso pelas nossas mãos.

Ele faz um gesto em direção à cidade.

— Devemos abandonar este lugar agora. Os céus se tornaram instáveis demais, então viajaremos apenas pelo mar. É a forma mais segura de se movimentar pelo dilúvio. Quando o cataclismo diminuir, vamos nos dispersar e recomeçar nossa existência nos cantos estáveis do mundo. Passaremos adiante o que acreditarmos ser seguro, deixaremos que mude, deixaremos que se adapte. Mas algumas coisas deixaremos para trás, para se perderem no tempo.

Observo as ruas e vielas da antiga cidade.

— E tudo isso está acontecendo, ou aconteceu, há quanto tempo?

— Há cerca de dez mil anos. Mais ou menos.

Lá embaixo, esses Atlantes se movimentam em filas lentas por entre os cais gigantes. Estou triste por eles, quase como se fossem família. Um nó surge dentro de mim.

— É porque eles são.

— O quê?

— Você, Owen, sua família. Você é um Atlante. Pelos milhares de anos entre mim e você, o humano... como vocês chamariam... — sinto seus dedos passando pela minha mente. — Sim, código genético humano... se dividiu e se desenvolveu, com certos traços sendo favorecidos para o detrimento de outros, formando variações vastas. Novas áreas do código humano têm sido favorecidas, trazidas à vida, enquanto outras adormeceram e foram perdidas. E dentre toda essa mudança, você contém a que é mais próxima da versão Atlante pura.

— Código, quer dizer, tipo DNA?

Lük peneira minha mente.

— Sim, mas é mais que a imagem que você faz do que seja o DNA. Não é apenas a cor de um olho e se você é alto ou baixo. É também percepção e memória. Você carrega em seus genes uma compreensão da consciência Atlante, uma conexão com a nossa existência. Nossa civilização perdida vive dentro de você.

— Certo. — Eu digo, pensando que tudo isso é maluco, inacreditável, e ainda assim sinto como se acreditasse absolutamente em tudo, como se eu sempre

tivesse sabido. — Então, você está dizendo que tenho, tipo, DNA Atlante dentro de mim, e ele foi, sei lá, despertado?

— Isso está mais correto do que você acredita ser.

— Mas despertado pelo quê?

— Pela proximidade com esta caveira. Ela está ligada às frequências da Qi-An dos seus genes Atlantes e foi criada para fazê-los funcionar mais uma vez.

— Então essa coisa, e esse despertar, é por isso que tenho isso aqui? — Aponto para as guelras, mas, ao mesmo tempo, olho para Lük e percebo que ele não tem as linhas no pescoço. — Espera, você...

— O processo de despertar envolve a ativação de partes do seu código que têm estado adormecidas por milhares de gerações — explica ele. — O processo de transformação dessas áreas está destinado a causar certa agitação no nível genético, um certo remanejamento. Quaisquer efeitos colaterais do despertar devem sumir de acordo com a progressão da organização.

— Ah. Então vocês não têm guelras.

Lük olha para mim e de repente ri. É um som estranho, curto e agudo, mostrando mais uma vez o enorme intervalo de tempo entre nós.

— Não. Apesar de as vezes nossos filhos nascerem com guelras, mas elas desaparecem. E temos lendas que falam de pessoas com guelras, no passado. Nós todos viemos do mar, afinal, se você voltar na evolução tempo o suficiente.

Agora é a minha vez de rir, apesar de com menos entusiasmo.

— Então isso tá, tipo, rodando meu relógio evolucionário, mais ou menos.

Ele assente.

— E os outros que ganharam guelras? Eles têm desse DNA Atlante dentro deles também?

— Sim, mas não são puros como você. Cada humano possui um pouco da ancestralidade, e essas outras pessoas das quais você fala provavelmente possuem mais que a maioria. A proximidade deles com essa caveira produzirá efeitos, mas só você é o verdadeiro Atlante. O único que ouviu o chamado da caveira.

Por *chamado* acredito que ele quer dizer a sirena.

— Mas Lilly, minha amiga que está lá fora, também ouviu.

— Vejo-a em sua mente. Bom, *esta* caveira é apenas para você. *Eu* sou apenas para você, mas ela pode muito bem ser uma dos três, e, no caso, há uma caveira para ela, em outro lugar.

— Uma dos três?

— Sim. Há três Atlantes. Foi assim que criamos as caveiras, para encontrar os três com a versão mais pura do código, dentro de parâmetros como idade. Apenas um cérebro jovem é elástico o suficiente para aguentar as transformações. E seu

corpo é jovem e forte, o que será necessário para o que está por vir. Além disso, as caveiras são ligadas a aptidões específicas. Então, você precisa não apenas ser puro o suficiente, mas também possuir as habilidades certas.

Acho que deveria sentir medo ou frustração ao ouvir aquilo, porque nada disso é minha escolha. Está completamente além do meu controle. Mas em vez disso, o que sinto é paz. Mais uma vez, é como se eu já soubesse de tudo isso, como se fosse uma parte de mim, um propósito, e estivesse acordando pela primeira vez na vida.

— Certo, e o que está por vir?

— Há uma lenda que diz: “Antes do início, houve um fim. Três escolhidos para morrer, para viver a serviço da Qi-An, o equilíbrio de todas as coisas. Três guardiões da memória das primeiras pessoas, pessoas que se julgaram mestres de toda a Terra, que foram longe demais e se perderam para a terra regurgitada. Para o dilúvio. Três que esperarão, até muito depois do desaparecimento da memória. E, caso a hora chegue mais uma vez, quando os mestres quiserem submeter a Terra à sua vontade, os três despertarão para salvar a todos nós”.

As palavras soam como verdade para mim, como uma coisa que eu já sabia todo o tempo.

— Agora que você foi despertado, é o seu destino voltar para casa. Você deve proteger o Coração da Terra. Ele está em perigo.

— Em perigo do quê?

— Da própria máquina que construímos. Alguém descobriu nosso pecado e busca usá-lo. Se fizerem isso, a humanidade se aproximará da extinção mais uma vez. E desta vez pode ser tarde demais.

— Quem descobriu esse... pecado do qual você tá falando?

— Não tenho noção dos eventos exatos que estão acontecendo lá fora, no mundo, sei apenas o que eles significam por você ter chegado aqui. Se você está aqui, falando comigo, então as Sentinelas foram ativadas. Como descrever isso...

— Ele checa minha mente. — Certo. Pense nas Sentinelas como sensores que estavam desligados. Os sensores ativam as caveiras, e as caveiras encontram e ativam os Atlantes. Os Atlantes retornam ao Coração da Terra para protegê-lo. Como tudo isso acontece, eu posso e vou explicar a você, mas não agora. Precisamos ir devagar. Nem mesmo o seu cérebro jovem é tão elástico assim.

— Certo, claro, mas... — Já me sinto exausto. Ele tem razão: é mais do que o suficiente saber que sou um Atlante, descendente de uma cultura antiga. — Para onde devo ir? Tipo, onde fica essa Terra? Espera, você vai me dizer que ela tá dentro de todos nós ou algo do tipo?

— Não, ela é bem real e possui uma localização. Mas encontrá-la é trabalho do Marinheiro.

— De quem?

— Cada Atlante tem um propósito: tem o Marinheiro, que pode localizar o Coração da Terra; o Médiun, que pode falar com ele; e o Aeronauta, que pode levar todos até lá.

— Qual deles eu sou?

Lük me olha por um momento, e então levanta o olhar.

Sigo seu foco.

— Que foi? — Tudo o que vejo são as nuvens pesadas, escuras, chovendo cinzas.

Então há uma luz. Uma embarcação desce, vinda de dentro da escuridão, arqueando no vento. É grande, triangular, com velas ondulando o mastro central. Ela me lembra uma versão maior que está do lado de fora da sala da caveira. Uma luz azul brilha no centro, como uma fonte de energia.

— Espera, vocês podiam voar?

— Não se mapeia a terra e se constrói uma cultura mundial a barco — comenta Lük. — Levaria anos. Agora, olhe para o navio e me diga: Por que ele está se inclinando desse jeito?

— Ele provavelmente está lutando contra um vento lateral sudeste de trinta nós — respondo imediatamente. Então, percebo que eu sabia disso, do mesmo jeito que vinha sentindo os ventos nos últimos dias.

Lük está sorrindo.

— Sou o Aeronauta — eu digo.

— Há uma embarcação neste templo — Lük diz.

— Espera, você tá me dizendo que vou *voar* naquela coisa?

— Sim, mas vou ajudá-lo. É por isso que estou aqui. Treinei para ser um Aeronauta. E esse aprendizado despertará dentro de você. Agora que você se conectou à caveira, poderei me juntar à sua mente.

— Você vai, tipo, baixar em mim?

— É mais como se eu sempre tivesse estado aí, na forma de memórias que você não sabia que possuía. Outras coisas vão acontecer também. Mais efeitos do seu despertar.

— Ah, mais *disso*.

— Sim, mas o importante é que poderemos treiná-lo sem a presença da caveira.

— É, sobre voar... Sei que você pode ler os meus pensamentos, então você pode querer ver o que estou pensando agora.

Lük fecha os olhos, e franze o cenho.

— Isso parece com algum tipo de estrutura de uma cúpula gigantesca.

— É. Vai ser meio que um problema.

— Temo que não serei de grande aju... co...

A boca de Lük ainda se move, porém sua voz está falhando.

O mundo à nossa volta oscila da escuridão para a claridade.

— Ei!

— V... — A boca se move. — Para fazer o...

O mundo à minha volta se ilumina. Eu me ilumino. A visão está desaparecendo.

Estou deixando a caveira.

Tudo volta à claridade, mas, de repente, escurece.

Estou voltando, e tempo e espaço começam a solidificar.

A dor também.

Voltei ao meu corpo, preenchendo cada espaço vazio, sentindo meu coração batendo, meus pés no chão, minhas mãos queimando e a minha respiração...

Parada. Dor no meu pescoço. Tensão. Tudo apertado.

Meus olhos se abriram e a sala estava escura, a não ser por facho de luz. Lanternas. Foi assim que avistei Lilly, segura por um cotovelo em volta do pescoço por um dos dois guardas da Equipe de Segurança que vimos mais cedo.

Havia um braço no meu pescoço também.

As luzes foram parar na caveira, mas seu brilho interior havia se apagado.

— Isso é fascinante. — Cartier apareceu. Ele foi até a caveira e a pegou, segurando-a em suas duas mãos enluvadas, jogando-a de leve para cima, como se estivesse testando o peso. — O Sr. Jacobsen vai ficar muito feliz em saber sobre isso. — Ele olhou para os oficiais. — As ordens são para levar os dois e a caveira para o laboratório dele. Vamos.

Olhei para a Lilly. O rosto dela estava vermelho. Não íamos conseguir nos soltar de jeito nenhum. Tentei dizer a ela, com o olhar, que tudo ia ficar bem ou algo assim, apesar de não ter certeza.

No entanto, mesmo tendo sido pego, me senti confuso, conectado apenas levemente ao mundo exterior depois do tempo dentro da caveira. Mal sentia meus membros para andar, não conseguia focar a atenção direito. Apesar do perigo, parecia que o meu cérebro estava ocupado com outras coisas.

Reunião, pessoal, um operário estava chamando, balançando o braço. As roupas amarelas se agrupando em torno de uma fileira de consoles, olhando para telas cheias de medidores. *Sabe aquela falta de dados sobre a qual sempre nos perguntamos?* Houve um murmúrio entre os outros. *Bom, eles estão voltando.*

Balancei a cabeça, tentando me concentrar. Em meio à confusão cerebral, pelo menos duas coisas, de tudo o que havia acontecido, estavam claras.

Os Nômades estavam atrás da caveira e de mim. Será que isso significava que eles sabiam que eu era um Atlante? E eles queriam me tirar do Projeto Campos Elísios. Então era disso que Lük estava falando? O Projeto Campos Elísios era a coisa que ia destruir o Coração da Terra se nós não o protegêssemos?

Meu captor diminuiu a pressão e me empurrou pela passagem estreita. Saímos

na passarela em cima da pequena aeronave. Ele me pegou pelo braço, me levando para frente.

Eles nos fizeram marchar degraus acima, de volta para a sala dos mapas. Lá, Cartier tirou a jaqueta da Nômade morta. Quando ele a soltou, os braços dela desabaram. A cabeça bateu com um som surdo no chão de mármore. Ele pegou a jaqueta e enrolou a caveira nela.

Pegamos a escada de volta para os túneis, subindo e subindo até chegarmos ao corredor comprido com chão de concreto.

Mais à frente, avistei o túnel lateral pelo qual Lilly e eu tínhamos entrado. Para além dele estava a escada seguinte, a que provavelmente nos levaria para a Aquinara, e direto para Paul. Quando passei pelo túnel, meio que pensei em escapar e entrar por ali, mas mal podia processar a ideia de como fazer isso. Eu estava muito cansado, a exaustão de toda a semana pesando, e, para completar, havia esse jeito nebuloso que minha mente parecia ter encontrado para ficar tão distraída.

Lilly, porém, tinha energia de sobra, e ela tinha uma coisa que eu não tinha.

O captor dela gritou de dor de repente.

O meu guarda já estava se virando comigo, e lá estava Lilly, segurando a faca da Nômade, a ponta brilhando de sangue. O braço dela estava estendido na direção do guarda seguinte, mas também parecia que estava tentando deixar a faca o mais longe possível do próprio corpo. Os olhos dela estavam selvagens, tão assustado quanto ameaçadores pelo que tinha acabado de acontecer.

Eu precisava me mexer. Bati as mãos nas costas do meu guarda, duvidando que isso adiantaria de alguma coisa, mas ele foi parar de cara na parede mais próxima.

— Gah! — ele gritou, caindo de joelhos e cobrindo o nariz quando o sangue começou a cair.

Meus olhos encontraram os da Lilly, nos viramos e partimos para dentro do túnel. Com o canto do olho, vi Cartier correndo atrás de nós, mas seu cuidado com a caveira o atrasou, e então já estávamos voando pela passagem escura.

— Precisamos chegar na água! — Lilly gritou, sua voz num tom mais alto do que eu já tinha ouvido.

Gritos e passos atrás de nós. Lilly estava bastante adiantada. Eu disse para minhas pernas irem mais rápido, porém elas não pareciam ter entendido a mensagem. Mais uma vez, era como se todos os meus circuitos estivessem ocupados.

Lilly se virou para trás.

— Vem!

Ela me pegou pelo pulso e me puxou, e eu mal consegui manter meus pés

abaixo de mim. Corredor abaixo, circundando a parede e para dentro da câmara. Era quase impossível enxergar na escuridão; eu precisava da sirena, mas a memória da Lilly era boa. Ela continuou me puxando e correndo e então nossos pés atingiram a água congelante e mergulhamos. Ar para fora. Água para dentro. Minha pele pareceu gritar de frio, e aquilo me trouxe de volta à realidade. Bater os pés. Pegar impulso. Disparamos pelo túnel, dois peixes finalmente jogados de volta para o mar.

Nós nos acotovelamos pelas infinitas carpas, chegamos à abertura e estávamos de volta ao verde do lago. Pegamos o impulso da corrente do escoamento. Nadando, dominando a água, e eu achava incrível ainda ser dia. Quanto tempo ficamos lá? Pareceram dias, anos até. Eu havia entrado procurando por respostas, tentando entender o que eu era. Agora eu me sentia como se soubesse mais do que poderia digerir.

“Owen!”, Lilly me chamou, esperando que eu a alcançasse.

“Tô tentando”, respondi, batendo os pés com mais força. Porque por mais que estivéssemos de volta em nosso meio, tudo ainda parecia estar desligado, devagar, como se meu corpo estivesse tentando fazer duas coisas ao mesmo tempo.

“Onde estamos indo?”, perguntei à Lilly.

“Ainda não sei.” Ela estava batendo os pés furiosamente.

Percebi que ela ainda estava com a faca na mão. A água havia limpado o sangue, e agora a lâmina capturava e refletia pequenos fragmentos de luz do sol a cada movimento que Lilly fazia.

Cruzamos o lago pelo fundo. E ouvimos um barulho diferente. Olhamos para cima e vimos cascos de lanchas deslizando pela superfície, duas ao mesmo tempo.

“Estão nos procurando”, disse Lilly.

“Precisamos ir mais pro fundo”, alertei, começando a descer para a camada mais escura.

“Isso não é bom”, comentou Lilly. Lá em cima, as lanchas faziam círculos. Ela me passou. “Vai mais rápido, Owen.”

“Tô indo.” Mas alguma coisa estava errada. Eu estava tentando nadar, com mais força e rapidez do que nunca, e ainda assim estava ficando para trás de novo.

Uau, vejam só isso..., disse um dos operários, como se um equipamento novo em folha houvesse chegado.

Ora, isso foi inesperado, disse outro. Todo o grupo estava ignorando seus postos regulares.

E, enquanto isso, eu estava perdendo velocidade. Tudo parecia fraco. Meus

braços estavam quase parando, minhas pernas estavam soltas, e meus pulmões estavam começando a se contorcer...

Espera. O movimento no meu pescoço... Tudo estava parado onde devia estar se movendo. Tentei engolir água, mas o fluxo havia parado.

“Ei!”, Lilly olhou para mim das sombras profundas.

Minhas guelras não estavam funcionando, e eu estava parado no espaço aquático, nada acontecendo... a não ser por uma cócega na garganta, depois uma sensação de vômito, alguma coisa estava subindo, saindo. Ah, não...

Cuspi aquela pequena bolha de ar dos meus pulmões. De repente, eles haviam despertado, e queriam respirar, dominar a situação. O que havia acontecido com as guelras?

Levei as mãos ao pescoço, apertando as dobras, causando pontadas de dor, mas, ainda assim, nada aconteceu, a pele estava morta. E eu estava me afogando de novo. Me debatendo e tentando me mover, descontroladamente, e não conseguia entender o que tinha acontecido ou por que naquele momento, depois de tudo pelo que eu havia passado, tudo o que eu havia aprendido. Agora eu só precisava de ar, ar... *ar!*

Lilly estava vindo em minha direção, porém era tarde demais. Minha boca se abriu. Eu estava engolindo água e lá estava aquele frio de novo, a dor congelante vindo de dentro. Aquele sentimento de segurança, aquele conforto da pressão da água, como se esse fosse o meu mundo... tudo isso já era. O líquido gelado desceu garganta abaixo, para a traqueia, e a dor e o frio e a morte aconteceram de novo.

Tentei me mexer. Não consegui. Tentei gritar ou fechar a garganta, mas nada funcionava, nada, todos os sistemas estavam desligados, afundando. Lilly estava desaparecendo em um borrão de verde, e todo o restante estava ficando preto, e, mesmo me agarrando com fraqueza ao líquido — movimentos finais de desespero — os operários ainda estava amontoados em volta de alguma coisa nova, cochichando com fascinação, como se não estivessem nem percebendo o que estava acontecendo comigo, como se nem ligassem direito.

PARTE III

*E, caso a hora chegue mais uma vez,
Quando os mestres quiserem submeter a Terra à sua vontade
Os três despertarão para salvar a todos nós.*

Primero você os ouvia. Vibrações nas paredes, fazendo as canecas de café dançarem em seus poleiros sobre o fogão.

Minha mãe contava os segundos; quanto mais próximos estavam os estrondos, mais fortes eram as tempestades. E quanto maiores, mais animada ela parecia ficar. Eles geralmente vinham à noite, quando eu estava deitado na cama, e a única lâmpada no quarto que dividíamos zumbia baixinho por causa do racionamento de energia. Gostava de dormir de costas para a parede e, quando as paredes retumbavam, eu sentia na coluna.

— Um... dois... três... quatro...

Mais um estrondo. Minha mãe olhou para mim, e talvez meus olhos de criança de seis anos tenham parecido assustados, porque ela sorriu e disse:

— Aí vem o gigante. — Ela se levantou, abaixando o tablet de leitura, cuja bateria havia sido quase toda usada para que ela pudesse ler para mim. Ela tirou o xale de lã e andou a passos largos pelo quarto. — Bum, bum, bum.

Uma mensagem piscou no monitor de mesa. Minha mãe parou e colocou os óculos para poder ler.

— Ah. — Sua voz era suave. — Owen, eles chegaram. Quer ver?

Não, pensei. Não queria mesmo ir ver. Queria ficar na cama.

— Pensei que devíamos ficar aqui dentro porque eles são perigosos.

Minha mãe sorriu para mim de um jeito que talvez tivesse a intenção de me fazer pensar que estava sendo bobo, só que também fazia eu me sentir como se ela estivesse desapontada comigo, com a minha cautela, meu medo. Meu pai também não teria querido sair, mas ele estava no trabalho. Ele trabalhava várias noites, gerenciando o armazenamento da bateria da carga de energia geotermal. As baterias estavam sempre dando problema.

— Que nada — minha mãe disse, ainda sorrindo. — Vamos ficar bem. — Ela desviou o olhar quando disse isso. Eu a tinha visto fazer isso quando estava falando com o meu pai, como se ter de lidar com alguém tão medroso como eu fosse difícil para ela. Tinha a sensação de que, se eu resistisse mais, ela começaria a ficar frustrada. E com a minha mãe sempre parecia que se você a deixasse brava demais ou a desapontasse muito, ela ia acabar te ignorando. Esses

momentos me assustavam, como se mesmo com aquela idade eu pudesse sentir que eles eram pequenos testes para quando ela nos deixasse de verdade.

— Tá bom — cedi, e escorreguei para fora da cama.

Ela me entregou a jaqueta. Eu a coloquei por cima do pijama e me perguntei se ela perceberia e me mandaria colocar roupas, mas estava ocupada demais procurando a câmera e colocando um cachecol e um chapéu de caubói, como se ela estivesse se preparando para uma noite na cidade. Minha mãe sempre fazia isso, como se cada lugar ao qual ela ia fosse um palco.

Sáimos do apartamento e subimos pela estrada da caverna principal, passando pela nossa vizinhança. O estrondo soou de novo. A terra caía solta das paredes da caverna com cada pancada. Levantei a mão para a minha mãe segurar, contudo, naquele momento, ela estava ocupada acenando para uns vizinhos.

Uma multidão pequena havia se formado na rua, seguindo a mesma direção que nós. De certa forma, todo mundo esteve esperando por aquele momento por quase um ano, mesmo enquanto esperávamos evitá-lo. Havia outras crianças andando com os pais. Algumas delas carregavam lanternas e cobertores para se sentar. Então, minha mãe não era a única que sentia esse impulso do qual eu não compartilhava. Aquilo só fazia com que eu me sentisse mais inadequado.

Os elevadores que subiam para o pátio estavam fechados por causa do racionamento de energia, então fomos obrigados a usar as escadas. Os lances estreitos de metal subiam e desciam pela parede de pedra. Eles tremeram e gemeram com a multidão em cima deles.

Saimos em um penhasco plano de pedra, no círculo interno da caldeira de Yellowstone, com a visão de uma extensa planície. Estava escuro, sem estrelas. As principais nuvens da tempestade já estavam sobre nós. Mais trovões. O vento quente chicoteou nossos cabelos e nossas roupas, e fez seu caminho pelo frio seco do fim de tarde. Os moinhos delgados sobre as montanhas estavam rodando furiosamente, produzindo um zumbido monótono.

— Ali — avisou minha mãe. Ela e os outros estavam apontando para o oeste, onde um brilho laranja-escuro iluminou a parte de baixo das nuvens. Uma lança de relâmpago fez um zigue-zague para baixo, criando um estouro brilhante sobre pinheiros distantes. A luz laranja iluminou vãos nas colunas de nuvens, desfiladeiros altos no céu. Elas eram chamadas de nuvens pirocúmulos. Tempestades secas onde, apesar de ter chuva caindo em algum lugar a milhares de metros acima, a pequena quantidade de água evapora enquanto ainda está no céu. As tempestades foram apelidadas de chuvas de relâmpagos porque relâmpagos eram a única coisa que chegava ao chão.

Mas essa era diferente, maior, alimentada pela fumaça do Incêndio Trienal, que havia finalmente nos encontrado.

Eu não gostava de estar lá fora. Na verdade, essa pode ter sido a vez em que fiquei mais assustado na vida. Tudo o que eu queria era voltar para dentro, e, ainda assim, lá estava minha mãe, Nina, rosto voltado para o vento escaldante, segurando o chapéu, observando as montanhas com a mesma ansiedade que eu sentia observando um jogo de futebol.

O laranja cresceu, e as chamas apareceram, o brilho refletindo as pás brancas dos moinhos na paisagem.

O incêndio estava se movendo pelo Oeste americano há dois anos. Pelo primeiro ano e meio contamos sua idade em meses como se ele fosse um bebê, mas ele ficou velho demais para isso. Não havia recursos ou pessoas para enfrentá-lo, então ele apenas queimou e queimou. Ninguém sabia quanto tempo duraria. Era uma questão de combustível. Quantos anos ele levaria para queimar cada árvore restante no Oeste americano? A resposta acabou sendo três anos e um mês e meio.

Além de quando quase aconteceu no sexto mês, aquela era a primeira vez em que ele havia chegado até nós. Talvez, de certa forma, tivéssemos nos sentido ignorados.

Ele se movia como um predador selvagem e primitivo, um enxame de formigas, um rebanho de velociraptores pulando sobre a borda da caldeira e devorando os pinheiros em explosões brilhantes de faíscas. As chamas tinham uma aparência fluida, correndo vertente abaixo, e logo inundariam o vale todo. Quando o vi na manhã seguinte, todo o verde e amarelo haviam sumido, a terra estava pintada de cinza, as árvores tinham galhos pretos e quebradiços, o rio estava afogado em cinzas.

Tudo isso pelas nossas mãos, alguém diria, ou disse, há muito tempo.

Conforme o fogo corria e flocos cinza nevavam sobre nossos cabelos e cílios, minha mãe descansou a mão no meu ombro.

— Não é incrível? — Sabia que ela não queria dizer incrível como estritamente bom, mas a voz dela estava baixa de admiração, se não de animação. Outros à nossa volta pareciam estar tocados também, talvez porque havíamos ouvido falar tanto sobre essa coisa horrível e agora lá estava ela, seu olhar demoníaco e saqueador finalmente caindo sobre nós.

Eu não sabia se achava aquilo incrível ou se estava apenas aterrorizado, mas olhei para cima e vi a expressão da minha mãe, e era uma de que eu me lembrei várias vezes depois de ela ter ido embora, nem um ano mais tarde: os olhos vidrados e arregalados de maravilha, a boca levemente aberta, como se ver isso, estar perto disso, fosse espiritual para ela. Não me lembro de vê-la olhando para mim ou para o meu pai daquele jeito.

As árvores começaram a estourar. Estalos grandes e horríveis com troncos

explodindo, galhos caindo para dentro das chamas.

Comecei a chorar.

Minha mãe olhou para mim e tentei esconder o choro. Não queria estragar o momento dela.

— Owen, está tudo bem. Você tá bem...

— Owen, você tá bem.

Abri os olhos e vi Lilly ajoelhada ao meu lado. A mão dela estava sobre o meu ombro. O calor do incêndio de Yellowstone era o Sol-seguro no meu rosto. Olhei em volta e vi que estávamos na pequena clareira da Ilha Tigrinha.

Levei um segundo para processar essa informação de tempo e espaço. Realmente tive a sensação de que estava de volta em Yellowstone, com minha mãe, aos seis anos de novo. Era como se tudo estivesse desmoronando. Aquela noite, quando as chamas vieram, foi aterrorizante, mas havia sido um alívio estar de volta lá, como se nada do que veio depois tivesse acontecido, como se nunca fosse acontecer... só que aconteceu. Nunca mais teria seis anos de novo, e minha vida desde então até aquele momento nunca seria desfeita, ou refeita. Ela simplesmente era o que era.

Meu cérebro se bagunçou mais uma vez, como se não pudesse encontrar o presente. Vi o mundo dentro da caveira, a cidade de Lük debaixo de céus cheios de cinzas, aquela noite em Yellowstone. Era isso o que ligava as duas memórias: aquela sensação estranha de presenciar o fim, e a aceitação real de que o mundo que você conhecia não era permanente, que ele era frágil e temporário e poderia ser destruído a qualquer momento. Meus genes já haviam visto aquilo antes, e de novo.

— Tenta respirar — sugeri Lilly.

Olhei para ela, o passado recente finalmente se ajustando. Escapamos do templo correndo, nadando para longe, mas eu parei, as coisas haviam parado. Não consegui respirar.

Tentei de novo. Funcionou, mas doeu. Senti o gosto de metal do lago. Eu me lembrei da água entrando dentro de mim.

— Tá legal — resmunguei. — Essa é a última vez que vou fazer isso.

Ouvi a risada baixa da Lilly. Senti seus dedos passarem pelo meu pescoço.

— São suas guelras.

— O que tem elas? — Levantei a mão e as toquei, só para descobrir que praticamente não estavam lá. As fendas, que haviam sido profundas, que haviam conectado minha garganta à água, agora pareciam reentrâncias rasas. — Elas desapareceram...

— Fui obrigada a arrastar você de lá. Apertar seu peito tudo de novo. E você

tremeu que nem louco a noite toda, suando também, mas enrolei nós dois no cobertor e segurei você, e quando amanheceu você estava aquecido de novo.

Ouvi aquilo. Olhei para a Lilly sentada ali com sua blusa de moletom larga e short. Eu havia passado a noite abraçado com o corpo da Lilly... e não me lembrava disso.

— Obrigado — consegui dizer. — De novo.

Ela deu de ombros.

— Sabe como eu sou, a salvadora profissional de Owen. — Ela sorriu, mas só por um segundo. — Quando estava puxando você, vi que suas guelras estavam se movendo menos. Acho que deram a você só o oxigênio suficiente pra te manter vivo até a gente chegar aqui, mas... por que elas sumiram? — Ela tocou as dela.

— O Lük disse que elas eram um efeito colateral da ativação — pensei em voz alta —, de tudo se reorganizando...

— Acho que não entendi.

— Ah, tá. — Lutei para me sentar, então contei para ela sobre o tempo dentro da caveira: Lük, os Atlantes, a Qi-An e Terra.

— Bom — Lilly soou um pouco chocada com tudo —, acho que não era o refresco. Marco vai ficar desapontado.

— É. E acho que as guelras desaparecerem talvez seja só parte da mudança.

— O Sanguessuga devia ter chamado você de Menino-sapo em vez de Tartaruga.

— O que isso quer dizer?

— Desculpa... — Lilly apontou os dedões para si mesma. — uma das coisas que tenho que fazer como CET é guiar caminhadas naturais. Quando os sapos mudam de girinos para adultos, eles perdem as guelras e as caudas e ficam com bocas gigantes em, tipo, uma só noite. Você não vai ficar com uma boca gigante, vai?

Sorri, mas também passei a mão pelo meu rosto.

— Acho que não.

— Então você é um dos três Atlantes. O Aeronauta.

— É, pelo menos acho que vou ser. — Vi que ela estava fechando a cara, desviando o olhar. — Você é um deles também — completei. — Você é a Navegadora ou a Médium. A gente vai saber quando você encontrar sua caveira.

Os lábios de Lilly estavam franzidos.

— Claro.

— Que foi? Você não acredita em mim?

— Não, eu acredito. — Ela se virou e fuçou na bolsa vermelha. — Pega. — Ela me deu a metade de uma barra de chocolate.

— Obrigado. — Minha garganta doeu com cada engolida, porém o chocolate

lembrou meu corpo de que comida existia.

— Só tem isso — ela disse.

— Tá bom.

— Quer dizer, eu sei que sou a que ficou toda “A gente tem que sair daqui e descobrir o que tá rolando”, mas — Lilly falava devagar —, eu esfaqueei uma pessoa. Eu podia ter matado ele. Tirado uma vida. — Ela encarou o chão ao meu lado. — Fico ouvindo o som que a faca fez quando rasgou a roupa e a pele. Continuo sentindo como ela pegou nas costelas quando eu puxei para fora...

Estendi a mão e esfreguei o joelho dela.

— Você foi corajosa. Você tirou a gente de lá.

Ela deu de ombros.

— Talvez.

Balancei a cabeça.

— Tudo isso é complicado. Quer dizer, essas mudanças estão acontecendo comigo, e não posso controlar nada. É como se eu não tivesse o controle sobre mim mesmo.

— Como se a puberdade já não fosse difícil o suficiente. — Lilly conseguiu sorrir. — Mas você fez uma escolha, sim, Owen. Quando você correu, lá na Reserva. Você fez a escolha de encontrar aquela caveira, de saber por que isso tá acontecendo, de assumir o controle. O que a gente pode fazer agora é tentar encontrar o que está por trás disso tudo.

— Acho que sim. — Isso fazia as coisas soarem um pouco melhor. — Então, e agora?

— Não podemos voltar. — Ela olhou o horizonte na direção ao acampamento. — Os barcos ficaram procurando pela gente a noite toda. E vi lanternas na mata. Mas mesmo se eles não estivessem procurando a gente, quer dizer, o que a gente viu aqui embaixo... — Lilly focou o telhado do domo. — Este lugar inteiro foi construído em cima de uma mentira... A história dele, o propósito, até a localização.

— Sim. Paul provavelmente já pegou a caveira a essa altura. Foi pra onde o Cartier disse que ia levá-la.

— Mas você é o único que pode usar, não é?

— Isso.

— Então, quando o Paul descobrir isso, encontrar você vai ser a prioridade número um dele.

— Prioridade número um do Projeto Campos Elísios. Eu quero saber o que é isso.

— É. Além disso, nadei de volta pouco antes do amanhecer pra procurar o Marco e a Aliah, ou até o Evan. Pensei que, depois de a gente não ter aparecido

nos penhascos, eles podiam estar na balsa, mas não estavam lá. Preciso me certificar de que eles estão bem. Paul já deve saber que eles estão mentindo. E eu acho que qualquer um com isso — ela apontou para as guelras — está em perigo.

— Então, o que a gente faz? — Eu estava tentando pensar em algo, mas meu cérebro ainda estava embaçado, lento, como se meu corpo ainda estivesse distraído. Ele havia se livrado das guelras. Com o que estava ocupado agora?

— Os penhascos. Marco e Aliah devem ter deixado algum recado pra gente lá em cima, sobre o que estava acontecendo no acampamento ou onde se encontrar a seguir.

— Se eles sequer foram para lá.

— É, bom — de repente, Lilly estava quase me dando uma resposta atravessada —, não dá pra gente ficar sentado aqui até que as equipes de segurança nos encontrem. De pé.

Obedeci e ela pegou o cobertor e o enfiou dentro da bolsa à prova d'água. Tirou a blusa de moletom e enfiou lá dentro também. Depois, fechou-a bem e começou a enrolar a parte de cima para prender as fivelas grandes de metal.

Enquanto isso, eu me peguei encarando a grama longa que estava emaranhada em um retângulo amassado no lugar onde o cobertor e os nossos corpos haviam estado. Tentei nos imaginar deitados ali, juntos, enroladinhos, mas minha mente estava mais preocupada com outra coisa. Outra coisa que eu podia fazer...

Peguei uma das folhas compridas de grama. Ela se soltou. Segurei no meio e fiz uma volta. Passei o a ponta de baixo por baixo e fui de novo para cima passando pelo meio da volta, daí em volta da parte de trás da metade de cima. De volta para baixo pelo buraco... Puxei a grama para baixo, fazendo força. Observei meu trabalho.

Lilly fechou as fivelas, se ajoelhou na mochila e apertou as tiras. Ela levantou a cabeça.

— O que é isso?

— Um nó.

O nome é lais de guia. A voz na minha cabeça era familiar. Era Lük, parte da minha mente, agora que havíamos nos conectado dentro da caveira. E, sim, um lais de guia, é isso o que o nó era. Eu sabia mais também.

— Você pode usar ele pra prender velas.

— Isso é mais do Owen Atlante? — perguntou Lilly, quase desconfiada.

Olhei para o nó. Estava um pouco orgulhoso dele.

— É, acho que sim. — Senti um impulso estranho e estendi o nó na direção dela. — Pega.

Os olhos de Lilly se estreitaram para o montinho de grama.

— Quê?

— Pra você.

Lilly pegou o nó entre dois dedos.

— E o que é pra fazer com isso?

— Não sei. É só um presente.

Um sorriso leve surgiu no rosto dela.

— Você me fez um nó de grama. — Ela não soava convencida, mas pôs o nó na trança. — Obrigada. — Então, a Lilly prática voltou. Ela ficou de pé, levantando a mochila por sobre o ombro. — Pronto?

— Ah, claro. — Fiquei um pouco surpreso pelo momento ter acabado tão rápido. — Você vai levar a mochila?

— Vou, isso é tudo o que importa pra mim. E não acho que vamos passar mais noites por aqui. Ainda tenho isso também. — Ela indicou a faca na cintura.

Sáímos da clareira. As únicas evidências do tempo da Lilly por lá eram as pocinhas de cera seca na pedra, artefatos antigos para que gerações futuras tentassem decifrar.

Passamos por entre os galhos das bétulas, para o canal d'água na parte de trás da ilha. Não era distante da praia, mas hesitei como não fazia há dias. Se minhas guelras tivessem mesmo desaparecido, eu era uma criatura da terra e a água era minha inimiga de novo.

— Você consegue — incentivou Lilly. Ela mergulhou até a altura dos quadris.

Fui atrás dela, sentindo falta do jeito que o frio nas minhas pernas costumava trazer minhas guelras à vida. Havia um formigamento leve, como o fantasma de uma coisa que costumava ficar ali, mas nada além. Meus pés estavam inseguros sobre as pedras. Eu estava todo tenso e podia quase sentir minha cãibra começando a apertar.

Cheguei no nível do peito e dei um impulso, nadando devagar, mantendo minha cabeça para fora. Lilly mergulhou, a bolsa se arrastando pela superfície atrás dela. Segui desejando poder acompanhá-la, mas sentindo a fraqueza do meu tronco, o protesto dos músculos mantendo minha cabeça para fora d'água, me mantendo ligado à superfície. Olhei para dentro do verde e senti falta daquele mundo.

Quando atingi a praia, a Lilly já havia aberto a bolsa de novo. As guelras se fechando. Ela me olhou.

— Bom trabalho. — E senti como se ela fosse a Lilly CET de novo e eu só fosse o jovem estudante, como se nosso tempo juntos estivesse se desfazendo.

Saí da água passando por uma pequena floresta de grama aquática. No processo, alguma coisa veio zumbindo e pousou no meu antebraço. Olhei para baixo e vi uma coisa parecida com uma borboleta, com um corpo longo e brilhante e quatro asas planas e iridescentes. Levantei a outra mão, pensando que,

se isto fosse um robô como as borboletas, não podíamos ser focalizados...

— Não! — Lilly advertiu. — É uma libélula.

A cauda longa se contorceu.

— É falsa?

Lilly revirou os olhos.

— Não. Libélulas não são frágeis como borboletas. Elas estão por aí desde, sei lá, os dinossauros.

Aproximei meus braços dos olhos e observei a criatura antiga, pensando que talvez Lük tivesse visto uma delas no mundo dele também.

— Você meio que se parece com uma libélula. Mais do que com Menino-sapo, na verdade.

— Hã?

— Libélulas começam a vida na água como bichinhos que nadam, daí elas saem e se transformam nessas coisas voadoras. Sabe, metamorfose, tipo você. E elas são um dos animais voadores mais rápidos.

— Ah, legal. — Comecei a subir pelo barranco, e a pequena criatura foi embora.

— É claro que, uma vez no ar, elas só vivem alguns dias. Só tempo o suficiente para se acasalarem, daí morrem.

— Obrigado, Conselheira Lilly. — Sorri, mas ela não estava olhando, estava enfiada na bolsa em vez disso. Tive a impressão de que se fosse o dia anterior, quando nós dois tínhamos guelras, teríamos rido juntos disso.

Ela pegou alguma coisa e enfiou nas minhas mãos. Um amontoado de tecido azul-celeste. Desdobrei e descobri que era uma camiseta, um pouco maior do que a que eu costumava usar.

— É do Evan — Lilly ainda fuçava suas coisas —, mas deve servir em você.

— Claro. — Mais feitiços se quebrando. Por que ela tinha uma camisa do Evan na bolsa dela? Será que ele havia deixado lá em alguma vez depois de terem ficado juntos? Será que um Evan sem camisa havia se deitado no mesmo cobertor no qual Lilly havia me apresentado à chuva, me mantido aquecido? Eu odiava aquilo.

Ela se levantou, segurando uma braçada de roupas.

— Agora fica de costas, e sem espiar.

Senti um toque de animação que quase mandou embora o meu ciúme dela com o Evan. Eu me virei de costas e joguei a camiseta por cima do meu corpo ainda molhado. Apesar dos meus músculos recentes, ela ficou enorme em mim, do tamanho do Evan.

— Pronto — disse Lilly.

Eu me virei de novo. Ela havia se trocado e vestia short jeans e regata. E

estava despejando na palma da mão um pouco do conteúdo de um frasco de Radiação-zero que segurava. Ela levantou o braço e começou a passar nos ombros.

— Você...? — comecei, mas parei.

— O quê?

— Hum, você quer que eu faça isso pra você?

— Nem, pode deixar. — Ela me jogou o frasco. — É bom você passar um pouco também. Lá nos penhascos vamos vai ficar expostos.

— Certo. — Tentei não soar desapontado, entretanto parecia que tudo estava fora de lugar, estranho. Havia uma distância entre a gente. Será que era só porque ela estava preocupada com os CETs? Ou era mesmo porque eu não tinha mais guelras? Mas nós dois ainda éramos Atlantes, então, qual era o problema? Eu não sabia dizer.

— A trilha é por aqui. — Lilly já estava rumando para a nossa esquerda.

Terminei de passar o Radiação-zero e a alcancei.

— Agora isso. — Lilly trocou o Radiação-zero por um pacotinho. Uma barrinha energética. — Tem gosto de lençol, mas não acho que a gente vai jantar com o restante do acampamento hoje.

— Certo. Obrigado. — Abri o pacote. Devorei a barra farinhenta e cor de canela, mal percebendo o gosto.

Subimos pelos pinheiros, virando em direção ao acampamento. Logo chegamos a uma estrada de terra que se elevava de repente. Nós a seguimos, alternando lados, subindo regularmente.

Começamos a enxergar além das árvores, o brilho do lago e as luzes distantes da cidade. A trilha se tornou mais desigual, e logo estávamos escalando por pedras triangulares que formavam uma escadaria natural. As árvores eram mais baixas por aqui, os galhos mais apertados. A cobertura de folhas abriu caminho e estávamos sob o Sol-seguro de novo. Era bem mais quente do que perto do lago. Estreitei os olhos e pude ver os grupos menores das luzes redondas, não tão distantes na parede. O calor parecia ser mais direto, menos como um sol. Lá em casa, tivemos um lagarto de estimação há alguns anos e ele vivia em um aquário pequeno com uma lâmpada de calor em cima. Era assim que me sentia.

A trilha se abriu um uma ladeira curta de pedra desmoronada, manchas de mica brilhando dentro dos pedregulhos cinza-escuros e marrons. No alto, era possível enxergar os penhascos descampados do cume do Monte Aasgard, uma coleção de blocos infantis empilhados com pressa. Atrás do pequeno pico estava a curva cinzenta do domo. Uma única escada, pintada para combinar com o domo, seguia parede acima. Ela era, por segurança, cercada por um cilindro de barras. Eu a segui com os olhos e notei que se tornava uma escada de verdade, com degraus,

conforme o domo se curvava para dentro, e dali havia uma passarela que levava para o Olho.

Estávamos perto o suficiente para ver os enormes painéis triangulares. Essa parte do domo não se parecia nada com a seção perto dos elevadores. Os painéis estavam marcados com riscos marrons e vermelhos de terra que havia se acumulado onde um encontrava o outro. Rachaduras pretas, parecidas com teias de aranha, ziguezagueavam por aqui e por ali: queimaduras de radiação. Mesmo os painéis ilesos pareciam gastos, derrotados. Esta não era, definitivamente, uma visão que o Éden Oeste gostaria que seus habitantes tivessem.

Escalamos pelos seixos caídos e saímos no primeiro dos penhascos. Eu respirava com dificuldade, Lilly um pouco menos. O penhasco era longo e estreito. Uma parede de cinco metros de rochas inclinadas levava para o próximo.

Percebi um corte longo e reto na rocha perto dos meus pés, cerca de uma mão de largura e só uns dois centímetros de profundidade. Ele cruzava o penhasco, terminando na parede. Havia outro à minha direita, a mesma largura, seguindo em paralelo.

— Essas marcas são vikings? — perguntei à Lilly.

— São. — Ela assobiou em direção ao penhasco mais alto, produzindo três sons curtos, cada um passando de uma nota baixa para uma mais alta. — Só para o caso de eles estarem aqui — explicou Lilly. — Não quero atrapalhar o namoro de ninguém.

Esperamos. Sem resposta.

Lilly se moveu para o lado direito da parede à nossa frente. Havia uma fenda estreita por onde ela se enfiou e escalou, se agarrando com os dedos enquanto apoiava os pés entre as duas paredes. Fui para o espaço apertado ao lado dela. Era abafado e tinha cheiro de pedra quente. Comecei a subir, pensando se conseguiria fazer isso e odiando ter de voltar a me preocupar com coisas assim. E escorreguei, esfolando os joelhos na pedra áspera.

— Você tá bem? — Lilly gritou para baixo.

— Ótimo — resmunguei. Precisava focar! Eu não tinha voltado a ser totalmente uma tartaruga. Eu era só uma libélula, estava mudando. Cerrei os dentes e comecei de novo, dessa vez indo bem.

Cruzamos o segundo penhasco e percebi mais linhas vikings entalhadas na pedra. Olhando para baixo, vi que começavam de onde as outras tinham parado.

Fomos em direção a uma saliência baixa que criava um espaço escuro sob nossos pés. Lilly parou na beira da sombra.

— Vocês estão aí?

Fez-se silêncio por um segundo, e então uma resposta, mas não era Marco nem

Aliah.

— Quem está aí? — uma voz sussurrou.

— Quem é *você*? — Lilly respondeu.

Toquei o ombro dela.

— Espera. — Achei que conhecia a voz. Entrei nas sombras. — Dra. Maria?

—Owen?

Meus olhos se ajustaram à penumbra. A Dra. Maria estava sentada apoiada na parede do espaço reduzido, perto de uma fogueira pequena feita de rochas enegrecidas salpicadas de cinzas.

Ela vestia uma jaqueta preta, jeans e botas marrons pesadas, tudo coberto de terra, assim como o cabelo trançado. A mochila preta estava aberta ao lado dela, o kit médico espalhado por cima.

O invasor Nômade de dois dias atrás estava deitado em seu colo. O rosto dele estava manchado, feridas antigas e arranhões haviam adquirido um tom marrom-podre, a pele bronzeada agora de um cinza pálido. Os olhos estavam fechados.

— O nome dele era Carlo — sussurrou a Dra. Maria. Ela acariciou a cabeça dele, mas o cabelo não se moveu. Parecia estar molhado, mas a mão fez um som áspero quando passou por ali. Havia pontos vermelhos na orelha e na têmpora dele, e manchas profundas no pescoço. — Ele morreu hoje de manhã. Eu sabia que a situação era ruim, mas ele ainda podia andar e falar, tanto que pensei que se continuássemos... — As palavras se dissolveram em soluços baixos.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Depois do ataque na Reserva, Cartier o torturou por informações. Com drogas e... outros métodos. Ele queria saber o que o Carlo sabia sobre... — A doutora olhou para mim.

— Sobre a gente — completei. — Os Atlantes.

Ela assentiu com tristeza.

— Sinto muito, Owen, por não tê-lo contado mais coisas. Eu não podia... Quero dizer, no começo eu não tinha certeza se você era mesmo o escolhido, mas, quando fiquei sabendo, fiz o que pude para ajudá-los a tirar você daqui. Não teria feito bem nenhum a você saber o que estava acontecendo de verdade por aqui antes de entender o que você era. Pensei que o meu povo poderia levá-lo para um lugar seguro e pegar a caveira...

— Tudo bem. Agora eu sei. Fui até o templo. Encontrei ela.

— Foi o que ouvi dizer. Paul ficou louco quando percebeu que você tinha saído da Reserva. Quando Cartier comunicou que havia encontrado a sala do templo e a

caveira de cristal, mas que havia perdido vocês dois, sabia que Paul ficaria alvoroçado. Também sabia que eles haviam encontrado a amostra do seu sangue com os Nômades, então saberiam quem os estava ajudando. Foi aí que peguei o Carlo enquanto todos estavam procurando você. Marco e Aliah me disseram que os encontrariam aqui...

— Você viu eles? — Lilly perguntou.

— Sim, eles vieram visitar Evan na enfermaria ontem. E me contaram que tinham ficado esperando por vocês aqui em cima, mas que vocês ainda não tinham aparecido.

— Onde eles estão agora? — Lilly quis saber.

— Eu não sei. Peguei o Carlo e corri logo depois disso. Pensei que seria capaz de curá-lo... Já fiz tantas coisas complicadas — ela sussurrou —, mas não pude salvar uma simples vida... — Lágrimas frescas caíram.

Eu tinha mil perguntas para fazer, mas tentei me segurar, respeitar a perda dela.

— Queria enterrá-lo — ela disse. — O corpo dele merece voltar para Terra.

— Você sabe sobre isso? — perguntei.

— Sim. Há alguns de nós Nômades que seguem os ensinamentos de Helíade-7, baseados nas palavras dos antigos. Bem, não seguem estritamente. Quero dizer, a própria Dra. Keller é tão louca quanto Paul, mas seus ensinamentos seguem o costume Atlante.

— Pyra disse que tem outra caveira no sul. — Olhei para a Lilly. — Talvez seja a sua.

— Talvez — ela apenas repetiu.

— Pyra — a Dra. Maria gemeu, como se ela os tivesse conhecido também. Depois levantou a cabeça. — Espere, o que você quer... — mas ela não terminou.

Todos nós ouvimos os cães, uivando, vindo em nossa direção.

A Dra. Maria soltou um suspiro longo, um som horrível, resignado.

— *Adios*, Carlo. — Ela saiu de debaixo dele e deitou a cabeça de Carlo gentilmente na pedra.

Ela ficou de pé e segurou meu braço.

— Ouça, Owen, pegue isto. — Ela levou uma mão no bolso da jaqueta e me jogou um objeto pequeno. Era uma caixinha redonda e laranja. Uma sequência de números estava escrita à mão, com caneta preta, na parte de cima. Alguma coisa fez um barulho leve dentro dela. Eu a peguei e abri. Dentro havia um pequeno disco de plástico. — É uma impressão digital — ela explicou. — O código gravado em cima dela vai colocá-lo dentro do laboratório, e, a partir daí, dentro dos arquivos no meu computador. Você precisa saber o que é o Projeto Campos Elísios.

— Mas...

A Dra. Maria passou direto por mim.

— Aaron, no Olho, é um amigo. Pode não parecer, mas ele me ajudou a pôr os Nômades para dentro. Ele pode ajudar a tirar você daqui, certo? Mas, primeiro, vá até o laboratório, atrás da porta vermelha. Prometa-me.

— É, tá, mas e a senhora?

— Preciso ir.

Os cães estavam mais perto. Era possível ouvir as garras arranhando as pedras, os bufos arfados entre os latidos. O som de botas, também.

— E, Owen... — a Dra. Maria me olhava com olhos grandes e tristes. — Sinto muito. — Ela lançou o olhar para Carlo uma última vez e se dirigiu para a saída da caverna.

— Pelo quê? — sussurrei, seguindo-a para a luz do sol.

Ela se virou e levou um dedo aos lábios, depois sorriu para mim com gentileza.

— Por tudo isso... pela minha participação... pelo que você vai descobrir em breve... Agora vão! — Ela me mandou embora com um gesto, como para uma criança, depois se virou e partiu em direção ao penhasco e para fora da área de visão entre os pedregulhos altos.

Lilly saiu da caverna.

— Ela deixou isso aqui. — Ela me deu a mochila preta.

O som das raspadas nas pedras vinham do penhasco logo abaixo. Foquei na direção para onde a Dra. Maria havia corrido.

— Nós deveríamos...

— Não. Ela não quer que a gente vá com ela. Vem, por aqui. — Ela correu pelo penhasco, na outra direção.

Eu sabia que Lilly tinha razão. Joguei a bolsa da Dra. Maria em cima do ombro e a segui. Batemos contra as pedras e corremos para os pinheiros na parte de trás do penhasco. Seguimos para baixo e demos a volta pelo lado dos seixos, permanecendo na segurança das árvores. Notamos que lá em cima no penhasco estava a equipe da Equipe de Segurança, escalando a mesma fenda que usamos para chegar à caverna.

— Owen! — Era Paul. Ele havia se adiantado para a beira do penhasco. — Não tem por que se esconder! Sei o que você é! Nós precisamos um do outro!

A mão de Lilly caiu sobre o meu braço.

— Não dê ouvidos a ele. — Ela me puxou mais para trás, para as sombras.

— Sei que é confuso, Owen, mas não precisa ser! Posso explicar tudo o que está acontecendo com você. E ninguém mais precisa se ferir! Você não quer mais sangue nas mãos, quer?

Eu odiava ter de ouvi-lo, e ele não estava certo? Sangue nas minhas mãos.

Nômades mortos, Evan, até mesmo Colleen. Se eu era a razão do templo, então era o motivo para o Éden Oeste e para tudo o que havia acontecido aqui.

— Veja bem, nós vamos encontrá-lo de qualquer jeito! — Paul gritou. — Saia daí agora e garanto que a Srta. Ishani será protegida!

Olhei para ela. Paul sabia o que dizer.

— Ele tá mentindo — Lilly chiou. — Você sabe disso.

Assenti. Eu sabia.

Um momento de silêncio se passou. Ficamos parados.

— Que seja do seu jeito, então! Mas esteja preparado para as consequências!

— Ele desapareceu do penhasco.

— Vamos — chamou Lilly. Continuamos descendo pelo meio do mato, até que estávamos de volta à base de pedras caídas. Começamos a descer a trilha.

Alguma coisa começou a acontecer lá em cima. Paramos. O som aumentou com rapidez.

— Se esconde! — Lilly gritou, e pulou para sair da trilha. Fiz o mesmo, bem na hora que dois pequenos helicópteros unitários, iguais aos que tínhamos visto apagando o fogo do painel do domo, zumbiram pelas nossas cabeças.

Voltei para a trilha e me virei para vê-los subindo em direção ao topo da montanha. Ainda mais acima, avistei uma figura subindo correndo pela pequena escada da parede do domo. Dra. Maria.

Os helicópteros subiram até que estivessem em paralelo com ela e estabilizaram a altura. Uma voz soou de um alto-falante em um deles.

— Dê meia volta e comece a descer, agora.

— Pegaram ela — concluiu Lilly.

— Repito, dê meia volta e vá para baixo...

Seguiu-se um barulho. Um tiro. Uma trilha de fumaça saindo da Dra. Maria, uma mão estendida para frente. A luz do sol brilhando refletida na arma que ela havia acabado de usar.

Um dos helicópteros perdeu o equilíbrio, se inclinando de forma abrupta deixando um rastro de fumaça preta. Ele cambaleou um pouco, mas se recuperou.

O outro atirou de volta, uma sequência de tiros de metralhadora.

O corpo da Dra. Maria convulsionou, tremendo para frente e para trás como se fosse feito de borracha. Estávamos longe demais para ver os detalhes, mas sabíamos.

Meus punhos se fecharam. Meus dentes estavam cerrados. Não. Não outra morte, não nossa aliada. *Esteja preparado para as consequências.* As palavras de Paul ecoaram na minha cabeça. Como eu podia valer essas vidas?

— Vamos, Owen. Precisamos continuar. — Lilly puxou meu pulso com gentileza.

Mas eu não podia. Encarei a cena por mais um segundo. O corpo da Dra. Maria pendeu, molenga, nas barras de metal. Virei de costas, senti a mochila nos meus ombros, e entendi:

— Ela sabia. Foi por isso que deixou a mochila pra gente.

— Acho que sim. Ela também nos deu uma dianteira.

Senti algo pesar dentro de mim. E desse peso surgiu um impulso amargo, uma força querendo vingança.

— Então temos que aproveitar.

Eu passei por ela, agora guiando o caminho, correndo trilha abaixo.

Corremos, andamos, corremos mais, e a trilha acabou por nos trazer de volta para o campo de arvorismo, e de lá passando pelo lago e chegando à cabanas. Cortamos pela colina perto da cabana das Hienas-malhadas, mas ela estava em silêncio. Olhei pelas janelas, não vi ninguém lá dentro, e senti uma saudade estranha, uma vontade de entrar e ver minhas coisas, até mesmo deitar na minha cama. Talvez eu só estivesse cansado.

Outro pensamento me ocorreu:

— Tem um tablet na nossa cabana — lembrei, puxando Lilly pelo cotovelo para fazê-la parar. — A gente pode mandar uma mensagem pra fora. Pro meu pai ou coisa do tipo.

Lilly revirou os olhos.

— Ow, todas as mensagens são monitoradas pela equipe do acampamento. Paul saberia.

— Ah. Me faz pensar se as outras mensagens pro meu pai chegaram no destino delas.

— Duvido. Vem.

Passamos pelas outras cabanas, e aí ouvimos o som distante de aplausos.

— Perfeito — comentou Lilly. — Tá todo mundo na bandeira.

Conseguimos vê-los lá fora no sol do meio-dia, um borrão de camisetas coloridas e peles. Uma das cabanas parecia estar parada na frente, provavelmente fazendo uma esquete sobre alguma coisa. Todos eles tão alheios ao mundo em que realmente estavam. E, ainda assim, era estranho estar fora daquele grupo. Não que eu quisesse estar lá, fingindo estar num acampamentozinho feliz, mas talvez eu quisesse um pouco daquilo.

O movimento da bandeira chamou a minha atenção. A marca do Éden estava batendo com força. *Noroeste, cerca de quinze nós, pensei. Vamos precisar de um impulso secundário para lutar contra isso...*

— Ei, sai daí. — Lilly me puxou para fora dos caminhos e cortou pela mata, indo em direção ao refeitório. Saímos perto do prédio e havíamos dado dois passos quando avistei o pessoal subindo o caminho pelo lado afastado. — Meia-volta! — Lilly chiou, e nos abaixamos e corremos para a lateral do prédio.

— Acha que viram a gente? — perguntei.

— Provavelmente, não.

Corremos pelos arbustos perto da parede, e de lá para a estrada de terra. Procuramos alguém, não vimos ninguém, e cruzamos em direção aos escritórios. Paramos na porta, ouvindo. Não parecia que houvesse alguém lá dentro.

— Owen!

Eu me virei e lá estava o Béquer, correndo em nossa direção, vindo da porta dos fundos do refeitório.

— Sai já daqui! — sibilei para ele, abanando a mão como que para um cachorro de rua.

— Fugi escondido da nossa mesa! — ele explicou, sem me ouvir ou me ignorando, mesmo. — Vi você quando a gente estava subindo a colina, mas não se preocupa, ninguém mais chegou a ver!

Ele nos alcançou, arfando, o peito pequeno subindo e descendo. Havia um machucado grande e roxo debaixo do olho direito dele.

— O que aconteceu com seu rosto? — perguntei.

— Ah, é, isso. Os caras me colocaram num cubículo por uma hora ontem.

— Sanguessuga — resmunguei. — Aquele filho da...

— Não foi ele. Ele não estava por lá. Foi Jalen, porque eu disse pra ele parar de chamar o Bunsen de mijão e acho que joguei uma bola de queimada na cara dele. Mas tudo bem, porque a gente tem que se apoiar, sabe? — Ele me olhou como se fosse meu soldado, esperando pela aprovação.

— Claro. Olha, Béquer — falei com o máximo de gentileza possível —, sai daqui.

— Mas onde você estava? — ele perguntou. — Todo mundo tá procurando você! A gente ouviu falar que você tinha saído com... — Ele parou, quase como se tivesse acabado de perceber que Lilly estava ali. Ele recuou um pouco, como se ela fosse um alienígena. Daí os olhos dele se estreitaram. — Vocês estão bem?

— Sim, a gente tá ótimo — respondi. — Só volta pra dentro.

— E não diz pra ninguém que você viu a gente — Lilly ordenou.

Béquer olhou para baixo.

— Ah, tá bom. Mas... posso ajudar? Quero dizer, ouvi falar que vocês foram atacados por Nômades, e daí você correu, e as Raposas-do-ártico disseram que, certa vez, elas viram você de manhã, agindo todo estranho e...

Olhei em volta, depois cortei a conversa.

— Olha, eu sei, mas o jeito que você mais pode ajudar a gente é voltando pra dentro antes que alguém perceba que você saiu.

— Mas o que tá acontecendo? O que aconteceu com vocês?

— Não posso contar. Desculpa.

Béquer murchou.

— Você não vai voltar pra cabana, vai?

— Acho que não.

— Ah, que droga. Quer dizer, tanto faz, mas...

Não tinha percebido que o Béquer achava que eu era amigo dele ou coisa do tipo. Mas talvez eu tivesse, sim. Para Béquer, eu era o CET dele. Ele havia me visto encarar Sanguessuga e isso o inspirou a se defender sozinho. E agora eu o estava abandonando.

Fiquei pensando se tinha algo que pudesse dizer a ele.

— Quer saber, se você quer ajudar, tem uma coisa que pode fazer: volta lá pra dentro e diz pra cabana, especialmente pro Todd e pra quem mais estiver por perto, que você tinha acabado de sair quando viu nós dois correndo pelos campos como se estivéssemos indo pros deques. Dá pra fazer isso por mim?

— Tá bom — ele respondeu sem muita convicção, e então o rosto dele se iluminou. — Como uma distração... Eu consigo fazer isso!

— Valeu, Pedro.

— É. — E ficou parado ali, de pé.

— Tá, vai!

— Certo! — Ele correu de volta em direção ao refeitório.

— Você sabe que é o herói dele — disse Lilly.

— Eu não sei como isso foi acontecer.

— Deixa disso, Sr. Atlante-que-nada-em-tempos-antigos. Você vai precisar se acostumar a ser um herói. — Ela esfregou meu ombro. Senti uma onda de eletricidade com aquele toque. Finalmente, uma conexão entre a gente de novo.

Sorri para ela e me virei para a porta.

— Tá legal, vamos entrar.

Entramos na sala de espera. Todas as portas estavam fechadas. Fomos para a enfermaria. O corredor estava quieto, mas Paul poderia chegar a qualquer momento. Corremos para a porta vermelha.

— Sem sinal do Evan — observou Lilly, espiando cada consultório enquanto passávamos.

Chegamos à porta e peguei a caixinha laranja. Digitei no teclado numérico os cinco números escritos na tampa. Fechaduras se viraram lá dentro. Um chiado. A porta vermelha se abriu por dois centímetros. Empurramos e entramos.

Atrás da porta havia um corredor de metal, os lados cobertos de plástico. Uma única e longa barra de luz se estendendo pelo telhado, produzindo uma iluminação fria e grosseira.

O corredor levou a uma sala. Era escura, com pouca luz azul e branca. Era quase como a luz da sirena e a da caveira lá no templo, mas que esse brilho vinha

de coisas modernas, não antigas: monitores e luzes estéreis. Os pisos e as paredes estavam todos cobertos de plástico.

Havia outra porta na extremidade oposta da sala. À nossa direita havia uma mesa. Ela estava em cima do plástico, assim como os outros objetos da sala. O topo dela estava coberto por um monitor de vidro. Atrás disso havia um longo contador que emitia uma luz branca pálida. A sala estava repleta de máquinas de aço, e um conjunto de refrigeradores com prateleiras de frascos dentro.

A parede à direita estava coberta com monitores planos de vidro, mostrando imagens de outras salas, outros laboratórios quase idênticos a este. Uma tela estava preta, a com a etiqueta referente ao Éden Sul, assim como no Olho.

— Então todos os Édens têm laboratórios assim — comentei, olhando para as salas parecidas. Mesmo sem ninguém aqui, alguma coisa no lugar me fazia querer manter minha voz baixa.

Os laboratórios nas telas estavam, em sua maioria, vazios. Em um deles, um técnico de jaleco branco parecia estar trabalhando com um conjunto de frascos, colocando-os em um dispositivo redondo que começou a girar.

— Isso não se parece muito com coisa de acampamento — observou Lilly. — Então isso quer dizer que todos os Édens estão tramando alguma coisa, né? Eles estão procurando por Atlantes em todos os outros lugares ou o quê?

— Algo do tipo, acho.

Lilly espiou as telas.

— Ei, o que é Lar Éden?

Percebi que nem todas as telas eram iguais. A no canto inferior direito era diferente. Ela mostrava uma paisagem erma, a terra seca com manchas de terra solta e rocha desmoronada de uma cor de ferrugem queimada, o céu embaçado com a poeira e com uma tonalidade âmbar.

— Não sei. — Lilly tinha razão. Havia seis telas em vez de cinco, e essa estava rotulada como Lar Éden. — Parece ser um deserto. Deve ser o pôr do sol ou uma tempestade de areia ou alguma coisa assim.

— Então quer dizer que tem um sexto Éden em algum lugar, tipo, que ninguém conhece?

— Eu não duvidaria disso.

— Não me sinto bem em relação a isso.

— Não.

Eu me afastei das telas, dando a volta na mesa e indo para os refrigeradores, espiando pelas portas de vidro. Havia prateleiras de sangue, centenas de frascos, tubos de vidro, cada um com uma etiqueta parecida com a que a Dra. Maria usou para mim. Mas o número de tubos era pequeno se comparado com o das pequenas lâminas de plástico nas prateleiras de baixo, cada uma com um único fio de

cabelo enrolado no meio. Elas estavam marcadas com números parecidos. E também com datas de nascimento.

Então me lembrei.

— A gente teve que entregar uma amostra de cabelo com a ficha de inscrição para o Acampamento Éden.

— Hã? — Lilly se juntou a mim.

O que dizia na ficha? Que era para procurarem alergias e compatibilidade com o ambiente único do Éden.

— Tá. — Meu coração se acelerou. — Acho que eu sei como eu “venci” a concorrência para vir pra cá.

Lilly parou do meu lado.

— Você acha que foi selecionado?

— É, e não fui só eu. — Abri uma das portas e levei a mão ao fundo da prateleira, tirando de lá uma bandeja de lâminas. Apontei para a data de nascimento na da frente.

— Dezenove de novembro de 2046 — Lilly leu. A voz dela ficou mais devagar conforme as coisas se esclareciam na sua mente. — Eu nasci em quarenta e oito. Esses... esses são os Crios.

— É por isso que você entrou também. — As peças estavam se encaixando. — Se eles tinham o DNA de cada candidato, eles puderam fazer análises. Tipo, pra ver se a gente tinha o código Atlante. Talvez eles já tivessem um perfil, uma amostra de algum outro lugar. Talvez tenham encontrado um esqueleto ou alguma coisa do tipo, e estavam tentando combinar a gente com ele. E aí selecionaram os candidatos que davam certo.

— Então eles usaram o programa Crio pra procurar por combinações possíveis primeiro — completou Lilly. — E aí expandiram a coisa pro programa de acampamento? E aí o quê? Nos trouxeram aqui pra ver o que acontecia? Tipo se alguém ganhava guelras?

— Acho que tipo isso.

— Se eles estavam escolhendo os Crios baseados na combinação genética, então quer dizer que desde o começo, tipo, desde que os domos começaram, eles estavam procurando por...

— Nós — terminei para ela. Virei as costas para as amostras, sentindo toda essa informação se assentar, quase como se todo este lugar fosse cair sobre mim, me esmagar. Passei a mão no monitor sobre a mesa. Uma caixa branca apareceu na tela preta:

[AUTENTICAÇÃO NECESSÁRIA]

Debaixo das palavras havia um círculo e uma imagem de uma digital piscando.

Abri a caixinha laranja e tirei o disco oval semitransparente. Peguei com as unhas e pressionei o molde no meu próprio dedão, segurando no lugar por um segundo. Quando soltei, ele ficou ali. Pus o dedo contra o ponto no monitor. A caixa piscou.

Uma voz falou do monitor:

— Bem-vinda de volta, Dra. Estrella.

A tela ganhou vida, pastas aparecendo em cima de uma foto de fundo, mesas de pedra vermelhas. Algum lugar em que a Dra. Maria esteve, talvez.

A pasta no centro tinha o título “Para Owen”.

Cliquei nela.

Havia mais duas pastas dentro dela, uma chamada “Relatório mensal do índice de ID” e outra chamada “Relatório trimestral do Projeto Campos Elísios à Comissão do Éden”.

Entrei no arquivo sobre a ID. Ele se abriu e uma tabela encheu a tela. Havia uma barra de rolagem à direita. A tabela era longa. Colunas de dados estavam divididas por data, os mais recentes primeiro. Coisas normais como temperatura, umidade, pressão, e aí, à direita, a estimativa da integridade do domo.

Li os números.

— Uau.

— Que foi? — Lilly perguntou.

Apontei para a tabela.

— Olha pros níveis de integridade do domo a cada semana.

Lilly começou a ler.

— Cinquenta e sete por cento, cinquenta e cinco por cento, cinquenta e dois por cento... Hum, são *muito* menores do que dizem pra gente. Os Nômades tinham razão.

Avancei na tabela.

— E olha: são assim nos outros domos, também. E... seis meses atrás os resultados estavam em sessenta por cento. — Continuei descendo. — Ano passado estavam perto de setenta. — Eu virei para Lilly. — Tá diminuindo depressa.

— O Lar Éden não tá nessa tabela — observou Lilly.

Olhei para as colunas.

— Não. Talvez seja um tipo diferente de instalação.

Desci até o fim e descobri uma última linha de números chamada “Tempo de vida da integridade”. Para Éden Oeste era de 238 dias. Os outros estavam na mesma variação. Apontei para os números.

— Isso é, tipo, oito meses — calculou Lilly. — Oito meses até que os domos

comecem a falhar. Uau. — Ela olhou para a tela. — Olha só isso.

Havia uma outra tabela embaixo dessa. A primeira coluna tinha o nome de cada Éden, e aí colunas com o nome “Percentagem anual de mortalidade esperada”.

Passei o dedo pela linha de Éden Oeste, observando os números crescerem.

— Quinze por cento daqui a um ano...

— Quer dizer que quinze por cento da população de Éden Oeste vai estar morta? — Lilly estava quase sussurrando.

— Acho que sim. — Continuei lendo. — Trinta e cinco em dois anos, setenta e quatro... — Meu dedo chegou ao final. — Todo mundo daqui vai estar morto em três anos.

— Se eles dizem.

— E não tem pra onde ir.

Eu me lembrei do menino com as queimaduras no outro dia.

— Ninguém aqui tem qualquer ideia de quanto perigo estão correndo.

— É... é do jeito que a gente pensava...

— Só que bem pior — terminei.

A Lilly suspirou, como se ela estivesse carregando alguma coisa pesada.

— Todo mundo precisa sair daqui.

Voltei para o topo do arquivo.

— Olha pra data dessa última leitura. Quatro dias atrás. Deve ser por isso que Paul estava tão bravo. Ouvi ele tendo um chilique no escritório esses dias. — Pensei naquele painel do domo irrompendo em chamas. — Então, o Projeto Campos Elísios deve ter alguma coisa a ver com isso. *A gente* deve ter alguma coisa a ver com isso, e Atlântida.

— É, mas o q...

Ela não terminou. Foi interrompida por um grito distante, um som mudo e desesperado.

Levantei a cabeça.

— O que foi isso?

Lilly tinha se voltado para a porta na parede distante.

— Acho que foi por aqui. Vem. — Ela correu para a porta.

Olhei de volta para a tela.

— Precisa da digital — avisou Lilly, examinando a tranca da porta.

Houve mais um guincho. Era estranho, agudo, mas abafado, não apenas pela porta, mas como se por uma mordaca. E definitivamente feito de puro terror. Talvez alguém estivesse amarrado lá embaixo. Àquela altura, eu não duvidava de nada vindo de Paul.

— Vem, Owen!

Meu olhar foi dela para os arquivos.

— Mas a Dra. Maria queria que a gente visse isso aqui!

Lilly escaneou a sala, depois apontou para uma impressora de videopáginas.

— Baixa tudo!

— Tá certo, tá. — Selecionei as pastas e as arrastei para o ícone da impressora.

A impressora entrou em atividade no canto. Encontrei um botão para sair do sistema e cliquei nele, dei à Lilly a caixinha laranja e corri para a impressora.

Uma videopágina estava saindo devagar, os arquivos embutidos nas fibras de sílica. Procurei em volta da mesa por um dos carregadores que eram necessários para ler, baterias pequenas que eram ligadas na base da folha e forneciam a corrente necessária, mas não vi nenhum.

Ouvi um bipe e um silvo atrás de mim. Lilly havia aberto a porta.

— Owen! Vamos! — O tom de pânico de Lilly combinava com o sentimento que me tomava por ter ouvido aqueles gritos.

— Já tá quase terminado! Qual é o...

Outro grito, e dessa vez, com a porta pesada aberta, o som era muito mais horrível do que eu podia ter imaginado, um gorjeio desgastado. Parecia um animal tanto quanto parecia uma pessoa, alguma coisa aterrorizada e sozinha, e isso criou um nó no meu intestino.

— Não... — A voz da Lilly tremeu. Ela se lançou para fora de vista.

— Espera! — Olhei para a impressora. A folha ainda estava sendo impressa. E... terminou.

Peguei, enrolei a superfície transparente tão rápido e gentilmente quanto possível, e aí a enfiei na mochila antes de sair correndo pela porta.

Do outro lado, uma escadaria de aço levava direto para baixo. Consegui ver mais piso coberto de plástico no fundo.

— Lilly? — chamei baixinho.

Comecei a descer as escadas, meus pés tinindo no metal. Havia barulho lá embaixo. Na maioria, máquinas. Zumbidos. Mas também alguma coisa rítmica, como uma respiração.

Eu me aproximei. Mais um som. Como uma voz baixa, falando com mais alguém.

Mais perto.

A voz borbulhando, alguma coisa miserável e solitária presente nela. Pensei no jeito que pranteadores falam em voz baixa com os montinhos de cinza depois das cerimônias funerárias lá em casa, pouco antes de libertarem as cinzas na brisa da noite.

Cheguei ao fim da escada.

Mais um grito agonizante rasgou meus ouvidos.

A sala era perfeitamente circular, quase como a sala Atlante, tudo banhado em luz branca, refletida em superfícies brilhantes.

Branco brilhante. Só que essa sala tinha um propósito diferente...

E eu me senti perdendo o contato com a minha pele, como se eu tivesse me descolado por dentro, uma coisa flutuante, amarrada apenas pelas imagens aparecendo nos meus olhos. Coisas que nunca poderia ter imaginado.

Mas isso não era como o sonho dentro da caveira.

Isso era um pesadelo.

Estou numa praia. De pé sobre uma mistura cinzenta de pedras e areia. O sol brilhante da manhã deixa a água ofuscante. O lago é cercado por um anfiteatro de montanhas recortadas, os picos cobertos de neve.

Na minha frente há uma nave pequena feita de tábuas de madeira escura, cobre brilhante revestindo as juntas.

— Não, não, não, ai Deus, não... — A voz vem de algum lugar atrás de mim. Lá, na realidade.

Não dê ouvidos a isso. Olho para o lado e vejo Lük. Ele está parado em frente à própria nave, parecida com a outra. E há outras pessoas ao nosso lado, alinhadas, todas com mais ou menos a mesma idade que eu. *Fique aqui*, diz Lük. *Veja isto.*

A gente tá na caveira?, pergunto.

Não, Lük responde, *nós estamos na sua cabeça, dentro da memória que compartilhamos.*

Olho de volta para o veículo à minha frente. É como aquele do templo: um único mastro, objeto triangular de metal no centro com o pote oval de barro em cima. As vigas curvas de metal se arqueando por sobre a metade da frente de um canto ao outro.

— Não, tudo bem. Vai ficar tudo bem...

Saiamos!, uma voz grita por detrás de nós. Eu me viro e vejo um professor em um robe marrom nos conduzindo para fora dali. Ele é grande, careca, com um padrão curvilíneo de tatuagens pretas pelo rosto fazendo-o parecer mais com um guerreiro que com um professor.

Atrás dele, construções de pedra se erguem em níveis diferentes já mais perto da cidade. Nossa cidade. O céu está azul. Isso aqui é antes das cinzas e da escuridão. No sol do meio-dia consigo ver azulejos brilhantes formando mosaicos nas paredes, as molduras de cobre nas janelas e telhados, os topos dourados brilhantes de obeliscos e abóbadas, as pontes arqueadas indo de um amontoado de construções ao outro. Vejo os globos brancos que queimam eternamente em volta do topo quadrado da pirâmide central.

Assim, diz Lük. Ele entra na nave dele com um pé, empurrando-a para longe da

praia com o outro. Todos estão fazendo o mesmo. Eu também. A nave cambaleia lateralmente quando entro. Busco o equilíbrio. Com um rangido ela abandona a areia e flutua nas ondas.

Para onde vai o vento?, Lük pergunta.

Sei a resposta. Eu sinto.

Para a direita, vem do oeste. Cerca de dez nós?

Sim. Então ice uma vela no lado do porto.

Certo. Abro o banco à minha esquerda e puxo um rolo de tecido. Encontro os cantos, marcados com anéis de cobre. Volto a procurar na caixa pelas cordas mais curtas. Elas são macias e flexíveis, tecidas em seda. Faço nós de âncora para prender os três pontos da vela às conjunturas da estrutura da viga curva e do mastro, meus dedos torcendo a corda sem pensar, e então iço a vela no lado esquerdo da embarcação. Ela ondula no ar, toma fôlego, e a nave parte para longe da praia.

— *Aguenta firme, só isso, tá? Aguenta...*

Conduza com o pedal do leme!, alerta Lük. Ele está na minha frente. Olho para baixo e vejo uma prancha de madeira em cima de um fulcro de metal. Pressioná-la para a esquerda ou para a direita controlará o leme. Viro a nave para pegar o vento.

Temos de chegar a uma velocidade grande o suficiente para gerar carga para a célula de calor, explica Lük.

Célula de calor?

O pote de barro. A carga vem das turbinas. Olhe pela lateral.

Faço o que ele diz e vejo um borrão de metal em movimento debaixo das ondas, algum tipo de roda pequena anexada à lateral da nave.

Estamos perto. Agora levante a termal! Levanto a cabeça e vejo Lük e outros espalhados pela água, arrumando pedaços grandes de tecido. Um deles se enche, criando um balão esférico em cima da nave.

Abro o outro assento, pegando mais tecido. Passo as mãos até encontrar a abertura triangular. Isso precisa ser posicionado diretamente em cima daquele bocal de cobre pequeno no pote de barro.

— *Por favor, por favor...*

A voz está me puxando com muita força. Apesar de querer, não consigo evitá-la. A outra nave está começando a subir para longe da água, alçar voo, mas a imagem começa a desaparecer.

Owen!, Lük me chama. Eu o vejo olhando para baixo, através da luz do sol brilhante, mas tudo está sumindo em branco e azul. *Fique aqui! Aprenda!*

Não consigo!

Preciso ir embora. Tenho de voltar e encarar o que vi.

—Vai, aguenta firme, vou tirar você daí. Eu juro.

Pisquei. Eu estava de volta ao laboratório cilíndrico. Pela parede havia mesas de exame de metal com rodas. Cinco delas. Cada uma com uma tenda de plástico, se estendendo das beiradas da mesa até um ponto no teto. O ar tinha cheiro de agentes químicos fortes, álcool e amônia, queimando minhas narinas.

No meio da sala havia mais três mesas de exames inclinadas na vertical. No centro exato havia uma mesinha redonda. Não tinha nada em cima dela a não ser uma jaqueta velha e marrom, largada ali. No chão havia três cabos grossos, tubos transparentes e estranhos, cheios de fios multicoloridos retorcidos, e com ventosas grandes, também transparentes, na ponta. Os tubos subiam para o ar, até três das mesas verticais, onde eles se conectavam a máscaras transparentes. Máscaras nos rostos do Evan, da Aliah e do Marco, que estavam amarrados às mesas, pendurados nelas, cabeças caídas para frente, olhos fechados. As cabeças haviam sido raspadas em pontos específicos para deixar que pequenos eletrodos fossem afixados no escalpo. Um conjunto de monitores piscava do lado deles.

Era a jaqueta da Nômade no meio da sala. A caveira estivera aqui. E os CETs tinham sido testados para saber se funcionaria com eles do jeito que havia funcionado comigo. Mas não era lá que Lilly estava.

— Tudo bem, tá tudo bem.

A voz dela estava vindo da minha direita, do lado de uma das mesas de metal. Consegui ver a forma enevoada de uma figura através tenda. Lilly estava curvada por um buraco retangular no plástico. Ela havia aberto o zíper de um painel que agora estava caído como um pedaço de pele solta. As mãos dela estavam lá dentro, trabalhando febrilmente. Vi o brilho molhado dos olhos dela, as lágrimas caindo, os tremores descendo pelos braços e pernas.

Fui em direção a ela. Não queria olhar, mas segui os braços da Lilly para dentro da luz brilhante no interior da tenda, para os pulsos, onde o sangue começava. Para as mãos, que estavam ensopadas, e para os dedos, que mexiam furiosamente em uma fivela.

Fivela presa a uma peça de plástico transparente.

Plástico que cobria um peito.

Peito que tinha sido aberto, que estava aberto agora, pele repuxada, costelas separadas.

Pulmões se enchendo.

Coração batendo.

— Tudo bem, Anna, tá tudo bem.

Anna.

E era pior. Muito pior do que todos os tubos e fios descendo pelo torso aberto. Pontinhos brancos, sensores, estavam presos nos órgãos. Aparelhos pequenos estavam presos à peça de plástico, encarregados de soltar jatos para manter as coisas úmidas.

A incisão terminava na clavícula, mas ali o pescoço dela, as guelras, tinham sido arrombadas, a pele afastada em volta delas. Músculo esburacado e veias expostas. Dois tubos grossos de plástico serpenteavam pela boca, vindos da maquinaria acima. Um estava embaçado com condensação de ar, o outro, cheio de bolhas, água. A água fluía para fora das guelras, sendo coletada por funis curvos. Havia um som estável de água caindo.

Ela gritou de novo, um guincho que era abafado pelos tubos, mas que ainda era agonizante.

E havia outros tubos correndo por todo lado, alguns cheios de líquido transparente, alguns com líquido vermelho. Fios multicoloridos saíam do seu corpo. Torres de monitores piscavam e bipavam ao lado.

E os olhos dela estavam abertos. Olhos verdes em um rosto bonito. Cabelo que, se não estivesse opaco pelos meses, anos de exposição, teria sido loiro. Ele caía rebelde atrás dela, mechas emaranhadas nos tubos.

Anna encarou Lilly. Os olhos não podiam estar mais arregalados.

— Só vou tirar isso aqui — Lilly estava dizendo, a voz tremendo. — Desenganchar tudo isso, e aí te tirar daqui. Ah, Deus, Anna, eu sinto tanto.

Anna piscou, lágrimas caindo. Ela soltou um som mais baixo agora:

— Uuuu. — Os olhos foram para o grupo de máquinas. — Uuuu.

Olhei para o corpo, essa garota, agora um projeto científico. Ela era uma menina chamada Anna, uma menina que havia sorrido e gargalhado e nadado com a Lilly, só que agora ela era só órgãos internos, sistemas e órgãos dissecados e transformados em um sítio arqueológico vivo. Ela havia sido dilacerada por Paul e pelo Éden em sua busca pelo código secreto... por mim.

— Uuuu — Anna gemeu. Os olhos dela foram para dentro da cabeça.

— Quase lá — Lilly assegurou com suavidade, os dedos abrindo a fivela. Ela jogou as tiras para o lado e tirou o plástico de proteção, deixando-o cair no chão com um baque surdo que reverberou pela sala. Os dedos dela se contraíram por um segundo. — Eu não... — Lilly parecia falar consigo mesma, e a voz estava

alterada, com um soluço. Pensei no que ela ia dizer, porém ela começou a mexer cautelosamente nos órgãos internos da Anna, tirando os pequenos eletrodos.

— Uuuu.

Voltei o olhar para os olhos da pobre Anna, os cantos vermelhos e incrustados, cercados por anéis de feridas. As luzes brancas refletindo nas íris verdes. Mais uma vez, ela estava olhando para cima, como que para dentro do próprio crânio, depois para baixo, depois para cima de novo. Será que alguma coisa estava acontecendo com ela? Ou talvez ela só estivesse tentando dizer algo.

— Lilly, espera. — Espiei por detrás da cabeça da Anna, pelo plástico... desviei a cabeça para fora da tenda e olhei para a parede. Um cabo de alimentação grosso serpenteava até a tomada. — Acho que ela quer que a gente desligue isso aqui.

— O quê? — Lilly respondeu, fungando. Os dedos sujos de sangue ainda tentando desenrolar os fios.

— Que a gente desligue as máquinas.

A Lilly continuou a trabalhar. Eu me perguntei se ela tinha me ouvido. Então, ela parou. Parece que precisou de um bom esforço para olhar a Anna nos olhos. E fazer isso a fez chorar de novo.

— Tirar da tomada? Temos que fazer isso primeiro? Antes de eu tirar isso aqui? Vai doer menos assim?

Os olhos da Anna ficaram cheios d'água de novo, aros grandes de água, e ela assentiu.

— Tá bom, tá bom, e aí a gente vai terminar de te tirar daqui. — Lilly se virou para a tomada, mas eu segurei o braço dela.

— Ei — comecei, baixinho —, eu... eu não acho que ela quer que a gente tire ela daqui. — Não tinha certeza, mas era assim que parecia. Eu me imaginei assim. *Daquele* jeito. E não era como se a gente pudesse carregar ela para fora, não naquelas condições.

— Do que você tá falando? — Lilly se desvencilhou do meu braço.

— Espera. — Parei na frente dela. Segurei-a pelos ombros. — Acho que desligar vai deixar ela morrer.

— Ela... — Lilly começou a balançar a cabeça, quase como se ela quisesse evitar que a ideia parasse em sua mente. — Mas a gente não pode, a gente tem que...

— Lilly. Olha pra ela.

Eu olhei. Lilly evitou por um momento, mas, finalmente, olhou também.

— É isso que você quer? — ela sussurrou.

Anna balançou a cabeça para nós, movimentos leves contra os tubos. Mais lágrimas, mas também alguma coisa parecida com alívio nos olhos dela.

— Ai, Deus — Lilly soluçou. Ela se afastou. — Eu não posso.

Peguei a Lilly pelos ombros e a virei para a Anna. Eu sabia o que tinha que fazer, e odiava isso.

— Fica com ela.

Lilly estava congelada, como se isso a tivesse destruído. Mas ela assentiu e pôs o braço para dentro da tenda, colocando uma mão embaixo da cabeça da Anna. Com o outro, ela passou um dedo pela bochecha da amiga, limpando as lágrimas.

— Tudo vai ficar bem. — Sua voz estava embargada. — Tá ouvindo? Tudo vai ficar bem em um minuto...

Fui para a parede. Segurei o plugue. Estava firme. Segurei a respiração e puxei até soltar.

As máquinas ao redor da Anna se apagaram. O zumbido diminuiu e deixou o silêncio. A respiração dela parou.

— Eu amo você — ouvi Lilly sussurrar.

Pensei em voltar para ela, abraçá-la ou coisa do tipo, mas achei que seria melhor deixar o último momento com a Anna para ela. Além disso, não queria ver aquilo de novo.

Respirei fundo. Exalei devagar. Agora eu sabia do que Paul, o Éden, até mesmo a Dra. Maria eram capazes de fazer. Era por isso que ela estava se desculpando lá no penhasco.

Passei os olhos por este laboratório subterrâneo escuro, a cópia maligna do salão Atlante. Isso aqui, bem aqui, debaixo do acampamento animado, do Céu-cópia, das lâmpadas Sol-seguro, de todo o domo, isso era o coração de Éden Oeste, uma câmara de sangue e sofrimento. E, agora, de morte. Neste lugar eles haviam procurado pelo que está dentro de mim. Passei a mão pelo meu peito, imaginei as costelas sendo serradas e abertas, fibras se rasgando conforme a cobertura é aberta, ar frio nos meus órgãos desprotegidos... Ele faria isso, se ele julgasse necessário. Sem hesitar.

Ainda assim, mesmo sabendo disso, era quase impossível imaginar alguém abrindo uma garota e a enchendo de tubos, como se ela não passasse de um equipamento.

Caminhei, aturdido, para a outra mesa coberta. Consegui ver o contorno de um corpo. Olhei pela janela de plástico transparente. Era um menino mais novo que eu não conhecia. Provavelmente uma das pessoas desaparecidas que os CETs haviam mencionado. Foi para cá que vieram, na verdade. Para serem escancarados e dissecados, estudados, *compreendidos*. Lilly e Evan mencionaram cientistas fazendo orelhas crescerem nas costas de ratos, de clones. Nada daquilo havia acabado. Havia apenas ido para debaixo dos panos, seguido o dinheiro.

Todo mundo sabia que a Corporação Éden tinha toneladas de dinheiro.

Na mesa seguinte estava a pequena Colleen, o interior à mostra. Os olhos abertos. Arregalados, inocentes. Ela me olhou. Um gemido suave da boca cheia de tubos. Mal podia olhar para ela, me lembrando da vizinha cheia de dor daquele dia na enfermaria. Por dentro, senti coisas se fechando, alguém trancando as câmaras dos sentimentos.

Vamos isolar isso aqui por um tempo, disseram os operários solenemente.

Então segui até a parede e puxei o plugue.

Passei por toda a borda da sala, de uma mesa coberta para a seguinte.

Puxei todos os plugues.

O zumbido aos poucos decaiu ao silêncio. Luzes se apagando. Vidas torturadas chegando ao fim.

Quando acabei, caí apoiado contra a parede, torto por causa da bolsa no meu ombro. Eu me sentia pesado, pesado demais. Deslizei e finalmente reconheci o sentimento nas minhas tripas. Vomitei no chão. Um esguicho de líquido. Fechei os olhos. Precisava me isolar por um tempo...

Mas outro som começou. Uma voz por um alto-falante. Vindo de trás de mim. Da mochila da Dra. Maria.

Tirei a bolsa do ombro, me ajoelhei e fuzei nela. Debaixo do kit médico havia uma camiseta extra, uma lanterna, algumas barras de proteína de farelo de soja e um telefone sub-rede.

— Alguém, hum, tá ouvindo isso? — Na pequena tela do telefone estava Aaron. — Ah, oi, é o menino das guelras, quero dizer, o Owen. Suponho que a Maria tenha te dado o telefone.

— É — confirmei. — A Dra. Maria disse que você é um amigo.

Aaron assentiu. Ele olhou para trás de mim.

— Ah, parece que vocês desceram até a câmara dos horrores. — Não sabia se o comentário era para soar como piada ou o quê. Se era uma piada, então Aaron tinha um senso de humor doentio, e, naquele momento, não consegui pensar no que responder.

Aaron olhou por cima do ombro.

— Ouça, a gente vai ter que tirar você daqui — sua voz era baixa —, e é pra ontem. Tem uma escotilha de manutenção ao sul das cabanas dos meninos. Número seis. Em quanto tempo você acha que consegue chegar lá?

Tentei medir a distância na minha cabeça.

— Meia hora? — chutei.

— Certo, ótimo. Posso dizer para o Robard e para os Nômades enviarem uma equipe para encontrar você lá. E posso desativar aquela porta, contando que você não seja pego até lá. Mas, até onde sei, Paul voltou para o templo, então você

deve ter tempo.

— Tá bom. A gente... bom, a Dra. Maria tá...

— Eu sei, garoto, vi a coisa acontecer ao vivo nas câmeras. Só trata de chegar naquela escotilha sul, número seis, certo? Vou abri-la em trinta minutos e ela não pode ficar aberta por muito tempo.

— Certo.

A tela se apagou. Eu a encarei. Sim, saindo agora. Sem nave voadora especial, sem caveira... sem acabar em cima de uma dessas mesas de exame.

Ouvi um som de zíper. Lilly estava fechando a janela de plástico em cima da Anna. Ela voltou para o meio da sala, até Evan, o CET mais próximo. Eu a observei checar o pulso dele e assentir.

— Ainda estão vivos. Chequei todo mundo logo que descí.

— Ótimo. Olha... — joguei a mochila no ombro — Aaron disse que pode abrir uma porta pra gente, mas vamos ter que chegar lá em trinta minutos. O que quer dizer que temos que sair agora.

— Tá bom. Só me ajuda a descer eles daqui e a gente vai.

Olhei para os corpos, senti o relógio tiquetaqueando. Precisávamos ir embora.

— Olha, Lilly, Paul não vai fazer com eles o que ele fez com a Anna. Agora que ele sabe sobre a caveira e sobre a gente...

Ela se virou para mim.

— Eles são a minha *família*, Owen! — De repente ela estava gritando, simplesmente gritando comigo. O rosto retorcido. Um animal furioso. — Você ainda tem uma família. Eu, não!

— A gente vai acabar *daquele* jeito — apontei para a Anna — se a gente não sair daqui! — Não pude evitar gritar de volta. Quase dava para sentir as facas abrindo o meu peito, procurando pelo Atlante lá de dentro.

— *Vai*, então! — Ela se virou e começou a desamarrar Evan. — Prefiro morrer a perder os três também!

As palavras dela ecoaram pela minha cabeça. *Perder os três também*. Ela já tinha perdido uma família.

Olhei de novo para os CETs e então percebi que eu estava errado: Paul poderia não abri-los, poderia não precisar fazer isso, mas agora que eles tinham vindo aqui para baixo, visto tudo isso, será mesmo que ele os deixaria voltar a ser salva-vidas? Tinha certeza de que, uma vez nessa sala, o único jeito de sair era o jeito que a Anna tinha acabado usar.

— Sinto muito. Você tem razão. É só que o tempo...

— Então começa a ajudar.

E comecei. Lilly puxou com cuidado uma agulha do cotovelo de Evan. Afrouxamos as tiras e ele desmoronou nos nossos braços.

— Evan, acorda — Lilly cochichou no ouvido dele.

— Nnnn — ele gemeu. Arrastamos o corpo enorme até a parede e o deixamos lá.

Fizemos o mesmo com Aliah e Marco. Quando terminamos, eles estavam voltando a si.

— Cara. — Marco estava voltando mais rápido do que os outros. Ele esfregou a nuca. — A Equipe de Segurança entraram enquanto a gente estava visitando o Evan na enfermaria. Depois disso só lembro de uma coisa branca... O que foi *aquilo*?

— Uma caveira de Atlântida — Lilly disse, falando a verdade. Marco olhou para ela. — Não dá tempo. A gente precisa sair daqui, mas vamos ter que ser rápidos. Vocês conseguem andar?

— A gente pode tentar. — Ele começou a se levantar pela parede. E ajudou a Aliah.

— Gah, o que aconteceu? — Os olhos de Evan se abriram. Ele me viu e fechou a cara. — A última coisa que me lembro é... você... — Ele estreitou os olhos. — Essa camisa não é minha?

— É — murmurei e mudei de assunto. — Paul trouxe vocês aqui embaixo e fez testes. Pra ver se eram como eu e a Lilly. Mas vocês não são. — Eu não podia evitar a pontada de satisfação ao dizer isso.

— O que isso quer dizer? — Evan perguntou. Ele também foi ficando de pé devagar.

— Quer dizer que Paul e o Éden têm procurado por alguém com um código genético perdido que o conecta a Atlântida. — Lilly explicou.

— Atlântida? — repetiu Aliah. — Espera, tá falando tipo Platão e a cidade afundada e tudo o mais?

Todos a encararam.

— Que foi? Eu lia clássicos na escola.

— Tipo isso — confirmei.

— O negócio — Lilly continuou — é que eles estiveram procurando o tempo todo. Foi por isso que fomos selecionados como Crios. E... — Ela mordeu o lábio, respirou devagar, como se estivesse juntando forças. — Preciso mostrar uma coisa pra vocês.

Ela pegou o braço do Evan e passou por cima do ombro dela. Senti um nó se formar dentro de mim ao vê-los assim, contudo, naquele momento, o que Lilly tinha pra mostrar era deles, não meu. Fui obrigado a respeitar aquilo.

Fiquei onde estava enquanto Lilly levava os CETs até a Anna. Ouvi Aliah engasgar. Ouvi Marco xingar. E então ficaram em silêncio. Ouvi um som de beijo e vi Lilly afastar os dedos dos lábios e levá-los para dentro da tenda de plástico.

Os outros fizeram o mesmo. Depois sussurraram despedidas e se viraram.

— Paul nunca teve que estudar a gente. — Lilly estava levando Evan em direção às escadas. — A cobaia dele já era a Anna. Então, ele deixou o restante em paz e só observou, pra ver o que a gente faria. Observou até que o Atlante de verdade chegasse.

Evan olhou para mim.

— Tá falando *dele*?

— Sim — Lilly confirmou. Senti os olhos deles sobre mim enquanto subíamos as escadas. Lilly deu a eles explicações rápidas sobre o templo, a caveira, a Dra. Maria e os Nômades enquanto voltávamos para o laboratório, e de lá para o corredor alegre da enfermaria. A cada porta nós parávamos, procurando cautelosamente pela Equipe de Segurança, mas não havia nada.

Sáímos pela porta da frente, apertando os olhos contra a luz do sol. Havia um barulho distante de pratos e garfos no ar. O almoço ainda estava acontecendo. Rodeamos o refeitório e voltamos descendo pela mata. Os CETs recobriram o movimentos das pernas devagar, e passamos a nos mover mais rápido, reentrando na trilha para as cabanas.

— Ei, olha ali. — Marco estava apontando em direção aos campos. Um esquadrão da Equipe de Segurança estava descendo o caminho da garagem de barcos.

— Bom trabalho, Béquer — pensei em voz alta.

Continuamos correndo até chegarmos às cabanas.

— Temos que ir pro sul — lembrou Lilly.

— Então, a gente vai pras terras áridas de Radiaçópolis só usando roupas de banho? — Marco perguntou.

Olhei para a camisa do Evan.

— A gente pode parar na minha cabana. Algumas das roupas ali devem servir em todo mundo. E você pode pegar a sua camiseta de volta. — Puxei o telefone sub-rede do bolso e chequei o tempo. — Mas a gente tem que correr. Eu disse pro Aaron meia hora, e já se foram vinte minutos.

— Então — Aliah começou enquanto a gente corria para a cabana das Hienas-malhadas —, vou ter que usar roupa nojenta de menino? E, aliás, tô super brincando, mas...

A gente entrou pela porta da frente. O telefone sub-rede bipou.

— Aqui é o Aaron.

— Oi — respondi.

— Não estou vendo você nas câmeras da parede. Você já está na porta ou o quê? Tudo está armado.

— É, a gente vai estar lá, talvez uns dois minutos atrasados.

— Certo, bom... — a boca de Aaron se contorceu para baixo, como se eu tivesse um gosto amargo — uns dois minutos é meio apertado demais, ainda mais quando o pescoço que está na jogada para te ajudar é o meu. Seja rápido, entendeu?

— Entendi. — E guardei o telefone.

— Cara, mano, esse lugar fede pra caramba — Marco comentou quando entramos no dormitório.

Olhei em volta. Parecia que havia se passado uma eternidade desde que eu estive ali pela última vez. Corri para a minha cama e me troquei para uma camisa e jeans. Enfiei uma camiseta extra, cuecas e meias dentro da mochila da Dra. Maria. Estava cheia e não cabia mais nada.

Marco e Aliah estavam pegando jeans e camisetas de manga longa nos cubículos e se vestindo. Joguei para o Evan a camisa dele.

— Alguém viu um pulôver que não esteja nojento? — Lilly perguntou enquanto mexia nas coisas.

— Aqui. — Dei o meu para ela, depois pensei nos outros cubículos. Eu me lembrei que o Wesley tinha um moletom razoavelmente bom, e ele tinha mais ou menos o meu tamanho. Dei a volta nas camas no meio do quarto e chequei o cubículo do Wesley. Não estava lá. A cama dele ficava embaixo da do Sanguessuga. Olhei ali e encontrei o moletom jogado no meio de outras roupas e dos cobertores dele. Não tinha um cheiro horrível.

Eu me levantei, passando-o pela minha cabeça. Enquanto fazia isso, tive um vislumbre da cama do Sanguessuga. As coisas que ele havia pregado na parede: o pôster d’Os Trilobites (foi uma banda superpopular que fez um *tour* pelos Édens e pela Federação Norte), e a foto autografada das temporadas de acampamento anteriores com um grande coração cor-de-rosa no canto perto do nome da Paige. Havia também um desenho em tinta preta com o título “Reserva: Rotas secretas”. Era um mapa que mostrava toda a Reserva em detalhes incríveis. Havia todas as trilhas, os cercados dos animais, e, aqui e ali, linhas tracejadas e flechas legendadas com coisas do tipo “bom atalho” ou “ponto de emboscada”. Então é por isso que ele sabia onde sair da trilha. Ele havia prestado atenção nos jogos anteriores. O mapa tinha até uma rosa-dos-ventos no canto. E havia coisas engraçadas também. Tipo um urso pequeno em seu cercado, de pé nas patas traseiras, presas à mostra, segurando um campista aterrorizado nas patas dianteiras. Um monstro curvilíneo como uma serpente no ponto onde os CETs haviam nos surpreendido.

Os desenhos eram muito bons. Talvez isso não devesse ser uma surpresa, já que ele sempre trazia aquele caderno com ele, mas acho que não queria pensar que Sanguessuga tinha algum talento além de ser um filho da mãe. Será que saber

disso mudava a forma que eu me sentia em relação a ele?

— Pronto? — perguntou Lilly. Eu me virei e a vi perto da porta. Os outros já haviam saído.

— Sim. — Dei um passo.

Mas parei. E me virei para a parede de novo.

O mapa. O mapa do Sanguessuga. Alguma coisa sobre ele estava surgindo no meu cérebro. Alguma coisa familiar sobre aquele monstro marinho minúsculo...

E entendi tudo. A maleta preta cilíndrica que ele levava nas viagens com o Paul. Não era um vara de pesca.

— Ah — eu disse baixinho.

— Owen, o que foi? — Lilly perguntou.

Senti vertigem. Eu pensei em me sentar. Ou em cair. Mas aí estava. Ele tinha estado aqui há mais tempo que os outros... a mão machucada naquela manhã... ele e Paul me encontrando na água perto da Aquinara... Eles não estavam pescando coisa nenhuma.

Encarei o pequeno mapa na parede.

— Eu sei quem é o terceiro Atlante.

— **Q**uê? — Lilly veio para o meu lado. — Você sabe?

Aponte para o pequeno mapa.

— É o Sanguessuga. Aqueles mapas que encontramos no templo. Não foi o Paul que desenhou. Foi Sanguessuga. — Quando disse isso, pensei: *Sem chance*. Não tinha chance alguma, e, ainda assim, senti que sabia com certeza. — Paul sabia. Ele até tentou fazer Sanguessuga tentar abrir a câmara da caveira. É por isso que a mão dele estava enfaixada aquele dia. Ele deve ser o Marinheiro.

— Então, o que isso quer dizer?

Suspirei.

— Quer dizer que não podemos ir sem ele.

— Vamos contar aos outros — ela sugeriu, e saímos.

— *Aquele* cara? — reagiu Evan quando a Lilly contou as novidades. — Já era ruim o suficiente quando era só *ele* — e apontou para mim —, mas aquele tampinha também? Por que ele?

Acho que não se baseiam no tamanho dos ombros de alguém, pensei em responder, mas, em vez disso, só apontei para a Lilly.

— E ela.

— Bom, sim, mas... — Evan parou e olhou para o chão como se estivesse desapontado de verdade. Talvez ele tivesse acabado de perceber que tudo o que estava acontecendo aqui não tinha a ver com ele. Que ele era basicamente um coadjuvante na história de outra pessoa. Na *minha* história. Eu não estava acostumado com isso também.

— Não era um concurso, idiota — Lilly acrescentou, fechando a cara para ele.

— E o que a gente faz agora? — Aliah quis saber. — A gente não precisa chegar naquela porta se quiser dar o fora daqui?

— Sim. É melhor vocês irem.

— Espera, e vocês? — Marco perguntou.

Lilly olhou para mim.

— Vamos encontrar Sanguessuga. Daí eu não sei.

Pensei em como a Lilly tinha dito que os CETs eram a família dela.

— Pode ir com eles, se quiser — eu disse a ela. — Podemos nos encontrar do

lado de fora.

Lilly contorceu os lábios, como se estivesse pensando no caso. Então ela balançou a cabeça.

— Vou com você. Encontraremos outro jeito de sair — ela disse aos outros.

— Isso é burrice. Vocês deviam vir com a gente agora enquanto temos a chance — opinou Evan.

— Olha só você: o Sr. Eu-nunca-vou-sair-do-Éden — Lilly retrucou.

— É, bom. — Evan me encarou, depois olhou em volta. — As coisas mudaram.

— Mudaram — concordou Lilly. — E acabaram de mudar de novo. Então, vão indo.

— Talvez a gente devesse ajudar vocês? — sugeriu Evan, quase como se estivesse perguntando a si mesmo.

— Não — Lilly foi veemente. — Olha, alguém precisa ir até os Nômades e contar o que tá acontecendo aqui de verdade. Se a gente não sair, então, bom, eu não sei, vão contar pra Federação AC, se precisarem, e voltem pra buscar a gente. Agora vão, e não me perguntem se eu “tenho certeza” nem nada disso. Esse é o plano, entenderam?

Ouvi o que ela disse e senti como se estivesse me apaixonando por ela de novo.

— Tá bom — aceitou Evan.

— Boa sorte — desejou Marco.

— É isso! — Aliah acrescentou.

Observei Evan encontrar o olhar da Lilly e fazer um movimento curto com a cabeça, como se ele estivesse dizendo: *Cuide-se*.

Ela fez o mesmo de volta. Eu me certifiquei de não reagir.

Os três CETs se viraram e correram para a floresta.

Lilly me pegou pela mão. Corremos de volta pelo caminho em direção aos campos.

— E agora? — ela perguntou.

— Não tenho certeza. — Mas meu coração estava batendo mais forte. Costuramos um caminho pelas árvores e paramos nas sombras um pouco antes dos campos. Ninguém estava jogando nada. Era o início da tarde. Todos deviam estar nas eletivas e no nado livre.

Encarei o campo ensolarado, um momento de exaustão me dominando, meus pensamentos girando sem parar.

Senti a Lilly me observando.

— Me diz o que você tá pensando.

— Ah... Não...

Ela pegou meu braço e o torceu, como se fosse quebrá-lo se eu não contasse.

— Ou sim. Fala, Parker.

— Bom... honestamente, tava pensando que eu queria voltar e me juntar aos outros e dar o fora daqui. E aí, sei lá, só fugir. Eu e você, tipo... — Parei, porque sabia que precisávamos continuar, precisávamos manter a guarda. E, ainda assim, tudo era tão perigoso, e se nunca tivesse uma oportunidade perfeita para contar a ela as coisas da minha mente? E se todos os nossos momentos em silêncio, como aquele na ilha, nossas chances de conversar de verdade, tivessem acabado? — E se... ah, esquece.

— Desculpa, mas você não pode começar a dizer essas coisas e *não* terminar.

— Lilly estava fazendo aquilo de novo, aquilo de encarar, e os olhos eram azuis e brancos, e eram demais para se olhar.

— Ótimo. Bom, agora não importa mais, porque minhas guelras já eram, mas eu tinha toda essa ideia de você e eu fugirmos e encontrarmos nossa própria baía em algum lugar, sabe, só a gente, um lugar onde a costa fosse limpa, e ainda houvesse peixe e coisa e tal. E a gente poderia pegar eles e, sei lá, só ficar lá.

Ela sorriu.

— Você quer pegar peixe pra mim? Tipo, com uma lança?

— Claro, ou, sabe, uma rede.

Ela deu um passo na minha direção.

— Então, por trás desse jeito quieto, você é um romântico.

Dei de ombros.

— Quem sabe o que mais tem aqui?

Mais perto.

— Tô começando a pensar que eu sei.

— Certo. — Coração começando a acelerar. Dedos formigando. Mas dessa vez seria eu quem daria o último passo, que faria nossos corpos se juntarem. Pus meus braços em volta dela, e, mesmo com nossos rostos se aproximando um do outro, ainda pensei: *Isso não pode estar certo! Você deve estar fazendo alguma coisa errada...*

Então estávamos nos beijando. Lábios se movendo em ondas. A língua dela encontrou a minha, duas criaturas de sangue quente brincando, e tentei sentir o que a dela estava fazendo e fazer o mesmo, e fazer os mesmos movimentos labiais. E funcionou, pelo menos acho que funcionou, porque o beijo continuou, e era incrível, e segundos estavam se passando, agora um minuto...

— Alô? Alôôô?

O telefone. O maldito telefone.

Atendi.

— Desculpa. — Tirei o telefone do bolso. Aaron estava na tela, olhando

freneticamente em sua direção. Ele não parecia estar feliz. — Oi, é o Owen.

— Owen, Owen, Owen — Aaron resmungou. — Por que é que estou sentado aqui, ou, deveria dizer, amontoado aqui, em um canto vazio do escritório para evitar detecção, assistindo uma equipe de Nômades se esgueirar por entre os painéis solares a caminho da escotilha seis, enquanto simultaneamente mantenho este fato um segredo do restante de Éden Oeste, se não se importa, para só agora perceber na câmara da escotilha que *três* jovens estão se aproximando da porta, e não cinco. Por favor, me diga que isso é porque minha visão acima da média acabou de se deteriorar de repente e sem explicação nenhuma, e não, repito, *não* porque você e aquela menina ainda estão em algum lugar aí dentro.

— Você não tá ficando cego. Lilly e eu estamos procurando Sanguessuga.

O rosto de Aaron se fechou.

— Procurando Sanguessuga.

— É, ele é o outro Atlante.

— Ah. — Aaron revirou os olhos. — *Isso*.

Encarei o telefone.

— Você *sabia*?

— Óbvio.

Tive vontade de gritar com ele.

— Por que ninguém me disse?

— Bom, pra começar, pra que você não se sentisse compelido a fazer alguma coisa insana como ir encontrá-lo em vez de ir direto para a saída mais próxima como eu *disse*.

— Bom, me desculpa, mas é isso o que a gente tá fazendo. Você consegue ver dentro do templo, né?

— O Olho vê tudo. Na verdade, isso não é completamente verdade. As câmeras daquele templo ainda estão desligadas. E não é como se tivesse câmeras dentro dos chuveiros ou banheiros do acampamento. Juro. — Ele fez um barulho como se estivesse se divertindo com a própria piada.

— Você me assusta e é nojento! — Lilly gritou para o telefone.

— Então você não sabe onde Sanguessuga está? — perguntei.

— Eu não apenas não sei — Aaron soava bravo agora —, mas eu teria zero razões para te contar mesmo se soubesse.

— A gente não pode deixar ele pra trás. Ele é o terceiro Atl...

— Menino, me poupe. Eu já sei de toda a história, e o que eu também sei é que a gente pode tirar Sanguessuga depois, de algum outro jeito, mas o melhor jeito de tirar vocês daqui é, neste momento, chegando na escotilha sul. Então deem meia-volta e tratem de se mover.

— Mas... — comecei a dizer, mas aí ouvi um passo leve. E um clique.

Levantei a cabeça e Lilly estava olhando diretamente para mim. O rosto dela estava pálido.

O soldado estava a alguns passos de distância, rifle erguido em nossa direção.

— Não se mexam!

Ouvi Aaron xingar, e o telefone ficou preto, daí, de repente, faíscas começaram a surgir com ele na minha mão, a tela rachando. Eu o deixei cair, fumegando, no chão.

Mais membros da Equipe de Segurança chegaram, saindo do meio das árvores e correndo na nossa direção.

— E aqui estamos nós, finalmente — anunciou Cartier, seguindo pouco atrás. Ele levantou o próprio telefone. — Sr. Jacobsen, sou eu. Pegamos eles.

Eles pegaram nossas mochilas, pegaram a faca de Lilly, e nos encaminharam pelos campos até a área de natação. Uma lancha grande e lustrosa estava amarrada ao deque, bem onde eu e Lilly havíamos nos encontrado pela primeira vez. O lugar estava lotado de crianças mais novas e CETs, que pararam o que estavam fazendo para nos ver passar.

— Owen!

Béquer estava do outro lado do deque, sentado de sunga com os pés dentro d'água. O restante da minha cabana estava espalhado pela água, as cabeças viradas.

— Sinto muito! — Béquer gritou. — Fiz o que você queria!

— Tudo bem! — gritei para ele.

— Quietos — disse Cartier.

— Owen!

De todas as pessoas, agora era a Mina, me olhando de um grupo de Raposas-do-ártico que havia conquistado o trampolim flutuante.

— Você tá bem? — Ela tinha uma expressão preocupada no rosto, como se nem tivesse me odiado recentemente. Por um segundo considerei que, de alguma forma, ao ter dado o bolo nela e depois desaparecido, e agora ao ser capturado, parecia que eu havia conquistado o interesse dela de volta. Nada disso fazia sentido para mim, e nada importava mais.

Eu me perguntei o que eles deviam pensar, o que haviam descoberto. Será que algum dos outros na minha cabana, ou as Raposas, tinha alguma ideia do que estava realmente acontecendo aqui? Vendo-os ali, fazendo as coisas normais de um acampamento, gritei:

— É tudo uma mentira!

— Quietos! — Cartier ralhou de novo.

— Eles estão com Sanguessuga também... — A mão enluvada de um oficial caiu sobre a minha boca. Eles me enfiaram no barco. O motor ganhou vida e fizemos uma curva para longe do deque, se afastando depressa da enseada.

Lilly e eu estávamos sentados lado a lado, o vento castigando nosso rosto. Cruzamos o lago, entre veleiros e iates, até mesmo um esquiador d'água, todos

eles abstraídos de tudo. Queria gritar para eles também.

Fiquei pensando sobre o lugar para onde estávamos indo, e se isso era o começo de um fim horrível, se àquela altura no dia seguinte estaríamos em mesas cobertas, Paul fuçando nossas entranhas em busca dos nossos grandes mistérios. Eu me lembrei do que a Aliah havia dito sobre cobaias e pensei que a pior parte seria não entender o porquê. Anna, Colleen, elas provavelmente nunca nem entenderam por que estavam sendo submetidas a coisas tão horríveis. E, mesmo eu sabendo de algumas coisas, ainda havia muito que eu não entendia, e talvez nunca fosse entender.

Vai, pensa!, disse a mim mesmo. O barco estava se aproximando da Aquinara. Estávamos voltando para o templo. Tinha que haver algo que eu pudesse fazer para escapar.

O senhor deveria checar suas novas memórias, aconselharam os operários. *Nós as achamos fascinantes!* Eles todos se voltaram para uma tela brilhante.

Então me mostrem!, gritei para eles. Fechei os olhos e deslizei de volta para dentro da minha cabeça, olhando para aquela memória que vinha sendo desbloqueada, a de aprender a pilotar a nave com Lük. Encarei a escuridão pontilhada de detrás dos meus olhos, então a luz varreu tudo ao meu redor e eu estava de volta lá, quase como ao recomeçar a ver um vídeo que estava pausado.

Eu estava na nave na tarde ensolarada, vento frio chicoteando. Lük estava acima, a nave dele subindo. Outros já estavam mais alto, elevando-se no céu claro.

Levante a termal!, Lük gritou.

Olhei para baixo, para a pilha de tecidos na minha mão, mas pus aquilo de lado. Estava procurando outra coisa na nave.

Cadê aquele botão?, perguntei.

Botão?, Lük perguntou. *Não há botão. Apenas levante a termal para poder voar!*

Vasculhei mais um pouco. Ele tinha razão. Mas havia um botão na nave do templo. Aquele botãozinho de ouro.

Essas coisas sempre parecem ser ligadas na água, né? Só com vento?

Lük pareceu confuso.

Você precisa de vento para gerar o impulso inicial que ativa a carga hidroelétrica. É isso o que incendeia a célula de calor. Ouvi dizer que algumas foram adaptadas para poder navegar por planícies desérticas e produzir o mesmo efeito.

Certo, eu disse. *Obrigado.*

Mas a termal é só para atingir a elevação inicial, explicou Lük. *Há um segundo sistema...*

— Saia.

De volta aos meus sentidos, me senti sendo agarrado. *Preciso ir*. Consegui ouvir Lük protestando, porém me forcei a sair da memória, de volta pela escuridão, e abri os olhos. Havíamos chegado a um deque próximo à Aquinara. Cartier nos guiou para dentro por portas largas de vidro, e pelo andar principal da instalação, onde canos e tubos de água se embaralhavam em um espaço gigantesco acima de nós, as tripas do sistema respiratório do Éden. Trabalhadores em macacões brancos andavam por corredores, checando monitores e painéis. Pensei em como eu imaginava os meus órgãos internos. Era estranho o quão parecido isso era, apenas numa escala maior.

Entramos por um corredor, passamos por portas trancadas a teclado numérico, e tomamos uma escadaria que descia cinco ou seis níveis. Uma última porta se abria em um grande laboratório. As paredes estavam cobertas de projeções de mapas, fotos de antigos artefatos e imagens aéreas de ruínas. Pedacos de pedra estavam posicionados em mesas, sob microscópios gigantes. Vi projeções holográficas de salas e mosaicos sendo estudadas por técnicos.

Pelo menos não havia nenhuma mesa coberta.

No centro da sala estava o buraco circular no chão que Lilly e eu tínhamos visto de baixo, uma escada descendo por ele. Os oficiais desceram.

— Depois de vocês — anunciou Cartier.

Descemos pelo túnel cimentado. Seguimos a mesma rota, descendo por passagens iluminadas por cordas de lâmpadas no teto, mais escadas abaixo, até que finalmente estávamos de volta na sala de mapas Atlante. Tinha a mesma aparência de antes, apenas sem o corpo da Nômade. A mesa de mapas desenhados à mão ainda estava lá, e a maleta cilíndrica preta do Sanguessuga agora estava descansando em cima dela.

Eles nos fizeram marchar pela escadaria em espiral. Quando cruzamos a passarela na base, olhei para baixo, para a pequena nave Atlante parada no chão seco de pedra. Sem água nem vento para ser acionada. Levantei a cabeça para a esfera preta e para o pedestal suspenso acima, aquele estranho guarda-chuva de cobre debaixo dele, e depois para a bola de mármore lá em cima no teto, tentando descobrir o que tudo aquilo significava.

Mãos me empurraram.

— Continue a andar.

Haviam pendurado luzes pelas paredes escuras e pela estreita passagem em zigue-zague. Um emaranhado de cabos de alimentação serpenteava pelo chão. Nós nos esprememos de volta para a pequena câmara da caveira.

— Ora, aí está ele.

A luz na câmara era cegante, cobrindo as paredes com claridade. Havia um

zumbido elétrico constante por ali, e estalos de faíscas. Não consegui ver a caveira porque ela estava do outro lado de uma silhueta que cobria sua luz.

Paul estava parado à direita do pedestal, usando óculos de solda para proteger os olhos, contemplando a caveira. A silhueta era pequena, curvada para frente, um oficial de cada lado segurando os braços dela.

— Muito bem, ele já acabou. — Paul acenou para os dois oficiais. Eles começaram a puxar os braços da figura, o que pareceu ser um grande esforço, mas conseguiram libertar Sanguessuga, e, quando o viraram de lado, percebemos que eles estiveram segurando as mãos dele na caveira.

— Nnnnaa! — gritou.

Seu rosto estava retorcido, com olhos fechados e dentes expostos. Um homem baixo vestindo um jaleco, também com óculos de proteção, apareceu na frente do Sanguessuga e segurou um dispositivo quadrado perto da testa dele, como o que a Dra. Maria tinha. A bolinha de vidro emitiu um amarelo-esverdeado, uma cor entre a que havia brilhado para mim e a que havia brilhado para Colleen.

— Deem a ele um respirador — indicou Paul, ondulando a mão a mão na direção de uma maca na parede de trás.

Sanguessuga caiu, enfraquecido, nos braços dos oficiais. Havia eletrodos presos na cabeça dele em pontos raspados, como os dos CETs. Fios estavam ligados à caveira de cristal também. Os olhos vazios brilharam para mim, mas fiquei observando Sanguessuga enquanto o deitavam na maca atrás do pedestal. Lá, máquinas monitoravam os sinais vitais dele. Os braços contraídos, as pernas também, e, pela primeira vez, senti por ele alguma coisa parecida com dó. Sanguessuga, o favorito do acampamento, o valentão que controlava a todos nós com apelidos e piadas, quando durante todo esse tempo ele é que estava sendo controlado.

— Bom, Owen... — Paul se virou, levantando os óculos no processo.

Pela primeira vez vi seus olhos, finalmente descobrindo o que estava por trás dos óculos coloridos, e me arrependi de um dia ter querido saber.

Eram queimados, escaldados, os brancos eram de um carmim doentio, manchados de veias pretas. Só as íris é que eram azuis, um azul-elétrico em chamas, e podia ver as linhas que as entrecruzavam, padrões geométricos, com pequenas faíscas de luz intermitente, e percebi que os olhos dele eram falsos, circuitos, e as pupilas eram buracos com lentes de vidro, lentes de câmeras. Ele deve ter percebido minha reação, porque sorriu. As pupilas zumbindo ao se dilatarem, as máquinas ajustando o foco. E, enquanto achava o sorriso dele estranho com os óculos, sem eles era uma coisa fria e sem alma que certamente habitaria meus pesadelos, se conseguíssemos sair daquela situação.

— Sim. — Ele moveu uma mão em direção ao rosto. — Isto é o que acontece

quando você encara o rosto dos Deuses. Ou, no meu caso, de uma Sentinela criada pelos Atlantes para alertar as crianças escolhidas. Por sorte, há um doutor em Éden Leste que faz olhos excelentes. Têm até entrada direta para holográfico, se eu ligasse para esse tipo de coisa. Mas não me ligo. Meus olhos são apenas para a verdade. E você, Owen, você é a verdade.

Os olhos brilharam para mim, faíscas cintilando. Ele indicou a caveira.

— E isso é seu, pelo que entendi.

Não respondi.

— Tudo bem. Já sei que é. E, sabendo disso, sinto que um pedido de desculpas deve ser feito. Eu deveria ter sentado com você e contado o que suspeitei desde o momento que vi sua amostra de DNA, mas... assim como com os outros — ele acenou sem consideração para Lilly — pensei que deixaria a verdade revelar a si mesma.

— Por que você não pôde nos contar? — perguntou Lilly com amargura.

Paul suspirou.

— Eu *poderia* ter contado, mas pense: vocês provavelmente são espertos o suficiente para ter percebido a esta altura que estamos usando o Acampamento Éden para encontrar os Atlantes. Mas o que teria acontecido se eu tivesse sentado todo mundo no começo da temporada e anunciado que estávamos procurando pelos descendentes genéticos de uma raça antiga, e que todos haviam sido selecionados baseado em combinações potenciais, e que esperávamos que os principais candidatos exibissem sintomas estranhos? Teríamos tido crianças se afogando, criando guelras falsas, e quem sabe o que mais. E para você, Owen, para o verdadeiro Atlante, é um conceito tão grandioso, uma mudança tão gigantesca, que achei que você precisava descobrir sozinho, organicamente. Mas, de qualquer forma, agora você sabe, então podemos seguir em frente. E me sinto como um pai orgulhoso, vendo todos vocês chegando até aqui.

Lilly soltou um chiado.

— Ora, o que é isso. De qualquer forma, a hora é perfeita. Eu estava dando de cara contra uma parede com o Carey. — Paul fez um gesto em direção ao Sanguessuga, que ainda estava deitado na maca. — Ele foi o primeiro a ter as guelras sintomáticas, há muito tempo, quando este lugar ainda era o Acampamento Aasgard. Foi a condição dele que trouxe minha equipe até aqui. E quando vi os desenhos percebemos que estávamos próximos. Fizemos de Carey um Crio enquanto estabelecíamos o domo por aqui, e escavávamos a sala de navegação. — Paul fez um gesto para o teto. — Quando trouxemos Carey até aqui, aquela sala realmente acendeu os poderes dele, e, desde então, ele faz todos aqueles mapas. Pensei ser aquele mapa estelar de obsidiana que o estava ativando, mas, durante todo esse tempo, era esta caveira, escondida debaixo dos meus pés. A *sua*

caveira. O que quer dizer que há uma lá fora para ele, em algum lugar, eu suponho.

Não respondi.

Paul olhou para a caveira de novo.

— Incrível. Faz sentido, agora. Sabe, meu pai foi o homem que encontrou a primeira cidade Atlante, lá na Groenlândia. Ela estava coberta de gelo há cerca de dez mil anos, depois de um repentino e cataclísmico evento natural que mudou toda a Terra. A crosta se moveu, houve tsunamis massivos, dilúvios, e aqui são literalmente os dilúvios dos quais os mitos antigos falavam, e o mundo mergulhou de volta em uma era de gelo até, bom, tecnicamente, apenas algumas centenas de anos atrás.

“A equipe de climatologistas do meu pai estava perfurando o gelo da Groenlândia em busca de núcleos de gelo, tentando entender além das mudanças climáticas, tentando encontrar uma forma de parar a Grande Ascensão. Eu tinha treze anos na época, viajava com eles. A camada de gelo já havia diminuído mais que qualquer humano moderno havia visto, e então um dia houve um desmoronamento glacial enorme em um dos fiordes, e lá estava a cidade antiga. Era feita da mesma pedra das grandes Pirâmides, e, ainda assim, estava a milhares de quilômetros ao norte. E, como se isso já não fosse incrível o suficiente, havia tudo o que encontramos dentro, depois de termos cavado por todo o gelo, incluindo um templo não muito diferente deste aqui, só que maior.

“Havia três tumbas do lado de dentro. Três corpos jovens, bem preservados no gelo, as gargantas rasgadas. E havia uma mensagem inscrita na pedra que meu pai traduziu. Foi preciso meses sentado em uma tenda lá em cima, passando os símbolos pelo sumério antigo, fazendo referências cruzadas com os códigos mesoamericanos mais antigos. Ela dizia: ‘Antes do início, houve um fim’.”

Terminei por ele:

— Três escolhidos para morrer, para viver a serviço da Qi-An, o equilíbrio de todas as coisas.

Os olhos de Paul se arregalaram, os circuitos cintilando.

— Você conhece. — Sua boca se abriu, quase como se estivesse com fome. Ele esfregou as palmas das mãos e suspirou. — E você sabe sobre a cidade?

Assenti.

— Eu a vi.

Ele suspirou.

— Não posso imaginar como deve ser para você. Estar conectado, ser o condúite dos antigos. Conhecer aquele *poder*. Quero dizer, por quase quarenta anos venho estudando este templo e os outros que encontramos, traduzindo textos e decifrando estruturas megalíticas. Provavelmente, conheço os Atlantes melhor

que qualquer outra pessoa, até mesmo melhor do que meu pai conhecia. Mas você... — A voz de Paul ficou mais baixa, quase um rosnado. Sua boca se moveu e quase esperei vê-lo lambe os lábios, um predador perseguindo sua presa mais suculenta. — Você é o escolhido. Você está do lado de dentro observando o que acontece aqui fora, não é? Você viu o mundo deles. E agora, Owen, eu preciso que me diga tudo. Você vai fazer isso, não vai?

Não respondi.

— Quero dizer, a caveira não fala com mais ninguém. Acredite, eu tentei.

— Eu sei. — E pensei nos CETs presos àquelas mesas. — Eu vi.

— Ah, sim, porque você esteve no laboratório. Então agora nós dois sabemos que esta caveira é só sua, estou certo?

Ouvindo-o falar, percebi que talvez tivesse uma chance aqui...

— Sim, só eu. Sou o único.

— Sim. — Paul soou como se estivesse animando até os ossos. — E ela te disse como encontrá-la?

— Encontrar o quê?

— A Brocha — respondeu Paul.

Tentei me lembrar se Lük havia mencionado isso, mas tinha certeza de que não.

— Ah, então sua caveira não falou sobre isso — concluiu Paul. — Estou falando sobre a Brocha de Dioses. Bom, é assim que *nós* a chamamos. É espanhol, a tradução de um padre de um antigo código maia. Tenho certeza de que os Atlantes teriam um nome diferente para ela.

— O que é isso? — perguntei.

— Bom... eis o mistério, o grande mistério. “Brocha de Dioses” significa “Pincel dos Deuses”. Foi essa a tradução do padre, pelo menos. Tem sido muito difícil juntar as peças, mas acreditamos ser uma máquina, uma máquina antiga que poderia, bem, salvar todos nós. E está localizada no Coração da Terra.

Lük tinha falado daquilo. E, ouvindo disso, ouvi o que ele havia dito: *Alguém descobriu nosso pecado e busca usá-lo*. Talvez fosse isso o que eu havia sido chamado para defender. Proteger esse Pincel dos Deuses de Paul e do Projeto Campos Elísios.

— O que quer dizer com salvar a todos nós? — perguntei.

— É fascinante, de verdade — Paul parecia mesmo fascinado —, e nós podemos entrar mais no assunto assim que tivermos começado a jornada, mas os Atlantes encontraram uma forma de controlar as forças da Terra, de literalmente mudá-la ou adaptá-la às suas necessidades. Sua civilização era global e muito avançada, em algumas maneiras não tanto quanto a nossa, mas em outras vastamente superior.

“Há cerca de dez mil anos, eles encararam um evento de mudança climática,

alguma coisa parecida com a Grande Ascensão, o que não é tão incomum, se você observar um registro mais longo da História. Mas os Atlantes eram as primeiras criaturas viventes da Terra a ter inteligência para fazer algo a respeito. Eles estavam encarando um período de aquecimento dramático, e, também como nós, esse era um povo que vivia primariamente nas costas, já que eram mestres navegantes.”

Percebi que essa era a primeira coisa que eu sabia que ele não. Paul não sabia sobre as aeronaves. Ele provavelmente pensava que aquela nave aqui embaixo no templo era um barco. O que queria dizer que ele não sabia exatamente para o que eu servia também.

— Eles estavam observando suas cidades submergirem — Paul continuou. — Então, para salvar a si mesmos, eles lutaram. Eles criaram esse Pincel dos Deuses, e eles o usaram.

— Mas não funcionou — acrescentei, me lembrando do céu cheio de cinzas no mundo de Lük.

Paul sorriu, como se eu fosse o pupilo estelar dele. Não podia evitar meu interesse no que ele estava dizendo, na história do meu povo, e havia uma coisa intrigante sobre todo esse conhecimento que Paul possuía. O quanto mais ele podia me ensinar? Então, olhei para Sanguessuga. Ele ainda estava inconsciente, o rosto com uma expressão de dor mesmo naquele estado, e fui obrigado a me lembrar de que ele foi o último estudante estelar de Paul.

— Pode ser mais correto dizer que funcionou bem demais — argumentou Paul. — Baseado em evidências que encontramos, o Pincel dos Deuses causou um cataclismo tão grande que se tornou a base de todos aqueles mitos de dilúvios ao redor do mundo.

“A civilização Atlante entrou em colapso, e a maior tecnologia que o mundo conheceu até este milênio foi perdida em meio a gelo e ruína. E ainda assim... — Paul abriu os braços. — Aqui estamos nós, prestes a descobri-la uma vez mais. Só que agora, pense, Owen: podemos acrescentar nossa tecnologia moderna ao modelo Atlante, e ser bem-sucedidos onde eles falharam. Vê o que estou dizendo? Nós podemos *consertar* a Terra. Podemos salvar a humanidade.”

Ele me deu um sorriso tão largo, olhos faiscando, que pude sentir a periculosidade do entusiasmo dele, como um vírus que podia entrar em mim, me mudar, mas eu lutei para segurá-lo.

— Você não quer isso também? Pense no seu pai, na sua vida lá no Centro. Pense nas pessoas sofrendo fora da Zona Habitável. — Ele olhou para Lilly quando fez essa menção. Ele deve ter sabido dos pais dela. — As doenças, a subnutrição. Todos aqueles que morreram. Até mesmo os que estão vivendo nos Édens. Tenho certeza de que você sabe que os domos não vão durar para sempre.

Na verdade, há um tempo precioso restante. Nossa espécie está em uma encruzilhada. Nós podemos desaparecer, ou podemos perseverar.

Permaneci quieto. Eu não sabia o que dizer. Eu queria isso? Talvez. Lük havia dito que tentar usar o poder de Terra destruiu sua civilização. Que eu devia protegê-lo e evitar que isso acontecesse de novo. Mas Lük não podia saber sobre os tempos modernos. Se Paul estivesse certo, e se esse Píncel pudesse ser melhorado... Pensei no meu pai, no nebulizador, na tosse dele, só piorando quanto mais ele ficava debaixo da terra. O que Lilly pensava? Queria perguntar a ela.

Como se me respondendo, de repente Lilly chiou para Paul.

— Você matou a Anna!

Paul fechou a cara para ela.

— Na verdade, Cartier me disse que vocês a mataram quando tiraram da tomada o sistema de suporte à vida dela.

— Como você pôde fazer aquilo com ela? Com aquelas outras pessoas? — Lilly cuspiu. Podia ouvir a raiva elevando o tom da voz dela, podia senti-la tremendo do meu lado.

Paul deu de ombros.

— Eram sacrifícios necessários na busca do conhecimento. — Havia frieza no comentário. — Tínhamos de entender o mecanismo do crescimento da guelra. Precisávamos entender que outras mudanças estavam acontecendo do lado de dentro. Nós sabíamos que Anna e as outras não eram *as escolhidas*, e nós não tínhamos ideia de quando, e se, nosso Owen apareceria, então decidi recrutar a ajuda delas como experimentos...

— Ela não era um *experimento*! — Lilly gritou. — Ela nunca teria concordado em te deixar fazer aquilo com ela!

Paul fez uma careta e gesticulou para Cartier, que pegou Lilly, colocando uma mão enluvada sobre sua boca.

— Lilly, querida, você me lembra do meu *pai* com sua crença de mente pequena em algum tipo de código moral. Ele foi um dos fundadores da Corporação Éden. Encontrar Atlântida era o objetivo dele, mas quando descobrimos a existência do Píncel dos Deuses e a comissão de diretores o pediu para liderar a busca, ele se recusou. Disse que era errado mexer com a Terra, brincar com a natureza. Ele achava que deveríamos ouvir os avisos antigos. Quando a verdade é que tudo o que fazemos mexe com a Terra. Nós somos parte da natureza, somos sua realização coroada. Nós *somos* a natureza.

Paul se aproximou de Lilly, seus olhos elétricos refletidos nos dela.

— Você sabia que meu pai se *recusou* a abrir a antecâmara que descobrimos na Groenlândia, aquela que continha a evidência apontando para a localização do Píncel? Todo aquele conhecimento, bem *ali*, e ele não quis, porque pensou que

era perigoso demais. Ele estava com *medo*. Então, você sabe quem abriu? O filho dele. Entrei no templo e abri a antecâmara, sozinho, e me vi cara a cara com uma Sentinela, e perdi os olhos. E foi aí que a comissão de diretores entendeu que era eu quem deveria liderar a busca. Porque eu faria o que era necessário.

“Como com a sua amiga Anna. Aliás, uma garota adorável, cheia de vida — acabou sendo vida demais. Ela *odiava* o que estava acontecendo com todos vocês. Então, ela veio até mim e quis saber se havia alguma coisa que ela poderia fazer para ajudar a descobrir o que estava acontecendo. Foi gentil da parte dela se oferecer, eu pensei.”

Lilly se libertou de Cartier.

— Ela não sabia que você ia fazer *aquilo* com ela! — Seus olhos estavam lacrimejando, a voz embargada de raiva. Cartier a pegou de novo.

Paul deu as costas a ela.

— Provavelmente, não. — Ele olhou de volta para mim. — Mas o que é uma vida quando milhões estão em jogo? E, Owen, você não precisa se preocupar, não vou abri-lo ou qualquer coisa primitiva do tipo. Quero *seguir* você. Quero que você diga que vai me ajudar, diga que vamos fazer isso juntos. E poderemos começar nossa jornada, encontrar Terra, o coração de Atlântida. Precisamos parar de deixar a *natureza* fazer o que ela quer e passar a *ser* a natureza. Por favor. Você não quer fazer a coisa certa por aqui e salvar a raça humana? — Sua boca fez um movimento estranho, como se ele estivesse tentando mostrar que se importava, e, ainda assim, seus olhos mecânicos estavam cravados em mim, como se ele estivesse tentando ver o Atlante lá dentro através da minha pele.

E eu *queria* salvar a humanidade da Grande Ascensão, ser o salvador de nossa espécie. Queria vidas melhores para todo mundo, para o meu pai, até para mim.

— Você será um herói — Paul acrescentou.

Senti a energia sendo drenada de mim. E pensei: Paul estava fazendo isso soar como uma escolha, mas será que era? Eu não podia dizer não para Paul, podia? Ele não me forçaria a fazer o que ele queria de qualquer jeito? Apesar de Lilly nunca concordar com isso, parecia que havia apenas uma resposta. Se dissesse sim, se trabalhasse com Paul, eu podia manter nós dois a salvo. E quando descobríssemos o que o Pincel dos Deuses era de verdade, poderíamos decidir o que fazer. Dizer sim me daria tempo. Nos daria tempo. Mas e se a chance nunca viesse? E se eu enchesse Paul de informação e isso fosse tudo o que ele precisava para chegar à Atlântida e pronto?

— Como vou saber que posso confiar em você? — perguntei.

Paul sorriu.

— Uma pergunta justa. A resposta: porque nunca menti para você.

— Mmmm! — Lilly libertou a cabeça das mãos de Cartier por tempo o

suficiente para gritar: — Todo este lugar é uma mentira!

Paul suspirou.

— Tecnicamente, é mais como uma distração, para permitir a descoberta de uma verdade maior. — Paul olhou para mim de novo. — Você vai descobrir, no grande jogo, que às vezes tem de ser assim. Mas isso não muda o fato de que nunca menti para você diretamente. E você tem minha palavra, Owen, de que, se você disser sim, eu o manterei informado, protegido e bem cuidado de agora em diante.

Repensei em tudo, e ele estava certo. Ele nunca havia mentido, não para mim, não diretamente. Mas a história da Colleen, e o acampamento como um todo... As mentiras estavam em todo o restante.

— E então, Owen? — Paul estendeu as mãos em minha direção, as palmas para cima. — Hora de escolher.

Owen.

A sirena havia aparecido. Ela estava flutuando do outro lado da sala, atrás de Paul. Olhei para Lilly. Ela me encarava com olhos arregalados.

Olhei de volta para a sirena, que me encarou fixamente.

Você precisa ser fiel à Terra.

O que isso quer dizer?, pensei para ela.

A Qi-An é sempre dividida em duas. Todos os estados ocorrem em pares. Conhecer a verdade é conhecer dois.

Conhecer os dois lados?

Ver os dois.

Não sabia o que ela queria dizer. Que dois lados? Isso tinha a ver com a escolha de trabalhar com Paul ou não? Com Lük me dizendo para parar o Projeto Campos Elísios e Paul me pedindo para ajudar? Então, dizendo sim ou dizendo não... Ou talvez isso tivesse a ver com Paul. Com ver os dois lados dele. Porque eu sabia o que veria se dissesse sim. Ele me trataria como seu novo filho favorito, e eu usaria a caveira e contaria tudo para ele. E, por mais terrível que isso pudesse soar, parte de mim ansiava por isso. Eu realmente acreditava que Paul me protegeria se eu fosse a posse mais valiosa dele. E eu conseguia até entender o raciocínio dele pelas coisas macabras que tínhamos visto no laboratório, como ele via tudo como ossos do ofício na missão de salvar o planeta. E ainda assim...

Qual era o outro lado de Paul? Eu já havia mesmo visto? Será que eu podia confiar nele? Será que seus objetivos eram mesmo nobres assim? Ele não me diria, e eu não podia obrigá-lo, mas podia dizer não e ver como ele reagiria.

E talvez, mais que isso, havia Lük, meu... irmão? Me dizendo para não ajudar esse homem. Me dizendo que eu precisava fazer o oposto. Era o que a Lilly queria também. O que eu queria?

Eu queria ser verdadeiro. Queria ver a verdade.

Sim, disse a sirena, e pensei ter visto aprovação em seus olhos. Olhando para ela naquele momento, de repente pensei em outra coisa. Por que Lük nunca tinha falado nela?

Quem é você?, perguntei a ela.

Ela desapareceu.

As mãos de Paul ainda estavam estendidas naquele gesto desamparado. Um segundo chegou a passar? Parecia que sim, e pensei no que diria. *Sim* era um acordo com o diabo, mas também segurança, pelo menos por um tempo. *Não* era... o quê? A única coisa que eu tinha certeza é que era a verdade.

— Bem, acho que minha resposta é não. — E então observei.

Observei os olhos de Paul brilharem para mim, as pupilas diminuindo. Observei-o suspirar e balançar a cabeça devagar. Observei sua expressão endurecer. Seu olhar me abandonar, como se eu não fosse mais importante. Ele olhou para os oficiais ao meu lado e acenou devagar com a cabeça, uma única vez.

Eles me pegaram pelos braços e me moveram em direção à caveira.

— Conectem-no — ordenou Paul com um gesto de sua mão, e, simples assim, eu tinha me tornado mais um objeto, uma cobaia.

— Não! — gritei de novo. Eu me debati, mas foi inútil. Cada oficial me segurou por um braço, e eles moveram minhas mãos em direção à caveira. O técnico de jaleco branco apareceu e começou a prender eletrodos na minha testa. Balancei a cabeça, porém ele me pegou pelo queixo e segurou firme.

Eu tinha dito não e visto a verdade: que não havia escolha, afinal de contas. O não era, na verdade, um sim. Mas, pelo menos, ao dizer não eu tinha sido verdadeiro comigo mesmo, verdadeiro com as pessoas que morreram. Verdadeiro com Lilly.

— Administre o sedativo — indicou Paul. — Vamos nos conectar com a comissão. Ela vai querer ver isso. — Ele se virou para a parede, onde uma tela de vídeo estava desligada. Ele tocou o canto e ela se iluminou. Uma mensagem piscando:

[ESTABELECENDO CONEXÃO DE BAIXA ÓRBITA]

Então uma sala apareceu, a câmera na ponta de uma mesa, e todas as sete cabeças grisalhas da comissão de diretores da Corporação Éden se curvaram para frente.

— É o escolhido? — perguntou o homem rijo no fim da mesa. Ele estava emoldurado por uma janela que mostrava uma visão ampla do céu noturno.

— Este é o Segundo Indivíduo — informou Paul. — Estamos prestes a sincronizá-lo à mídia de cristal.

— Excelente — murmurou um membro da comissão.

— Muito impressionante — disse outro. Cabeças balançavam uma em direção à outra e conversavam em sussurros. Elas se moviam devagar, quase como se estivessem flutuando no ar.

Os soldados me aproximaram. Tentei lutar. E continuaria lutando, não importa o que acontecesse, e pelo menos na caveira eu poderia estar seguro por um período de tempo. Talvez lá dentro pudesse pensar em algum jeito de resistir a Paul.

O técnico voltou com uma agulha. Ele enxugou meu braço com um chumaço de algodão.

— Preparem a garota também — anunciou Paul. — Queremos ver se alguma coisa se ilumina ali.

Minhas mãos estavam quase na caveira, meus segredos prestes a serem desnudados. O brilho aumentava conforme eu chegava mais perto.

— Fascinante. — Paul observava a tela de monitor ao lado dele. — Acho que nem precisamos de corrente elétrica.

A agulha encostou na minha pele. Prestes a romper a superfície...

Alguma coisa perfurou o ar. Um movimento no canto do meu olho, cintilando no brilho da caveira. Parecia ter chegado como um borrão, mas agora estava congelado no espaço.

— O que foi isso? — perguntou um membro da comissão.

— Acho que estamos com uma conexão fraca — reclamou outro.

As mãos que estavam me segurando afrouxaram, e me virei para ver uma conta prateada de luz. Estava paralisada, e constatei que era a ponta de metal brilhante de uma flecha. Uma flecha saindo de roupas pretas, saindo do peito de Cartier.

A flecha tinha vindo de trás. Lilly conseguiu se libertar de Cartier. O corpo dele convulsionava e ela o empurrou. Ele tombou para frente, tossindo sangue e batendo em Paul, que se virava apenas agora. Os dois colidiram com o monitor.

A flecha saindo das costas de Cartier tinha penas tricolores. Era do tiro com arco do acampamento. Olhei para a porta. Evan estava parado lá, arco em mãos, outra flecha já pronta. Ele entrou e Marco e Aliah o seguiram. Eles estavam com armas. Rifles. Provavelmente de oficiais que haviam surpreendido mais acima. Estavam ensopados, deixando pegadas molhadas. Criaturas das profundezas, voltando para buscar o próprio povo.

— Nada disso! — Evan gritou. Ele virou o arco e flecha para os oficiais atrás de mim. Eles soltaram meus braços para tentar pegar as próprias armas. — Contra a parede — Evan mandou. Parado ali, pingando, os ombros dele tensionados com o arco armado, ele parecia mais intimidador do que nunca. Cruzamos olhares e não pude deixar de me perguntar se ele estava prestes a terminar o que tinha começado na Reserva.

— Vem — ele chamou, em vez disso.

Os dois oficiais estavam obedecendo, especialmente depois de verem os rifles de treinamento do Marco e da Aliah. O técnico de jaleco branco se juntou a eles.

Paul havia rolado Cartier para longe de si e estava se levantando. Evan girou e mirou para ele.

— Você também. — Ele gesticulou com o arco. — Contra a parede.

Paul começou a sorrir, a juntar as mãos.

— Agora, crianças, ouçam..

— Cala a boca, açougueiro — gritou Aliah. — A gente sabe o que você é. — Ela apontou o rifle na direção de Paul. — É só dar um motivo.

Os olhos de Paul se estreitaram, as pupilas brilhando friamente.

— Peço que reconsiderem o que estão fazendo.

Ninguém respondeu. Lilly estava ocupada tirando nossas bolsas dos oficiais.

— Pega o Sanguessuga — ela disse para mim.

— Certo. — Fui até a maca e comecei a sacudir Sanguessuga. Ele se mexeu, os olhos semiabertos. — Ei, a gente tá indo embora, vem. Você consegue se

levantar?

Ele estremeceu e começou a se sentar.

— Consigo — respondeu, meio grogue.

Seus dedos foram para os eletrodos na cabeça e debaixo a camiseta. Eu o ajudei a tirar todos, depois o levantei e o empurrei em direção à porta.

Paul se juntou aos oficiais na parede. Lilly parou diante deles.

— Armas e telefones, por favor. — Ela pegou o equipamento dos oficiais e entregou a Marco e Aliah. — Vou pegar isso aqui também. — Ela puxou a faca Nômade do cinto de um deles. Ela enfiou o telefone de Paul no bolso. — Obrigada — chiou. Daí se virou e pegou a caveira.

— Ouçam — chamou Paul —, todos vocês, há uma outra forma de fazermos isso...

Lilly soltou um grunhido com os dentes cerrados e se virou para ele. A caveira estava nas mãos dela, que a bateu na têmpora e na mandíbula de Paul. Sua cabeça bateu contra a parede e ele foi para o chão. Lilly olhou para baixo.

— Já chega de você.

Ele rolou de costas, um dos olhos soltando faíscas.

Fomos em direção à porta. Passei pelo Evan, o arco ainda em posição.

— Valeu.

— Nada. — Ele manteve o olhar nos oficiais.

— Por aqui — chamei Sanguessuga, e a gente se espremeu pela passagem de volta para a plataforma.

Lilly tinha ido para a esquerda com Aliah e Marco, rumando para as escadas.

— Por aqui! — chamei por ela. — A gente vai pegar a nave.

— Quê? — Ela me olhou como se eu fosse louco.

— Confia em mim! Vai funcionar! — Tentei não demonstrar que talvez pensasse que era louco também, que mal sabia o que estava fazendo. Corri pela plataforma e desci as escadas, Sanguessuga se arrastando atrás de mim.

— O que é isso? — ele perguntou como se estivesse olhando para um monte de lixo.

— Você desenha mapas. Eu piloto isso.

Vi Lilly abraçando Marco e Aliah, depois Evan.

— Cuidem-se! — ela gritou para eles por cima do ombro enquanto corria e se juntava a nós dois. Nós nos apertamos dentro da pequena nave. Lilly abriu a bolsa e enfiou a caveira e a faca lá dentro.

— Essa coisa parece um barco a remo — resmungou Sanguessuga. A atitude dele me incomodava.

— Owen... — Lilly apontou para cima. Os oficiais estavam saindo da câmara da caveira, levando Paul entre eles. Eles nos viram, mas foram para as escadas.

Acima deles, os CETs estavam quase no topo.

— Eles vão ficar bem.

— É, mas e a gente? — Sanguessuga perguntou.

— Observe. — Pus o dedo em cima do botãozinho de ouro. Olhei de novo para o pequeno círculo de ponta afiada no centro da forma de digital, o meio vazio, depois para o tubo minúsculo de cobre que levava até o fundo do casco.

Olhei para cima. Daqui, aquele guarda-chuva de cobre escondia a bola de mármore gigante no teto. Os oficiais de Paul estava chegando agora ao topo da escadaria.

— Assim que eles saírem dos túneis — Lilly observava a cena comigo — vão mandar todo o complexo atrás de nós.

— Vão. — Pus meu dedo no botão, senti a ponta afiada. — A chave está dentro de mim — repeti, esperando que funcionasse ali também. Enfiei o dedo com tudo. Uma dor fresquinha subiu pela minha mão, mas continuei apertando. Levaria tempo para o sangue descer pelo tubo...

— O que você tá fazendo? — Sanguessuga quis saber, soando cético.

Tudo começou a tremer. A nave balançou. Pó caiu das paredes.

Olhei para cima.

— Dá pra imaginar que, com todos esses túneis que a gente pegou, a gente tá em algum lugar debaixo do lago, né?

O tremor aumentou, como se tivesse uma máquina gigantesca nas paredes. A passarela de pedra acima de nós começou a encolher para dentro da parede. As escadas em espiral também.

Um rangido agudo veio de cima. Eu me debrucei na lateral da nave. Lilly fez o mesmo.

— Owen, aquela bola de pedra no telhado tá se mexendo — ela avisou — e...

Observei a subida, e a voz de Lilly foi abafada pelo rugido ensurdecedor da água jorrando pelo buraco naquele lugar. Ela caiu em uma cascata gigante, bateu no guarda-chuva de cobre e esguichou para todas as direções, criando uma cortina d'água que descia por toda a nossa volta, enchendo a câmara enquanto ficávamos sentados ali, quase secos.

— Uau. Tá, isso pode funcionar! — Lilly se animou.

Começamos a subir, a água levantando a nave do chão. O mastro bateu no guarda-chuva e houve um clique alto quando ele se prendeu no centro. As hastes de cobre se desprenderam. O guarda-chuva subiu conosco, desviando o jato d'água.

Alguma coisa bateu contra o cobre e caiu, passando por nós. A esfera de obsidiana da sala de mapas desapareceu dentro da água espumante.

— Ah — Sanguessuga soou desapontado. — Adeus, mapa de estrelas.

— Você precisava daquilo? — gritei para ele.

Sanguessuga encarou a água.

— Ah, era útil, mas eu vou ficar bem.

Já estávamos em paralelo com a plataforma. Água invadindo a câmara da caveira.

Subimos mais, alcançando o topo das paredes da câmara inferior, chegando à sala de mapas. A água girava por todo lado, e entre as bolhas havia papéis.

— Seus mapas também! — Lilly gritou para Sanguessuga.

Ele olhou para baixo e pensei que ele ficaria louco ao ver as páginas molhadas, sangrando tinta, mas ele se limitou a sorrir.

— Tudo bem. — Seu tom era aquele pretensioso que costumava ter. Ele bateu na cabeça. — Tá tudo aqui. — Mas seu sorriso sumiu quando ele vasculhou a sala. — Acho que o Paul pegou a maleta. Aqueles eram os melhores. Só que ele não vai entender muita coisa sem mim.

A sala se encheu. Balançamos na água espumosa, nos aproximando do teto curvo. Água esguichava por cima de nós agora. Borrifos d'água nos olhos. A nave estava sendo jogada pela sala. A ponta de trás bateu no teto. Estávamos nos aproximando do topo, começando a subir para o buraco onde a bola de mármore estivera. Começamos a rodar. Água para todo lado.

— Se segurem em alguma coisa! — gritei.

A nave cambaleou. Subimos, girando depressa. A cascata rugia contra o guarda-chuva de cobre. Ondas nos encharcaram. Tudo estava resumido a jatos d'água e bolhas, luz e sombra. Mas ainda estávamos subindo. Havia luz sobre nós. E, em um último impulso e um rugido ensurdecedor, fomos jogados para fora do templo submerso, para o olho central do turbilhão de água, para a superfície.

Ondas bateram na embarcação, depois se acalmaram. A nave parou. Estávamos agora flutuando no lago, não muito distantes da praia, próximos à Aquinara. Brisa. Pássaros. Sol morno na nossa pele molhada. Permanecemos ali por um momento, respirando com dificuldade, mas maravilhados com a paz repentina ao nosso redor.

— Uau, funcionou de verdade — Sanguessuga estava surpreso.

Lilly começou a vasculhar a água.

— Vão mandar barcos pra cá em pouco tempo.

— Vão. — Fiquei de pé e abri o compartimento de um banco. Consegui sentir o vento ocidental costumeiro vindo da cidade. Peguei a vela e as bobinas curtas de corda, como vi Lük fazer na memória. Os materiais estavam rígidos, no entanto as fibras ainda estavam incrivelmente usáveis. Por quanto tempo haviam ficado lá embaixo, esperando por mim?

Pus meu pé no pedal do leme e me inclinei para podermos correr a favor do

vento. Amarrei uma guia em um buraco no canto da vela triangular, depois me levantei e amarrei a vela direto na frente do mastro e das vigas de cobre com nós de âncora que meus dedos fizeram sem pensar. A vela pegou o vento, ondulando na nossa frente, e nos puxou lago abaixo.

— Como você aprendeu a navegar se afogando no teste de natação? — Sanguessuga perguntou. — Foram todas aquelas noites secretas?

Ele sabia disso. Apenas toquei minha cabeça, como ele mesmo havia feito.

— Não, aqui.

— Então você é mesmo o outro Atlante — ele concluiu.

— É, somos nós três.

— Ótimo.

Então, eu me perguntei se aquilo poderia funcionar de verdade. Com tudo o que havia acontecido e todo o perigo no qual estávamos, ainda refletia sobre como sobreviver à convivência com Sanguessuga.

— Lá vem eles! — Lilly estava apontando para o cais perto da Aquinara. Duas lanchas estavam saindo de lá, vindo em nossa direção.

Estávamos ganhando velocidade, a água espumava atrás de nós. Eu me debrucei na lateral da nave. Ali, no meio das ondas, consegui ver os discos de metal girando. Com a velocidade suficiente, eles gerariam a carga para a célula de calor.

Agarrei a corda e apertei mais a vela, criando mais resistência. Saltamos à frente.

— Estão se aproximando! — Lilly avisou. — Provavelmente vão ter armas!

Baixei o olhar para o pote de barro, para o pequeno bocal de cobre. Nada ainda. Ajustei a vela e o leme. Precisávamos de mais velocidade.

— Isso não vai rolar. — Sanguessuga estava focado nos barcos que se aproximavam.

— Sai da frente! — Empurrei o ombro dele e abri o compartimento onde ele estava sentado, peguei a termal e comecei a abrir. Joguei-a em cima das vigas de cobre e comecei a amarrar cordas. Havia três buracos em volta da abertura triangular da termal, cada uma tinha uma lacuna nas vigas correspondente.

Voltei para o leme. As lanchas estavam vindo da esquerda. Nossa velocidade aumentava, mas devagar. Devagar demais.

— Dá pra ir pra direita? — Lilly indicou. — Olha!

Ela apontou para frente e vi outros barcos vindo na nossa direção. Cinco veleiros pequenos subindo pelo lago. Se eu seguisse para a direita, eles poderiam ficar entre nós e as lanchas. Puxei a vela e endireitei o leme.

— Ei — Sanguessuga reclamou.

Então ouvimos a gritaria. Braços estavam acenando dos veleiros. Conforme

chegamos mais perto, reconhecemos os rostos. Noah, Jalen, Béquer, Paige, Mina... todas as Hienas e as Raposas.

— Cortem eles! — Sanguessuga gritou, balançando o braço na direção das lanchas que se aproximavam.

Alguma coisa começou a zumbir na nave. Vibrações no soalho. Quase lá. Mexi na vela e ajustei nosso ângulo.

— Estamos quase lá! — anunciei por cima do vento.

Os veleiros do acampamento estavam cortando em um ângulo além de nós. As lanchas se aproximavam, mas os veleiros cruzaram a passagem deles. Elas desviaram com dificuldade. Vi Jalen arrancar o leme do veleiro dele e mandá-lo girando bem na frente de uma das lanchas, que teve que se jogar em uma virada caótica.

Mas o outro barco já estava rugindo em torno deles.

— Ótimo! Só ganhamos uns dois segundos — Sanguessuga resmungou.

Uma faísca brilhou na célula de calor. Depois outra. Estalos, e uma pequena chama azul pulou do bocal de cobre para o pote, cintilando para o laranja.

— Isso pode ser tudo o que a gente precisa! — comemorei. A vela termal começou a subir, se enchendo, formando o pequeno balão de ar quente.

O rugido da lancha cresceu atrás de nós. Dei uma olhada e a vi avançando, chegando perto demais.

Entretanto, finalmente, começamos a pular as ondas. O balão crescendo. Dois saltos grandes e... estávamos no ar! Em pleno voo. Subimos, o vento ainda enchendo a vela e nos levando para a frente. Eu olhei para baixo e vi nossos colegas acenando e dando vivas, as lanchas encolhendo com rapidez.

Lilly esfregou meu ombro.

— Legal.

— É, mas... — Sanguessuga estava olhando para cima, para a pergunta óbvia... — e agora?

— Um segundo. — Fechei os olhos e volvei para a minha cabeça, encontrando a memória do treinamento. De volta no lago da montanha, minha nave estava agora no ar, subindo ao lado das de Lük e dos outros.

E agora?, perguntei a ele.

Assim, ele indicou. Ele havia movido a vela para o lado e adicionado uma segunda, de forma que as duas estavam se inclinando para fora do mastro. Ele segurava uma corda em cada mão, e estava puxando as duas para dirigir.

Certo, parece bom, comentei.

A embarcação dele se inclinou no vento e foi para longe de mim. Percebi que os outros pilotos estavam formando uma fila no céu em direção a uma construção alta na forma de um obelisco, na cidade atlante. Uma espécie de haste de metal se

estendia do topo.

O que é aquilo?, perguntei.

É o segundo sistema de energia, explicou Lük. Assisti a primeira nave passar por cima da torre. Um relâmpago irregular saiu da ponta para o mastro dela. Houve uma explosão de luz azul na nave, como se alguma coisa tivesse sido incendiada, e a nave partiu de repente em uma velocidade incrível. *Uma carga elétrica parecida com um relâmpago ativa o segundo sistema, abaixo da célula de calor. Aquela unidade de metal preto é um vórtice de mercúrio. Ele utiliza eletromagnetismo para criar antigravidade.*

Uau. Observei uma nave depois da outra receber seu relâmpago e explodir em direção ao horizonte em um brilho azul.

Obviamente, um relâmpago de verdade pode funcionar se você conseguir chegar perto de um, comentou Lük, *mas pode ser complicado. Qual é o clima onde você está?*

Bom, é meio que sempre ensolarado por aqui.

Ah, entendi. Então, por enquanto, preocupe-se apenas em usar a termal e as velas. Eles devem ser o suficiente. Ele subiu mais e se juntou à fila.

Voltei para a realidade e fui até o compartimento em busca de uma segunda vela. Desamarrei a primeira. Nossa velocidade diminuiu, mas ainda estávamos subindo com o balão. Prendi as duas velas lado a lado do mastro, inclinadas em direções opostas ao centro. Peguei uma corda em cada mão. Quando as velas se encheram, pratiquei a alternância de tensão, testando a ação recíproca das duas. De repente, a nave estava afundando e virando, para frente e para trás em longos arcos que afetavam meu estômago.

— Uoooo! — Lilly gritou.

Sorri. Tive uma sensação de liberdade com esses movimentos. E, diferente do passado, eu não tinha medo do quão alto estávamos. Isso era como nadar sob a superfície, fluido, só que ainda mais. Lagos possuíam limites, mas o céu não. Bom, esse céu tinha.

— Rá! Tá vendo aquilo? — Sanguessuga estava apontado para baixo pela lateral da nave.

Nós nos viramos e vimos o cume do Monte Aasgard a uns duzentos metros abaixo de nós.

— Os penhascos? — perguntou Lilly.

— Não, as linhas! — Sanguessuga fez movimentos para cima e para baixo com a mão.

— Tá falando dos desenhos vikings? — Notei que aquelas linhas nos penhascos eram bastante retas quando vistas de cima, e corriam uma em direção à outra, como se estivessem formando uma flecha. Chegavam próximas a um ponto

no penhasco perto de onde Lilly e eu estivemos. Acima, havia um outro desenho no penhasco mais alto, além de onde fomos. Era uma versão grosseira do mesmo símbolo entalhado na placa do Acampamento Aasgard e no túnel que levava ao templo.

— Não é viking! — gritou Sanguessuga. Ele olhou para trás com um sorriso verdadeiro. — É Atlante! Nosso! Aquelas linhas marcam uma indicação! Elas mostram a direção que vamos tomar até o próximo marcador!

— E você sabe o que tudo isso que você acabou de dizer significa?

— Com certeza. — Sanguessuga puxou o caderno e a caneta do bolso do jeans e começou a desenhar furiosamente.

— Certo, então precisaremos sair daqui. — Olhei para cima. Estávamos na altura de um conjunto de Sol-seguro mais baixo. O padrão triangular dos painéis do teto era claramente visível.

— Precisamos ligar pro Aaron.

— Aaron? No Olho? — perguntou Sanguessuga.

— É. Ele tá do nosso lado.

— Nosso lado... — ele repetiu, cético. — Tem certeza disso, Tar...

— Para! Não é Tartaruga. Vai ser Owen de agora em diante.

Ele assentiu.

— Tá bom, então.

Ele desviou o olhar, e me perguntei se estava pensando a mesma que eu sobre estarmos juntos nessa.

Lilly tirou o telefone de Paul do bolso.

— Como entro em contato com ele?

— Eu sei fazer isso. — Sanguessuga pegou o telefone e começou a mexer com rapidez. — Paul me deixava usar isso bastante... — O telefone começou a apitar. — É — Sanguessuga falou com o aparelho —, preciso falar com o Aaron. Diz que é o Owen e companhia.

Guiiei a nave para uma curva larga e inclinada, e comecei a bordejar para sudoeste. Estávamos sobrevoando cidade de Éden Oeste agora. Lá embaixo, a atmosfera nebulosa, era possível ver o topo dos prédios, o neon piscando das Ruas-sensação, os parques e os pequenos carros elétricos subindo e descendo.

— Owen! — A voz de Aaron escapou do telefone. — O que você está fazendo fora... ou dentro, acho... de algum tipo de nave. Você está voando?

— Tô — respondi enquanto Sanguessuga segurava o telefone em minha direção. — Olha — gritei por cima do barulho das velas e do vento —, a gente precisa que você abra uma ventilação de emergência! Aquelas que vi você abrindo naquele dia quando...

— É, eu sei do que você está falando. Hum... — Aaron passou as mãos pela

boca, depois passou no cabelo. — Mas o negócio é o seguinte: qual é o tamanho dessa nave de vocês?

— Acho que cabe.

— Não, não é isso. — Ele olhou em volta. — Quero saber se vocês tem espaço para mais um passageiro. Se eu abrir a ventilação, não vai ter como eles *não saberem* que fui eu quem fez isso. Então, a não ser que eu saia com vocês, vou estar mortinho da silva.

— Tem espaço. Mas como a gente faz pra pegar você?

— Certo, vocês estão vendo o Olho de onde estão?

Eu me estiquei para olhar para trás.

— Sim.

— No lado sudoeste tem uma porta. Para fora da passarela, a sem carrinho. Está vendo?

— Sim.

— Me encontre lá. Posso controlar os sistemas do Éden remotamente quando estiver a bordo. Você me pega e nós voamos para a liberdade. Parece bom?

— Estamos a caminho. — Já estava virando a nave, as velas abolinando, agora pegando o vento novamente. Voamos de volta na direção do Olho, ainda subindo.

Peguei as velas em uma mão e fui ver a célula de calor. Não havia botões nem alavancas por ali. Só aquele bocal, uma chama azul-alaranjada em cima. Tinha de ter um jeito de ajustar a força da chama. Toquei o barro e descobri que estava frio. Subi a mão, mais perto do cobre: ainda frio. Toquei o cobre com meu dedo. Também frio, estranhamente. Eu o apertei com dois dedos e virei. Sentido anti-horário abaixava a chama. O silvo do jato se aquietou e a gente subiu mais devagar.

— Não acho que a gente deve diminuir a velocidade — opinou Lilly.

— Por quê? — perguntei.

Ela apontou para estibordo.

— Acho que era só uma questão de tempo até eles aparecerem.

Os dois helicópteros individuais ainda estavam distantes, mas vindo rápido em nossa direção.

Girei o bocal. Fomos mais para cima, porém aquilo tornou mais difícil controlar o vento, e balançamos para frente e para trás. Perto da passarela e do teto, precisávamos ser mais precisos.

Estávamos passando da antena gigante que ficava debaixo do Olho, as laterais espinhosas ameaçando estourar o balão a cada rajada de vento. Conduzi uma pequena espiral para cima, mantendo distância. Em cima, no Olho, consegui ver rostos no anel inferior de janelas, dedos apontando para a gente, atraindo a atenção dos outros.

O ar estava começando a rodar imprevisivelmente conforme encontramos o calor que subia naturalmente de baixo e se espalhava contra o topo do teto. A nave oscilou.

— Opa! — Sanguessuga foi jogado pelo veículo.

— Tô fazendo o melhor que posso! — respondi.

Dava para ouvir o zumbido dos helicópteros agora.

— Oi! — O grito veio de cima. Levantamos a cabeça e vimos Aaron na passarela de metal, talvez vinte metros acima, fechando a porta atrás dele. Ele trazia uma bolsa em cima do ombro, uma jaqueta presa à cintura, óculos escuros grandes no rosto.

— O que ele acha que isso é? Férias? — perguntou Lilly.

— Pega — dei ao Sanguessuga as cordas da vela e abri um compartimento. Encontrei outra corda, fui para o lado da Lilly, e a amarrei a um anel de cobre na proa. — Certo, quando a gente se aproximar, joga isso pra ele.

Peguei as cordas de volta do Sanguessuga.

— Isso vai ter que ser rápido. — Ele observava os helicópteros se aproximando.

Subimos até ficarmos em paralelo com a passarela. Virei o bocal até a chama mal estar lá direito. Subimos mais alguns centímetros e ficamos flutuando, balançando para frente e para trás. O balão gemeu, o tecido se esfregou contra as vigas de metal do teto.

— Aqui! — Lilly jogou a corda. Aaron pulou para pegá-la. Ele nos puxou. Examinei a superestrutura da passarela, me certificando de que o balão não rasgaria. Seria por pouco.

Aaron se curvou sobre o corrimão. Ele estendeu a mão e se agarrou à proa da nave.

— Não tem degrau nem nada? — ele perguntou, olhando para a queda vertiginosa.

— Joga a bolsa! — Lilly gritou.

— Certo. — Aaron tirou a bolsa e passou para a nave. Lilly a pegou e jogou para Sanguessuga. — Mais cuidado! — gritou Aaron. — Meu tablet remoto está aí dentro! É a nossa passagem pra fora!

— Só trata de se apressar e vir logo — mandei.

— Mais rápido — apressou Sanguessuga, ainda de olho nos helicópteros.

Aaron estendeu a mão, mas uma rajada de vento nos empurrou para o lado. Puxei as velas para nos endireitar.

— Vou amarrar a corda no corrimão! — avisou Aaron. — E aí a gente corta quando eu estiver a bordo.

— Tá bom — concordei.

Aaron amarrou a corda, depois se recostou para fora. Ele chegou a se agarrar à proa instável, mas perdeu de novo.

— Podem me dar uma mão? — ele gritou.

— Ugh! — Lilly agarrou o mastro e se curvou para fora da nave. Outra rajada nos fez balançar. Ela se segurou no corrimão da passarela, todo o corpo estendido sobre o espaço. Meu estômago revirou ao vê-la daquele jeito. — Vem! — ela berrou para o Aaron, estendendo a mão.

— Tá bom, tá bom, tá bom... — Aaron cerrou os dentes e pegou a mão da Lilly.

Daí ele agarrou a trança dela com a outra mão e a puxou para fora da nave.

— Ei!

Aaron caiu, arrastando Lilly para a passarela. A porta se abriu. Paul apareceu, os óculos de novo no lugar, ladeado por dois guardas. Ele pegou Lilly e a pôs de pé.

— Lilly! — gritei.

Paul a pegou.

— Desculpa por isso! — Aaron sorriu.

Entendi tudo naquele momento, e me senti um idiota. Aaron havia armado para cima de nós, havia até ajudado a Dra. Maria para fazer tudo parecer real, mas era só atuação. Mais uma mentira para nos pegar, um plano reserva para o caso de a gente escapar do templo.

— Já chega, Owen! Agora, eu estou com *ela*, então leve essa nave até a Aquinara e nós vamos voltar de onde paramos.

A nave bamboleou contra o andaime. Fiquei nas velas, mas dando um passo em direção à proa, e não tinha ideia do que fazer a não ser gritar:

— Não, solta ela!

Só que, por dentro, minhas forças se esvaíam. Era inútil.

E Paul sabia disso também. Ele riu.

— Claro que não! Você e o Carey devem ficar comigo, Owen! Fomos feitos para fazermos isso juntos!

— Vai pro inferno! — Sanguessuga gritou de repente, a voz cheia de ódio.

Paul apenas o ignorou.

— Owen, se você se importa com a Srta. Ishani e quer vê-la a salvo... desça com a nave!

— Não! — Lilly gritou. Paul tentou cobrir sua boca, mas ela lutou contra ele.

— Owen, vai! Sai daqui!

Eu a encarei. De jeito nenhum que isso ia acontecer. Já era.

— É, Owen, vai! Agora!

— Lilly... — comecei, prestes a dizer que era inútil, mas ela me cortou.

Os olhos dela estavam vermelhos, selvagens, cheios de lágrimas.

— Eu menti!

— Quê?

Ela continuou lutando, segurando o corrimão da passarela e se libertando de Paul e dos guardas por mais um tempo.

— Menti sobre a sirena! Eu nunca vi ela! Eu só queria ir com você! Eu *não* sou o outro Atlante! Agora vai!

Eu pensei: *Não*. Mas soube que era verdade assim que ela anunciou. Eu me lembrava de ela ficar quieta quando falávamos sobre sermos Atlantes... e como ela não tinha me seguido naquela noite que nadei pela primeira vez atrás da sirena. E me perguntei se, de alguma forma, eu já sabia por todo esse tempo, só que tinha ignorado isso. Porque se a Lilly fosse uma Atlante, a gente *teria* de ficar juntos. Seria o nosso destino. Mas se ela não fosse...

— Você ouviu ela! — Sanguessuga chiou para mim. — Vamos! Ainda podemos ser mais rápidos que os helicópteros.

Olhei para a Lilly, lutando contra Paul, e congelei. Lilly... minha Lilly. *Ela tinha mentido para mim*. Mas eu não ligava. Ligava? Ela havia mentido para poder vir comigo. Eu nunca teria chegado tão longe sem ela. Como eu poderia encarar o que viesse a seguir? Não. Eu não ia deixá-la agora. De jeito nenhum.

No entanto, Paul estava com ela. E os helicópteros planando abaixo. Tinha que ter alguma coisa...

— Tique-taque, Owen! — Paul zombou.

Olhei para baixo, para a nave. Pensei nas memórias do treinamento, em Lük me mostrando os recursos, no vórtice de mercúrio e nas naves desaparecendo à distância. Como elas tinham feito aquilo? Exato...

Lancei um olhar para a bolsa de Aaron.

— Segura firme isso — disse baixinho para Sanguessuga. Levantei o olhar para a passarela.

— Certo, muito bem — eu me dirigi a Paul. — Vou desativar a célula de calor, e aí a gente vai poder descer.

Paul sorriu.

— Ótimo.

Estendi o braço e desliguei o bocal. A chama morreu. O balão ainda nos segurou naquela posição. Demoraria para esfriar. Eu me abaixei, fora da visão de Paul, e peguei a faca enfiada por cima de tudo na bolsa de Lilly. Em seguida peguei a própria bolsa e a mochila da Dra. Maria e pus as duas em um compartimento. Quando me levantei, gritei para Paul:

— Pronto!

Meu olhar encontrou o da Lilly, depois olhei para Aaron. Depois de volta para ela, tentando apontar para ele com os olhos, para que ela entendesse.

Então, eu a encarei e gritei:

— Tandem!

Esperei que ela soubesse o que fazer.

Enfiei a faca o mais forte possível nas cordas que prendiam o balão termal.

— Owen, o quê... — Paul gritou.

A faca atingiu a primeira corda, conseguiu cortá-la e danificou a segunda. Ela desfiou e arrebentou, e a terceira estourou com o peso. O balão se libertou, batendo contra o teto.

Começou a cair.

Mas a corda ainda estava presa à passarela e, com a queda, ela nos segurou, virando toda a nave e nos deixando na vertical, a proa apontando para cima. Agarrei as cordas das velas o mais firme que pude, e vi Sanguessuga na beirada quando nossos pés deixaram o chão e a gente ficou pendurado no espaço, o lago tão distante lá embaixo.

A força da queda da nave no corrimão fez a passarela balançar, não muito, mas o suficiente para Paul e a Lilly perderem o equilíbrio. Ela bateu um cotovelo no estômago dele e se libertou dos outros guardas. Avançou, pegou Aaron pelo braço e olhou para mim. Nossos olhos se encontraram.

— Ei, o quê... — Aaron começou.

— Vamos! — Lilly pulou, arrastando Aaron pela beirada com ela.

Ela bateu na vela da direita, os braços atingindo o mastro na horizontal. Ela escorregou por ele e, por um segundo, pensei que passaria direto, mas ela caiu do meu lado. E eu a peguei com meu braço livre, o outro agarrado às cordas das velas, e senti que meus ombros não iam aguentar.

— Ahrg! — Aaron bateu contra a proa da nave e tombou.

— Pega ele! — gritei para Sanguessuga. Ele estendeu um braço e prendeu Aaron contra o mastro.

— Tá firme? — perguntei a Lilly, e senti os braços dela se enrolarem no meu torso.

— Sim!

Seguiu-se um barulho vindo de cima, quando a corda que nos ligava à passarela não aguentou e se partiu.

Despencamos em direção ao lago. Alguém gritou. Talvez todos nós.

A nave se endireitou e, por um momento, ficamos nivelados. Lilly me soltou e peguei as cordas das velas, tentando nos segurar de forma estável. Enfiei os pés no leme, mas isso não ajudou. Começou a inclinar para frente, mas as velas nos seguraram, crescendo e evitando que voltássemos para o estado vertical. Ainda

assim, estávamos caindo depressa em direção à água cintilante.

— Aaron! — gritei por cima do vento. — Você precisa ligar a desionização!

— Quê? — Ele me olhou do chão da nave como se eu estivesse falando outra língua.

— Liga ou a gente morre! — gritei.

O olhar confuso dele ficou me encarando por mais meio segundo, então ele virou a cabeça por cima da beira da nave e arregalou os olhos, parecendo entender.

— Minha bolsa! — gritou.

Sanguessuga a enfiou nos braços dele.

Aaron se atrapalhou com os cliques, os dedos tremendo.

— Mais rápido! — Lilly berrou.

Vento batia contra nossos rostos.

Aaron conseguiu abrir a bolsa e tirar o tablet dele de lá. Ele enfiou o dedo na tela.

— Senha idiota! — reclamou para si mesmo.

— Cala a boca e vai logo! — Sanguessuga latiu.

— Tô indo, tô indo!

Meu olhar foi dele para a visão da água crescendo. Sentia o medo começando a me paralisar. Íamos morrer com o impacto. Eu havia feito o cálculo errado, ou sido um idiota por chegar a tentar medir uma coisa dessas...

— Pronto... consegui! — anunciou Aaron.

Seguiu-se um zumbido e uma sensação momentânea de energia fazendo cócegas em nossas peles, daí um flash brilhante veio de cima. A antena gigante descarregou com um craque explosivo de eletricidade. Meu corpo tremeu na corrente, quase como se os meus ossos estivessem se esquentando de dentro para fora. Houve um chiado maligno quando o relâmpago, em vez de ir para a torre de aterramento lá embaixo, foi atraído para o objeto de metal mais próximo: o mastro da nave.

O mastro se acendeu, brilhando momentaneamente em branco quente, e então houve uma explosão de azul ofuscante, e um zumbido de movimento dentro da unidade triangular de metal. A célula de calor de cerâmica explodiu, cacos voando para todos os lados. Estilhaços cortaram o meu rosto, mas mal percebi. Eu estava correndo para a frente para olhar dentro da unidade preta. Havia um buraco circular no centro, e, dentro dele, luz azul girava feito líquido. O giro rápido da luz produziu um zumbido agudo, e a nave vibrou como se pudesse se partir no meio.

Ainda assim, estávamos caindo em direção à água.

Fechei os olhos, viajei para dentro, encontrei a memória. Lük estava distante,

na fila, esperando sua própria carga de relâmpago.

Como faço pra voar?, gritei para ele.

Use as velas para pilotar. O pedal do leme aplicará a carga eletromagnética. Você vai aprender a sentir a repulsão da gravidade com o tempo.

Tenho cerca de dez segundos, avisei, e voltei aos meus sentidos, avistando o lago rugindo em nossa direção. Pus meus pés no leme, puxei as velas, e ouvi o motor zumbindo mais rápido, senti a queda começar a diminuir de velocidade. Começamos a arquear, ganhando prumo devagar, mas o movimento ainda era rápido. O lago ficou mais perto. Mais perto. Perto demais.

— Agora! — alertou Lilly.

— Eu sei! — Puxei com mais força, enfiei os pés nos pedais. Ganhamos mais nível, finalmente quase na horizontal. Era possível divisar as ondas individuais abaixo.

E conseguimos nos endireitar. O vento pegou as velas e nos mandou para a frente. O fundo da nave roçando na superfície do lago. Gritei. Todos nós gritamos quando a nave passou raspando, aumentando a velocidade sobre a água a uma velocidade incrível.

— Uau! — Sanguessuga gritou.

Eu me virei para Lilly, exalando com força e encontrando os olhos dela.

— Bom trabalho. — Seus olhos ainda estavam impressionados.

Assenti. Depois pensei no que aconteceria em seguida. Apertei os pedais, puxei as cordas e arqueamos, subindo para longe da água e disparando para frente. Quando estávamos a cerca de vinte metros acima da superfície, nivelei a nave de novo.

— Dá pra segurar essas cordas por um minuto? — pedi à Lilly. — E pôr os pés nos pedais do jeito que os meus estão?

Saí e a deixei tomar o meu lugar.

— Assim?

— Assim deve dar.

— O que você vai fazer?

Não respondi, mas virei e avancei para Aaron. Ele estava debruçado na beirada, olhando a água, o tablet apertado contra o peito.

— Ei, o quê...? — ele começou.

Eu o peguei pelo colarinho e obriguei a ficar de pé, empurrando-o pela lateral da nave.

— Agora abre a ventilação!

— Ora essa...

— Abre a ventilação ou eu te jogo daqui! — gritei, cuspe voando no rosto dele.

Aaron virou o rosto para as ondas. Estávamos com altura o suficiente para um impacto doloroso.

— Certo, certo, tá bom, nossa.

Eu o soltei e Aaron caiu, mexendo no tablet.

— Aqui vamos nós... e... — Ele levantou a cabeça. — Pronto.

Avistei o triângulo gigante se abrindo no telhado, ainda distante. Balancei a cabeça afirmativamente para Aaron.

— Ótimo.

— Então, certo, e agora? — ele arfava. — Acabei de ajudar vocês, sabiam? Descarregando os relâmpagos, abrindo a ventilação... isso deveria ser um pagamento por tudo. Então vocês vão me deixar ir, não vão?

Senti minha mandíbula se apertando.

— Sim — respondi, e o empurrei pela lateral.

— Uau — disse Sanguessuga. — Cara. — Ele parecia estar impressionado, talvez.

Aaron gritou durante a queda, e fiquei observando ele endireitar o corpo e cair de pé na água. Desapareceu. Daí a cabeça voltou, braços se debatendo. Vivo. Isso era bom, só que, no momento que o empurrei, senti que não dava a mínima. Se Aaron morresse, ainda não estaríamos quites, mas eu não queria pensar assim. Seria bom se ele tivesse quebrado alguns ossos.

— Aí vêm os helicópteros — avisou Sanguessuga, apontando em direção ao céu.

Fui para a parte de trás, e a Lilly saiu do caminho. Eu olhei para ela e ela assentiu.

— Ele teve sorte de ter sido só a queda.

Puxei as cordas e apertei os pedais. A nave inclinou e partimos em direção ao teto. Subimos acima das lâmpadas Sol-seguro, o vento ajudando em nossa velocidade, o teto da parede sudoeste se aproximando. Luz brilhante se derramando pelo orifício aberto.

— Eles estão se aproximando — alertou Lilly. Eu me virei e a vi apontando para estibordo. Havia pequenas rachaduras, e balas atingiram a lateral da nave.

— Acho que não estão mais preocupados com a nossa segurança! — ela acrescentou.

Comecei a balançar a nave, ziguezagueando. Uma bala rasgou a vela a bombordo. Mas estávamos nos aproximando da ventilação.

— Vamos conseguir! — gritou Sanguessuga, fechando os olhos contra o triângulo brilhante de céu.

Fiz outra manobra em arco e voltei a nave ao normal depois. Mais tiros...

E irrompemos para a luz do dia.

— Saímos! — gritei.

A curva do domo ficou abaixo de nós, os anéis de milhares de painéis solares refletindo como uma floresta de cristal. E acima queimava um sol puro, abrasador e branco em um céu de uma tarde sem nuvens. O chão abaixo era pedra e aridez. À direita, a leito do Lago Superior era rodeado por tons diferentes de segmentos secos. O pedacinho verde da água que ainda restava era visível ao longe.

Olhei para trás e vi que um dos helicópteros havia saído do domo, mas permaneceu, nos observando ir embora.

E, simples assim, Éden Oeste já estava distante, toda a sua forma monolítica à vista, diminuindo com rapidez. Logo se tornou apenas uma pequena bolha no mundo.

Lilly jogou os braços ao meu redor.

— Você conseguiu.

— Sim. — Soltei a respiração. Uma semana depois de descer até o fundo do lago, eu havia voado pelo teto do domo, minha transformação em libélula completa. Eu era diferente agora, tinha algo mais. E não estava sozinho, mas com a Lilly, e com este grupo pequeno de pessoas, pessoas unidas, *meu* grupo. — A gente conseguiu.

O céu tinha o azul profundo de um fim de tarde. O motor zumbiu e usei os pedais para nos manter altos e em linha reta contra as rajadas de vento. O ar estava quente, doce com o cheiro de pedra cozida, a secura que eu conhecia de lá de casa. Aquela umidade pegajosa havia ficado para trás, assim como a sensação de se estar preso. De repente, havíamos saído para o mundo vasto e vago, e quem sabia o que encararíamos a seguir?

— Legal. — Sanguessuga estava olhando para baixo. Estávamos passando por uma cidade-fantasma.

Observei o pequeno modelo de mundo passando. Os restos das construções vazias de tijolos aglomerados em torno de ruas cobertas de terra, os carros manchados de sol jogados para cá e para lá — parecia com os restos de uma civilização antiga. Um povo misterioso que vivera ali algum dia, quando o mundo era diferente. E nós éramos os deuses de um passado ainda mais distante, agora voltando do futuro.

Logo Éden Oeste era apenas um brilho de luz solar refletida no horizonte.

Aceleramos, indo para o oeste, passando pelas terras abandonadas.

A noite caiu, fria e deslumbrante, cheia de estrelas. Eu desci a nave devagar, a alguns metros acima do chão. A escuridão era completa, do jeito que era fora do Centro, apesar de passarmos de vez em quando por alguma luz brilhando em uma valeta ou uma janela. Uma família solitária, um grupo de viajantes. Eu me perguntei se eles percebiam nossa luz azul fantasmagórica passando por cima das cabeças deles e ficavam confusos com o que estavam vendo.

Combinamos esperar até a manhã seguinte para decidir para onde ir em seguida. Sanguessuga precisava desenhar alguns mapas. Sugerí irmos para o Centro, pegar suprimentos e ver meu pai. Lilly ainda não estava certa daquilo. Então, à noite, ficaríamos voando para o oeste, baseados na leitura que Sanguessuga tinha feito das estrelas.

Um silêncio caiu sobre nós por algum tempo, a magnitude do que havíamos feito e o que havíamos deixado para trás pesava.

Mais tarde, olhei para a Lilly, que estava deitada, encarando as estrelas. Ela percebeu meu olhar.

— Você tem razão.

— O quê? — perguntei.

— As estrelas são mais brilhantes aqui fora. Não consigo nem encontrar Orion.

— Na verdade não dá pra ver ele no verão, a não ser pouco antes do amanhecer — explicou Sanguessuga, como se tivesse um mapa estelar no cérebro.

— Aaron só deixava ele lá o tempo todo porque gostava.

— Ah. — Lilly pareceu um pouco incomodada, ou desapontada. Mas acrescentou: — Obrigada. — Ela se virou para mim. — Falando nisso... — Senti a mão dela chegando até a minha, os dedos acariciando os meus. — Obrigada de novo por ter me salvado.

Sorri.

— Quantas vezes me afoguei? Eu te devia várias.

— O que a gente fez foi loucura.

— É, mas funcionou.

— A não ser que a gente tenha, na verdade, afundado lá atrás e isso é só a

agradável viagem até o Nirvana — opinou Sanguessuga da parte da frente da nave.

— Acho que a gente conseguiu.

Lilly pegou minha mão e a colocou no rosto dela, na bochecha fria e macia. Ela sorriu, mas os olhos estavam sérios.

— Você deveria ter me deixado.

Balancei a cabeça.

— Não.

— Mas... — ela se apoiou nos cotovelos — você ouviu o que eu disse. Nunca vi a sirena. Desculpa por ter mentido.

— Tudo bem. Só estou feliz por você estar aqui. — Pensei em beijá-la de novo. Comecei a...

— O que é essa sirena que vocês ficam falando? — Sanguessuga quis saber. Olhei para ele e vi um sorriso na sua cara, como se soubesse que estava interrompendo. Tê-lo por perto o tempo todo seria cansativo.

— Você sabe. A menina azul, a visão. Debaixo d'água, ou no templo. — A sobrancelha do Sanguessuga se enrugou. — Você deve ter visto ela em algum lugar diferente — acrescentei.

— Ou eu não tenho ideia do que você tá falando. Só ganhei guelras e aprendi a desenhar mapas do mundo do jeito que ele era dez mil anos atrás. Nunca vi nada parecido com a sua sereiazinha. Tem certeza de que não era alguma fantasia sua?

— Eu não inventei ela — retuquei, mas agora não tinha mais certeza. Eu era mesmo o único que a via? E, se for assim, ela era mesmo real? — Ei — eu me virei para Lilly —, se o Sanguessuga não viu ela também, talvez ela seja só uma parte do meu despertar. Você ainda pode ser o terceiro Atlante.

— Talvez, mas eu nunca me senti como um. Não do jeito que vocês sentiram. O jeito que vocês dois *sabem* das coisas? Isso nunca aconteceu comigo.

— Bom, talvez você ainda vá, quanto mais perto a gente chegar.

Ela deu de ombros, se sentou e fechou os olhos, apreciando a brisa.

— Cara, esse ar é tão seco. Tem um cheiro doce também. Ar livre. Eu adorei.

Ela se virou para mim. A gente se beijou. Já era um pouco familiar, agora, o gosto, os movimentos, e isso só fazia ser melhor.

— Ugh, isso vai ser insuportável — Sanguessuga gemeu.

Continuamos o beijo só para irritá-lo, mas paramos logo porque conseguimos senti-lo observando.

— Hum... — Sanguessuga começou.

Lilly se afastou.

— Que foi?

— Eu não vou beijar nenhum de vocês, mas obrigado por terem voltado por

mim.

— Que é isso — tentei minimizar a situação.

A expressão do Sanguessuga escureceu.

— Eu pensei que conhecia o Paul. Ele era tão paciente comigo. A gente estava trabalhando naqueles mapas há anos, eu desenhando naquela sala de navegação. Pensei que eu era importante, uma parte da equipe. Mas aí, quando vocês encontraram aquela caveira, foi como se tudo tivesse mudado. Ele me fez tentar falar com ela, ou seja lá o que você faz, e aí, quando eu disse que não funcionava, ele me prendeu àquelas máquinas como se eu fosse uma das cobaias dele ou coisa do tipo.

— A gente sabe como é. — Também pensei em como Sanguessuga havia agido comigo, e percebi que pelo menos parte daquilo era porque ele havia se sentido abandonado, o que era uma coisa que eu conseguia entender.

Lilly estava olhando para trás.

— Não dá nem pra ver — ela comentou. — Foi o meu mundo por tanto tempo, e agora não tá nem no horizonte. — Ela suspirou. — É bom.

— Sim. — Eu não tinha certeza do que eu estava sentindo. Escapamos, mas isso só queria dizer que não sabíamos o que vinha depois.

— Boa sorte, pessoal — Lilly disse em voz baixa. Deduzi que ela estava pensando em Evan, Marco e Aliah.

— Tenho certeza de que eles vão sair. — Mas eu também percebi que, se o Aaron não estivesse do nosso lado, aquela escotilha sul poderia nunca ter sido aberta.

— É. Nós temos contatos na cidade que podem ajudá-los. Eu não estou preocupada. Eles são o meu povo.

Esfreguei as costas de Lilly, que manteve o olhar distante.

— Eles vão vir atrás da gente — comentou Sanguessuga. Eu tinha pensado naquilo também. — Paul e a equipe dele. A gente é a chave pra todo o plano deles, e ele não vai parar até nos pegar.

— Você sabe o que é o Pincel dos Deuses? — perguntei.

Ele deu de ombros.

— Nada específico. Só que é alguma coisa que o Paul acha que pode salvar o mundo ou sei lá.

— E se ele estiver certo? — Lilly perguntou.

— Isso vamos descobrir por conta própria — afirmei. — Encontramos Atlântida, o Coração da Terra, e aí decidimos.

— Parece bom. — Lilly veio para o meu lado e pôs os braços em volta dos meus ombros. Ela se apoiou nas minhas costas, e eu estava feliz em protegê-la do vento, e feliz pelo calor dela.

Observamos o mundo de sombras deslizar abaixo de nós, as estrelas acima. Depois de um tempo, Sanguessuga cochilou, se enrolando como uma bola na proa da nave. Eu estava exausto, mas determinado a continuar até o amanhecer.

— Aah! — Lilly cochichou no meu ouvido.

— O quê?

Ela estava olhando para cima.

— Estrela cadente. Minha primeira.

— Legal. Você fez um pedido?

— Nem.

— Por que não?

Ela beijou minha bochecha e aí colou a dela ali, nossos rostos juntos ao vento.

— Porque o que eu quero é o agora.

Encostei minha cabeça na dela. Logo ela caiu no sono, e, algum tempo depois, a lua apareceu no horizonte, escurecendo as estrelas com seu branco brilhante. Era grande e majestosa, do jeito que teria sido na parede do domo, porém mais brilhante e mais bonita do que aquela projeção jamais havia sido.

Pensei em acordar a Lilly para ver, mas ela estava em sono profundo, respirando suavemente no meu ouvido, o queixo no meu ombro.

Então, li as mudanças no vento e puxei as velas — o Aeronauta, nos mantendo para o oeste, por sobre a terra escura. A lua acima de nós pintando o solo de prata e preto. Senti a brisa frígida no rosto, o calor nas minhas costas, e pensei que concordava com Lilly. Amanhã lidaríamos com o que éramos, e para onde na Terra a gente precisávamos ir, mas hoje, tudo o que eu queria também era o agora.

Agradecimentos

Qualquer livro que envolva adolescentes com guelras em um acampamento de verão cheio de borboletas robóticas dentro de um domo que fica em cima de um templo de dez mil anos de idade é, provavelmente, ficção. Dito isso, para criar o mundo de Owen li vários livros fascinantes sobre mudanças climáticas. Se está interessado em o que cientistas acham que pode acontecer na nossa vida, você poderá gostar de ler *The Weather of the Future*, de Heidi Cullen, *The World in 2050*, de Laurence C. Smith, ou *The Flooded Earth*, de Peter D. Ward. Também li vários livros assombrosos sobre civilizações antigas e sobre como Atlântida pode ter sido de verdade. Mais uma vez, se esse tipo de coisa interessar a você, dê uma olhada em *As digitais dos Deuses*, de Graham Hancock, *The Atlantis Blueprint*, de Colin Wilson e Rand Flem-Ath, e *A incrível tecnologia dos antigos*, de David Hatcher Childress. Em ambos os assuntos, esses livros são apenas a ponta do *iceberg* (que está derretendo).

Chegando nos agradecimentos, sinto que praticamente todo mundo que já conheci tem, de alguma forma, um papel na existência deste livro, mas algumas pessoas se destacam.

Minha família: meus pais e meu irmão e todos os Emerson e Peterson e Clougherty e Huber, que estão sempre me apoiando e ficam animados ao ouvir no que estou trabalhando; Willow e Elliot por deixarem que o pai vá sempre labutar na cafeteria e serem dois montinhos de magia quando ele volta; e Annie, acima de tudo, que, apesar de tudo, continua a achar que tudo isso é uma boa ideia, cujo amor e esforço fazem cada frase ser possível, e que é sempre a primeira leitora.

George Nicholson, que sempre ouve pacientemente minhas ideias loucas, e também Erica Silverman, Kelly Farber e todo mundo na Sterling Lord Literistic por seu trabalho heroico em encontrar lares maravilhosos para minhas histórias.

Katherine Tegen, que viu potencial em mim e tem sido uma ótima companheira de trabalho, assim como Katie Bignell, Amy Ryan e o restante da equipe da Harper por transformarem minhas palavras neste livro adorável.

Margery Walshaw, cujas perguntas complicadas e boas ideias em uma viagem de Beverly Hills a Burbank levaram à trama desta série.

Minha comunidade de escritores em Seattle: Liz Gallagher, cuja prosa é

inspiradora e que deu a este livro o primeiro voto de confiança; Martha Brockenbrough, cujo olhar afiado ilumina potenciais que eu nem sabia que estavam lá; a gangue da SCBWI WWA, que me deu as boas-vindas ao seu grupo inspirador; Suzanne, Christy, Tegan e o restante dos livreiros apaixonados e sábios que têm me apoiado tanto; e todos os bibliotecários fabulosos que conheci no noroeste.

Os educadores incríveis, cujo trabalho é tão vital e com quem tenho tanta sorte de trabalhar: Kylie Kypreos e os professores talentosos e dedicados da Catharine Blaine K-8, cujos sétimo e oitavo anos me surpreendem com sua escrita e me ensinam sobre meu público no processo; Rebecca Hoogs, Jeanine Walker e a equipe da Seattle Arts & Lectures, assim como os artistas de ensino deslumbrante do Writers in the Schools; Margot Case e a equipe na Richard Hugo House; e Teri Hein e o grupo voluntário excepcional do 826 Seattle.

E finalmente: aproximadamente noventa e cinco por cento deste livro foi escrito em uma mesinha redonda (ou em um dos quatro outros lugares adequados na janela, para o caso de aquela mesa não estar disponível) no Caffè Ladro em Fremont, Seattle. Muito obrigado a Carolyn, Jessica, Joe, Sarah, Alana e Keegan por xícaras e mais xícaras de uma “gota” na caneca especial (aquelas coisas são maçãs ou cerejas?) e por animarem este cliente regular.

E mais isso: oitenta por cento deste livro foi escrito ao som de uma *playlist* composta de Aimee Mann, Elliott Smith, Beck, Ben Folds e Neko Case. Dez por cento ao som de uma estação do Pandora que toca músicas de Perez Prado, e os dez por cento finais ao som dos álbuns de Medeski Martin & Wood’s Radiolarians. A maioria deste livro foi revisada ao som de New Pornographers.

Cem por cento das “ideias” originais deste livro devem bastante a gênios anteriores, principalmente ao trabalho de Joss Whedon, Lucas e Spielberg, aos roteiristas de *Lost*, Kurt Vonnegut, Poe, e eu poderia continuar por um bom tempo. Se pensar em alguém que eu esqueci, é só me escrever. O que é mais legal do que pirlar falando de influências?

Ah, e mais uma coisa: se você estivesse em minha mente, você veria que o Acampamento Éden, os templos, as sirenas e até mesmo os laboratórios secretos se parecem muito com meu velho acampamento de verão, ou Acampamento Jewell, em Colebrook, Connecticut. Algumas das coisas mais pé no chão que aconteceram neste livro aconteceram lá e, sei lá, só achei que isso era legal.

Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[PARTE I](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[PARTE II](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[PARTE III](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[Agradecimentos](#)